

2003

ria

i

ur

as

FACULDADE DE LETRAS

Departamento de  
**Ciências e Técnicas  
do Património**

UNIVERSIDADE DO PORTO



**FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO  
PORTO**

**GUIA**

**DO**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E  
TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO**

**2ª edição actualizada**

**PORTO**

**2003**

**Ficha técnica:**

**Autor:** Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da  
Universidade do Porto

**Título:** *Guia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património*

**2ª edição**, actualizada

**Editor:** Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**Data de edição:** 2003

**ISBN:** 972-9350-78-7

## SUMÁRIO

	Pág.
<b>Apresentação</b>	5
<b>Regulamento do Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP)</b>	7
<b>Órgãos de Gestão do DCTP - 2002-2004</b>	19
<b>Membros do DCTP</b>	23
<b>Secção de Arqueologia</b>	25
- Docentes - elementos curriculares	27
- Dissertações de doutoramento em Pré-História e Arqueologia, defendidas e em curso	39
<b>Secção de Ciência da Informação</b>	43
- Docentes - elementos curriculares	45
- Dissertações de doutoramento em Ciências Documentais, defendidas e em curso	51
<b>Secção de História da Arte</b>	53
- Docentes - elementos curriculares	55
- Dissertações de doutoramento em História da Arte, defendidas e em curso	64
<b>Secção de Museologia</b>	69
- Docentes - elementos curriculares	71
<b>Regulamento do Laboratório de Conservação e Restauro</b>	81
<b>Cursos ministrados no DCTP</b>	85
- Regulamento do Curso de Doutoramento em Arqueologia	87
- Regulamento do Curso de Mestrado em Arqueologia	91
- Dissertações defendidas no âmbito dos Mestrados em Arqueologia Pré-Histórica e em Arqueologia	96
- Regulamento do Curso de Mestrado em História da Arte em Portugal	107
- Dissertações defendidas no âmbito do Mestrado em História da Arte em Portugal	111

- Regulamento do Curso de Pós-graduação em Museologia	120
- Programas das disciplinas do Curso de Pós-graduação em Museologia (2002-2003)	125
- Regulamento dos Cursos de Pós-graduação em Recursos Patrimoniais e em Dinâmicas de Bens Culturais	132
- Normas de avaliação. Cursos de pós-graduação	136
- Regulamento do Curso de Licenciatura em Arqueologia	144
- Programas das disciplinas do Curso de Licenciatura em Arqueologia (2002-2003)	149
- Regulamento do Curso de Licenciatura em Ciência da Informação	169
- Programas das disciplinas do Curso de Licenciatura em Ciência da Informação (2002-2003)	173
- Regulamento do Curso de Licenciatura em História da Arte	189
- Programas das disciplinas do Curso de Licenciatura em História da Arte (2002-2003)	195
- Normas de avaliação dos cursos de licenciatura da FLUP	232
- Normas de avaliação do curso de Licenciatura em Arqueologia	241
- Normas de avaliação do curso de Licenciatura em História da Arte	242
- Índice dos programas das disciplinas dos cursos ministrados no DCTP	243

## APRESENTAÇÃO

Em 2000, com a primeira edição do *Guia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património*, encerrava-se um ciclo importante da sua actividade, que tivera início em 1997 (*Regulamento Interno n.º 7/97*, publicado no *Diário da República. 2.ª série*, de 6 de Novembro). Como então referimos, a publicação do Guia coincidiu com o lançamento das duas novas licenciaturas em Arqueologia e História da Arte, motivo de grande júbilo para os membros do Departamento, já que foi o culminar de uma aspiração de longa data.

Três anos volvidos, o DCTP apresenta uma evolução significativa que transparece na segunda edição do Guia: no ano lectivo de 2002/2003, uma vez concluído o quarto ano curricular, surgem os primeiros licenciados em História da Arte e Arqueologia; extinta a pós-graduação em Ciências Documentais, foi criada a licenciatura em Ciência da Informação, ministrada em parceria com a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, estando em curso o terceiro ano; deu-se continuidade à pós-graduação em Museologia; abriu-se novamente o Mestrado em História da Arte em Portugal; e deu-se início, em 2003, às duas pós-graduações em História da Arte - Recursos Patrimoniais e Dinâmicas de Bens Culturais.

Se um dos objectivos prioritários que nortearam o nosso primeiro mandato foi trazer a público uma imagem dinâmica do DCTP, divulgando-a com a dignidade inerente ao trabalho desempenhado pelos seus membros, neste nosso segundo mandato como presidente desejamos para o departamento a sequência natural desta postura firme, discreta e eficiente.

Foram estas as linhas-mestras que presidiram à elaboração do **Guia** para que a comunidade científica, na qual estamos inseridos, nos conheça na nossa unidade, respeitando-se a saudável diversidade, e para que os nossos alunos tenham uma correcta

visão do seu Departamento. Assim, chamamos uma atenção especial para: o Regulamento do DCTP (devidamente ajustado aos Estatutos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, publicados em *Diário da República* a 11 de Outubro de 2003), os órgãos de gestão (2002-2004) e o Regulamento do Laboratório de Conservação e Restauro, cursos ministrados no Departamento com os respectivos regulamentos, programas das disciplinas e normas de avaliação. Pela sua óbvia importância refiram-se os membros do DCTP com os seus elementos curriculares, e as dissertações de doutoramento e de mestrado das diversas áreas, defendidas e em curso.

O Departamento de Ciências e Técnicas do Património, que hoje é apresentado no Guia 2003 como uma realidade alicerçada em pilares sólidos, deve-se ao trabalho individual e colectivo, entendendo-se por *colectivo* não unicamente a soma de parcelas individuais, mas a conquista crescente da interdisciplinaridade.

Uma palavra de agradecimento e estima a todos os docentes do DCTP, funcionárias, membros da Comissão Coordenadora, Comissão Executiva, Conselho de Coordenação Técnica do LabCR, Director do LabCR, Prof. Doutor Mário Jorge Barroca, e particularmente à nossa colega de Direcção, Prof.<sup>a</sup> Doutora Cândida Fernanda Antunes Ribeiro, pela colaboração preciosa que nos tem dado.

Porto e Faculdade de Letras, Novembro de 2003

A Presidente do DCTP,

Prof.<sup>a</sup> Doutora Natália Marinho Ferreira-Alves

# Regulamento do Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP)

(Regulamento interno nº 7/97. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 257 (6 Nov. 1997) 13.781-13.786,  
com as alterações aprovadas em 29 Out. 2003)

## *Preâmbulo*

Como resultado de uma profunda reflexão sobre o contributo da Faculdade de Letras para o desenvolvimento sócio-cultural do País, que implica necessariamente uma reformulação da estrutura vigente, é constituído um Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Este Departamento tem por objectivo promover a formação de docentes e quadros especializados nas diferentes áreas do património cultural e natural, permitindo dotar as instituições do sector, públicas e privadas, de técnicos superiores qualificados, a diversos níveis, para a realização de funções de salvaguarda e defesa, conservação e restauro, investigação e promoção do património nacional.

No Departamento de Ciências e Técnicas do Património serão ministrados os seguintes cursos de:

### Doutoramento em:

- Arqueologia;
- Ciência da Informação;
- História da Arte;
- Museologia.

### Mestrado em:

- Arqueologia;
- História da Arte em Portugal.

### Pós-graduação em:

- Dinâmicas de Bens Culturais;
- Museologia;
- Património e Ambiente;
- Recursos Patrimoniais.

### Licenciatura em:

- Antropologia;
- Arqueologia;
- Ciência da Informação;
- História da Arte.

O funcionamento deste Departamento, no âmbito da Faculdade de Letras, implicará a colaboração de serviços especializados, muitos deles existentes noutras faculdades, institutos e outros organismos da Universidade do Porto, designadamente nas áreas da Geologia, Química, Metalurgia e outras Ciências dos Materiais, Informática, Gestão, Arquitectura e Belas-Artes, promovendo-se, deste modo, uma maior abertura à interdisciplinaridade, que se entende como componente imprescindível ao ensino universitário e ao desenvolvimento da investigação científica.

## CAPÍTULO I

### Natureza, âmbito e fins

#### Artigo 1º

1 - O Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, adiante designado por DCTP ou, simplesmente, Departamento, corresponde às grandes áreas do conhecimento delimitadas em função dos objectivos e das metodologias e técnicas de investigação específicas, explicitados na descrição da sua divisão funcional.

2 - Ao Departamento compete, nomeadamente, a regularização das seguintes actividades:

- a) Ensino em licenciaturas, cursos de pós-graduação e cursos de curta duração;
- b) Investigação fundamental e aplicada;
- c) Prestação de serviços ao exterior, tendo por objectivo contribuir para o desenvolvimento sócio-cultural;
- d) Extensão universitária.

#### Artigo 2º

1 - Para a prossecução dos seus fins, o Departamento está organizado em secções. Existem ainda laboratórios e serviços centrais de apoio e gestão.

2 - As secções são unidades respeitantes a áreas científicas diferenciadas.

3 - O Departamento mantém relações de colaboração com os organismos de *interface* entre a Universidade e o exterior.

4 - Para os efeitos deste Regulamento são membros do Departamento os docentes, investigadores e o pessoal administrativo, técnico e auxiliar que nele prestam serviços.

#### Artigo 3º

No DCTP estão constituídas as seguintes secções:

- a) Arqueologia;
- b) Ciência da Informação;
- c) História da Arte
- d) Museologia.

#### Artigo 4º

1 - As secções podem ser criadas, desde que nelas se integrem cinco ou mais docentes ou investigadores em regime de tempo integral, dos quais, pelo menos dois, deverão ser doutorados e envolvam área ou áreas científicas claramente identificáveis.

§ único - As áreas científicas que não satisfaçam as condições impostas pelo nº 1, poderão constituir-se em grupos autónomos na dependência directa dos órgãos de gestão do DCTP, por períodos de cinco anos renováveis.

2 - Os membros do DCTP poderão fazer parte de mais do que uma secção, desde que nisso tenham interesse do ponto de vista pedagógico e/ou científico, ou desde que essa acumulação seja considerada útil para o Departamento. Porém, deverão indicar qual é a secção em que pretendem integrar-se com plenos direitos, ficando-lhes vedado o desempenho de funções de coordenação (coordenador de secção, director de curso, etc.) ou o exercício do direito de voto na(s) outra(s) secção de que fazem parte.

3 - Sempre que se verifique interesse das secções, devidamente expresso em Conselho de Departamento, este poderá decidir a sua fusão, com todas as consequências face aos estatutos da Escola e a este Regulamento.

## CAPÍTULO II

### Órgãos de gestão do Departamento

#### Artigo 5º

1 - O Departamento possui os seguintes órgãos de gestão:

- a) Conselho do Departamento;
- b) Comissão Executiva.

2 - Quando o número de membros o justifique, o Conselho do Departamento poderá funcionar em comissão restrita, que se designará por Comissão Coordenadora do Departamento.

### SECÇÃO I

#### Conselho do Departamento

#### Artigo 6º

1 - O Conselho de Departamento é presidido pelo presidente do Departamento e é constituído por membros permanentes e membros não permanentes:

- a) São membros permanentes os professores catedráticos, associados e auxiliares e os investigadores principais e auxiliares do departamento;
- b) São membros não permanentes os representantes eleitos, por períodos bienais, pelos restantes docentes e investigadores do Departamento, até um máximo de um terço dos membros permanentes à data da publicação dos cadernos eleitorais.

2 - A eleição dos membros não permanentes do conselho de departamento é feita por escrutínio secreto em acto eleitoral convocado pelo presidente do Departamento.

3 - O acto deverá ter lugar até 30 dias do termo do mandato do presidente cessante.

4 - Das listas candidatas deverão constar os elementos efectivos e suplentes.

5 - As listas concorrentes deverão ser presentes ao presidente do Departamento até 10 dias antes da eleição.

6 - Os elementos serão eleitos segundo o sistema de representação proporcional das várias listas e o método de Hondt.

7 - Caso não haja lista concorrente, serão candidatos todos os docentes e investigadores que não sejam membros permanentes, a menos que declarem expressamente e por escrito não estarem disponíveis. Os candidatos mais votados serão os eleitos, sendo suplentes os restantes até perfazer o número máximo de membros não permanentes.

8 - No caso de impedimento previsível e prolongado de algum dos membros não permanentes, este será substituído por um elemento suplente segundo a ordenação da lista. Compete ao presidente do Departamento declarar tal impedimento.

9 - São, entre outras, razões de impedimento de um membro não permanente:

Passar à categoria de professor auxiliar;

Estar equiparado a bolsheiro por período superior a seis meses.

#### Artigo 7º

1 - Compete ao Conselho do Departamento:

- a) Eleger, por maioria simples e em lista fechada, os docentes da comissão executiva do departamento. O primeiro membro da lista vencedora será o presidente da comissão executiva.
- b) Destituir os docentes da comissão executiva por maioria de dois terços, implicando a destituição do presidente a cessação de funções da comissão executiva. Em caso de

destituição, as funções do presidente serão exercidas pelo membro permanente mais antigo da categoria mais elevada até à realização de novo acto eleitoral;

- c) Elaborar o regulamento do Departamento e propostas de alteração;
- d) Decidir sobre a constituição, dissolução e fusão de secções do Departamento;
- e) Deliberar sobre as matérias que lhe forem expressamente submetidas pelos órgãos de gestão central;
- f) Servir como órgão de recurso dos outros órgãos ou membros do Departamento;
- g) Aprovar o plano e relatório anuais do Departamento;
- h) Aprovar o regimento do conselho do Departamento;
- i) Designar um docente para a Comissão de Leitura.

2 - O Conselho do Departamento acumulará todas as competências previstas para a comissão coordenadora do departamento, caso esta não exista, podendo, neste caso, delegar, total ou parcialmente, essas competências na comissão executiva.

#### Artigo 8º

1 - O conselho de departamento reunirá ordinariamente uma vez por ano e extraordinariamente, sempre que convocado pelo presidente do Departamento, para deliberar sobre quaisquer assuntos que se situem no âmbito das disposições do artigo 7º.

2 - O presidente convocará extraordinariamente o conselho de departamento no prazo máximo de 30 dias:

- a) Para apreciação de recursos interpostos por:
  - Qualquer das secções do Departamento;
  - Qualquer dos membros do Departamento em assunto que lhe diga respeito e seja da competência do conselho de departamento, quer a deliberação inicial seja da comissão coordenadora do Departamento, quer da comissão executiva.
- b) A pedido:
  - Da comissão executiva;
  - Da comissão coordenadora do Departamento;
  - De, pelo menos, um quarto do total dos seus membros em efectividade de funções.

#### Artigo 9º

1 - As deliberações do conselho de departamento só terão validade quando esteja presente a maioria dos seus membros em efectividade de funções. As deliberações serão aprovadas por maioria simples de votos dos membros presentes, desde que essa maioria seja igual ou superior a um quarto dos membros em efectividade de funções, excepto nos casos a que se referem os n.ºs 2 e 3 deste artigo.

2 - A criação de novas secções exigirá uma votação correspondente à maioria dos membros do conselho de departamento em efectividade de funções.

3 - A destituição da comissão executiva ou a dissolução de secções exigirão votações correspondentes a dois terços dos membros do conselho de departamento em efectividade de funções.

#### Artigo 10º

1 - De todas as reuniões do conselho de departamento serão elaboradas actas, as quais deverão ser sujeitas a aprovação na reunião imediatamente seguinte àquela a que se referem; serão, contudo, enviadas cópias por escrito, no prazo de 15 dias, para comentários ou correcções aos membros do conselho.

2 - As actas poderão ser consultadas pelos membros de pleno direito do conselho. A fotocópia das mesmas, ou de parte destas, bem como a consulta por elementos não pertencentes

ao conselho de departamento, só poderá ser feita mediante autorização expressa do presidente do Departamento.

#### Artigo 11º

1 - Os membros do conselho de departamento estão sujeitos ao regime de faltas aplicáveis ao funcionalismo público quanto às reuniões em que devem participar.

2 - As reuniões deverão realizar-se dentro das horas normais de serviço.

A comparência às mesmas precede sobre os demais serviços escolares, excepto provas de avaliação e concursos.

3 - Quaisquer faltas que se não enquadrem nos casos referidos nos nºs 2 e 4 deste artigo serão apreciadas pela comissão executiva.

4 - Para além dos membros do conselho de departamento que não se encontrem em efectividade de funções, estão dispensados de participar nas reuniões os professores em período de licença sabática, os quais, como tal, não serão considerados no respectivo *quorum*.

5 - As faltas devem ser justificadas por escrito até quarenta e oito horas depois da respectiva reunião.

#### Artigo 12º

As reuniões do conselho de departamento serão convocadas com um mínimo de oito dias de antecedência. Em casos excepcionais e urgentes, poderão ser convocadas com menor antecedência, devendo sempre constar da respectiva convocatória a ordem de trabalhos.

## SECÇÃO II

### Comissão Coordenadora do Departamento

#### Artigo 13º

Quando exista, a comissão coordenadora do departamento integrará, necessariamente:

- a) A comissão executiva do Departamento;
- b) Os coordenadores de cada uma das secções do Departamento;
- c) Os directores dos cursos em que o Departamento esteja envolvido e que sejam membros do Departamento.

#### Artigo 14º

Compete à comissão coordenadora do Departamento, quando exista:

- a) Designar, sob proposta do presidente do Departamento, os representantes do Departamento em quaisquer outros órgãos de gestão ou comissões;
- b) Propor ao conselho científico da FLUP os professores responsáveis das disciplinas a cargo do Departamento, com respeito pelo Estatuto da Carreira Docente Universitária e ouvidos os directores dos cursos envolvidos;
- c) Aprovar a proposta da distribuição de serviço docente a enviar ao conselho científico da FLUP;
- d) Nomear, sob proposta da comissão executiva, os responsáveis dos serviços do Departamento;
- e) Ratificar a nomeação dos responsáveis dos laboratórios;
- f) Coordenar as actividades das secções;
- g) Promover a negociação interdepartamental com vista à coordenação de cursos em comum;

- h) Propor a criação, alteração, suspensão ou extinção de cursos;
- i) Aprovar e transmitir ao conselho científico da FLUP a proposta de nomeação e contratação de pessoal docente e não docente;
- j) Aprovar as propostas de distribuição de docentes e investigadores pelas secções do Departamento, tendo presente o definido no nº 1 do artigo 30º;
- l) Aprovar e transmitir ao conselho científico da FLUP a proposta de constituição de júris para as provas académicas ou para os concursos para preenchimento de lugares do quadro de pessoal docente, investigador e técnico adstrito às actividades científicas;
- m) Elaborar propostas para o preenchimento de lugares do quadro de pessoal investigador;
- n) Propor o estabelecimento de convénios, de acordos e de prestações de serviços;
- o) Deliberar sobre as matérias que lhe forem delegadas e pronunciar-se sobre as que lhe forem submetidas para apreciação pelo presidente do Departamento;
- p) Aconselhar e apoiar o presidente e a comissão executiva na gestão do Departamento e, nomeadamente, na definição de estratégias de desenvolvimento do Departamento, tanto a nível do ensino como da investigação e extensão universitária.

#### Artigo 15º

1 - A comissão coordenadora do Departamento, quando exista, será convocada pelo presidente do Departamento. Poderá ainda reunir a pedido de qualquer membro desta comissão.

2 - As deliberações da comissão coordenadora só terão validade quando esteja presente a maioria dos seus membros, sendo as decisões tomadas por maioria de votos.

3 - Nas votações da comissão coordenadora o presidente vota apenas em caso de empate.

4 - Os membros da comissão coordenadora podem fazer-se representar nas reuniões por outro docente ou investigador desde que o presidente do Departamento seja disso notificado com vinte e quatro horas de antecedência.

#### Artigo 16º

De cada reunião da comissão coordenadora será redigida uma acta-resumo contendo as principais deliberações tomadas, que será distribuída a todos os membros permanentes e não permanentes do conselho de departamento.

#### Artigo 17º

Aplicar-se-á às reuniões da comissão coordenadora o disposto para as reuniões do conselho de departamento, tendo em consideração que o nº 4 do artigo 15º pressupõe que a substituição não é considerada como falta.

#### Artigo 18º

As reuniões da comissão coordenadora serão convocadas com um mínimo de oito dias de antecedência. Em casos excepcionais e urgentes poderão ser convocadas com menor antecedência.

## SECÇÃO III

### Presidente do Departamento

#### Artigo 19º

1 - O conselho de departamento é presidido por um professor doutor do Departamento, contratado em regime de dedicação exclusiva e em efectividade de funções, sendo elegível nessa qualidade até ao limite de três mandatos sucessivos.

2 - Compete ao presidente do Departamento:

- a) Convocar e conduzir as reuniões do conselho de departamento, da comissão coordenadora do Departamento e da comissão executiva;
- b) Representar o Departamento;
- c) Exercer, em permanência, as funções que lhe forem cometidas pelo conselho, pela comissão coordenadora e pela comissão executiva do Departamento;
- d) Fazer parte, por inerência de funções, da comissão coordenadora do conselho científico da FLUP;
- f) Propor à comissão coordenadora do Departamento os directores de curso, quando for caso disso;
- g) Preparar as reuniões do conselho e da comissão coordenadora do Departamento;

3 - Em caso de ausência ou impedimento temporário do presidente do Departamento, as suas funções serão desempenhadas por um dos membros da comissão executiva com assento no conselho científico da FLUP.

4 - O presidente do Departamento tem direito a dispensa de serviço docente durante o mandato até 50%.

5 - O presidente do Departamento tomará posse perante o presidente do conselho directivo da Faculdade.

#### Artigo 20º

1 - O presidente é o primeiro membro da lista vencedora da eleição da comissão executiva, efectuada por escrutínio secreto em reunião do conselho de departamento convocada expressamente para esse efeito.

## SECÇÃO IV

### Comissão executiva

#### Artigo 21º

1 - A comissão executiva do Departamento é constituída por:

- a) Presidente do Departamento;
- b) Dois vogais, que serão docentes ou investigadores do Departamento, em regime de dedicação exclusiva, devendo um destes ser não doutor, sempre que no Departamento existam, pelo menos, três docentes ou investigadores não doutores em regime de dedicação exclusiva ou tempo integral;
- c) Um vogal representante dos estudantes, eleito bienalmente;
- d) Um vogal representante dos funcionários, eleito bienalmente.

2 - A eleição da comissão executiva deverá ter lugar até 15 dias antes do termo do mandato bienal da comissão executiva em exercício.

3 - Os representantes dos docentes na comissão executiva serão candidatos em listas, as quais deverão ser apresentadas ao presidente em exercício, juntamente com as bases

programáticas da sua candidatura, com a antecedência mínima de 15 dias em relação à data prevista para as eleições. Se não houver candidaturas expressas, serão candidatos todos os docentes ou investigadores do Departamento, a menos que declarem por escrito, e com a antecedência mínima de 15 dias, não estarem disponíveis.

4 - O estudante pertencente à comissão executiva do Departamento será eleito pelos seus pares e beneficiará de disposições legais aplicáveis aos dirigentes de associações de estudantes e outras disposições em vigor na UP e na FLUP.

5 - O representante dos funcionários será eleito pelo conjunto do pessoal não docente do Departamento.

6 - A comissão executiva poderá nomear como seus assessores para funções específicas quaisquer membros do Departamento.

7 - Para um acompanhamento adequado de todas as actividades pedagógicas em que o Departamento esteja directamente envolvido, a comissão executiva será assessorada pelos representantes do conselho pedagógico da FLUP dos cursos em que o Departamento intervém directamente.

8 - Para acompanhamento adequado de todos os assuntos relacionados com o pessoal não docente ou investigador, a comissão executiva poderá ser assessorada por um seu representante, eleito pelos seus pares.

9 - Os assessores da comissão executiva podem requerer a realização de reuniões específicas desta, às quais podem assistir.

10 - A comissão executiva reunirá com a frequência necessária para assegurar o bom funcionamento do Departamento. O presidente do Departamento poderá convocar reuniões restritas da comissão executiva com os directores de curso, coordenadores de secções ou responsáveis de serviços sempre que os assuntos a tratar o exigirem. De todas as reuniões será elaborada uma acta-resumo com as deliberações tomadas de que se dará conhecimento aos membros do conselho de departamento e aos responsáveis dos serviços comuns. Das deliberações tomadas poderá ser pedida ao presidente a respectiva ratificação em reunião da comissão coordenadora do Departamento ou conselho de departamento, de acordo com a matéria deliberada e competências daqueles órgãos.

## Artigo 22º

À comissão executiva compete:

- a) Dirigir o Departamento de acordo com a legislação em vigor, com as normas gerais da FLUP e com as decisões e orientações estabelecidas pelo conselho de departamento ou pela comissão coordenadora do Departamento;
- b) Gerir os meios humanos e materiais postos à disposição do Departamento de acordo com as dotações orçamentais que lhe forem atribuídas pelos órgãos de gestão da FLUP e com as dotações próprias resultantes de contratos com o exterior;
- c) Manter o conselho de departamento e a comissão coordenadora do Departamento regularmente informados sobre a execução orçamental;
- d) Assegurar a coordenação entre as diferentes secções do Departamento;
- e) Preparar propostas de convénios, acordos e contratos de prestação de serviços, submetê-los à aprovação do conselho ou da comissão coordenadora do Departamento e enviá-los às entidades competentes;
- f) Elaborar os mapas de distribuição de serviço docente, sob proposta dos coordenadores de secção ou, no caso de estas não existirem, dos directores de curso;
- g) Proceder à tramitação das propostas de admissão de pessoal e de renovação e rescisão de contratos;
- h) Zelar pela boa conservação das instalações e do equipamento afecto ao Departamento, de acordo com os meios para esse fim disponibilizados pelos órgãos de gestão da FLUP;
- i) Apresentar anualmente ao conselho de departamento o relatório das suas actividades.

- j) Garantir a realização das eleições para os órgãos de gestão do Departamento e informar o conselho directivo da FLUP dos respectivos resultados.

## **SECÇÃO V**

### **Directores de curso**

#### **Artigo 23º**

1 - O director de curso é um professor, em regime de tempo integral, proposto pela comissão coordenadora do Departamento, quando exista, e nomeado pelo presidente do Departamento, podendo este acumular os dois cargos.

2 - O director de curso de qualquer licenciatura coordenará a sua actividade competindo-lhe:

- a) Promover a coordenação curricular e a eficácia do ensino;
- b) Representar a licenciatura no conselho pedagógico da escola;
- c) Coordenar a distribuição do serviço docente da licenciatura e apresentar pareceres sobre esta matéria aos conselhos pedagógico e científico da escola;
- d) Promover a elaboração dos horários da respectiva licenciatura e calendário de avaliação;
- e) Promover a coordenação das inscrições dos alunos nas diferentes disciplinas;
- f) Elaborar anualmente um relatório sobre o funcionamento do curso;
- g) Promover uma reflexão contínua sobre a licenciatura e os métodos pedagógicos.

3 - O director de curso de licenciatura tem direito a uma redução de serviço docente até ao máximo de 50%.

4 - Os coordenadores dos cursos de mestrado, doutoramento e outras pós-graduações ministradas no âmbito do Departamento são, por inerência, directores de curso, com as competências referidas no nº 2, com as necessárias adaptações de nomenclatura, salvo a situação prevista na sua alínea b).

## **SECÇÃO VI**

### **Serviços de apoio e gestão**

#### **Artigo 24º**

1 - Nos termos da lei, o Departamento deverá dispor de um secretariado que execute as tarefas administrativas inerentes às actividades de gestão do mesmo.

2 - Os serviços de pessoal, de contabilidade e de economato do Departamento serão da responsabilidade dos serviços centrais da FLUP.

#### **Artigo 25º**

Ao secretariado do Departamento exerce as suas actividades nos domínios de expediente e arquivo, nomeadamente:

- a) Assegurar o expediente geral do Departamento;
- b) Assegurar o registo e distribuição pelas diferentes secções e serviços de correspondência e outros documentos;
- c) Assegurar a gestão do arquivo;
- d) Colaborar com os serviços correspondentes da FLUP no que diz respeito a matrículas, inscrições, transferências, reingressos e indicação das médias finais de curso dos alunos;

- e) Organizar e manter actualizados os programas das disciplinas das licenciaturas e outros cursos ministrados pelo Departamento.

## **CAPÍTULO III**

### **Secções**

#### **SECÇÃO I**

##### **Composição e órgãos de gestão**

###### **Artigo 26º**

1 - As secções são os elementos de base da organização departamental, a elas correspondendo a distribuição das áreas científicas e respectivas disciplinas.

2 - São membros de cada secção todos os docentes, investigadores e pessoal administrativo, técnico e auxiliar que nela prestam serviço.

###### **Artigo 27º**

São órgãos de gestão das secções:

- a) O conselho de secção;
- b) O coordenador de secção.

#### **SECÇÃO II**

##### **Conselho de secção e coordenador de secção**

###### **Artigo 28º**

1 - O conselho de secção é constituído por todos os docentes e investigadores da secção;

2 - O conselho de secção reunirá ordinariamente três vezes por ano e extraordinariamente sempre que convocado pelo coordenador da secção, por sua iniciativa ou a pedido de, pelo menos, um quarto do número de membros do conselho de secção.

3 - Compete ao conselho de secção, designadamente:

- a) Propor à comissão executiva a abertura de concursos, a contratação e a renovação, alteração ou rescisão de contratos de docentes e investigadores para a área científica e técnica da secção, justificando-as devidamente;
- b) Propor a contratação e assegurar o enquadramento do pessoal técnico e administrativo adstrito à secção;
- c) Definir planos de estudo e programas de disciplinas da sua área;
- d) Propor a constituição de júris de provas académicas dos membros da secção;
- e) Dar pareceres relativos a contratações, promoções e ou mudanças de categoria dos membros da secção.

###### **Artigo 29º**

1 - O coordenador de secção será um professor doutor em regime de dedicação exclusiva ou em tempo integral e em exercício de funções, eleito por um período de dois anos. A eleição deverá ter lugar nos 30 dias imediatos à tomada de posse do presidente do Departamento, em

reunião convocada expressamente para o efeito. A eleição é feita por escrutínio secreto, em que todos os membros da secção têm direito a voto.

2 - Compete ao coordenador de secção, nomeadamente:

- a) Dirigir a secção e representá-la na comissão coordenadora do Departamento, podendo, no entanto, fazer-se substituir nas suas reuniões por outro docente ou investigador doutorado da secção;
- b) Ser o responsável pelos laboratórios adstritos à secção, podendo delegar essa função noutro docente ou investigador doutorado da secção;
- c) Propor a distribuição do serviço docente da secção (incluindo testes e exames) e assegurar o normal funcionamento desta, nas disciplinas da sua área;
- d) Contribuir para criar condições para a formação pedagógica e científica dos seus docentes e investigadores, coordenar e apoiar as suas actividades de ensino, investigação e extensão universitária de forma integrada e em consonância com a política geral da secção e do Departamento;
- e) Promover a aquisição de equipamentos, bibliografia e de serviços, de acordo com a política de repartição de recursos aprovada e assegurar a boa funcionalidade dos primeiros;
- f) Colaborar com a comissão executiva e restantes secções na definição de políticas de ensino, investigação e extensão universitária, nomeadamente nas áreas da sua competência que contribuam para manter actualizado o ensino ministrado no Departamento;
- g) Emitir pareceres relativamente a equiparações a bolseiro, dispensas de serviço docente, ou outras;
- h) Fornecer à comissão executiva todos os elementos necessários à elaboração do relatório anual de actividades do Departamento;
- i) Exercer as funções que lhe sejam delegadas pelo conselho de secção.

### SECÇÃO III

#### Laboratórios

##### Artigo 30º

1 - Os laboratórios são estruturas dependentes do DCTP, destinadas à realização de tarefas de índole experimental, com objectivos de investigação, de apoio às aulas e serviços ao exterior.

2 - Os laboratórios poderão estar adstritos a uma só secção ou a várias secções, consoante os seus objectivos e possibilidades de utilização do respectivo equipamento.

3 - Cada laboratório será dirigido por um professor ou investigador responsável pelo mesmo.

4 - O professor ou investigador responsável por um laboratório será:

- a) Se o laboratório depender de uma só secção, o próprio coordenador da secção ou um professor ou investigador doutorado nomeado pelo coordenador da secção;
- b) Se o laboratório se situar na dependência de duas ou mais secções, um professor ou investigador doutorado nomeado de comum acordo com os coordenadores das secções em causa, podendo eventualmente ser o coordenador de uma dessas secções.

5 - Os professores ou investigadores responsáveis deverão estabelecer acordos com os directores de curso para utilização nas aulas dos meios disponíveis nos laboratórios.

##### Artigo 31º

No DCTP existe o laboratório - Laboratório de Conservação e Restauro.

## **CAPÍTULO IV**

### **Orçamento**

#### **Artigo 32º**

1 - O orçamento do Departamento, nos termos da lei, constituirá uma subdivisão orgânica do orçamento da Universidade do Porto no Orçamento Geral do Estado.

## **CAPÍTULO V**

### **Disposições finais e transitórias**

#### **Artigo 33º**

1 - O Regulamento do Departamento poderá ser objecto de revisão em reunião do conselho de departamento, de cuja convocatória deverá constar expressamente como ponto da ordem de trabalhos. A revisão deverá ser aprovada por maioria de dois terços do total de membros em efectividade de funções.

2 - As revisões do Regulamento do Departamento poderão realizar-se:

- a) Ordinariamente, uma vez em cada biénio, até 60 dias após a posse do presidente do Departamento;
- b) Extraordinariamente, sempre que solicitado por um mínimo de um quarto dos membros do conselho de departamento em efectividade de funções.

O presente Regulamento entra em vigor imediatamente após a sua homologação pelo conselho directivo da escola.

29 de Outubro de 2003

# **ÓRGÃOS DE GESTÃO DO DCTP**

**2002-2004**



**Presidente do Departamento:** Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves

**Comissão Executiva:**

**Presidente:** Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves

**Vogais:** Cândida Fernanda Antunes Ribeiro (representante dos doutorados)

                  Maria Elisa Ramos de Moraes Cerveira (representante dos assistentes)

**Representante dos funcionários:** Lídia da Conceição Azevedo

**Representante dos alunos:** Susana Raquel Themudo Cunha Silva

**Conselho de Departamento:**

- Agostinho Rui Marques de Araújo, Prof. Associado
- Armando Coelho Ferreira da Silva, Prof. Associado com Agregação
- Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva, Prof. Auxiliar
- Cândida Fernanda Antunes Ribeiro, Prof<sup>a</sup> Auxiliar
- Carlos Alberto Brochado de Almeida, Prof. Auxiliar
- Fausto Sanches Martins, Prof. Auxiliar
- Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves, Prof. Associado com Agregação
- José Amadeu Coelho Dias, Prof. Auxiliar com Agregação
- Lúcia Maria Cardoso Rosas, Prof<sup>a</sup> Auxiliar
- Maria de Jesus Sanches, Prof<sup>a</sup> Auxiliar
- Maria Teresa Cordeiro de Moura Soeiro, Prof<sup>a</sup> Associada
- Mário Jorge Lopes Neto Barroca, Prof. Auxiliar
- Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves, Prof<sup>a</sup> Catedrática
- Rui Manuel Sobral Centeno, Prof. Associado com Agregação
- Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge, Prof<sup>a</sup> Associada com Agregação
- Vítor Manuel de Oliveira Jorge, Prof. Catedrático

**Representantes dos Assistentes no Conselho de Departamento:**

- Manuel Joaquim Moreira da Rocha
- Maria Elisa Ramos de Moraes Cerveira
- Sérgio Emanuel Monteiro Rodrigues
- Manuel Augusto Engrácia Antunes (suplente)

**Comissão Coordenadora:**

- Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves, Presidente
- Cândida Fernanda Antunes Ribeiro, Vogal da Comissão Executiva
- Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge, Coordenadora da Secção de Arqueologia
- Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva, Coordenador da Secção de Ciência da Informação
- Lúcia Maria Cardoso Rosas, Coordenadora da Secção de História da Arte
- Armando Coelho Ferreira da Silva, Coordenador da Secção de Museologia
- Mário Jorge Lopes Neto Barroca, Coordenador do Mestrado em Arqueologia
- Agostinho Rui Marques de Araújo, Coordenador do Mestrado em História da Arte em Portugal

**Director do Laboratório:** Mário Jorge Lopes Neto Barroca

## MEMBROS DO DCTP

- Agostinho Rui Marques de Araújo, Prof. Associado
- Alice Lucas Semedo, Assistente Convidada
- António Baptista Lopes, Assistente
- António Manuel dos Santos Pinto da Silva, Assistente Convidado a 60%
- Armando Coelho Ferreira da Silva, Prof. Associado com Agregação
- Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva, Prof. Auxiliar
- Cândida Fernanda Antunes Ribeiro, Prof<sup>a</sup> Auxiliar
- Carlos Alberto Brochado de Almeida, Prof. Auxiliar
- Celso Francisco dos Santos, Assistente Convidado
- Fausto Sanches Martins, Prof. Auxiliar
- Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves, Prof. Associado com Agregação
- José Amadeu Coelho Dias (Geraldo), Prof. Auxiliar com Agregação
- Lúcia Maria Cardoso Rosas, Prof<sup>a</sup> Auxiliar
- Manuel Augusto Engrácia Antunes, Assistente Convidado a 60%
- Manuel Joaquim Moreira da Rocha, Assistente
- Maria Elisa Ramos de Moraes Cerveira, Assistente Convidada
- Maria de Jesus Sanches, Prof<sup>a</sup> Auxiliar
- Maria Leonor Barbosa Soares, Assistente
- Maria Teresa Cordeiro de Moura Soeiro, Prof<sup>a</sup> Associada
- Mário Armando Nogueira Pereira de Brito, Assistente Convidado a 60%
- Mário Jorge Lopes Neto Barroca, Prof. Auxiliar
- Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves, Prof<sup>a</sup> Catedrática
- Paula Cristina Menino Duarte Homem, Assistente Convidada
- Pedro José Freitas Borges de Araújo, Assistente Convidado a 60%
- Rui Manuel Sobral Centeno, Prof. Associado com Agregação
- Sérgio Emanuel Monteiro Rodrigues, Assistente
- Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge, Prof<sup>a</sup> Associada com Agregação
- Vítor Manuel de Oliveira Jorge, Prof. Catedrático



**SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA**



**DOCENTES**

**Elementos curriculares**

## ANTÓNIO BAPTISTA LOPES

### **Percurso académico e profissional**

Curso de Teologia (1962); Licenciatura em História, FLUP (1980); Mestrado em Arqueologia, FLUP (1994).

Professor do Ensino Particular (1962-74); Professor do Ensino Oficial (1973-93); Professor profissionalizado do Ensino Oficial desde 1983; Técnico superior de 1ª classe, Serviços Regionais de Arqueologia do IPPC (1990-93); Assistente Convidado (1993-94), **Assistente (1994- )**.

### **Projectos de investigação**

Tem em desenvolvimento para tese de doutoramento um projecto de investigação sobre “Os Padrões de povoamento proto-histórico e romano no Baixo Minho”.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de mestrado: *A Cerâmica do castro da Senhora da Guia (Baiões) : tecnologia e morfotipologia*. Porto, 1994.

### **Trabalhos publicados**

- A Necrópole do Bronze Inicial de Chã de Arefe (Durrães, Barcelos). In SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE PENINSULAR, 3 - *Actas. Arquivo do Alto Minho*. Viana do Castelo. 26 (1981). (Em colaboração)
- Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu. *Lycerna*. Porto, 1984. (Em colaboração)
- O Forno cerâmico de Canelas (Vila Nova de Gaia). *Gaya*. Vila Nova de Gaia. 2 (1984). (Em colaboração)
- A Estátua-estela do Marco (Vreia de Jales, Vila Pouca de Aguiar) : notícia preliminar. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15 (1994) 147-153. (Em colab. com Armando Coelho Ferreira da Silva, J. R. Parente, Rui Manuel Sobral Centeno)
- *Património arqueológico da reserva florestal da Serra do Marão*. Amarante, 1998.
- *Ocupação Proto-histórica nas margens do Minho : Senhora do Crasto*. Caminha; Guimarães, 1998. (Em colaboração)

**E-mail:** dctp@letras.up.pt

## ANTÓNIO MANUEL DOS SANTOS PINTO DA SILVA

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História, Variante de Arqueologia, FLUP (1985); Mestrado em Arqueologia, FLUP (1994).

Professor Provisório do Ensino Secundário e Preparatório (1986-92); Técnico Superior no Programa de Inventariação do Património Cultural Móvel – Arquivos (1992-94); Docente do Curso de Arquitectura na Escola Superior Artística do Porto (1995-2000); Arqueólogo na Câmara Municipal do Porto (1994- ); **Assistente Convidado (2002- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Presidente da Associação Profissional de Arqueólogos (1992-98) e da respectiva Comissão Disciplinar (2000-02); Membro da Direcção da SPAE (1993- ); Presidente do Centro de Arqueologia de Arouca (2002- ); Sócio da Associação Europeia de Arqueólogos, Sociedade Martins Sarmento (Guimarães), Sociedade Portuguesa de Numismática (Porto), Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, GEAP, Centro de Arqueologia de Almada e de outras associações.

### **Projectos de investigação**

Coordenador dos seguintes projectos: “O povoamento castrejo-romano na região de Arouca” (1988-98), “Proto-história e romanização do Entre-Douro-e-Vouga” (1999-2001); “Entre Paiva e Arda: projecto arqueológico para o estudo da ocupação humana de um vale interior do Entre Douro e Vouga da Proto-história aos começos da Nacionalidade” (2002- ). Co-responsável do projecto “O Castro de Ovil e o povoamento da região de Espinho da proto-história à romanização” (em colaboração, 1993- ). Investigador dos projectos “PRO-CEN/Projecto de Estudo da Cerâmica do Norte de Portugal - sécs. XII/XX” e do “MetNOR/Projecto de Estudo da Paleometalurgia do Norte de Portugal”. Consultor científico dos projectos “Crasto de Palheiros: Projecto de estudo e de divulgação de uma estação arqueológica monumental ocupada no Calcolítico e na Idade do Ferro” e “Povoado da Torre, Cacia, Aveiro”.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de mestrado: *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral : elementos para uma avaliação crítica*. Porto, 1994.

### **Principais trabalhos publicados**

- O Memorial de Santo António (Sta. Eulália, Arouca) e os «marmoirais» medievais: revisão da sua problemática e propostas para uma análise globalizante. In *JORNADAS DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DO CONCELHO DE AROUCA*, 1, Arouca - *Actas*. Arouca: CMA/CAA, 1987. p. 77-100.
- Prospecção sistemática no Planalto da Freita (Aveiro/Viseu). I - Monumentos megalíticos e de tradição megalítica : primeiros resultados. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 32 (1992) 235-262.
- A Igreja Lusitana e o Republicanismo (1880-1910) : convergências e expectativas do discurso ideológico. In *A Vida da República Portuguesa : 1890-1990*. Coord. M. H. Carvalho dos Santos. Lisboa : Cooperativa de Estudos e Documentação, 1995. vol. 2, p. 739-756.
- Achados numismáticos romanos do Entre Douro e Vouga Litoral : contributo para um inventário crítico. *Nymms*. Porto. 2ª série. 16/20 (1997) 205-230.
- Aspectos territoriais da ocupação castreja na região do Entre Douro e Vouga. *Revista de Guimarães*. Guimarães. (1999) 403-429.
- A Intervenção arqueológica em S. João de Valinhas (Arouca, Aveiro) : do povoado castrejo ao castelo da Terra de Arouca. In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida : In memoriam*. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999. p. 363-374. (Em co-autoria com Manuela C. S. Ribeiro)
- A Necrópole tardo-romana de Alvariça (Espunça, Arouca) : algumas notas para uma revisão crítica. In *CONGRESSO SOBRE A DIOCESE DO PORTO "TEMPOS E LUGARES DE MEMÓRIA"*, 1, Porto, Arouca, 1998 - *Actas*. Porto : Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão [etc.], 2002. vol. 1, p. 523-542. (Em co-autoria com Manuela C. S. Ribeiro)

E-mail: [amspsilva@hotmail.com](mailto:amspsilva@hotmail.com)

## ARMANDO COELHO FERREIRA DA SILVA

### **Percurso académico e profissional**

Curso de Teologia, Seminário Maior do Porto (1965); Licenciatura em História, FLUP (1974); Doutoramento em Letras, especialidade de Pré-História e Arqueologia, Universidade do Porto (1987); Agregação em História, FLUP (1994).

Professor do Ensino Particular (1965-66) e do Ensino Secundário (1969-74); Monitor (1973-74), Assistente Eventual (1974-75), Assistente (1976-87), Professor Auxiliar (1987-90), Professor Associado (1990-94). **Professor Associado com Agregação (1994- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Membro da Assembleia de Representantes (1976-80, 1997-98), do Conselho Directivo (1979-80), do Conselho Pedagógico (1979-80, 1988-90), do Conselho Científico (1975-76, 1987-98) e Director do Instituto de Arqueologia (1991-97) da FLUP; Representante da Universidade do Porto na Comissão Inter-Universitária de Arqueologia do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (1996- ); Presidente do Departamento de Ciências e Técnicas do Património, FLUP (1997-99); Vogal da Comissão Nacional Provisória de Arqueologia (1981-82); Membro do Conselho Consultivo Regional de Arqueologia da Zona Norte (1983-84); Membro da Comissão Científica Internacional para o Vale do Côa (1995); Director do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins; Membro do conselho de redacção das revistas *Portvgalia e Gaya*, da direcção da revista *Lucerna* e do conselho científico das revistas *Poligrafia*, *Politécnica* e *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*.

### **Projectos de investigação**

Áreas e interesses: Proto-história e Romanização; Arqueologia e Epigrafia; Museologia e Património. Orientação científica de dezanove teses de mestrado e sete de doutoramento em Arqueologia e duas em Museologia; coordenador, com Rui Centeno, da Área 1 - "Os Primeiros santuários" do projecto "Santuários e Itinerários de Santidade no Norte de Portugal", do Programa PRAXIS XXI; investigador no âmbito do Projecto PETRAE do Centre Pierre Paris, Universidade de Bordeaux III, e do programa "Instrumentum - Group de travail européen sur l'artisanat et les productions manufacturées dans l'Antiquité".

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de doutoramento: *A Cultura castreja no noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira : Câmara Municipal, 1986.

Lição-síntese para Provas de Agregação: *A Evolução do habitat castrejo e o processo de proto-urbanização no Noroeste de Portugal durante o I milénio a. C.* Porto, 1994.

### **Principais trabalhos publicados**

- A Idade dos Metais em Portugal. In *História de Portugal*. Lisboa : Alfa, 1983. vol. 1, p. 101-147.
- *Paços de Ferreira : as origens do povoamento : do megalitismo à romanização*. Paços de Ferreira, 1986. p. 95-169. (Paços de Ferreira. Estudos Monográficos; 1).
- A Idade do Ferro em Portugal. In *Nova História de Portugal*. Lisboa : Presença, 1990. vol. 1, p. 257-341.
- *Proto-História de Portugal*. Lisboa : Universidade Aberta, 1992. (Universidade Aberta; 48). (Em co-autoria com Mário Varela Gomes).
- *Pré-História de Portugal*. Lisboa : Universidade Aberta, 1993. (Universidade Aberta; 53). (Coord.; colab. Luís Raposo, Carlos Tavares da Silva)
- As Origens do Porto. In *História do Porto*. Dir. Luís A. de Oliveira Ramos. Porto : Porto Editora, 1994. p. 44-117. (2ª ed.: 1995)
- Portuguese castros: the evolution of the habitat and the proto-urbanisation process. *Proceedings of the British Academy*. Oxford. 86 (1995) 263-289.

**E-mail:** acfsilva@sapo.pt

## CARLOS ALBERTO BROCHADO DE ALMEIDA

### Percurso académico e profissional

Licenciatura em História (1978); Estágio Pedagógico no 10º grupo A (1980); Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Pré-História e Arqueologia, FLUP (1988); Doutoramento em Letras, especialidade de Pré-História e Arqueologia, Universidade do Porto (1997). Professor do Ensino Secundário (1976-83); Assistente Convocado (1983-97); **Professor Auxiliar** (1997- ).

### Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro

Membro da Comissão Executiva, DCTP-FLUP (1999-00); Membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico, FLUP (1999-00); Representante do DCTP no Conselho Pedagógico, FLUP (2000-2003); Presidente do Conselho Pedagógico, FLUP (2003- ); Consultor Científico para a área de Arqueologia das Câmaras Municipais de Esposende, Barcelos, Ponte de Lima e Vila Nova de Cerveira; Membro do Conselho Directivo da Escola Secundária de Alcaldes de Faria (Barcelos); Membro do conselho de redacção das revistas *Portvgalia*, *Boletim Cultural de Esposende* e *Barcelos Património*.

### Projectos de investigação

Áreas e interesses: Proto-história, Romanização e Alta Idade Média; Arqueologia e Património. Co-orientação de tese de mestrado; Investigador do Centro de Arqueologia das Universidades de Coimbra e Porto; Colaborador do projecto de investigação do GEHVID - Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto; Desenvolve o projecto de investigação “Romanização do Litoral do Minho e Estruturas vinárias e oleiras no Alto Douro”, no âmbito do IPA.

### Trabalhos apresentados em provas académicas

Trabalho de síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica: *Proto-história e romanização da bacia inferior do Lima*. Viana do Castelo, 1990.

Dissertação de doutoramento: *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho*. Porto, 1997.

### Principais trabalhos publicados

- O Aro arqueológico de Carlão-Alijó : o cultivo da vinha na época romana. *Portvgalia*. Porto. 13/14 (1992/1993).
- A Villa Romana de Passos : Tarouquela-Cinfães. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto. 2ª série. 10 (1993) 433-450.
- A Romanização no concelho de Vila do Conde : alguns apontamentos sobre a ocupação do território localizado entre os rios Ave e Este. In CONGRESSO HISTÓRICO COMEMORATIVO DOS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE ALBERTO SAMPAIO, Guimarães, 1991 - *150 anos do nascimento de Alberto Sampaio : actas*. Guimarães : Câmara Municipal, 1995.
- Alguns apontamentos sobre a estação arqueológica de Vilarinho de Cotas - Alijó. *Douro : estudos & documentos*. Porto. 1 (1996).
- A Viticultura antiga no Vale do Douro. In *História da Vinha e do Vinho no Vale do Douro*. Porto, 1996.
- Os Lagares cavados na rocha do castelo de Castorigo-Pegarinhos (Alijó). *Douro : estudos & documentos*. 2:4 (1997) 15-54.
- *O Castro de S. Lourenço, Vila Chã - Esposende*. Esposende, 1997.

E-mail: [dctp@letras.up.pt](mailto:dctp@letras.up.pt)

## MARIA DE JESUS SANCHES

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História (variante de Arte e Arqueologia) FLUP (1982); Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, FLUP (1988); Doutoramento em Letras, especialidade de Pré-História e Arqueologia, Universidade do Porto (1995).

Professora do Ensino Preparatório e Secundário (1982-84); Assistente Estagiária (1984-88), Assistente (1988-95); **Professora Auxiliar (1995- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Membro da Comissão Coordenadora do Mestrado de Arqueologia Pré-Histórica, FLUP (1996-98); Membro do Conselho Pedagógico, FLUP (1996-99); Presidente do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (1984-85); Membro dos Corpos Gerentes da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (1986-2003); Secretária da ADECAP (1997-2003); Vogal do Conselho Fiscal da APA (1997-2002); Membro do Conselho Redactorial do *Journal of Iberian Archeology* (1999-2002)

### **Projectos de investigação**

Responsável científica de dois projectos: "Craсто de Palheiros - Murça : projecto de estudo e de divulgação de uma estação arqueológica monumental ocupada no Calcolítico e na Idade do Ferro (2001-02); "Levantamento arqueológico do Douro Internacional" (2002-03).

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Trabalho de síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica: *Pré-história recente no planalto mirandês*. Porto : GEAP, 1992. (Monografias Arqueológicas; 3).

Dissertação de doutoramento: *Pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro : o abrigo do Buraco da Pala no contexto regional*. Porto : Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1997. 2 vol.

### **Principais trabalhos publicados**

- Breve síntese do povoamento pré-histórico no planalto mirandês. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto. 2ª série. 6 (1989) 445-453.
- Os Abrigos com pintura esquemática da Serra de Passos - Mirandela, no conjunto da arte rupestre desta região : algumas reflexões. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto. 2ª série. 7 (1990) 335-365.
- Laje de Vale de Juncal - Mirandela. In SEMINÁRIO "MEGALITISMO NO CENTRO DE PORTUGAL", Mangualde, 1992 - *Actas*. Viseu : Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, 1994.
- Megalitismo na bacia de Mirandela. In SEMINÁRIO "MEGALITISMO NO CENTRO DE PORTUGAL", Mangualde, 1992 - *Actas*. Viseu : Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, 1994.
- Passos / Sta Comba Mountain in the context of the late Prehistory of Northern Portugal. *World Archaeology*. Routledge. 28:2 (1996).
- *Ocupação pré-histórica do nordeste de Portugal*. Zamora : Fundação Rei Afonso Henriques, 1996. (Monografias e Estudos).
- Land marks : a new approach to the rock art of Trás-os-Montes, northern Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*. (1998). (Colab. P. M. Santos, R. Bradley, e R. Fabregas - no prelo)

**E-mail:** msanches@esoterica.pt

## MARIA TERESA CORDEIRO DE MOURA SOEIRO

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História, FLUP (1978); Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, especialidade de Pré-História e Arqueologia (1985); Doutoramento em Letras, especialidade de Pré-História e Arqueologia, Universidade do Porto (1994); Curso de Pós-Graduação em Museologia, FLUP (1995).

Monitora (1976-78), Assistente Estagiária (1981-85), Assistente (1985-94); Professora Auxiliar (1994-02); Professora Associada (2002- )

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Coordenadora da Secção de Arqueologia, DCTP-FLUP (1997-99); Directora do Museu Municipal de Penafiel (desde 1985); Membro do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto; integra actualmente a estrutura de projecto para o Museu do Douro, em regime de requisição solicitada pelo Ministério da Cultura

### **Projectos de investigação**

Investigadora do projecto “Estruturas Sócio-Económicas e Industrialização no Norte de Portugal (sécs XIX-XX)”.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Trabalho de síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica: Monte Mozinho : apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel : Boletim Municipal de Cultura*. Penafiel. 3ª série. 1 (1984) 5-232.

Dissertação de doutoramento: *O Progresso também chegou a Penafiel : resistência e mudança na cultura material, 1741-1910*. Porto, 1993.

### **Principais trabalhos publicados**

- *Penafiel*. Lisboa : Editorial Presença, 1994.

- A Cerâmica portuense : evolução empresarial e estruturas edificadas. *Portvgalia*. Porto. Nova série. 16 (1995) 203-287. (Em colaboração)

- Lagares de azeite no concelho de Penafiel. *Portvgalia*. Porto. Nova série. 17/18 (1996/1997) 219-244.

- Monte Mozinho : 25 anos de trabalhos arqueológicos : homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida. Coord. *Cadernos do Museu*. Penafiel. 2 (1998).

- *Monte Mozinho : sítio arqueológico*. Penafiel : Museu Municipal, 1998.

- O Sítio romano da Bouça do Ouro, Boelhe. *Cadernos do Museu*. Penafiel. 4 (1998).

- *Fainas do mar : vida e trabalho no litoral Norte*. Porto : CRAT, 1999. (Em colab. com Francisco Calo Lourido)

- El Lino en Penafiel, Norte de Portugal : de la producción doméstica para el mercado a la desilusión industrial. In *JORNADES D'ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL DE CATALUNYA*, 5, Manresa, 2002.

- Roteiro das fábricas de cerâmica portuense : Porto e Vila Nova de Gaia. In *Itinerário da faiança do Porto e Gaia*. Porto : Museu Nacional de Soares dos Reis, 2001. p. 55-115. (Em colab. com Silvestre Lacerda e Joaquim Oliveira)

- Pescadores de terra adentro. *Oceanos*. Lisboa. 47/48 (2001) 136-158.

E-mail: nop34657@mail.telepac.pt

## MÁRIO JORGE LOPES NETO BARROCA

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História (variante de História da Arte e Arqueologia), FLUP (1982); Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, FLUP (1987); Doutoramento em Letras, especialidade Pré-História e Arqueologia, Universidade do Porto (1996).

Assistente Estagiário (1983-87), Assistente (1987-96), **Professor Auxiliar** (1996- ).

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Membro da Comissão Coordenadora, DCTP-FLUP (2002- ); Director do Laboratório de Conservação e Restauro, DCTP-FLUP (2002- ); Membro do Instituto de Documentação Histórica Medieval, FLUP; Membro da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais; Membro da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia; Membro da Sociedade Portuguesa de Numismática; Membro do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto; Membro do Seminário Internacional de Ordens Militares; Membro da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Secção de História); Membro do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto; Membro do Conselho Científico da Fundação Batalha de Aljubarrota; Coordenador da revista *Portvgalia*.

### **Projectos de Investigação**

Castelologia Medieval Portuguesa (séc. IX a XV); Armamento Medieval (Séc. IX a XV); Arquitectura Senhorial (séc. XII a XV); Epigrafia Medieval Portuguesa (séc. IX a XV).

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Trabalho de síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica: *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)*. Porto, 1987.

Dissertação de doutoramento: *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian ; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000. 4 vol. (numerados 1, 2-1, 2-2, 3)

### **Principais trabalhos publicados**

- *Aux Confins du Moyen Age : art portugais XII<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècle*. Gand, 1991. (Catálogo da Europália 91 - em colaboração)
- *Do Castelo da Reconquista ao castelo românico (séc. IX a XII)*. Lisboa : Comissão Portuguesa de História Militar, 1994.
- *Pera guerrejar: armamento medieval no espaço português*. Palmela : Câmara Municipal de Palmela, 2000. (Catálogo da Exposição - em colaboração)
- *As Fortificações do litoral português*. Lisboa : Edições Inapa, 2001.
- *História da Arte em Portugal : o gótico*. Lisboa : Editorial Presença, 2002. (Conclusão da obra de Carlos Alberto Ferreira de Almeida)
- 1<sup>a</sup> Parte : 1064-1325. In *História militar de Portugal : Idade Média*. Coord. de José Mattoso. Lisboa : Círculo de Leitores, 2002. (Em publicação)
- *Terena : o Castelo e a Ermida de Santa Maria ou da Boa Nova : contributo para um estudo monográfico*. Évora : IPPAR, 2003. (No prelo).

**E-mail:** mbarroca@mail.telepac.pt

## RUI MANUEL SOBRAL CENTENO

### Percurso académico e profissional

Licenciatura em História, FLUP (1975); Doutoramento em Letras, especialidade de Pré-História e Arqueologia, Universidade do Porto (1988); Agregação, FLUP (1996).

Assistente Eventual (1975-77), Assistente (1977-88), Professor Auxiliar (1988-91), Professor Associado (1991-96), **Professor Associado com Agregação (1996- )**.

### Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro

Presidente do Instituto de Arqueologia, FLUP (1981-82); Vogal da Direcção do Instituto de Arqueologia, FLUP (1985-97); Membro do Conselho Científico (desde 1988) e da Comissão Coordenadora do Grupo de História, FLUP (1988-94); Membro da Comissão de Leitura, FLUP (1994-97); Presidente do Conselho Directivo, FLUP (1996-03); Membro da Assembleia da Universidade do Porto (1996- ); Membro do Senado da Universidade do Porto (1996- ); Membro da Assembleia de Representantes, FLUP (1996-03); Presidente da Assembleia de Representantes, FLUP (2003- ); Membro do Conselho Geral do Instituto Arquitecto José Marques da Silva (2002- ); Membro do Conselho Geral e da Direcção da Culturporto (2002- ); Presidente da Assembleia Geral da Associação para a Cooperação entre Escolas Universitárias de Letras e Ciências (ACEULC) (2001- ); Presidente da Direcção do Centro Leonardo Coimbra, FLUP (1996- ); Director do LabCR, DCTP-FLUP (1997-01); Membro do conselho de redacção das revistas *Nymms* (desde 1978) e *Portvgalia* (desde 1980; e coord. entre 1987-97); Vogal da Comissão Nacional Provisória de Arqueologia do Ministério da Cultura (1983-84).

### Projectos de investigação

Investigador responsável do Projecto “Santuários e Itinerários no Norte de Portugal (Património, ecologia, arte, bibliotecas e arquivos)” do Programa PRAXIS XXI e coordenador, com Armando Coelho Ferreira da Silva, da Área 1 - “Os Primeiros santuários”.

### Trabalhos apresentados em provas académicas

Dissertação de doutoramento: *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*. Porto, 1987.

Lição-síntese para Provas de Agregação: *O Desenvolvimento urbano de Roma*. Porto, 1996.

### Principais trabalhos publicados

- ENCUESTRO PENINSULAR DE NUMISMÁTICA ANTIGUA, 1 - *La Moneda hispánica, ciudad y territorio : actas...* Ed. Rui M. S. Centeno, M.<sup>a</sup> Paz García-Bellido. Madrid, 1995. (Anejos de Archivo Español de Arqueología;19).
- MUSEU MUNICIPAL DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA DA PÓVOA DE VARZIM - *Núcleo de Arqueologia : catálogo*. Coord. de Rui M. S. Centeno, Armando C. F. Silva. Porto, 1997.
- *Civilizações clássicas II : Roma*. Lisboa, 1997. (Coord. e co-autor)
- ENCUESTRO PENINSULAR DE NUMISMÁTICA ANTIGUA, 2 - *Rutas, ciudades y moneda en Hispania : actas...* Ed. Rui M. S. Centeno, M.<sup>a</sup> Paz García-Bellido e G. Mora. Madrid, 1999 (Anejos de Archivo Español de Arqueología, 20).
- MUSEU RURAL DE BOTICAS - *Catálogo*. Coord. de A. C. F. da Silva e Rui M. S. Centeno. Boticas : M. R. B., 2000.
- *Uma Lulik Timor - casa sagrada de Oriente*. Porto, 2001. (Em colab. com Ivo Carneiro de Sousa)
- *Cooperação científica com Timor Leste*. Lisboa, 2002. (Com A. Marques Guedes, F. T. Pedrosa, I. Carneiro de Sousa, L. Aires-Barros, M. Alkatiri)

E-mail: rcenteno@letras.up.pt

## SÉRGIO EMANUEL MONTEIRO RODRIGUES

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História (variante de Arqueologia) FLUP (1990); Mestrado em Arqueologia, FLUP (1996).

Professor do Ensino Básico e Secundário (1991-96). Assistente (1996- ).

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Membro do Instituto de Arqueologia, FLUP; Representante dos assistentes de História e Arqueologia, Conselho Pedagógico, FLUP (1996-98); Representante dos assistentes, DCTP-FLUP (1997- ). Membro do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (1987- ), tendo sido membro da Direcção (1990-92); Membro da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (1987- ), tendo sido membro da Direcção (1993-95); Membro da Associação Profissional de Arqueólogos; Sócio fundador da Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular (ADECAP); Membro do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, Membro da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

### **Projectos de investigação**

Projecto de investigação sobre as indústrias líticas associadas às formações quaternárias do litoral de Vila Nova de Gaia (1989); Juntamente com Jean Roche, "Mâitre de Recherche" do CNRS, iniciou um projecto de estudo das colecções líticas provenientes de diversos Concheiros de Muge, depositadas no Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (1989); Estudo das indústrias líticas associadas aos depósitos quaternários do vale do Rio Caia, Alto Alentejo (trabalho realizado no âmbito do Mestrado em Arqueologia); Co-direcção dos projectos EVASAFREN (Estudo e Valorização de Sítios Arqueológicos na Área de Freixo de Numão – Vila Nova de Foz Côa) e ARQUEHORFREN (Estudo e Valorização de Sítios Arqueológicos – Áreas de Freixo de Numão e Horta do Douro – Vila Nova de Foz Côa), no âmbito dos quais elabora uma tese de doutoramento sobre o Neolítico Antigo regional e seu enquadramento peninsular.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de mestrado: *Contribuição para o estudo das indústrias líticas do vale do Rio Caia (Alto Alentejo - Portugal)*. Porto, 1996.

### **Principais trabalhos publicados**

- A Estação paleolítica da Jardoeira - Batalha : notícia preliminar. *Portvgalia*. Porto. Nova série. 11/12 (1990/1991). (Em colab. com João Pedro Cunha-Ribeiro)
- A Estação paleolítica do Cerro - Madalena, Vila Nova de Gaia. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto. 2ª série. 8 (1991) 411-428. (Em colab. com João Pedro Cunha Ribeiro)
- Novas perspectivas sobre sociedades de caçadores-recolectores : revisão crítica de "Man the Hunter". *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 37:3/4 (1997) 9-27.
- A Pré-história antiga da região do Porto : síntese bibliográfica. *Almadan*. 2ª série. 9 (2000) 74-78.
- A Estação Neolítica do Prazo (Freixo de Numão – Norte de Portugal) no contexto do Neolítico Antigo do Noroeste Peninsular : algumas considerações preliminares. In CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR, 3, Vila Real, 1999 - *Actas*. Porto : ADECAP, 2000. vol. 3, p. 149-168.
- Estação pré-histórica do Prazo - Freixo de Numão : estado actual dos conhecimentos. *Côavisão*. 4 (2002) 113-126.
- The Prehistoric site of Prazo (Freixo de Numão - Portugal) : stratigraphy and chronology (with short notes on archaeology) of Sector S1. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. (No prelo - em colab. com D. E. Angelucci)

**E-mail:** s.monteiro-rodrigues@clix.pt

## SUSANA MARIA SOARES RODRIGUES LOPES DE OLIVEIRA JORGE

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História, FLUP (1976); Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Universidade do Porto (1986); Agregação em História (Pré-História e Arqueologia), FLUP (1994). Monitora (1975-76), Assistente Eventual (1976-77), Assistente (1978-86), Professora Auxiliar (1986-89), Professora Associada (1990-94), **Professora Associada com Agregação (1994- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Membro do Conselho Pedagógico, FLUP (1986-87); Coordenadora da Secção de Arqueologia, DCTP-FLUP (1999- ); Membro do Conselho de Coordenação Técnica do LabCR, DCTP-FLUP; Membro da SPAE; Membro da ADECAP; Membro da Comissão Científica do 1º, 2º e 3º C. A. P. (1993, 1996, 1999); Representante de Portugal na Comissão de especialistas da Idade do Bronze criada no âmbito do Conselho da Europa (1993-97); Comissária científica da exposição "A Idade do Bronze em Portugal - Discursos de Poder" (1995); Coordenadora do Colóquio Internacional "Existe uma Idade do Bronze Atlântico?", (1995); Elemento da Comissão Inter-Universitária de Arqueologia do CRUP (1996); Representante de Portugal ao Comité Organizador da XXV Exposição de Arte do Conselho da Europa (1996); Membro correspondente do Instituto Arqueológico Alemão.

### **Projectos de investigação**

Projecto sobre o povoamento durante a Pré-história Recente (IIIº - inícios do IIº milénio a. C.) na região de Chaves/Vila Pouca de Aguiar (1981-90); Projecto sobre a origem e desenvolvimento da economia agro-pastoril em Trás-os-Montes e Alto Douro - coord. (1992); Projecto "Génese e consolidação do sistema agro-pastoril em Trás-os-Montes e Alto Douro" - coord. (1993-95); Projecto de estudo dos monumentos arqueológicos da área de Freixo de Numão, e em particular do Castelo Velho, designado EVASAFREN (1998-01) e depois ARQUEHORFREN (2002-05); Projecto de estudo, restauro, valorização e apresentação pública do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão - coord. (com investigação desde 1989).

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de doutoramento: *Povoados da pré-história recente (IIIº - inícios do IIº milénios a. C.) da região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto : Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, 1986. 3 vol.

Lição-síntese para Provas de Agregação: *Colónias, fortificações, lugares monumentalizados : trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico Peninsular*. Porto: [Faculdade de Letras], 1994. (Sep. de: *Revista da Faculdade de Letras. História*. 2ª série. 11 (1994) 447-546).

### **Principais trabalhos publicados**

- *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*. Porto : GEAP, 1988.
- *Nova História de Portugal. I - Portugal : das origens à romanização*. Lisboa : Ed. Presença, 1990. cap. 2-5, p. 75-251.
- *A Idade do Bronze em Portugal : discursos de poder*. (Coord.). Lisboa : Instituto Português de Museus, 1995. p. 16-20. (Catálogo de exposição)
- *Bronze Age settlements and territories on the Iberian Peninsula : new considerations*. In *Gods and Heroes of the Bronze Age : Europe at the time of Ulysses*. London : Thames and Hudson, 1999. p. 60-64.
- *Bronze Age stelai and menhirs of the Iberian Peninsula : discourses of power*. In *Gods and Heroes of the Bronze Age : Europe at the time of Ulysses*. London : Thames and Hudson, 1999. p. 114-122.
- *Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal) : a late prehistoric sanctuary with "stelai" of the Iberian Peninsula*. In *Gods and Heroes of the Bronze Age : Europe at the time of Ulysses*. London : Thames and Hudson, 1999. p. 137-141.
- *Domesticar a terra : as primeiras comunidades agrárias em território português*. Lisboa : Gradiva, 1999.

E-mail: vojsoj@sapo.pt

## VÍTOR MANUEL DE OLIVEIRA JORGE

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1972); Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Universidade do Porto (1982); Agregação em História (Pré-História e Arqueologia), FLUP (1989).

Assistente, Universidade de Luanda (1973-74); Assistente (1974-82), Professor Auxiliar (1982-84), Professor Associado (1984-89), Professor Associado com Agregação (1989-90), **Professor Catedrático (1990- )** FLUP.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Coordenador do mestrado de Arqueologia, FLUP (1989-95 e 1998-2000); Presidente do Conselho Directivo, FLUP (1994-95); Membro da Comissão Coordenadora, DCTP-FLUP (1998-00); Coordenador, durante vários anos, como representante da Universidade do Porto, de um programa Erasmus no âmbito da Arqueologia; Presidente da direcção da SPAE (1990- ); Coordenador, como Secretário-Geral para Portugal, da realização do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (1993) e respectivas actas (1993-95); Presidente da Comissão Instaladora do Instituto Português de Arqueologia e representante do Ministério da Cultura na comissão que criou o Programa ProCôa e na Comissão do Pavilhão de Portugal da Expo 98 (1995-96); Fundou a ADECAP, a cuja direcção preside (1997- ); Criou e dirige a revista *Journal of Iberian Archaeology*, Coordenou a realização e a edição de actas (10 vol.), como Secretário-Geral para Portugal, do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, realizado na UTAD, em Vila Real (1999); Presidente da União Internacional das Ciências Pré-históricas e Proto-históricas (desde 2001).

### **Projectos de investigação**

Coordenação das investigações do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira (1978-90); Estudo da necrópole megalítica do planalto de Castro Laboreiro - Melgaço (1992-94); Estudo e valorização de sítios arqueológicos do aro de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) - projecto EVASAFREN (1998-2001) e seu continuador ARQUEHORFREN (2002-2005) - coord.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Tese de licenciatura: *Conjuntos industriais de seixos afeiçoados do Sul de Portugal : aspectos e problemas*. Lisboa, 1972. 2 vol.

Dissertação de doutoramento: *Megalitismo do Norte de Portugal : o Distrito do Porto : os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*. Porto, 1982. 2 vol.

Lição-síntese para Provas de Agregação: Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos : conhecimentos e perspectivas actuais. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto. 2ª série. 6 (1989) 365-443.

### **Principais trabalhos publicados**

- *Projectar o passado : ensaios sobre Arqueologia e Pré-história*. Lisboa : Ed. Presença, 1987. (Biblioteca de Textos Universitários; nº 84).

- *Arqueologia em construção : ensaios*. Lisboa : Ed. Presença, 1990. (Biblioteca de Textos Universitários; nº 118).

- *Incursões na Pré-história*. Porto : Fundação Eng.º António de Almeida, 1991. (Em colab. com Susana Oliveira Jorge)

- *Recuperar o espanto : o olhar da Antropologia*. Porto : Ed. Afrontamento, 1997. (Coord., em colab. com Raul Iturra)

- *Arqueologia : percursos e interrogações*. Porto : ADECAP, 1998. (Em colab. com Susana Oliveira Jorge)

- *Arqueologia, património e cultura*. Lisboa : Instituto Piaget, 2000. (O Homem e a Cidade; nº 5).

- *Olhar o mundo como arqueólogo*. Coimbra : Quarteto, 2003.

**E-mail:** vojsoj@sapo.pt

## Dissertações de doutoramento em Pré-História e Arqueologia, defendidas e em curso<sup>1</sup>

<b>Nome:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Título:</b>	<i>Arquitectura românica de Entre-Douro e Minho</i>
<b>Data:</b>	1979
<b>Orientador:</b>	José António Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovado por maioria

<b>Nome:</b>	Vítor Manuel de Oliveira Jorge
<b>Título:</b>	<i>Megalitismo no Norte de Portugal : o distrito do Porto : os monumentos e a sua problemática no contexto europeu</i>
<b>Data:</b>	1982
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida; Jean Roche
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Título:</b>	<i>Povoados da pré-história recente da região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)</i>
<b>Data:</b>	1986
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida; Jean Roche
<b>Classificação:</b>	Aprovada por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Título:</b>	<i>A Cultura castreja no Norte de Portugal</i>
<b>Data:</b>	1987
<b>Orientador:</b>	Jorge Nogueira Lobo de Alarcão e Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Título:</b>	<i>A Circulação monetária no Noroeste da Hispânia até 192</i>
<b>Data:</b>	1988
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	Maria Teresa Cordeiro de Moura Soeiro
<b>Título:</b>	<i>O Progresso também chegou a Penafiel : resistência e mudança na cultura material (1741-1910)</i>
<b>Data:</b>	1994
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovada por unanimidade com distinção e louvor

<sup>1</sup> As dissertações aqui enumeradas respeitam aos doutoramentos dos membros do DCTP e a doutoramentos de pessoas não pertencentes ao corpo docente do Departamento, que actualmente se designam por "alunos externos".

<b>Nome:</b>	Lino Augusto Tavares Dias
<b>Título:</b>	<i>Tongobriga</i>
<b>Data:</b>	1995
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	Maria de Jesus Sanches
<b>Título:</b>	<i>O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto da Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro</i>
<b>Data:</b>	1995
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	Mário Jorge Lopes Neto Barroca
<b>Título:</b>	<i>Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)</i>
<b>Data:</b>	1996
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	Carlos Alberto Brochado de Almeida
<b>Título:</b>	<i>Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho</i>
<b>Data:</b>	1997
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	Maria de la Salette da Silva Brito da Ponte
<b>Título:</b>	<i>Corpus signorum das fibulas proto-históricas e romanas em Portugal</i>
<b>Data:</b>	2001
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovada por unanimidade

### Dissertações de doutoramento em curso

<b>Nome:</b>	António Baptista Lopes
<b>Tema:</b>	Origem e padrões de povoamento no Baixo Minho
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva

<b>Nome:</b>	Carla Maria Braz Martins
<b>Tema:</b>	A Exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Brochado de Almeida

<b>Nome:</b>	Fernando Augusto Pereira da Silva
<b>Tema:</b>	Megalitismo a sul do Douro : bacias do Vouga e Alto Paiva : práticas funerárias no Centro Norte litoral de Portugal durante a Pré-História recente
<b>Orientador:</b>	Vítor Manuel de Oliveira Jorge

<b>Nome:</b>	Nelson Henrique Campos Rebanda
<b>Tema:</b>	Arte rupestre pré-histórica na bacia média do Rio Douro : distribuição regional e problemas evolutivos
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva

<b>Nome:</b>	Sérgio Emanuel Monteiro Rodrigues
<b>Tema:</b>	A Transição dos últimos caçadores-recolectores para os primeiros produtores de alimentos no Norte de Portugal (c. de 10.000 BP a.C. a 5.000 BP)
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge



# **SECÇÃO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**



**DOCENTES**  
**Elementos curriculares**

## ARMANDO MANUEL BARREIROS MALHEIRO DA SILVA

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em Filosofia, Faculdade de Filosofia de Braga - Universidade Católica Portuguesa (1980); Licenciatura em História, FLUP (1980); Curso de Bibliotecário-Arquivista, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1980); Provas públicas de ingresso na carreira de Investigação, Universidade do Minho (1989); Doutoramento em História Contemporânea, Universidade do Minho (1999). Inscrito em segundo doutoramento (2001), na Escola de Engenharia, Universidade do Minho, com o tema *Um Modelo sistémico para conhecer e tratar informação - o MSI : estudo teórico-prático aplicado a alguns sistemas/serviços científicos de informação*.

Professor do Ensino Secundário (1979-81); Bibliotecário, Câmara Municipal de Barcelos (1981-83); Técnico Superior BAD, Arquivo Distrital de Braga (1983-85); Assistente Estagiário, Instituto de Ciências Sociais, Univ. do Minho (1985-89); Assistente de Investigação, Univ. do Minho (1989-00); Docente do Curso de Especialização em Ciências Documentais, Fac. de Letras da Univ. de Coimbra (1990-00); Investigador Auxiliar, Universidade do Minho (2000-02); Professor Auxiliar Convidado, DCTP-FLUP (2002-03); **Professor Auxiliar (2003- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Coordenador da Secção de Ciência da Informação, DCTP-FLUP (2003- ); Membro do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS 20), Univ. de Coimbra; membro do Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Univ. do Porto; Membro da redacção da revista *Bracara Augusta*, ed. pela Câmara Municipal de Braga, da Comissão Científica dos *Cadernos de Estudos Municipais*, ed. pelo Arq. Dist. de Braga, e da Comissão Científica da revista *Páginas a&b : arquivos e bibliotecas*, ed. pelo Gabinete de Estudos a&b; Presidente do Cons. Directivo da ASPA - Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural.

### **Projectos de investigação**

*Casas Armoriadas do Conselho dos Arcos de Valdevez. Subsídios para o estudo da nobreza arcoense; O General Norton de Matos e o seu tempo (1867-1955)* no âmbito do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS 20); edição completa das obras do Dr. Augusto César Esteves; coordenador do Projecto *Arquivo da Casa de Mateus*.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Trabalho de síntese para Provas Públicas: *Miguelismo : ideologia e mito*. Coimbra : Livraria Minerva, 1993.

Dissertação de doutoramento: *Sidónio e Sidonismo : história e mito*. Braga, 1997. 2 vol.

### **Principais trabalhos publicados**

- *Casas armoriadas do concelho dos Arcos de Valdevez*. Arcos de Valdevez : Câmara Municipal, 1989-1996. 4 vol. (Em colab. com Luís Damásio e José Queiroga)
- *La Nation portugaise : mythanalyse et réccurrence*. *Iris : revue du Centre de Recherches sur l'Imaginaire*. Grenoble. 15 (1995) 89-142.
- *A Gestão da informação arquivística e suas repercussões na produção do conhecimento científico*. In SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS DE TRADIÇÃO IBÉRICA, Rio de Janeiro, 2000 - *Actas*. (Disponível no site do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro)
- *Arquivos de família e pessoais : bases teóricas e metodológicas para uma abordagem científica*. In *Seminário sobre Arquivos de Família e Pessoais*. Vila Real : BAD, Grupo de Trabalho para os Arquivos de Família e Pessoais, 1997.
- *Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação*. Porto : Edições Afrontamento, cop. 1998. vol. 1. (Em co-autoria com Fernanda Ribeiro, Júlio Ramos e Manuel Luís Real. 2ª ed.: 2002)
- *António Cândido, Sidónio Pais e a elite política amarantina, 1850-1922 : elementos para o estudo das raízes familiares de Amadeo de Souza Cardoso*. Amarante : Câmara Municipal, 2000. (Em colab. com Luís Pimenta de Castro Damásio)
- *Das "Ciências" Documentais à Ciência da Informação : ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto : Edições Afrontamento, 2002. (Em co-autoria com Fernanda Ribeiro)

**E-mail:** malheiro@letras.up.pt

## CÂNDIDA FERNANDA ANTUNES RIBEIRO

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História, FLUP (1980); Curso de Bibliotecário-Arquivista, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra (1982); Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, especialidade de Ciências Documentais, FLUP (1993); Doutoramento em Ciências Documentais, Universidade do Porto (1999).

Bibliotecária-Arquivista, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão (1983-84); Bibliotecária-Arquivista, Arquivo Histórico Municipal do Porto (1984-89); Assistente Estagiária (1989-93), Assistente (1993-99), **Professora Auxiliar (1999- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico, FLUP (1999-00); Vogal da Comissão Executiva e membro da Comissão Coordenadora, DCTP-FLUP (1999- ); Membro da Comissão de Leitura, FLUP (2001-02) e Presidente da mesma (2002- ); Membro do Conselho Internacional de Arquivos; Membro do Conselho Técnico da BAD; Membro do Conselho Superior de Arquivos; Membro da Comissão Científica da revista *Páginas a&b : arquivos e bibliotecas*, editada pelo Gabinete de Estudos a&b.

### **Projectos de investigação**

Investigadora dos projectos: "Gestão da Informação no Sistema de Arquivo da Universidade do Porto", (1996-98); "O Sistema de Informação Arquivística da Universidade do Porto: desenvolvimento da sua gestão integrada", Programa PRAXIS XXI (1999-01); projecto europeu "E-TERM - European Training in Electronic Records Management", Programa Leonardo da Vinci (2000-01)

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Trabalho de síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica: *Indexação e controlo de autoridade em arquivos*. Porto : Câmara Municipal, Departamento de Arquivos, 1996.

Dissertação de doutoramento: *O Acesso à informação nos arquivos*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2003. 2 vol.

### **Principais trabalhos publicados**

- Subject indexing and authority control in archives : the need for subject indexing in archives and for an indexing policy using controlled language. *Journal of the Society of Archivists*. Abingdon. 17:1 (Apr. 1996) 27-54.
- *Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação*. Porto : Edições Afrontamento, cop. 1998. (Biblioteca das Ciências do Homem. Plural; 2). vol. 1, 254 p. (Em co-autoria com Armando Malheiro da Silva, Júlio Ramos e Manuel Luís Real. 2ª ed.: 2002)
- A Avaliação em Arquivística : reformulação teórico-prática de uma operação metodológica. *Páginas a&b*. Lisboa. 5 (2000) 57-113. (Em co-autoria com Armando Malheiro da Silva)
- Archival Science and changes in the paradigm. *Archival Science : international journal on recorded information*. Dordrecht [etc.]. 1:3 (2001) 295-310.
- *Universidade do Porto : estudo orgânico-funcional : modelo de análise para fundamentar o conhecimento do Sistema de Informação Arquivo*. Porto: Reitoria da Universidade, 2001. 693 p. (Em co-autoria com Maria Eugénia Matos Fernandes e com a colaboração de Rute Reimão)
- O desafio da formação profissional : novo paradigma, novo modelo formativo. In CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS; BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1, São Paulo, 2002 - *Integrar : textos*. Org. FEBAB - Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições. São Paulo : Imprensa Oficial, 2002. p. 419-440.
- *Das "Ciências" Documentais à Ciência da Informação : ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto : Edições Afrontamento, 2002. (Biblioteca das Ciências do Homem. Plural; 4). 174 p. (Em co-autoria com Armando Malheiro da Silva)

**E-mail:** fribeiro@letras.up.pt; fribeiro.hierro@netcabo.pt

## FAUSTO SANCHES MARTINS

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História, FLUP (1980); Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, FLUP (1986); Doutoramento em Letras, especialidade de História de Arte, Universidade do Porto (1995).

Assistente Estagiário (1982-86), Assistente (1986-95), **Professor Auxiliar (1995- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Membro da Assembleia de Representantes (1983-85); Membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico, FLUP (1995-96, 1997-99); Vogal da Comissão Executiva do DCTP (1997-99); Coordenador da Revista do DCTP (2001- )

### **Projectos de investigação**

Áreas e interesses: Arquitectura das Ordens Religiosas em Portugal; Arte dos Jesuítas; Iconografia. Nos anos lectivos de 1996-97 e de 1997-98 assegurou a direcção dos trabalhos de cinco mestrandos sobre "Arquitectura das Ordens Religiosas em Portugal: séc. XVI-XVIII"; no ano lectivo de 1997-98, assegurou a direcção dos trabalhos de um doutorando; no ano lectivo de 1998-99, assegurou a direcção dos trabalhos de três mestrandos e um doutorando; no ano lectivo de 2002-03, assegurou a direcção de trabalhos de dois mestrandos e de quatro doutorandos.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Trabalho de síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica: *O Colégio de S. Lourenço : 1560-1774*. Porto, 1986.

Dissertação de doutoramento: *A Arquitectura dos primeiros colégios jesuítas em Portugal : 1542-1759 : cronologia, artistas e espaços*. Porto, 1995.

### **Principais trabalhos publicados**

- Subsídios para a história da fábrica de cerâmicas do Carvalhinho. *Gaya*. Vila Nova de Gaia. 2 (1984).
- Estudo iconográfico do retábulo-sacrário da Capela do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de Caminha. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto. 2ª série. 5 (1988) 337-364.
- O Trono Eucarístico do retábulo barroco português : formas e simbolismo. In CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO, 1, Porto, 1989- *Actas*. Porto : Reitoria da Universidade; Governo Civil do Porto, 1991.
- Presença dos Jesuítas em Bragança e introdução do culto e devoção a Santa Bárbara no séc. XVIII. In CONGRESSO HISTÓRICO, 1, Bragança, 1996 - *Páginas da história da Diocese Bragança-Miranda, 1545-1995 : actas*. Bragança : Comissão de Arte Sacra de Bragança-Miranda, 1997.
- Colunas triunfais da igreja de S. Gonçalo de Amarante : interpretação simbólica, iconográfica e iconológica. *Actas*. Amarante, 2000.
- *Azulejaria Portuense*. Lisboa : Edições INAPA, 2001. (Coleção Portucale). 136 p.
- *Speculum Humanae Salvationis* : estudo iconográfico e iconológico do sacrário de prata da Sé do Porto. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. 1 (2002) 173-202.

E-mail: [dctp@letras.up.pt](mailto:dctp@letras.up.pt)

## **JOSÉ AMADEU COELHO DIAS (Fr. GERALDO)**

### **Percursos académico e profissional**

Licenciatura em Teologia, Roma (1960); Pontificium Institutum Biblicum, Roma (1959-60); Estágio bíblico-arqueológico “Studium Biblicum Franciscanum”, Jerusalém, 1961; Licenciatura em História, FLUP (1980); Doutoramento em Letras, especialidade de História da Antiguidade Oriental, Universidade do Porto (1994); Agregação, FLUP (2002).

Assistente Estagiário (1982-86), Assistente (1986-94), Professor Auxiliar (1994-02); **Professor Auxiliar com Agregação (2002- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Membro da Academia Mariana, Roma; Membro da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais; Sócio Correspondente da Academia Portuguesa da História; Membro do Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto (GEHVID); Membro da Asociación Internacional de Historia y Civilización de la Vid y el Vino, Puerto de Santa Maria, Espanha.

### **Projectos de investigação**

Áreas de interesse: Culturas do Médio Oriente; religiosidade popular; estudo do monaquismo, particularmente beneditino e cisterciense, em Portugal. Orientador de mestrados em História Moderna e Filosofia Medieval.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de doutoramento: *Hebreus e Filisteus na terra de Canã : nos primórdios da Questão Palestiniana*. Porto, 1994.

### **Principais trabalhos publicados**

- O Cabido da Sé do Porto e a Comuna dos Judeus : por uma dobra e um açougue. *Hvmanistica e Teologica*. Porto. 4:3 (1983).
- Vicissitudes da Colegiada da Oliveira e o seu tesouro documental. *Gil Vicente*. Guimarães. 26 (1992).
- O Mosteiro de Tibães e a reforma dos beneditinos portugueses. *Revista de História*. Porto. (1993).
- Perspectivas bíblicas da mulher e monaquismo medieval feminino. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto. 2ª série. 12 (1995).
- Hagiografia e iconografia beneditinas : os “Diálogos” do Papa S. Gregório Magno. *Via Spiritus*. Porto. 3 (1997).
- O Vinho alegra o coração do homem : o apreço do vinho na Bíblia. *Douro : estudos & documentos*. Porto. 3 (1997).
- *Bernardo de Claraval : apologia para Guilherme, Abade*. Apresentação, tradução e notas. Porto : Fundação Engº António de Almeida, 1997.

E-mail: geraldoben@mail.telepac.pt

## MARIA ELISA RAMOS DE MORAIS CERVEIRA

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História, FLUP (1983); Curso de Especialização em Ciências Documentais, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra (1985).

Professora do Ensino Preparatório (1981-83); Bibliotecária de 2ª classe, Arquivo Histórico Municipal do Porto (1986-87); Bibliotecária de 2ª classe, Biblioteca Pública Municipal do Porto (1987-92); **Assistente Convidada (1992- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Membro da Comissão Executiva, DCTP-FLUP (1997-99; 2002- ); Membro do Conselho de Departamento, DCTP-FLUP (1997- ); Sócia da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas

### **Trabalhos publicados**

- *A Medicina Portuguesa no Mundo*. Porto : 3º Congresso Ibero-Americano de Oncologia, 1991. (Em co-autoria com Romero Bandeira)
- *O Cõnvento de Santo António da Cidade*. Porto : Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1992. (Em co-autoria com Maria Adelaide Meireles)
- Os Intervenientes na organização da biblioteca/mediateca escolar. In ENCONTRO NACIONAL SOBRE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO NA ESCOLA, 1ª, Lisboa, 1996 - *Comunicações*. Lisboa: BAD, 1996.
- Curso de Especialização em Ciências Documentais - 10º aniversário : balanço e perspectivas futuras. In *Formação profissional na área BAD : mesa-redonda organizada pelo Curso de Especialização em Ciências Documentais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto : FLUP, 1996. p. 11-42. (Em co-autoria com Fernanda Ribeiro e Ana Gonçalves Azevedo). Também publicado em: *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto. 2ª série. 12 (1995) 477-501
- Bibliotecas, bibliotecários e “bibliotequices”. In *Da Memória do Mundo*. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996. p. 121-123.
- A Referência bibliográfica de documentos impressos e electrónicos: análise comparativa das normas NP405-1 e ISO690-1. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. 1 (2002) 111-128.

**E-mail:** elisa.cerveira@clix.pt ou cerveira@letras.up.pt

## Dissertações de doutoramento em Ciências Documentais, defendidas e em curso<sup>1</sup>

<b>Nome:</b>	Cândida Fernanda Antunes Ribeiro
<b>Título:</b>	<i>O Acesso à informação nos arquivos</i>
<b>Data:</b>	1999
<b>Orientador:</b>	José Marques; Michael Cook (co-orientador)
<b>Classificação:</b>	Aprovada por unanimidade

### Dissertações de doutoramento em curso

<b>Nome:</b>	Pedro Manuel Pereira Penteado
<b>Tema:</b>	<i>A Gestão da informação arquivística nas confrarias, irmandades e misericórdias de Portugal</i>
<b>Orientador:</b>	Cândida Fernanda Antunes Ribeiro

<b>Nome:</b>	Josemar Henrique de Melo
<b>Tema:</b>	<i>A Ideia de arquivo: o cartório da Secretaria do Governo da Capitania de Pernambuco (1687-1809)</i>
<b>Orientador:</b>	Cândida Fernanda Antunes Ribeiro

<sup>1</sup> As dissertações aqui enumeradas respeitam aos doutoramentos dos membros do DCTP e a doutoramentos de pessoas não pertencentes ao corpo docente do Departamento, que actualmente se designam por “alunos externos”.



**SECÇÃO DE HISTÓRIA DA ARTE**



**DOCENTES**  
**Elementos curriculares**

## AGOSTINHO RUI MARQUES DE ARAÚJO

### Percurso académico e profissional

Bacharelato em História, FLUP (1974); Licenciatura em História, FLUP (1976); Doutoramento em História, especialidade de História da Arte, Universidade do Porto (1991).

Monitor (1974), Assistente Eventual, Assistente, Assistente Convidado, Prof. Auxiliar, Prof. Associado (1995- ).

### Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro

Membro do Conselho Pedagógico, Secção de História, FLUP (1975-76); Secretário do Conselho Científico, FLUP (1992); Secretário do Instituto de História da Arte, FLUP (1994-96); Vogal da Comissão Coordenadora de História no Conselho Científico, FLUP (1994-96); Vogal da Comissão Coordenadora do Mestrado de História da Arte em Portugal, FLUP (1996-98); Coordenador da Secção de História da Arte, DCTP-FLUP (1997-98); Coordenador da Avaliação Interna da Licenciatura em História, variante de História da Arte, FLUP (1999); Coordenador do Mestrado em História da Arte em Portugal, FLUP (2001- ); Secretário da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte (1994-96).

### Projectos de investigação

Coordenador, no Museu de Etnografia e História da Póvoa de Varzim, do projecto “Inventariação dos ex-votos poveiros”; coordenador, na FLUP, da Área 4 - “Arquitectura, pintura e património artístico”, do projecto “Santuários e Itinerários de Santidade no Norte de Portugal”, do Programa PRAXIS XXI.

### Trabalhos apresentados em provas académicas

Dissertação de doutoramento: *Experiência da natureza e sensibilidade pré-romântica em Portugal : temas de pintura e seu consumo (1780-1825)*. Porto, 1991. 2 vol.

### Principais trabalhos publicados

- O Palácio neogótico de Monserrate e a sua leitura ao longo do Pré-Romantismo (1791-1836). In CONGRESSO INTERNACIONAL: SINTRA E O ROMANTISMO EUROPEU, 1, Sintra - - *Actas*. Sintra : Instituto de Sintra, 1988.
- A “*Assembleia Britânica*” em Lisboa e a sua sede (1771-1819). In COLÓQUIO COMEMORATIVO DO VI CENTENÁRIO DO TRATADO DE WINDSOR, Porto, 1986 - *Actas*. Porto : Instituto de Estudos Ingleses, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1988. (Ed. também, com trad. de Margaret Keltling, pela British Historical Society of Portugal, 1988)
- O Infante D. Henrique visto pela época romântica. In *O Rosto do Infante : exposição : catálogo*. Tomar : Convento de Cristo; Viseu : Pavilhão das Indústrias; Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994. p 54-85.
- Introdução; Jean Pillement : plenipotenciário da arte francesa junto de várias cortes da Europa; O Homem e a Natureza; As Forças da Natureza : a força do tempo; A Decoração. In *Jean Pillement e o paisagismo em Portugal no séc. XVIII : exposição : catálogo*. Lisboa : Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, 1997. p. 13-17, 43-73, 79-83, 121-123, 137-139, il. (Ed. também em inglês (trad. de Paul Sabin) e francês (trad. de Ana Corte-Real e Pierre Leglise-Costa))
- Pintura votiva setecentista e figuração de negros : cenas do tempo das minas. In *Portugal-Brasil, Brasil-Portugal : duas faces de uma realidade artística*. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.
- Condição social de um pintor da costa baixo-minhota na segunda metade do séc. XVIII. *Anais - Universidade Autónoma de Lisboa. Série História*. Lisboa. 5/6 (2001).
- Artes várias, duros tempos : notas para o estudo de uma família italo-portuguesa (ca. 1788-1838). *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. 1 (2002).

E-mail: dctp@letras.up.pt

## **CELSO FRANCISCO DOS SANTOS**

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História, FLUP (1980); Mestrado em História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (1989).

Assistente Estagiário (1982-86), Assistente Convidado (1986-89), Assistente (1989-98), Assistente Convidado (1998- ).

### **Cargos desempenhados e instituições de que é membro**

Membro da Assembleia de Representantes, FLUP (1986-97); Membro do Centro de História da Universidade do Porto; Membro da Associação Portuguesa dos Historiadores de Arte.

### **Projectos de investigação**

Investigador do projecto “Santuários e Itinerários de Santidade no Norte de Portugal”, Área 4 - - “Arquitectura, Pintura e Património Artístico”, do Programa PRAXIS XXI.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de mestrado: *A Arquitectura do Mosteiro de Grijó, 1574-1636 : obras e artistas*. Lisboa, 1989.

### **Trabalhos publicados**

- *Aulas de Desenho e de Debuxo : teoria e prática : dois exemplos da metade de setecentos*.

Comunicação apresentada ao I Encontro “A Indústria Portuense em Perspectiva Histórica”, Porto, 1997 (em publicação).

- *O Debuxo na Real Fábrica das Sedas de Lisboa*.

Comunicação apresentada ao Colóquio Internacional “Rotas da Seda”, Macedo de Cavaleiros, 1998 (em publicação).

- João Maria Policarpo May : debuxador e lente da Aula de Desenho da Real Fábrica das Sedas. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. 1 (2002) 203-209.

- *Algumas notícias sobre santuários e piedade popular no Portugal de Setecentos*.

(Em publicação).

E-mail: dctp@letras.up.pt

## FAUSTO SANCHES MARTINS

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História, FLUP (1980); Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, FLUP (1986); Doutoramento em Letras, especialidade de História de Arte, Universidade do Porto (1995).

Assistente Estagiário (1982-86), Assistente (1986-95), **Professor Auxiliar (1995- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Membro da Assembleia de Representantes (1983-85); Membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico, FLUP (1995-96, 1997-99); Vogal da Comissão Executiva do DCTP (1997-99); Coordenador da Revista do DCTP (2001- )

### **Projectos de investigação**

Áreas e interesses: Arquitectura das Ordens Religiosas em Portugal; Arte dos Jesuítas; Iconografia. Nos anos lectivos de 1996-97 e de 1997-98 assegurou a direcção dos trabalhos de cinco mestrados sobre "Arquitectura das Ordens Religiosas em Portugal: séc. XVI-XVIII"; no ano lectivo de 1997-98, assegurou a direcção dos trabalhos de um doutorando; no ano lectivo de 1998-99, assegurou a direcção dos trabalhos de três mestrados e um doutorando; no ano lectivo de 2002-03, assegura a direcção de trabalhos de dois mestrados e de quatro doutorandos.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Trabalho de síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica: *O Colégio de S. Lourenço : 1560-1774*. Porto, 1986.

Dissertação de doutoramento: *A Arquitectura dos primeiros colégios jesuítas em Portugal : 1542-1759 : cronologia, artistas e espaços*. Porto, 1995.

### **Principais trabalhos publicados**

- Subsídios para a história da fábrica de cerâmicas do Carvalhinho. *Gaya*. Vila Nova de Gaia. 2 (1984).
- Estudo iconográfico do retábulo-sacrário da Capela do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de Caminha. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto. 2ª série. 5 (1988) 337-364.
- O Trono Eucarístico do retábulo barroco português : formas e simbolismo. In CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO, 1, Porto, 1989- *Actas*. Porto : Reitoria da Universidade; Governo Civil do Porto, 1991.
- Presença dos Jesuítas em Bragança e introdução do culto e devoção a Santa Bárbara no séc. XVIII. In CONGRESSO HISTÓRICO, 1, Bragança, 1996 - *Páginas da história da Diocese Bragança-Miranda, 1545-1995 : actas*. Bragança : Comissão de Arte Sacra de Bragança-Miranda, 1997.
- Colunas triunfais da igreja de S. Gonçalo de Amarante : interpretação simbólica, iconográfica e iconológica. *Actas*. Amarante, 2000.
- *Azulejaria Portuense*. Lisboa : Edições INAPA, 2001. (Coleção Portucale). 136 p.
- Speculum Humanae Salvationis : estudo iconográfico e iconológico do sacrário de prata da Sé do Porto. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. 1 (2002) 173-202.

E-mail: dctp@letras.up.pt

## JOAQUIM JAIME BARROS FERREIRA-ALVES

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História, FLUP (1975); Doutoramento em Letras, especialidade de História da Arte, Universidade do Porto (1988); Agregação, FLUP (1996).

Monitor (1974-75), Assistente Eventual (1975-77), Assistente (1977-88), Professor Auxiliar (1988-90), Professor Associado (1990-96), **Professor Associado com Agregação (1996- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico, representando a secção de História, FLUP (1988-94); Membro da Comissão Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Museologia da Universidade do Porto (1990-96); Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Museologia, DCTP-FLUP (1997-98); Membro da Comissão Coordenadora, DCTP-FLUP (1999-02).

### **Projectos de investigação**

Área de interesse: Arquitectura e História Urbana (séculos XVII-XVIII) e Festa / Arte Efémera.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de doutoramento: *O Porto na época dos Almadás (1757-1802) : arquitectura, obra públicas*. Porto : Câmara Municipal, 1986-1990. 2 vol.

Dissertação complementar de doutoramento: *A Festa barroca no Porto ao serviço da Família Real na segunda metade do século XVIII : subsídios para o seu estudo*. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto. 2ª série. 5 (1988) p. 9-67.

Lição-síntese para Provas de Agregação: *As Obras na Sé do Porto (1717-1741) : o novo formulário estético e a sua influência na arquitectura da cidade*. Porto, 1996.

### **Principais trabalhos publicados**

- Festejos públicos no Porto pela «Declaração de Regência» de D. João Príncipe do Brasil. *Poligrafia*. Arouca. 7/8 (2000).
- Cerimónias fúnebres por D. Pedro III (1786). In *Estudos de Homenagem a João Francisco Marques*. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001. vol. 1, p. 439-455.
- O Porto no nascimento de D. Pedro de Alcântara. In CONGRESSO INTERNACIONAL D. PEDRO IMPERADOR DO BRASIL, REI DE PORTUGAL - *Do Absolutismo ao Liberalismo : actas*. Porto : Universidade do Porto ; Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses, 2001. p. 401-414.
- *O «Magnífico Aparato» : formas da festa ao serviço da Família Real no século XVIII*. 2.ª ed. aumentada. Porto : Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família da Universidade Moderna do Porto, 2001. (1ª ed.: 1993)
- *A Casa Nobre no Porto na Época Moderna*. Lisboa : Edições INAPA, 2001. 152 p. (Colecção Portucale).
- Elementos para a história do Convento da Madre de Deus de Monchique. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. 1 (2002) 427-435.
- O Aljube do Porto : alguns documentos para a sua história. In CONGRESSO SOBRE A DIOCESE DO PORTO "TEMPOS E LUGARES DE MEMÓRIA", 1, Porto, Arouca, 1998 - *Actas*. Porto : Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão [etc.], 2002. vol. 1, p. 427-435.

**E-mail:** dctp@letras.up.pt

## LÚCIA MARIA CARDOSO ROSAS

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História, FLUP (1980); Pós-graduação em História de Arte na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Universidade Nova de Lisboa (1983). Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, FLUP (1987); Doutoramento em Letras, especialidade de História de Arte, Universidade do Porto (1996).

Assistente Estagiária, Universidade do Minho (1981-83); Assistente Estagiária (1983-87), Assistente (1987-96), **Professora Auxiliar (1996- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Conselho Pedagógico, FLUP (1988); Vogal da Comissão Executiva, DCTP (1997-99); Conselho Científico, FLUP (1997-99); Coordenadora da Secção de História de Arte, DCTP (2002- ); Responsável pelo Seminário de Património e Restauro do Mestrado em História da Arte em Portugal, FLUP (1996-97); Comissão Executiva do Mestrado em História da Arte em Portugal (2001-03). Júri de Selecção do "Programa de Bolsas de Investigação para Jovens Historiadores e Antropólogos" da Fundação da Juventude (1994-95); Comissão Científica da Exposição Europália 91, *Aux Confins du Moyen Age - Art Portugais XII-XV siècles* (1989-90) apresentada em Gand, Madrid e Porto; Comissão Municipal de Defesa do Património da Câmara Municipal do Porto, representando o DCTP/FLUP; Conselho Editorial da Revista *Monumentos*, edição da DGEMN. Coord. do volume VI da Coleção Arte do Eixo Atlântico, Nova Galicia.

### **Projectos de investigação**

Áreas: História da Arte Medieval em Portugal; Património e Restauro.

Projecto PRAXIS XXI: "Santuários e Itinerários de Santidade no Norte de Portugal - Área IV - - Arquitectura, Pintura e Património Artístico"; Pronorte - Proj. Fronteira "Do Douro Internacional ao Côa". Consultora da Linha de investigação de "Arte e Património" do GEHVID/ /F.C.T. Integrou a equipa responsável pelo estudo do Património Vernacular do Alto Douro Vinhateiro no âmbito da Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial - *Plano Intermunicipal de Ordenamento do Território - Alto Douro Vinhateiro*, Vila Real, UTAD, PIOT, 2001.

Orienta 5 teses de Mestrado e 2 teses de Doutoramento em História da Arte.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Trabalho de síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica: *A Escultura românica das igrejas da margem esquerda do rio Minho*. Porto, 1987. 2 vol.

Dissertação de doutoramento: *Monumentos pátrios : a arquitectura religiosa medieval : património e restauro (1835-1928)*. Porto, 1995. 2 vol.

### **Principais trabalhos publicados**

- Sculpture et Orfèvrerie. In *Aux Confins du Moyen Age : art portugais XII-XV siècles*. Gand, 1991. p. 89-95.
- O Claustro da Colegiada de N.ª Sra. da Oliveira de Guimarães. *Portugália*. Porto. Nova série. 17/18 (1996/1997) 255-268.
- *Do Douro Internacional ao Côa : as raízes de uma fronteira : levantamento do património medieval dos concelhos de Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo, Freixo de Espada à Cinta, Meda, Miranda do Douro, Mogadouro, Pinhel, Sabugal, Torre de Moncorvo e Vila N. de Foz Côa*. Porto : Instituto de Documentação Histórica da FLUP, 2000. CD-ROM. (Em colab. com Mário Jorge Barroca)
- *O Património vernacular do Douro Vinhateiro*. 2000. (Em colab. com Teresa Soeiro e Natália F. Ferreira)
- *Leça do Balio no tempo dos Cavaleiros do Hospital*. Lisboa : Edições INAPA, 2001. (Colecção Portucale). (Em colab. com Paula Pinto Costa)
- *Plano intermunicipal de ordenamento do território : Alto Douro Vinhateiro*. Vila Real : UTAD; PIOT, 2001. (Em colab. com Teresa Soeiro e Natália F. Ferreira)
- *De Miranda do Douro ao Sabugal : arquitectura, pintura e imaginária : análise e caracterização (séculos XII-XV)*. (No prelo)

**E-mail:** dctp@letras.up.pt

## MANUEL JOAQUIM MOREIRA DA ROCHA

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em Ciências Históricas, Universidade Portucalense (1989); Mestrado em História da Arte, FLUP (1995).

Assistente, Universidade Portucalense (1989-97); Assistente (1997- ).

### **Cargos desempenhados e instituições de que é membro**

Presidente do Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão (1992- ); Director da Revista *Poligrafia*; Consultor científico-cultural do Museu Rainha Santa Mafalda; Colaborador com o IPPAR no projecto de transformação do Convento de Arouca.

### **Projectos de investigação**

A preparar doutoramento em História da Arte sobre o Mosteiro de Arouca.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de mestrado: *Manuel Fernandes da Silva, mestre e arquitecto de Braga, 1693-1751*. Porto, 1996.

### **Principais trabalhos publicados**

- *Bispos do Porto : retratos*. Porto : Diocese, 1992.

- Construção de capelas pela Irmandade do Senhor dos Passos : uma Via Crucis no espaço urbano. *Poligrafia*. Arouca. 1 (1992) 65-85.

- Altares e invocações na Sé de Braga : a formação de um espaço contra-reformista. *Museu*. Porto. 4ª série. 2 (1994) 37-53.

- A Capela de Santo Ovídio de Caldelas : um projecto vindo do Brasil. *Museu*. Porto. 4ª série. 3 (1995) 197-208.

- O Edifício da Santa Casa da Misericórdia do Porto na Rua das Flores. In *Tesouros Artísticos da Misericórdia do Porto*. Porto, 1995. p. 27-45.

- As Capelas de Santa Madalena do Monte da Falperra : nova abordagem. *Hvmanistica e Teologica*. 17:1/2 (1996) 165-187.

- Espaços de culto público e privado nas margens do Douro ; uma abordagem. *Poligrafia*. Arouca. 5 (1996) 57-72.

E-mail: [dctp@letras.up.pt](mailto:dctp@letras.up.pt)

## MARIA LEONOR BARBOSA SOARES

### Percurso académico e profissional

Licenciatura em História (variante Arte) - Ramo Científico, FLUP (1992); Mestrado em História da Arte, FLUP (1997).

Docente do Instituto Superior de Paços de Brandão, Curso de Relações Públicas e Publicidade (1993-94 e 1998-99); Assistente convidada, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (1997-98); Assistente da Escola das Artes da Universidade Católica do Porto (1999-02).

**Assistente Convidada (2002- ).**

### Cargos desempenhados e instituições de que é membro

Formadora da Associação de Professores de História, tendo participado nas Acções de Formação “Percurso da Arte Portuguesa Contemporânea, séculos XIX-XX” e “Tendências das Artes Plásticas, em Portugal, na segunda metade do século XX” (1998-2001); Técnica Superior de Museologia, Associação Para o Museu dos Transportes e Comunicações (1999); Membro do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

### Projectos de investigação

Bolseira da JNICT (1996-97), para realizar o tratamento museográfico do espólio do Instituto do Professorado Primário Oficial Português, sob a coordenação do Prof. Doutor José Alberto Correia; Elemento da equipa de investigação do «Projecto IPPOP. O Instituto do Professorado Primário Oficial Português: História da Instituição e de um Grupo Sócio-Profissional», do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (1994-97); Membro da equipa de investigação do projecto «Para um Museu Vivo da Escola Primária» fazendo investigação histórica com vista ao tratamento museológico de materiais educativos (1997-2001).

### Trabalhos apresentados em provas académicas

Dissertação de mestrado: *Eduardo Luiz : uma obra-síntese de lições e de tempos*. Porto, 1997. 2 vol.

### Principais trabalhos publicados

- Arquivos de um admirável mundo. In *Catálogo da exposição de pintura de Evelina Oliveira - Arquivos de um Admirável Mundo*. Porto : Galeria da Praça, 1996.
- *Nos esconderijos do visível*. (Texto sobre a exposição *4 professores artistas-plásticos: Emerenciano, Eulália Santos, Graça Martins, Isabel de Sá* realizada na Escola EB-2/3 de Valbom, no âmbito das comemorações dos 25 anos da escola).
- O Projecto “Para um Museu Vivo da Escola Primária” : concepção e inventário. In *A Escola Primária : entre a Imagem e a Memória*. Porto : Projecto “Museu Vivo da Escola Primária”, 2000.
- Geometrias flexíveis. In *Catálogo da Exposição Contaminações de Evelina Oliveira*. Porto : Galeria Serpente, 2002.
- Uma Estética do presságio e Em traços íntimos e esquivos. In *Catálogo da Exposição Graça Martins. Isabel de Sá : 25 anos de pintura*. Porto : Galeria Álvarez, 2002.
- Aonde o lugar da Alma? In *Catálogo da Exposição Aonde o Lugar da Alma? de Evelina Oliveira*. Porto : Cooperativa Árvore, 2002.
- Capricci. In *Catálogo da Exposição Capricci de Jorge Humberto*. Porto : Galeria Artemanifesto, 2002.

**E-mail:** leonorsoares@net.sapo.pt

## NATÁLIA DO CARMO MARQUES MARINHO FERREIRA-ALVES

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História e Curso de Ciências Pedagógicas, FLUP (1972); Doutoramento em Letras, especialidade de História da Arte, Universidade do Porto (1987); Agregação, FLUP (1995).

Assistente Eventual (1974-76), Assistente (1976-87), Professora Auxiliar (1987-90), Professora Associada (1990-95); Professora Associada com Agregação (1995-2002); **Professora Catedrática (2002- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Presidente do Instituto de História da Arte, FLUP (1994-96); Coordenadora do Mestrado de História da Arte em Portugal, FLUP (1996-98; 1998-2000); Membro da Comissão Coordenadora, DCTP-FLUP (1998- ); Presidente do Departamento de Ciências e Técnicas do Património, FLUP (1999- ); Membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico, FLUP (1999- ); Presidente da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte (1994-96); Secretária da Secção Portuguesa do Comité Internacional de História da Arte (1994-02); Académica Correspondente da Academia Nacional de Belas-Artes; Académica Correspondente da Real Academia de Bellas Artes de Santa Isabel de Hungria (Sevilha); Membro da Royal Society of Arts (England); Membro da Société de l'Histoire de l'Art Français; Membro do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira. Membro da Comissão Científica da revista *Poligrafia* e da *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*.

### **Projectos de investigação**

Área de investigação: Arte Barroca - Talha e Imaginária (sécs. XVII-XIX); Projecto "Santuários e Itinerários de Santidade no Norte de Portugal" - Área 5, do Programa PRAXIS XXI.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de doutoramento: *A Arte da talha no Porto na época barroca : artistas e clientela, materiais e técnica*. Porto : Arquivo Histórico, Câmara Municipal, 1989. (Documentos e Memórias para a História do Porto; 47). 2 vol.

Dissertação complementar: *O Santuário do Senhor de Perafita : aspectos da mentalidade religiosa popular na segunda metade do século XVIII*. Vila Real : Biblioteca Pública e Arquivo Distrital, Instituto Português do Património Cultural, 1987.

Lição-síntese para Provas de Agregação: *A Talha joanina portuense : definição de uma escola : artistas e obras*. Porto, 1995.

### **Principais trabalhos publicados**

- A Presença de Miguel Francisco da Silva na igreja do Mosteiro de Santa Maria de Arouca. In COLÓQUIO "CISTER: ESPAÇOS, TERRITÓRIOS, PAISAGENS" - *Actas*. Lisboa : Instituto Português do Património Arquitectónico, 2000. vol. 2, p. 465-472.
- Robert C. Smith e a talha do Reino. In *Robert C. Smith, 1912-1975 : a investigação na História da Arte*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 146-161.
- Acerca da talha dourada no Norte de Portugal : do século XVII ao advento do Neoclássico. In *Portugal/Brasil - Brasil/Portugal : duas faces de uma realidade artística*. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. p. 12-17 e 304-319.
- A Casa do Cabido e a sua talha : algumas reflexões. *Monumentos*. Lisboa. 14 (2001) 20-25.
- *A Escola da talha portuense e a sua influência no Norte de Portugal*. Lisboa : Edições INAPA, 2001. 136 p. (Colecção Portucale).
- O Tempo de Deus e o tempo dos homens : o destino da talha da Sé do Porto. In CONGRESSO SOBRE A DIOCESE DO PORTO "TEMPOS E LUGARES DE MEMÓRIA", 1, Porto, Arouca, 1998 - *Actas*. Porto : Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão [etc.], 2002. vol. 1, p. 107-123.
- *O Barroco no Norte de Portugal*. (Trabalho inserido no projecto Museu sem Fronteiras – Programa de Incremento do Turismo Cultural - a publicar)

E-mail: dctp@letras.up.pt

**Dissertações de doutoramento em História da Arte,  
defendidas e em curso<sup>1</sup>**

<b>Nome:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Título:</b>	<i>Arquitectura românica de Entre-Douro e Minho</i>
<b>Data:</b>	1979
<b>Orientador:</b>	José António Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovado por maioria

<b>Nome:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Título:</b>	<i>A Arte da talha no Porto na época barroca : artistas e clientela : materiais e técnica</i>
<b>Data:</b>	1987
<b>Orientador:</b>	Eugénio Francisco dos Santos
<b>Classificação:</b>	Aprovada por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves
<b>Título:</b>	<i>O Porto na época dos Almadás (1757-1804) : arquitectura, obras públicas</i>
<b>Data:</b>	1988
<b>Orientador:</b>	Luís António de Oliveira Ramos
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo
<b>Título:</b>	<i>Experiência da natureza e sensibilidade pré-romântica em Portugal : temas de pintura e seu consumo (1780-1825)</i>
<b>Data:</b>	1991
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Título:</b>	<i>O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no norte do País na primeira metade do século XX</i>
<b>Data:</b>	1992
<b>Orientador:</b>	José Augusto França
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	Fausto Sanches Martins
<b>Título:</b>	<i>A Arquitectura dos primeiros colégios Jesuítas de Portugal : 1542-1729</i>
<b>Data:</b>	1995
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade com distinção e louvor

<sup>1</sup> As dissertações aqui enumeradas respeitam aos doutoramentos dos membros do DCTP e a doutoramentos de pessoas não pertencentes ao corpo docente do Departamento, que actualmente se designam por "alunos externos".

<b>Nome:</b>	Lúcia Maria Cardoso Rosas
<b>Título:</b>	<i>Monumentos pátrios : a arquitectura religiosa medieval : património e restauro (1835-1929)</i>
<b>Data:</b>	1996
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida; Artur Nobre de Gusmão
<b>Classificação:</b>	Aprovada por unanimidade com distinção e louvor

<b>Nome:</b>	Teresa Leonor Magalhães do Vale
<b>Título:</b>	<i>A Importação de escultura italiana no contexto das relações artístico-culturais entre Portugal e Itália no século XVII</i>
<b>Data:</b>	1999
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada por unanimidade

<b>Nome:</b>	Emília Isabel Mayer Godinho Mendonça
<b>Título:</b>	<i>António José Landi (1713/1791) : um artista entre dois continentes</i>
<b>Data:</b>	2000
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada por unanimidade

<b>Nome:</b>	Maria Luísa Gonçalves Reis Lima
<b>Título:</b>	<i>A Talha neoclássica bracarense</i>
<b>Data:</b>	2001
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada por unanimidade

<b>Nome:</b>	Luiz Alberto Ribeiro Freire
<b>Título:</b>	<i>A Talha neoclássica na Bahia</i>
<b>Data:</b>	2001
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade

<b>Nome:</b>	Luis Alexandre Rodrigues
<b>Título:</b>	<i>De Miranda a Bragança : arquitectura religiosa de função paroquial na época moderna</i>
<b>Data:</b>	2002
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade

<b>Nome:</b>	Gonçalo Mesquita da Silveira de Vasconcelos e Sousa
<b>Título:</b>	<i>A Arte da prata no Porto : 1750-1810</i>
<b>Data:</b>	2002
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade

<b>Nome:</b>	Eugénio de Ávila Lins
<b>Título:</b>	<i>A Arquitectura dos mosteiros beneditinos no Brasil: século XVI ao século</i>

<b>Data:</b>	XIX 2003
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade

<b>Nome:</b>	José Francisco Ferreira Queirós
<b>Título:</b>	<i>Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal: consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória</i>
<b>Data:</b>	2003
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo
<b>Classificação:</b>	Aprovado por unanimidade

### Dissertações de doutoramento em curso

<b>Nome:</b>	António José de Almeida
<b>Tema:</b>	A Iconografia nos <i>Flos Sanctorum</i> de Diogo de Rosário e Jacopo da Varazze
<b>Orientador:</b>	Fausto Sanches Martins

<b>Nome:</b>	António da Piedade Rodrigues
<b>Tema:</b>	Estudo monográfico sobre o artista Álvaro Lapa
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho

<b>Nome:</b>	Celso Francisco dos Santos
<b>Tema:</b>	A Arquitectura doméstica em Lisboa na segunda metade do século XVIII : a casa, o palácio e a quinta
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo

<b>Nome:</b>	José Carlos Meneses Rodrigues
<b>Tema:</b>	A Talha no Baixo Tâmega e no vale do Sousa (séculos XVII e XIX)
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves

<b>Nome:</b>	José Ferrão Afonso
<b>Tema:</b>	História urbana do Porto no século XVI
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves

<b>Nome:</b>	Luís Alberto Esteves dos Santos Casimiro
<b>Tema:</b>	O Tema da Anunciação na iconografia renascentista da pintura portuguesa
<b>Orientador:</b>	Fausto Sanches Martins

<b>Nome:</b>	Manuel Joaquim Moreira da Rocha
<b>Tema:</b>	Capelas privadas na Diocese do Porto nos séculos XVII a XIX
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves

<b>Nome:</b>	Maria de Fátima Hanaque Campos
<b>Tema:</b>	A Pintura religiosa na Bahia (1790-1850)
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo

<b>Nome:</b>	Miguel Filipe Ferreira Figueira de Faria
<b>Tema:</b>	Da Utilidade da imagem : a evolução da cultura visual no final do Antigo Regime e primeiros tempos do Liberalismo
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo

<b>Nome:</b>	Paula Cristina Machado Cardona
<b>Tema:</b>	A Arte devocional nas igrejas e capelas do Alto-Minho entre os séculos XVII e XIX
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves



**SECÇÃO DE MUSEOLOGIA**



**DOCENTES**

**Elementos curriculares**

## ALICE LUCAS SEMEDO

### Percurso académico e profissional

Licenciatura em História (variante Arqueologia), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1987); Master of Arts in Museum Studies, Department of Museum Studies, University of Leicester, Reino Unido (1991); Doutoranda em Museologia, Department of Museum Studies, University of Leicester, Reino Unido; (1998-2002).

Estágios profissionais: Department of Prehistoric and Romano-British Antiquities, British Museum - Supervisor: Doutor Ian Longworth (1990-1991); Early London Department, Museum of London - Supervisor: Doutor Nick Merriman (1991); Liverpool Museum, National Museums and Galleries on Merseyside - Supervisora: Dra. F. Philpott (1991).

Docente do Curso de Especialização em Assuntos Culturais no Âmbito das Autarquias, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / CEFA (1992-95); **Assistente Convidada** (1994- ).

### Projectos de investigação

Co-organização das Conferências "A Cultura em Acção: Impactos Sociais e Território" (Porto, Biblioteca Municipal Almeida Garrett, 2001) e "Reconversão e Musealização de Espaços Industriais" (Porto, Biblioteca Municipal Almeida Garrett, 2002); Consultora do Museu da Indústria do Porto; Consultora dos projectos de musealização: Museu da Vinha e do Vinho e Museu de Arte Sacra, Mosteiro de Ancede, Câmara Municipal de Baião; Colaboração nos projectos de musealização de: Núcleo de Arqueologia, Câmara Municipal de Baião, "Sanfins, uma capital castreja", Museu Nacional de Arqueologia; "Imagens do Saber", Universidade do Porto; Museu de Chaves, Núcleo Arqueológico, Museu Municipal da Póvoa de Varzim; "Instrumentos para um Museu", Câmara Municipal de Paços de Ferreira; Concepção de pré-programa museológico, Museu do Carro Eléctrico - STCP; Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins; Produções de espectáculos e assessoria de imprensa na Bienal Universitária de Coimbra (Exposição Máquinas de Cena "Prémio Especial Imprensa Crítica/93) e Projecto Capital do Teatro (coord. Ricardo Pais).

### Trabalhos apresentados em provas académicas

Dissertação de mestrado: *The Case for collections management policies*. 1991.

### Principais trabalhos publicados

- Acesso e reservas abertas : experiências em Liverpool. *Boletim do Grupo de Amigos do Museu D. Diogo de Sousa*. Braga. 5 (1996).
- The Role of museums and the arts in the urban regeneration of Liverpool : a book review. *Museological Review*. Leicester. 2:1 (1996).
- *O Museu do Carro Eléctrico do Porto : pré-projecto museológico*. Porto : STCP, 1997.
- Ainda a propósito do papel dos museus. *Revista Encontros*. Porto. (1999).
- O Impacto social da cultura / contextos. In *A Cultura em acção : impactos sociais e território*. Porto : Edições Afrontamento, 2003. (No prelo)
- Da interacção entre instituições e públicos. In *A Cultura em acção : impactos sociais e território*. Porto : Edições Afrontamento, 2003. (Em colab. com Álvaro Domingues e João Teixeira Lopes - no prelo)
- Política de comunicação : perspectiva museológica. In *Programa Museológico do Museu da Indústria do Porto*. (No prelo)

E-mail: dctp@letras.up.pt

## ANTÓNIO BAPTISTA LOPES

### **Percurso académico e profissional**

Curso de Teologia (1962); Licenciatura em História, FLUP (1980); Mestrado em Arqueologia, FLUP (1994).

Professor do Ensino Particular (1962-74); Professor do Ensino Oficial (1973-93); Professor profissionalizado do Ensino Oficial desde 1983; Técnico superior de 1ª classe, Serviços Regionais de Arqueologia do IPPC (1990-93); Assistente Convidado (1993-94), **Assistente (1994- )**.

### **Projectos de investigação**

Tem em desenvolvimento para tese de doutoramento um projecto de investigação sobre “Os Padrões de povoamento proto-histórico e romano no Baixo Minho”.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de mestrado: *A Cerâmica do castro da Senhora da Guia (Baiões) : tecnologia e morfotipologia*. Porto, 1994.

### **Trabalhos publicados**

- A Necrópole do Bronze Inicial de Chã de Arefe (Durrães, Barcelos). In SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE PENINSULAR, 3 - *Actas. Arquivo do Alto Minho*. Viana do Castelo. 26 (1981). (Em colaboração)
- Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu. *Lycerna*. Porto, 1984. (Em colaboração)
- O Forno cerâmico de Canelas (Vila Nova de Gaia). *Gaya*. Vila Nova de Gaia. 2 (1984). (Em colaboração)
- A Estátua-estela do Marco (Vreia de Jales, Vila Pouca de Aguiar) : notícia preliminar. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15 (1994) 147-153. (Em colab. com Armando Coelho Ferreira da Silva, J. R. Parente, Rui Manuel Sobral Centeno)
- *Património arqueológico da reserva florestal da Serra do Marão*. Amarante, 1998.
- *Ocupação Proto-histórica nas margens do Minho : Senhora do Crasto*. Caminha; Guimarães, 1998. (Em colaboração)

**E-mail:** dctp@letras.up.pt

## ARMANDO COELHO FERREIRA DA SILVA

### Percurso académico e profissional

Curso de Teologia, Seminário Maior do Porto (1965); Licenciatura em História, FLUP (1974); Doutoramento em Letras, especialidade de Pré-História e Arqueologia, Universidade do Porto (1987); Agregação em História, FLUP (1994).

Professor do Ensino Particular (1965-66) e do Ensino Secundário (1969-74); Monitor (1973-74), Assistente Eventual (1974-75), Assistente (1976-87), Professor Auxiliar (1987-90), Professor Associado (1990-94), **Professor Associado com Agregação (1994- )**.

### Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro

Membro da Assembleia de Representantes (1976-80, 1997-98), do Conselho Directivo (1979-80), do Conselho Pedagógico (1979-80, 1988-90), do Conselho Científico (1975-76, 1987-98) e Director do Instituto de Arqueologia (1991-97) da FLUP; Representante da Universidade do Porto na Comissão Inter-Universitária de Arqueologia do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (1996- ); Presidente do Departamento de Ciências e Técnicas do Património, FLUP (1997-99); Vogal da Comissão Nacional Provisória de Arqueologia (1981-82); Membro do Conselho Consultivo Regional de Arqueologia da Zona Norte (1983-84); Membro da Comissão Científica Internacional para o Vale do Côa (1995); Director do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins; Membro do conselho de redacção das revistas *Portvgalia e Gaya*, da direcção da revista *Lucerna* e do conselho científico das revistas *Poligrafia*, *Politécnica* e *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*.

### Projectos de investigação

Áreas e interesses: Proto-história e Romanização; Arqueologia e Epigrafia; Museologia e Património. Orientação científica de dezanove teses de mestrado e sete de doutoramento em Arqueologia e duas em Museologia; coordenador, com Rui Centeno, da Área 1 - "Os Primeiros santuários" do projecto "Santuários e Itinerários de Santidade no Norte de Portugal", do Programa PRAXIS XXI; investigador no âmbito do Projecto PETRAE do Centre Pierre Paris, Universidade de Bordeaux III, e do programa "Instrumentum - Group de travail européen sur l'artisanat et les productions manufacturées dans l'Antiquité".

### Trabalhos apresentados em provas académicas

Dissertação de doutoramento: *A Cultura castreja no noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira : Câmara Municipal, 1986.

Lição-síntese para Provas de Agregação: *A Evolução do habitat castrejo e o processo de proto-urbanização no Noroeste de Portugal durante o I milénio a. C.* Porto, 1994.

### Principais trabalhos publicados

- A Idade dos Metais em Portugal. In *História de Portugal*. Lisboa : Alfa, 1983. vol. 1, p. 101-147.
- *Paços de Ferreira : as origens do povoamento : do megalitismo à romanização*. Paços de Ferreira, 1986. p. 95-169. (Paços de Ferreira. Estudos Monográficos; 1).
- A Idade do Ferro em Portugal. In *Nova História de Portugal*. Lisboa : Presença, 1990. vol. 1, p. 257-341.
- *Proto-História de Portugal*. Lisboa : Universidade Aberta, 1992. (Universidade Aberta; 48). (Em colab. com Mário Varela Gomes)
- *Pré-História de Portugal*. Lisboa : Universidade Aberta, 1993. (Universidade Aberta; 53). (Coord.; colab. Luís Raposo, Carlos Tavares da Silva)
- As Origens do Porto. In *História do Porto*. Dir. Luís A. de Oliveira Ramos. Porto : Porto Editora, 1994. p. 44-117. (2ª ed.: 1995)
- Portuguese Castros: the evolution of the habitat and the proto-urbanisation process. *Proceedings of the British Academy*. Oxford. 86 (1995) 263-289.
- *Pré-História de Portugal*. Lisboa : Universidade Aberta, 1993. (Universidade Aberta; 53). (Coord.; colab. Luís Raposo, Carlos Tavares da Silva)

E-mail: acfsilva@sapo.pt

## MANUEL AUGUSTO LIMA ENGRÁCIA ANTUNES

### **Percurso académico e profissional**

Artes decorativas do séc. XIX, Sotheby's, Londres (1979); Licenciatura em História, FLUP (1980); Gestão de Museus, Berkeley (1990); Curso de Pós-graduação em Museologia, FLUP (1995); Mestrado em História da Arte em Portugal, FLUP (1999).

Monitor dos serviços educativos dos Museus Municipais do Porto (1975-79); Professor de História no Ministério da Marinha (1981-83); Assessor do Pelouro da Cultura, Câmara Municipal do Porto (1984-85); Conservador do Museu da Macieirinha, Porto (1986-88); Conservador da Casa-Museu Guerra Junqueiro, Porto (1988- ); **Assistente Convidado** (1996- ).

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Membro da direcção do Comité Internacional de Artes Decorativas do ICOM (1995-99).

### **Projectos de Investigação**

O fenómeno das Casas Museus; O coleccionismo de arte no final do séc. XIX / início do séc. XX; Artes decorativas; Mobiliário.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de mestrado: *Mobiliário de assento civil da Casa Museu Guerra Junqueiro*. Porto, 1998.

### **Trabalhos publicados**

- *Casa Museu Guerra Junqueiro : um lugar, uma colecção, uma história*. Porto : Câmara Municipal, 1997.

E-mail: [dctp@letras.up.pt](mailto:dctp@letras.up.pt)

## MÁRIO ARMANDO NOGUEIRA PEREIRA DE BRITO

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História (variante de Arte e Arqueologia) FLUP (1981).

Professor do Ensino Oficial (1981-84, 1986-87); Técnico Superior, Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Norte (1984-86); Técnico Superior de 2ª classe, Museu D. Diogo de Sousa, Braga (1987-90); Técnico Superior de 1ª classe, Museu D. Diogo de Sousa (1990-95); Técnico Superior Principal, Museu D. Diogo de Sousa (1995-99); Técnico Superior Assessor do Museu D. Diogo de Sousa; Requisitado no Instituto Português do Património Arquitectónico (2001- ); Assistente (1994), **Assistente Convidado (1997- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Representante dos Assistentes, DCTP-FLUP (1997-99); Consultor na área de utilização educativa de recursos informáticos e de desenvolvimento de sistemas multimédia interactivos (1992-96); Responsável pelo sistema informático da Escola Profissional de Arqueologia do Freixo, Marco de Canaveses (1992-96); Consultor da Escola Profissional de Arqueologia do Freixo, Marco de Canaveses (1993-94).

### **Trabalhos publicados**

- Colecção arqueológica do Abade de Sousa Maia. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*. Vila do Conde. (1991).
- A Informatização do inventário do MDDS. *Boletim do Grupo de Amigos do Museu D. Diogo de Sousa*. Braga. (1992).
- Tecnologias da Informação no MDDS. In *Documentação do Seminário de Megalitismo no Centro de Portugal*. 1992.
- IIª Conferência sobre Hipermedia e Interactividade em Museus. *Boletim do Grupo de Amigos do Museu D. Diogo de Sousa*. Braga (1994).
- Projecto Geira : divulgação do património cultural português. In JORNADAS EUROPEAS "EDUCACIÓN Y TECNOLOGÍAS EN LA SOCIEDAD DE LA INFORMACIÓN" EL ACCESO MULTIMEDIA AL PATRIMONIO CULTURAL EUROPEO, Madrid, 1998 - *Actas*.
- In patrimonium : a data model for museum and cultural heritage information. In COMPUTER APPLICATIONS IN ARCHAEOLOGY, Eslóvénia, 2000 - *Actas*.
- Sistemas de informação e inventário do património. In JORNADAS EUROPEAS "EDUCACIÓN Y TECNOLOGÍAS EN LA SOCIEDAD DE LA INFORMACIÓN" EL ACCESO MULTIMEDIA AL PATRIMONIO CULTURAL EUROPEO, Madrid, 2000 - *Actas*.

**E-mail:** mbrito@letras.up.pt

## **PAULA CRISTINA MENINO DUARTE HOMEM**

### **Percursos académico e profissional**

Licenciatura em História (variante de Arqueologia) FLUP (1987); Bacharelato em Conservação e Restauro de Bens Arqueológicos e Etnográficos (1989); Curso de Conservação e Restauro do Património Arquitectónico em Calcário, Centre de la Pierre, Bordéus (1990); Advanced Study Course Science and Technology of the Environment for Sustainable Protection of Cultural Heritage, UCL Centre for Sustainable Heritage, Londres (2002); actualmente em preparação para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.

Docente na Escola Superior de Conservação e Restauro, integrada na Universidade Nova de Lisboa (1989-94); Responsável pela área do Azulejo no Centro de Conservação e Restauro de Tibães, Braga (1995-97); Docente na Escola Profissional de Arqueologia, Marco de Canavezes (1992-01); **Assistente Convidada (1994- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Coordenação técnica da equipa de técnicos auxiliares de conservação e restauro de azulejo do Centro de Conservação e Restauro de Tibães, Braga (1995-98); Coordenação técnica do curso “Técnico Auxiliar de Conservação e Restauro de Azulejo”, promovido pelo IPPAR, em colaboração com o Instituto de Emprego e Formação Profissional (1995-98); Coordenação técnica do curso “Assistente de Conservação de Património Cultural”, Escola Profissional de Arqueologia, Marco de Canavezes (1997-01); Membro da Comissão de Coordenação Técnica do Laboratório de Conservação e Restauro do DCTP, FLUP (2001- ).

### **Projectos de investigação**

Colaboração na área da Conservação e do Restauro, com diversas entidades públicas e privadas, no âmbito da elaboração de projectos, consultoria e intervenção técnica (1990 - ); Colaboração no Eureka Project EU316a Eurocare - COPAL - New Technologies for Conservation of Copper Alloys Monuments, na workshop COPAL 99; Colaboração no projecto IMPACT (Innovative Modelling of Museum Pollution and Conservation Thresholds), 5<sup>th</sup> FWP, 2000.12.01-2003.11.30, como delegada por Portugal; Projecto de investigação pessoal na área da prata, mecanismos de alteração e medidas de protecção.

### **Principais trabalhos publicados**

- O Uso de sílica-gel em conservação. *Património e Museus Locais*. Lisboa. 5. (Dez. 1991) 21-25.
- O Uso de colas e gelatinas em conservação. *Património e Museus Locais*. Lisboa. 2<sup>a</sup> série. 3 (Jan-Dez. 1993) 6-7.
- Museus de folclore : técnicas de preservação do património recolhido. *Mondego*. Coimbra. (1994) 47-67.
- Formação em Portugal de técnicos intermédios para a Arqueologia, Património e Museus. In *O Arqueólogo Português. Actas do I Encontro Nacional de Museus com Coleções de Arqueologia*. Lisboa. 4<sup>a</sup> série. 17 (Out. 1999) 413-420. (Em colab. com Lino Augusto Tavares Dias)
- A Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo : um contributo para a sua preservação. In *ENCONTRO DAS MISERICÓRDIAS DO ALTO MINHO*, 1, Vila Praia de Âncora, 1998 - *Actas*. Viana do Castelo : Centro de Estudos Regionais, 2001. p. 208-215.
- Experimental cases from Porto bronze statues conservation. In *WORKSHOP COPAL 99, EUREKA PROJECT EU316A EURO CARE - New Technologies for conservation of copper alloy monuments : proceedings*. Lisboa : LNEC, 2001. p. 58-67.
- Museus da Universidade do Porto : projecto museológico : relatório base do programa preliminar. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. 1. (2002) 221-246. (Em colaboração)

**E-mail:** dctp@letras.up.pt

## **PEDRO JOSÉ FREITAS BORGES DE ARAÚJO**

### **Percurso académico e profissional**

Arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes do Porto.

Profissional liberal, Projectista e Consultor; **Assistente Convidado (1997- )**

### **Projectos e principais trabalhos**

- Equipa do Projecto da Exposição “Industrial Design Workshop”, Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa,
- Representante do Núcleo de Design, FFE/ICEP, Missões Didácticas, Suécia e Finlândia
- Projectos diversos, novos edifícios, remodelação e restauro, na região do Douro, para Cockburn, Smithes & Cia. Lda.
- Projectos de moradias em Amarante, Camiã, Gondomar, Lousada, Miramar, Porto, Santa Maria de Lamas, Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Gaia, etc.
- Projectos de conjuntos integrando áreas comerciais e residenciais em Braga, Valongo, Ermesinde, Esposende, Matosinhos, Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Famalicão
- Projecto para um Centro Cultural, Castro Laboreiro, Parque Nacional da Peneda-Gerês, integrando a recuperação e restauro de um conjunto de construções vernaculares
- Projecto classificado do concurso para um quiosque, Câmara Municipal de Évora
- Projecto classificado do concurso para a Casa das Artes, Secretaria de Estado da Cultura, Porto
- Projecto premiado no 1º Concurso de Design de Mobiliário AICPF, em co-autoria com o Arquitecto José Miguel Rodrigues
- Projectos de arquitecturas efémeras (espaços cenográficos, espetáculos comemorativos dos 25 Anos da RAR-Refinarias de Açúcar Reunidas, Porto)
- Projecto das instalações da AEFEP, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
- Estudo base para a área de lazer do Boavista Trade Center, Porto
- Estudo base para a remodelação da Casa dos Alarcão, Instalação de uma Unidade Hoteleira, Câmara Municipal de Montemor-o-Velho
- Projecto para o pavilhão das empresas Fapobol, Facobol e UFA na FACIM, em Maputo, Moçambique
- Projecto do conjunto integrado de Clube Residencial e Unidades Hoteleiras, Valongo
- Projectista e coordenador da equipa, Concurso para o Pavilhão de Portugal na EXPO 92, Sevilha
- Projectista e coordenador da equipa, Concurso para o projecto de reabilitação do Mercado do Bolhão, Porto
- Projectista e coordenador da equipa, Concurso de reabilitação do Mosteiro de St.ª Maria das Júnias, Pitões das Júnias, Montalegre
- Projecto de reconstituição da Domus do Castro de Romariz
- Estudos e projectos museológicos (Caminha, Póvoa de Varzim, Paços de Ferreira, Santa Maria da Feira, Boticas, Porto)
- Orientador de estágio de alunos finalistas, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
- Programa base / Projecto museológico para a Casa-Atelier do Arquitecto Marques da Silva, Porto
- Programa base / Projecto museológico dos Museus da Universidade do Porto, Edifício da Faculdade de Ciências
- Equipa do projecto da Exposição “Imagens de Saber”, Edifício da Faculdade de Ciências, Porto
- Equipa do projecto da Exposição “Ferramentas para um Museu”, Edifício da antiga Câmara Municipal de Paços de Ferreira

E-mail: [dctp@letras.up.pt](mailto:dctp@letras.up.pt)

## RUI MANUEL SOBRAL CENTENO

### **Percurso académico e profissional**

Licenciatura em História, FLUP (1975); Doutoramento em Letras, especialidade de Pré-História e Arqueologia, Universidade do Porto (1988); Agregação, FLUP (1996).

Assistente Eventual (1975-77), Assistente (1977-88), Professor Auxiliar (1988-91), Professor Associado (1991-96), **Professor Associado com Agregação (1996- )**.

### **Cargos desempenhados e instituições de que é (ou foi) membro**

Presidente do Instituto de Arqueologia, FLUP (1981-82); Vogal da Direcção do Instituto de Arqueologia, FLUP (1985-97); Membro do Conselho Científico (desde 1988) e da Comissão Coordenadora do Grupo de História, FLUP (1988-94); Membro da Comissão de Leitura, FLUP (1994-97); Presidente do Conselho Directivo, FLUP (1996-03); Membro da Assembleia da Universidade do Porto (1996- ); Membro do Senado da Universidade do Porto (1996- ); Membro da Assembleia de Representantes, FLUP (1996-2003); Presidente da Assembleia de Representantes, FLUP (2003- ); Membro do Conselho Geral do Instituto Arquitecto José Marques da Silva (2002- ); Membro do Conselho Geral e da Direcção da Culturporto (2002- ); Presidente da Assembleia Geral da Associação para a Cooperação entre Escolas Universitárias de Letras e Ciências (ACEULC) (2001- ); Presidente da Direcção do Centro Leonardo Coimbra, FLUP (1996- ); Director do LabCR, DCTP-FLUP (1997-2001); Membro do conselho de redacção das revistas *Nvmmvs* (desde 1978) e *Portvgalia* (desde 1980; e coord. entre 1987-97); Vogal da Comissão Nacional Provisória de Arqueologia do Ministério da Cultura (1983-84).

### **Projectos de investigação**

Investigador responsável do Projecto “Santuários e Itinerários no Norte de Portugal (Património, ecologia, arte, bibliotecas e arquivos)” do Programa PRAXIS XXI e coordenador, com Armando Coelho Ferreira da Silva, da Área 1 - “Os Primeiros santuários”.

### **Trabalhos apresentados em provas académicas**

Dissertação de doutoramento: *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*. Porto, 1987.

Lição-síntese para Provas de Agregação: *O Desenvolvimento urbano de Roma*. Porto, 1996.

### **Principias trabalhos publicados**

- ENCUESTRO PENINSULAR DE NUMISMÁTICA ANTIGUA, 1 - *La Moneda hispánica, ciudad y territorio : actas...* Ed. Rui M. S. Centeno, M.<sup>a</sup> Paz García-Bellido. Madrid, 1995. (Anejos de Archivo Español de Arqueología;19).
- MUSEU MUNICIPAL DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA DA PÓVOA DE VARZIM - *Núcleo de Arqueologia : catálogo*. Coord. de Rui M. S. Centeno, Armando C. F. Silva. Porto, 1997.
- *Civilizações clássicas II : Roma*. Lisboa, 1997. (Coord. e co-autor)
- ENCUESTRO PENINSULAR DE NUMISMÁTICA ANTIGUA, 2 - *Rutas, ciudades y moneda en Hispania : actas...* Ed. Rui M. S. Centeno, M.<sup>a</sup> Paz García-Bellido e G. Mora. Madrid, 1999 (Anejos de Archivo Español de Arqueología, 20).
- MUSEU RURAL DE BOTICAS - *Catálogo*. Coord. de A. C. F. da Silva e Rui M. S. Centeno. Boticas : M. R. B., 2000.
- *Uma Lulik Timor - casa sagrada de Oriente*. Porto, 2001. (Em colab. com Ivo Carneiro de Sousa)
- *Cooperação científica com Timor Leste*. Lisboa, 2002. (Com A. Marques Guedes, F. T. Pedrosa, I. Carneiro de Sousa, L. Aires-Barros, M. Alkatiri)

**E-mail:** rcenteno@letras.up.pt



# Regulamento do Laboratório de Conservação e Restauro<sup>1</sup>

## Preâmbulo

A necessidade da constituição de um laboratório de conservação e restauro na Faculdade de Letras da Universidade do Porto fez-se sentir, de uma forma mais premente, com a criação das variantes de Arqueologia e História da Arte, no âmbito da Licenciatura de História. Tal permitiu a dinamização e o crescimento destas áreas, bem testemunhados no aumento de pessoal docente e, sobretudo, na qualidade e quantidade do trabalho científico produzido. Por outro lado, esta nova situação de desenvolvimento do ensino e da investigação, tornou mais visível a carência de uma estrutura laboratorial para apoio às actividades científicas e pedagógicas.

Com a formação do Departamento de Ciências e Técnicas do Património (D.C.T.P.) e a aprovação do seu Regulamento foi, em boa hora, institucionalizada a criação do Laboratório de Conservação e Restauro (LabCR). Esta unidade deverá desempenhar um papel fundamental no apoio à preparação e qualificação dos estudantes de diferentes licenciaturas e cursos de pós-graduação, ministrados no D.C.T.P., bem como aos programas de investigação em que esteja envolvido o Departamento. Finalmente, pretende-se que o LabCR promova o desenvolvimento da investigação científica nas áreas da Conservação e do Restauro, ainda com pouca expressão no D.C.T.P., mas fundamentais para o estudo, preservação e valorização do nosso Património.

## CAPÍTULO I Natureza e atribuições

### Artigo 1º Natureza

O Laboratório de Conservação e Restauro (LabCR) é constituído pelo disposto no artº 35º do Regulamento do Departamento de Ciências e Técnicas do Património (D.C.T.P.), publicado no *Diário da República - II série*, nº 257, de 6 de Novembro de 1997.

### Artigo 2º Sede e âmbito

O LabCR tem sede na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e exerce actividade em toda a sua área de influência.

### Artigo 3º Atribuições

Cabe ao LabCR:

a) Fomentar, apoiar e proceder ao estudo e investigação científica nas diferentes áreas do saber abrangidas pelo D.C.T.P. e, num âmbito mais alargado, pela Universidade do Porto, especialmente nos domínios da Conservação Preventiva, Curativa e do Restauro;

---

<sup>1</sup> Aprovado pela Comissão Coordenadora do DCTP em 24 de Novembro de 1999.

b) Apoiar as actividades pedagógicas, especialmente no âmbito dos cursos de Licenciatura, de Pós-graduação, de Mestrado e de Doutoramento, ministrados pelo D.C.T.P., bem como apoiar quaisquer outras desenvolvidas pela Universidade do Porto;

c) Prestar apoio técnico-científico a entidades públicas ou privadas, sem prejuízo do normal funcionamento das actividades científicas e pedagógicas oportunamente calendarizadas;

d) Organizar e manter actualizado um centro de documentação especializado e um arquivo de registo de todas as intervenções efectuadas;

e) Promover a divulgação da actividade do LabCR através da realização de reuniões científicas, acções de formação e de publicações.

## **CAPÍTULO II**

### **Organização e funcionamento**

#### **Artigo 4º**

#### **Conselho de Coordenação Técnica**

1 - O LabCR possui um Conselho de Coordenação Técnica (CCT), composto pelo Director, os Coordenadores das Secções do D.C.T.P. e um representante dos Docentes da área de Conservação e Restauro.

2 - O Director do LabCR preside ao CCT.

3 - O Director do LabCR é nomeado pela Comissão Executiva do D.C.T.P., ouvidos os Coordenadores das Secções (artº 34º do Regulamento do D.C.T.P.), sendo a nomeação ratificada pela Comissão Coordenadora do D.C.T.P. (artº 14º, alínea e) do Regulamento do D.C.T.P.).

4 - O CCT reunirá ordinariamente para definir e elaborar o Programa de Actividades (artº 9º) e o Relatório de Actividades e Contas (artº 10º) do LabCR e, extraordinariamente, sempre que dois terços dos seus membros o requeiram ao Director do LabCR.

#### **Artigo 5º**

#### **Instalações**

1 - Actualmente, as instalações do LabCR localizam-se:

a) No piso 4 do bloco B3/B4 da FLUP, com acessos pelas portas 326, 330 e 335, constando de:

a.1) Gabinete de Direcção;

a.2) Reserva - controlada em termos higrométricos, destina-se a acolher os materiais a ser intervencionados pelo LabCR em condições de preservação adequadas;

a.3) Sala de Registo e Desenho - destina-se ao apoio a actividades de investigação e pedagógicas (estudo e desenho de materiais) e a acolher o arquivo da documentação produzida;

a.4) Sala de Limpeza de Materiais - destina-se a apoiar a actividade de Conservação e Restauro, especialmente acções de limpeza por via mecânica;

a.5) Sala de Conservação e Restauro 1 - destina-se a albergar o núcleo principal do equipamento de Conservação e Restauro do LabCR; tem capacidade para o desenvolvimento de actividades de Conservação e Restauro e ainda para actividades de índole científica e pedagógica, como sejam aulas restritas no âmbito da Conservação e Restauro e acções de formação específicas;

a.6) Sala de Conservação e Restauro 2 - destina-se especialmente aos trabalhos que impliquem o recurso a meios líquidos, quer sejam a limpeza, de estabilização físico-química, de protecção ou de execução de réplicas;

- a.7) Sala polivalente - destina-se a acolher documentação especializada e a apoiar actividades de índole científica e pedagógica, como sejam o estudo de materiais, aulas no âmbito da Análise de Materiais e da Conservação e do Restauro, palestras e acções de formação específicas.

2 - O CCT procederá à organização dos espaços da área destinada às instalações do LabCR, por forma a otimizar a funcionalidade do mesmo.

#### Artigo 6º

##### **Acessos**

1 - O acesso ao LabCR é reservado aos técnicos deste, aos docentes do D.C.T.P. e aos seus discentes, dentro das seguintes disposições:

- a.1) Gabinete de Direcção - acesso reservado ao Director e ao CCT do LabCR
- a.2) Reserva - acesso reservado a técnicos do LabCR;
- a.3) Sala de Registo e Desenho - acesso reservado a técnicos do LabCR, docentes do D.C.T.P. e discentes desde que acompanhados pelos anteriores;
- a.4) Sala de Limpeza de Materiais - acesso reservado a técnicos do LabCR;
- a.5) Sala de Conservação e Restauro 1 - acesso reservado a técnicos do LabCR;
- a.6) Sala de Conservação e Restauro 2 - acesso reservado a técnicos do LabCR;
- a.7) Sala polivalente - acesso reservado a técnicos do LabCR, docentes do D.C.T.P. e alunos quando acompanhados por estes.

2 - O acesso e usufruto dos espaços e serviços do LabCR ficam dependentes de uma calendarização atempadamente aprovada pelo CCT.

3 - Utilização do equipamento:

- 3.1. Todo o equipamento de Conservação e Restauro inventariado pelo LabCR é de utilização exclusiva deste.
- 3.2. Todo o restante equipamento técnico do D.C.T.P. confiado à guarda do LabCR é de utilização exclusiva dos membros do D.C.T.P.

4 - Têm acesso à Reserva do LabCR os materiais que aguardem ou estejam a ser sujeitos a intervenção por parte do LabCR.

#### Artigo 7º

##### **Funcionamento**

O LabCR funciona sob a superintendência administrativa e financeira do D.C.T.P.

#### Artigo 8º

##### **Prestação de serviços**

1 - O LabCR pode prestar serviços nos domínios da sua especialidade aos membros do D.C.T.P., à Universidade do Porto e a outras entidades públicas ou privadas, ouvido o CCT.

2 - A tabela de preços a aplicar aos serviços prestados será aprovada anualmente pela Comissão Executiva do D.C.T.P., sob proposta do CCT.

#### Artigo 9º

##### **Programa de Actividades**

Até 31 de Outubro de cada ano o LabCR deverá apresentar à Comissão Executiva do D.C.T.P., para aprovação, o Programa de Actividades para o ano seguinte.

**Artigo 10º**  
**Relatório de Actividades e Contas**

Até 31 de Março de cada ano o LabCR deverá apresentar à Comissão Executiva do D.C.T.P., para aprovação, o Relatório de Actividades e Contas relativo às acções desenvolvidas no ano anterior.

**Artigo 11º**  
**Orçamento**

1 - As despesas de funcionamento do LabCR são asseguradas pelo orçamento atribuído ao D.C.T.P.

2 - Até 31 de Maio de cada ano o LabCR apresentará à Comissão Executiva do D.C.T.P. proposta fundamentada de orçamento para o ano seguinte.

**CAPÍTULO III**  
**Disposições finais**

**Artigo 12º**

1 - O Regulamento do LabCR poderá ser objecto de revisão em reunião do Conselho de D.C.T.P., de cuja convocatória constará expressamente como ponto da Ordem de Trabalhos. A revisão deverá ser aprovada por maioria de dois terços do total dos membros do Conselho de D.C.T.P. em efectividade de funções.

2 - As revisões do Regulamento do LabCR poderão realizar-se:

- a) Ordinariamente, uma vez em cada biénio, até 60 dias após a posse do Presidente do D.C.T.P., por proposta deste ao a pedido do Director do LabCR;
- b) Extraordinariamente, sempre que solicitado por um mínimo de um quarto dos membros do Conselho de D.C.T.P. em efectividade de funções.

## **CURSOS MINISTRADOS NO DCTP**



# **Regulamento do Curso de Doutoramento em Arqueologia<sup>1</sup>**

(Resolução nº 144/99. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 249 (25 Out. 1999) 15.969-15.970)

## **Artigo 1º Criação**

A Universidade do Porto, através do Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), confere o grau de doutor em Arqueologia.

## **Artigo 2º Objectivos do curso**

O curso de Doutoramento em Arqueologia insere-se na área científica das Ciências e Técnicas do Património, e constitui uma das vias para a obtenção do grau de doutor em Arqueologia.

## **Artigo 3º Comissão coordenadora do curso**

1 - A comissão coordenadora do curso é composta pelo coordenador, que preside, e por dois vogais.

2 - A comissão coordenadora será nomeada, por períodos de cinco anos, pelo conselho científico da FLUP, sob proposta do DCTP.

## **Artigo 4º Organização do curso**

1 - O curso organiza-se pelo sistema de unidades de crédito.

2 - Para a obtenção do grau de doutor, cada aluno terá de reunir 6 unidades de crédito na disciplina obrigatória, 18 em seminários de preparação de tese e 6 em participação em sessões científicas e actos de formação e terá de elaborar e defender uma dissertação de doutoramento.

3 - A aprovação no seminário de preparação do projecto de tese será obtida, no final do 1º ano, através da prova de defesa do projecto perante um júri constituído por três docentes, a nomear pela comissão coordenadora do DCTP, sob proposta da comissão coordenadora do curso. Esta aprovação condiciona a inscrição definitiva no curso de doutoramento.

## **Artigo 5º Estrutura curricular**

A estrutura curricular do curso é descrita no anexo ao presente regulamento e pode ser modificada por deliberação do DCTP.

## **Artigo 6º Duração**

1 - A duração normal do curso é de cinco anos.

---

<sup>1</sup> O Curso de Doutoramento em Arqueologia não se encontra em funcionamento.

1.1 - A apresentação da tese poderá ser realizada decorrido um ano sobre a conclusão da componente lectiva.

2 - O prazo de elaboração da tese poderá ser prorrogado, de acordo com o parecer favorável do conselho científico, sob proposta da comissão coordenadora do curso.

3 - O registo do tema e do plano da tese deverá realizar-se nos três meses subsequentes à defesa do projecto de tese.

#### Artigo 7º

##### **Habilitações de acesso**

1 - São admitidos à candidatura à matrícula no curso de doutoramento:

- a) Titulares do grau de mestre em Arqueologia;
- b) Titulares de graus equivalentes ao grau de mestre em Arqueologia por universidades estrangeiras, após avaliação curricular;
- c) Titulares de grau de mestre em áreas afins da Arqueologia, após avaliação curricular;
- d) Titulares de grau de licenciado, após avaliação curricular, de acordo com a legislação em vigor.

#### Artigo 8º

##### **CrITÉrios de selecção dos candidatos**

1 - Os candidatos à matrícula que preencham as condições de acesso do artigo anterior serão ordenados pela comissão coordenadora do DCTP com base em proposta fundamentada da comissão coordenadora do curso. Serão critérios de ordenação:

- a) O currículo académico e científico;
- b) O currículo profissional;
- c) Entrevista.

2 - Os candidatos serão admitidos de acordo com a ordem estabelecida.

#### Artigo 9º

##### **Número de vagas**

A matrícula e a inscrição no curso estão limitadas por um número de vagas a fixar anualmente por despacho do reitor da Universidade do Porto, sob proposta do DCTP.

#### Artigo 10º

##### **Prazos e calendário lectivo**

Os prazos de matrícula e inscrição, bem como o calendário lectivo, serão fixados pelo reitor da Universidade do Porto através de despacho a que se refere o artigo 9º.

#### Artigo 11º

##### **Regime geral**

As regras de matrícula e inscrição, bem como o regime de faltas e de avaliação de conhecimentos, serão os previstos pela lei para os cursos de licenciatura e naquilo em que não forem contrariados pelo disposto no presente regulamento, pela natureza do curso ou por deliberação do conselho científico da FLUP, sob proposta do DCTP.

Artigo 12º  
**Regime de prescrição e limite de inscrições**

1 - O limite máximo para completar o curso é de cinco anos, não havendo lugar a 2ª inscrição em qualquer disciplina do plano curricular.

2 - Contudo, a requerimento do interessado, pode a comissão coordenadora do curso autorizar, a título excepcional, uma 2ª inscrição na mesma disciplina.

Artigo 13º  
**Nomeação do orientador da dissertação e termos a observar na orientação**

Nos termos da lei e das normas em vigor na Universidade do Porto, compete à comissão coordenadora do curso, ouvido o aluno e o professor a nomear, propor ao DCTP, o orientador e co-orientador, quando o houver, a nomear pela comissão coordenadora.

Artigo 14º  
**Apresentação e entrega da dissertação**

No que respeita a normas a seguir na apresentação e entrega da dissertação, aplicar-se-á a lei geral que regulamenta a concessão do grau de doutor.

Artigo 15º  
**Constituição do júri de avaliação final**

1 - O júri de avaliação final é constituído por:

- a) O reitor da Universidade do Porto;
- b) O coordenador do curso, que pode delegar num dos membros da comissão coordenadora do curso, e ser por eles substituído em casos de ausência ou impedimento;
- c) O orientador da dissertação e o co-orientador, caso exista;
- d) Três professores de Arqueologia ou área afim.

2 - Pelo menos dois dos membros do júri pertencerão a outra universidade.

3 - Compete à comissão coordenadora do curso propor à comissão coordenadora do DCTP a constituição do júri para aprovação no conselho científico da FLUP.

Artigo 16º  
**Deliberação do júri**

1 - Para formular a classificação final, o júri deverá tomar em consideração a dissertação e a respectiva defesa.

2 - A classificação final é expressa nos termos da lei geral que regulamenta a concessão do grau de doutor.

Artigo 17º  
**Propinas**

As propinas serão fixadas anualmente pelo Reitor no despacho a que se refere o artigo 9º.

11 de Outubro de 1999

## ANEXO

### **Plano de estudos do curso de doutoramento em Arqueologia pelo Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

	UC
Disciplina obrigatória.....	6
Seminário de preparação de projecto de tese.....	6
Seminários de preparação de tese.....	12
Participação em sessões científicas e actos de formação.....	6
<i>Total</i> .....	<hr/> 30

# **Regulamento do Curso de Mestrado em Arqueologia**

(Resolução nº 109/98. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 185 (12 Ago. 1998) 11.498-11.499;  
Aviso nº 13.090/98. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 185 (12 Ago. 1998) 11.493-11.494)

## **1º Criação**

A Universidade do Porto, através da Faculdade de Letras, confere o grau de mestre em Arqueologia.

## **2º Coordenação do mestrado**

1 - O mestrado de Arqueologia é coordenado por um Professor, que será coadjuvado por outros dois Professores, com os quais constitui a comissão de coordenação do mestrado.

2 - O coordenador da comissão referida no número anterior será nomeado pelo conselho científico da Faculdade, sendo os restantes membros designados pelo coordenador nomeado.

## **3º Duração do mestrado**

O mestrado terá a duração de quatro semestres, e será constituído por um curso de especialização - adiante simplesmente designado por curso - e pela elaboração de uma dissertação especialmente escrita para o efeito.

## **4º Organização do curso de especialização**

1 - O curso referido no artigo anterior organiza-se pelo sistema de unidades de crédito.

2 - A frequência e aprovação no curso dará direito ao respectivo diploma de especialização, nos termos do nº 5 do Regulamento de Mestrados da Universidade do Porto.

## **5º Estrutura curricular**

A estrutura curricular do curso e a explicitação das correspondentes unidades de crédito são descritas no anexo I.

## **6º Habilitações de acesso**

1 - São admitidos à candidatura à matrícula no curso os licenciados em História / variante de Arqueologia ou em História, com a classificação mínima de 14 valores.

2 - Excepcionalmente, em casos devidamente justificados, a comissão coordenadora do mestrado poderá propor ao conselho científico a admissão à candidatura à matrícula de candidatos que tenham uma licenciatura em História / variante de Arqueologia ou História, com

uma classificação inferior a 14 valores, desde que o respectivo currículo demonstre uma adequada preparação científica de base.

3- Excepcionalmente, em casos devidamente justificados, a comissão coordenadora do mestrado poderá propor ao conselho científico a admissão à candidatura à matrícula de candidatos titulares de outras licenciaturas (ou de graus universitários estrangeiros), desde que o respectivo currículo demonstre uma adequada preparação científica de base.

7º

### **Limitações quantitativas**

1 - A matrícula no mestrado está sujeita a limitações quantitativas, a fixar, anualmente, por despacho do Reitor da Universidade do Porto, sob proposta do conselho científico da Faculdade, ouvida a comissão de coordenação do mestrado.

2 - O despacho a que se refere o número anterior poderá, ainda, estabelecer a percentagem de vagas que será reservada, prioritariamente, a docentes de estabelecimentos do ensino superior ou a candidatos de outros países.

3 - Deverá, ainda, ser fixado, no mesmo despacho, um número mínimo de inscrições indispensáveis ao funcionamento do curso.

8º

### **CrITÉrios de selecção**

1 - Os candidatos à matrícula no mestrado serão seleccionados pela comissão de coordenação do mestrado, tendo em consideração os seguintes critérios:

- a) O currículo académico;
- b) O currículo científico;
- c) A experiência profissional.

2 - Poderão ser efectuadas entrevistas aos candidatos para avaliar a motivação, conhecimentos de línguas estrangeiras e disponibilidade de tempo.

3 - Os candidatos poderão ser submetidos a provas académicas de selecção para a avaliação do seu nível de conhecimentos nas áreas científicas de base correspondentes ao curso.

4 - A Comissão de coordenação poderá determinar a obrigatoriedade da frequência, com aproveitamento, de determinadas disciplinas do elenco das licenciaturas em História / variante de Arqueologia, ou nas relacionadas com o nº 3 do nº 6.

5 - Das decisões da comissão de coordenação sobre a selecção dos candidatos não cabe recurso, salvo quando arguida de vício de forma.

9º

### **Regime de frequência e de avaliação**

As regras de matrícula e de inscrição bem como o regime de faltas, de avaliação de conhecimentos e de classificação, para as disciplinas que integram o curso, serão as previstas na lei para os cursos da Faculdade, excepto no que forem contrariadas pelo disposto no presente Regulamento e pela natureza do curso.

10º

### **Inscrições**

O limite de inscrições de cada aluno nas disciplinas da parte escolar do mestrado é de duas.

11º

### **Prazos e calendário**

Os prazos para a candidatura, matrícula e inscrição, bem como o calendário lectivo, serão fixados pelo despacho a que se refere o nº 1 do artº 7º deste Regulamento.

12º

### **Orientador da dissertação**

O orientador da dissertação será nomeado pela comissão coordenadora do mestrado, nos termos previstos no nº 6 do Regulamento de Mestrados da Universidade do Porto.

13º

### **Apresentação e entrega da dissertação**

A dissertação deve ser apresentada, sob forma policopiada, em seis exemplares, e o prazo de entrega não pode ultrapassar o fim do quarto semestre, salvo nos casos especiais referidos no artº 12º do Decreto-Lei nº 216/92, de 13 de Outubro.

14º

### **Constituição do júri de avaliação final**

1 - O júri de avaliação final é constituído nos termos do nº 7 do Regulamento de Mestrados da Universidade do Porto.

2 - Compete à comissão de coordenação do mestrado apresentar a proposta de júri para ratificação pelo conselho científico da Faculdade.

15º

### **Deliberação do júri**

A classificação final é decidida nos termos do nº 8 do Regulamento de Mestrados da Universidade do Porto e é expressa pelas formas de *Recusado* ou *Aprovado*, esta última com as menções de *Bom*, *Bom com distinção*, ou *Muito Bom*.

16º

### **Propinas**

O montante das propinas será fixado pelo Senado, com base em propostas do conselho científico da Faculdade.

27 de Julho de 1998

## **ANEXO I**

### **Estrutura curricular**

1 - O curso tem a duração máxima de dois semestres lectivos.

2 - O curso é organizado de acordo com o regime de unidades de crédito previsto no Decreto-Lei nº 173/80, de 29 de Maio.

3 - É necessária a aprovação em 12 unidades de crédito, assim distribuídas por áreas científicas:

- Área de Metodologia da Investigação em Arqueologia - 6 UC;
- Área de Arqueologia - 6 UC.

### Plano de estudos

Disciplinas	Horas	Unidades de crédito	Área científica
<b>1.º ano</b> 1º semestre			
Contributos das Ciências Naturais e Exactas para a Arqueologia I	45 T	3	Metodologia da Investigação em Arqueologia
Arquitecturas e Territórios na Pré-História Recente da Península Ibérica I	45 T	3	Arqueologia
ou Arquitecturas e Territórios na Proto-História Peninsular I	45 T	3	Arqueologia
ou Arquitecturas e Territórios na Hispânia Romana I	45 T	3	Arqueologia
ou Arquitecturas e Territórios em Portugal na Idade Média I	45 T	3	Arqueologia
ou Arquitecturas e Territórios em Portugal dos Séculos XVIII a XX (I)	45 T	3	Arqueologia
<b>2º semestre</b>			
Contributos das Ciências Naturais e Exactas para a Arqueologia II	45 T	3	Metodologia da Investigação em Arqueologia
Arquitecturas e Territórios na Pré-História Recente da Península Ibérica II	45 T	3	Arqueologia
ou Arquitecturas e Territórios na Proto-História Peninsular II	45 T	3	Arqueologia
ou Arquitecturas e Territórios na Hispânia Romana II	45 T	3	Arqueologia
ou Arquitecturas e Territórios em Portugal na Idade Média II	45 T	3	Arqueologia
ou Arquitecturas e Territórios em Portugal dos Séculos XVIII a XX (II)	45 T	3	Arqueologia

Disciplinas	Horas	Unidades de crédito	Área científica
2.º ano 1º semestre			
Seminário optativo de acompanhamento da tese: Arquitecturas e Territórios na Pré-História Recente da Península Ibérica I ou Arquitecturas e Territórios na Proto-História Peninsular I ou Arquitecturas e Territórios na Hispânia Romana I ou Arquitecturas e Territórios em Portugal na Idade Média I ou Arquitecturas e Territórios em Portugal dos Séculos XVIII a XX (I)	45 T 45 T 45 T 45 T 45 T	3 3 3 3 3	Arqueologia Arqueologia Arqueologia Arqueologia Arqueologia
2º semestre			
Seminário optativo de acompanhamento da tese: Arquitecturas e Territórios na Pré-História Recente da Península Ibérica II ou Arquitecturas e Territórios na Proto-História Peninsular II ou Arquitecturas e Territórios na Hispânia Romana II ou Arquitecturas e Territórios em Portugal na Idade Média II ou Arquitecturas e Territórios em Portugal dos Séculos XVIII a XX (II)	45 T 45 T 45 T 45 T 45 T	3 3 3 3 3	Arqueologia Arqueologia Arqueologia Arqueologia Arqueologia

27 de Julho de 1998

**Dissertações defendidas no âmbito dos Mestrados em Arqueologia  
Pré-Histórica e em Arqueologia**

**1994**

<b>Nome:</b>	Teresa Maria Gomes Pires de Carvalho
<b>Título:</b>	<i>A Terra sigilata de Monte Mozinho : contributo para a história económica do povoado</i>
<b>Data:</b>	24 de Janeiro de 1994
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Virgílio Nuno Hipólito Correia
<b>Título:</b>	<i>A Epigrafia da Idade do Ferro do sudoeste da Península Ibérica</i>
<b>Data:</b>	4 de Fevereiro de 1994
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	António Manuel de Carvalho Lima
<b>Título:</b>	<i>Castelos medievais do curso terminal do Douro : sécs. IX-XII</i>
<b>Data:</b>	17 de Fevereiro de 1994
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Joaquim António Gonçalves Guimarães
<b>Título:</b>	<i>Gaia e Vila Nova na Idade Média : arqueologia de uma área ribeirinha</i>
<b>Data:</b>	17 de Fevereiro de 1994
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Antónia Dias da Silva
<b>Título:</b>	<i>A Cerâmica castreja da Citânia de Briteiros</i>
<b>Data:</b>	4 de Março de 1994
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria das Dores Girão da Cruz
<b>Título:</b>	<i>Significado social da cerâmica doméstica : fundamentos para uma classificação tipológica da cerâmica de Castelo Velho (Freixo de Numão)</i>
<b>Data:</b>	21 de Março de 1994
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	António Paulo Gomes de Amaral
<b>Título:</b>	<i>O Povoamento romano no vale superior do Tâmega : permanências e mutações na humanização de uma paisagem</i>
<b>Data:</b>	23 de Março de 1994
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	António Pereira Dinis
<b>Título:</b>	<i>Ordenamento do território no baixo Ave no I milénio a. C.</i>
<b>Data:</b>	23 de Março de 1994
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	António Manuel dos Santos Pinto da Silva
<b>Título:</b>	<i>Proto-história e romanização no Entre o Douro e Vouga Litoral : elementos para uma avaliação crítica</i>
<b>Data:</b>	24 de Março de 1994
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Belém Cerdeiras de Campos Paiva
<b>Título:</b>	<i>Ânforas romanas de castros da fachada atlântica do Norte de Portugal</i>
<b>Data:</b>	24 de Março de 1994
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Alexandra Cerveira Pinto Sousa Lima
<b>Título:</b>	<i>Sistemas de povoamento e ocupação do espaço em Castro Laboreiro, Serra da Peneda</i>
<b>Data:</b>	25 de Março de 1994
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Paulo José Antunes Dórdio Gomes
<b>Título:</b>	<i>Arqueologia das vilas urbanas de Trás-os-Montes e do Alto Douro : a reorganização do povoamento e dos territórios na baixa Idade Média (sécs. XII a XV)</i>
<b>Data:</b>	25 de Março de 1994
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Joel Alves Cerqueira Cleto
<b>Título:</b>	<i>A Necrópole megalítica da Serra do Castelo (Baião) : contributos para o seu estudo e contextualização na Pré-história recente do Norte de Portugal</i>
<b>Data:</b>	18 de Abril de 1994
<b>Orientador:</b>	Vitor Manuel de Oliveira Jorge .
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	António Baptista Lopes
<b>Título:</b>	<i>A Cerâmica do Castro da Senhora da Guia (Baiões) : tecnologia e morfo-tipologia</i>
<b>Data:</b>	4 de Maio de 1994
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Isabel Noronha e Azeredo Pinto Osório
<b>Título:</b>	<i>Cidade, plano e território : urbanização do plano do Porto (séc. XIII - 1ª metade do séc. XIV)</i>
<b>Data:</b>	6 de Maio de 1994
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Miguel Carlos Lopes Brandão Areosa Rodrigues
<b>Título:</b>	<i>Cerâmicas medievais na região de Moncorvo (sécs. XII - XIII)</i>
<b>Data:</b>	6 de Maio de 1994
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Miguel Marques da Silva Fernão Lucas Simões
<b>Título:</b>	<i>As Regiões de "Torres" e "Alenquer" no contexto do Calcolítico da Estremadura portuguesa</i>
<b>Data:</b>	4 de Julho de 1994
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

## 1996

<b>Nome:</b>	Ivone dos Santos da Silva Pedro
<b>Título:</b>	<i>O Povoamento proto-histórico na região de Viseu</i>
<b>Data:</b>	29 de Janeiro de 1996
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	José da Silva Ruivo
<b>Título:</b>	<i>Circulação monetária na Estremadura portuguesa até aos inícios do séc. III</i>
<b>Data:</b>	22 de Março de 1996
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Pedro Jorge Cardoso de Carvalho
<b>Título:</b>	<i>O Forum de Aeminium</i>
<b>Data:</b>	10 de Abril de 1996
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Rui Jorge Zacarias Parreira
<b>Título:</b>	<i>O Conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo) : contribuição para o registo das antas portuguesas</i>
<b>Data:</b>	23 de Abril de 1996
<b>Orientador:</b>	Vítor Manuel de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Teresa Osório da Costa Pereira Seixas
<b>Título:</b>	<i>Cerâmica proto-histórica do Castro do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha)</i>
<b>Data:</b>	29 de Abril de 1996
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Pedro Manuel Sobral de Carvalho
<b>Título:</b>	<i>A Necrópole megalítica da Nossa Senhora do Monte (Penedono, Viseu) : um espaço sagrado pré-histórico na Beira Alta</i>
<b>Data:</b>	30 de Abril de 1996
<b>Orientador:</b>	Vítor Manuel de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Luís Filipe Coutinho Lopes Gomes
<b>Título:</b>	<i>Necrópole megalítica da Lameira de Cima (Penedono, Viseu)</i>
<b>Data:</b>	30 de Abril de 1996
<b>Orientador:</b>	Vítor Manuel de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	José Marcelo Sanches Mendes Pinto
<b>Título:</b>	<i>Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Tâmega</i>
<b>Data:</b>	14 de Maio de 1996
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Carla Maria Braz Martins
<b>Título:</b>	<i>A Ourivesaria proto-histórica de Portugal : influências mediterrânicas</i>
<b>Data:</b>	16 de Maio de 1996
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Orlando Castro Ferreira de Sousa
<b>Título:</b>	<i>Estatuária antropomórfica pré e proto-histórica do Norte de Portugal</i>
<b>Data:</b>	24 de Maio de 1996
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Iva João da Silva Teles Morais Botelho
<b>Título:</b>	<i>Dos Cacos e dos vasos : o "Castelho Velho" de Freixo de Numão, na charneira do III/II mil. a. C. : contributo para o estudo da cerâmica pré-histórica de Castelo Velho</i>
<b>Data:</b>	27 de Maio de 1996
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Luis da Silva Fernandes
<b>Título:</b>	<i>A Presença da mulher na epigrafia romana do Conventus Scallabitanus</i>
<b>Data:</b>	28 de Maio de 1996
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria José Folgado Lobato
<b>Título:</b>	<i>A Necrópole romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia)</i>
<b>Data:</b>	4 de Junho de 1996
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Ana Cristina Correia Farinha Bernardino de Oliveira
<b>Título:</b>	<i>Contributo para o estudo da Pré-História recente da Bacia do curso médio da Ribeira da Meimoa</i>
<b>Data:</b>	7 de Junho de 1996
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Gilda Santos Correia Pinto
<b>Título:</b>	<i>A Necrópole de Montes Novos - Croca, um cemitério da Gallaecia Tardorromana</i>
<b>Data:</b>	11 de Junho de 1996
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	José Manuel Flores Gomes
<b>Título:</b>	<i>Cidade de Terroso e Vila Mendo : aspectos da proto-história e romanização do litoral minhoto</i>
<b>Data:</b>	11 de Junho de 1996
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Jorge Adolfo de Meneses Marques
<b>Título:</b>	<i>Sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu</i>
<b>Data:</b>	14 de Junho de 1996
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Ricardo Jorge Coelho Marques Abrantes Teixeira
<b>Título:</b>	<i>De Aquae Flaviae a Chaves : povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média</i>
<b>Data:</b>	14 de Junho de 1996
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Ana Maria Mosa Carvalho Dias
<b>Título:</b>	<i>Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado Calcolítico de Santa Vitória</i>
<b>Data:</b>	18 de Junho de 1996
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Sérgio Emanuel Monteiro Rodrigues
<b>Título:</b>	<i>Contribuição para o estudo das indústrias líticas do vale do Rio Caia (Alto Alentejo - Portugal)</i>
<b>Data:</b>	18 de Junho de 1996
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Susana Helena Bastos Correia da Fonseca
<b>Título:</b>	<i>Calcolítico do sul de Portugal : estudo de um caso: o concelho de Cuba</i>
<b>Data:</b>	19 de Junho de 1996
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	João Carlos Muralha Cardoso
<b>Título:</b>	<i>Materiais líticos e cerâmicas de Castelo Velho de Freixo de Numão : continuidades e descontinuidades : uma proposta de abordagem estatística</i>
<b>Data:</b>	28 de Junho de 1996
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	João Manuel Viana Antunes
<b>Título:</b>	<i>Obras militares do Alto Minho : a costa atlântica e a raia ao serviço das guerras da Restauração</i>
<b>Data:</b>	15 de Julho de 1996
<b>Orientador:</b>	Vítor Manuel de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom
<b>Nome:</b>	Ana Isabel de Sá Caessa
<b>Título:</b>	<i>A Ordo Decurionum na epigrafia da Lusitania e da Gallaecia</i>
<b>Data:</b>	17 de Julho de 1996
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Cristina Maria Costa Silva
<b>Título:</b>	<i>O Povoado pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão no quadro do povoamento da 2ª metade do III milénio a. C./ 1ª metade do II milénio a. C., no concelho de Vila Nova de Foz Côa</i>
<b>Data:</b>	15 de Novembro de 1996
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

1997

<b>Nome:</b>	Carla Cristina Stockler Nunes Lima
<b>Título:</b>	<i>Os Monumentos com "Tumulu" da Serra da Aboboreira : seu enquadramento na problemática da conservação, restauro e valorização das estações e sítios arqueológicos : contributos para um projecto de desenvolvimento regional</i>
<b>Data:</b>	20 de Janeiro de 1997
<b>Orientador:</b>	Vítor Manuel de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Margarida da Silva Alves Moreira
<b>Título:</b>	<i>Contas de Colar provenientes de sepulcros com Tumulus do Norte e Centro-Norte de Portugal</i>
<b>Data:</b>	21 de Março de 1997
<b>Orientador:</b>	Vítor Manuel de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Bom com Distinção

<b>Nome:</b>	Carlos Alberto do Rosário Ramos
<b>Título:</b>	<i>A Arqueologia no processo de avaliação de impacte ambiental de projectos rodoviários</i>
<b>Data:</b>	30 de Outubro de 1997
<b>Orientador:</b>	Vítor Manuel de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Teresa Dulce da Cunha Gomes
<b>Título:</b>	<i>Organização militar medieval no Alto-Minho : terras de Fraião, Pena da Rainha e Valadares</i>
<b>Data:</b>	14 de Novembro de 1997
<b>Orientador:</b>	Vítor Manuel de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Bom com Distinção

<b>Nome:</b>	Jacinta da Conceição Marques Bugalhão
<b>Título:</b>	<i>A Indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo</i>
<b>Data:</b>	25 de Novembro de 1997
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Filomena dos Santos Barata
<b>Título:</b>	<i>Miróbriga : urbanismo e arquitectura</i>
<b>Data:</b>	25 de Novembro de 1997
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

### 1998

<b>Nome:</b>	Maria de Lurdes Ferreira da Silva Reis
<b>Título:</b>	<i>Cárquere : epigrafia latina</i>
<b>Data:</b>	12 de Janeiro de 1998
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Bom com Distinção

<b>Nome:</b>	Tarcísio Daniel Pinheiro Maciel
<b>Título:</b>	<i>O Povoamento proto-histórico do vale do Neiva</i>
<b>Data:</b>	13 de Janeiro de 1998
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Benedita Coelho da Silva Guinea Barbosa
<b>Título:</b>	<i>Tesouros monetários romanos em Portugal : da República ao reinado de Augustus</i>
<b>Data:</b>	29 de Setembro de 1998
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	João Carlos Lázaro Faria
<b>Título:</b>	<i>Alcácer do Sal pré-romana e romana</i>
<b>Data:</b>	14 de Dezembro de 1998
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

### 1999

<b>Nome:</b>	Maria Helena Teixeira Ribeiro Portela
<b>Título:</b>	<i>Necrópoles romanas no concelho de Amarante</i>
<b>Data:</b>	18 de Março de 1999
<b>Orientador:</b>	Rui Manuel Sobral Centeno
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Bom com distinção

<b>Nome:</b>	Maria Moreira Baptista de Magalhães Ramalho
<b>Título:</b>	<i>Convento de S. Francisco de Santarém : história e arqueologia de um monumento</i>
<b>Data:</b>	22 de Março de 1999
<b>Orientador:</b>	Maria Teresa Cordeiro de Moura Soeiro
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Ana Cristina Calais Freire dos Santos
<b>Título:</b>	<i>Fábrica de luz em Gouveia : Saraiva e Irmão. Suc. : contributo para o estudo da luminária</i>
<b>Data:</b>	25 de Março de 1999
<b>Orientador:</b>	Maria Teresa Cordeiro de Moura Soeiro
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Carlos Alberto de Abreu Ferreira
<b>Título:</b>	<i>Torre de Moncorvo : percursos e materialidades medievais e modernos</i>
<b>Data:</b>	26 de Março de 1999
<b>Orientador:</b>	Maria Teresa Cordeiro de Moura Soeiro
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Manuel Almeida Carneiro
<b>Título:</b>	<i>A Quinta do Rio em Ramalde : a vivência e o quotidiano em Ramalde (1756-1876)</i>
<b>Data:</b>	26 de Março de 1999
<b>Orientador:</b>	Maria Teresa Cordeiro de Moura Soeiro
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	António Jorge Ferreira Figueiredo
<b>Título:</b>	<i>Padrões de povoamento antigo na alta Estremadura: da Idade do Ferro à romanização</i>
<b>Data:</b>	17 de Maio de 1999
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Magna Maria Araújo da Mota
<b>Título:</b>	<i>A Problemática do armazenamento na Proto-história cerâmica do leste</i>
<b>Data:</b>	18 de Maio de 1999
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Bom com distinção

## 2000

<b>Nome:</b>	Leonor Raquel da Fonseca Sousa
<b>Título:</b>	<i>As Cerâmicas "cogeces" de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Faz Côa) : seu enquadramento peninsular</i>
<b>Data:</b>	28 de Fevereiro de 2000
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Isabel Simas Bettencourt e Abreu Amorim
<b>Título:</b>	<i>Castro de Palheiros (Murça) : as ocupações da Pré-história e da Proto-história da plataforma inferior</i>
<b>Data:</b>	28 de Fevereiro de 2000
<b>Orientador:</b>	Maria de Jesus Sanches
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Sandra Carla Pais Barbosa
<b>Título:</b>	<i>Castro de Palheiros - Murça : contributo para o entendimento do fenómeno campaniforme em contexto doméstico no Norte de Portugal</i>
<b>Data:</b>	3 de Março de 2000
<b>Orientador:</b>	Maria de Jesus Sanches
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Paulo Alexandre Chaves Teles Grilo
<b>Título:</b>	<i>Adequação dos conteúdos da linguagem plástica da arte paleolítica ao programa de educação visual e tecnológica do 2º ciclo do ensino básico</i>
<b>Data:</b>	10 de Março de 2000
<b>Orientador:</b>	Vitor Manuel de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Bom com distinção

<b>Nome:</b>	Margarida Maria Oliveira dos Santos Silva
<b>Título:</b>	<i>Recipientes cerâmicos do Bronze Final dos povoados de Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar) e da Lavra (Marco de Canaveses) : seu enquadramento regional</i>
<b>Data:</b>	10 de Março de 2000
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	António do Nascimento Sá Coixão
<b>Título:</b>	<i>A Ocupação humana na Pré-história recente na região de Entre Côa e Távora</i>
<b>Data:</b>	10 de Março de 2000
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

## 2001

<b>Nome:</b>	José Manuel Pinto Varela
<b>Título:</b>	<i>As Cerâmicas do Bronze Inicial e Médio do Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) : tradição e inovação na transição do IIIº para o IIº milénio a. C.</i>
<b>Data:</b>	6 de Fevereiro de 2001
<b>Orientador:</b>	Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

## 2002

<b>Nome:</b>	Alexandre Jorge Florêncio Caniço Cordeiro Canha
<b>Título:</b>	<i>Canedotes : povoado do Bronze Final do alto Paiva</i>
<b>Data:</b>	15 de Março de 2002
<b>Orientador:</b>	Maria de Jesus Sanches
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Isabel Alexandra Resende Justo Lopes
<b>Título:</b>	<i>Contextos materiais da morte durante a Idade Média : as necrópoles do Douro superior</i>
<b>Data:</b>	22 de Abril de 2002
<b>Orientador:</b>	Mário Jorge Lopes Neto Barroca
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	João Manuel Ferreira Abreu
<b>Título:</b>	<i>Necrópoles romanas do território português</i>
<b>Data:</b>	6 de Maio de 2002
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Brochado de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Susana Maria Rodrigues Cosme
<b>Título:</b>	<i>Entre o Côa e o Águeda : povoamento nas épocas romana e alto medieval</i>
<b>Data:</b>	6 de Maio de 2002
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Brochado de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

### 2003

<b>Nome:</b>	Xosé Lois Ladra-González
<b>Título:</b>	<i>Ourivesaria, Arqueologia e Paleoetnologia : a distribuição territorial dos torques áureos da segunda Idade do Ferro do Noroeste Peninsular e a sua relação com as unidades étnicas indígenas</i>
<b>Data:</b>	12 Março 2003
<b>Orientador:</b>	Armando Coelho Ferreira da Silva
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

# **Regulamento do Curso de Mestrado em História da Arte em Portugal**

(Resolução nº 116/98. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 185 (12 Ago. 1998) 11.504-11.505;

Aviso nº 13.187/98. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 185 (12 Ago. 1998) 11.583)

1º

## **Criação**

A Universidade do Porto, através da Faculdade de Letras, confere o grau de mestre em História da Arte em Portugal.

2º

## **Coordenação do mestrado**

1 - O mestrado de História da Arte em Portugal é coordenado por um Professor, que será coadjuvado por outros dois Professores, com os quais constitui a comissão de coordenação do mestrado.

2 - O coordenador da comissão referida no número anterior será nomeado pelo conselho científico da Faculdade, sendo os restantes membros designados pelo coordenador nomeado.

3º

## **Duração do mestrado**

O mestrado terá a duração de quatro semestres, e será constituído por um curso de especialização - adiante simplesmente designado por curso - e pela elaboração de uma dissertação especialmente escrita para o efeito.

4º

## **Organização do curso de especialização**

1 - O curso referido no artigo anterior organiza-se pelo sistema de unidades de crédito.

2 - A frequência e aprovação no curso dará direito ao respectivo diploma de especialização, nos termos do nº 5 do Regulamento de Mestrados da Universidade do Porto.

5º

## **Estrutura curricular**

A estrutura curricular do curso e a explicitação das correspondentes unidades de crédito são descritas no Anexo I.

6º

## **Habilitações de acesso**

1 - São admitidos à candidatura à matrícula no curso os licenciados em História / variante de História da Arte ou em História, com a classificação mínima de 14 valores.

2 - Excepcionalmente, em casos devidamente justificados, a comissão coordenadora do mestrado poderá propor ao conselho científico a admissão à candidatura à matrícula de candidatos que tenham uma licenciatura em História / variante de História da Arte ou História,

com uma classificação inferior a 14 valores, desde que o respectivo currículo demonstre uma adequada preparação científica de base.

3- Excepcionalmente, em casos devidamente justificados, a comissão coordenadora do mestrado poderá propor ao conselho científico a admissão à candidatura à matrícula de candidatos titulares de outras licenciaturas (ou de graus universitários estrangeiros), desde que o respectivo currículo demonstre uma adequada preparação científica de base.

7º

### **Limitações quantitativas**

1 - A matrícula no mestrado está sujeita a limitações quantitativas, a fixar, anualmente, por despacho do Reitor da Universidade do Porto, sob proposta do conselho científico da Faculdade, ouvida a comissão de coordenação do Mestrado.

2 - O despacho a que se refere o número anterior poderá, ainda, estabelecer a percentagem de vagas que será reservada, prioritariamente, a docentes de estabelecimentos do ensino superior ou a candidatos de outros países.

3 - Deverá, ainda, ser fixado, no mesmo despacho, um número mínimo de inscrições indispensáveis ao funcionamento do curso.

8º

### **CrITÉRIOS de selecção**

1 - Os candidatos à matrícula no mestrado serão seleccionados pela comissão de coordenação do mestrado, tendo em consideração os seguintes critérios:

- a) O currículo académico;
- b) O currículo científico;
- c) A experiência profissional.

2 - Poderão ser efectuadas entrevistas aos candidatos para avaliar a motivação, conhecimentos de línguas estrangeiras e disponibilidade de tempo.

3 - Os candidatos poderão ser submetidos a provas académicas de selecção para a avaliação do seu nível de conhecimentos nas áreas científicas de base correspondentes ao curso.

4 - A comissão de coordenação poderá determinar a obrigatoriedade da frequência, com aproveitamento, de determinadas disciplinas do elenco das licenciaturas em História / variante de História da Arte, ou em História, ou nas relacionadas com o nº 3 do nº 6.

5 - Das decisões da comissão de coordenação sobre a selecção dos candidatos não cabe recurso, salvo quando arguida de vício de forma.

9º

### **Regime de frequência e de avaliação**

As regras de matrícula e de inscrição bem como o regime de faltas, de avaliação de conhecimentos e de classificação, para as disciplinas que integram o curso, serão as previstas na lei para os cursos da Faculdade, excepto no que forem contrariadas pelo disposto no presente Regulamento e pela natureza do curso.

10º

### **Inscrições**

O limite de inscrições de cada aluno nas disciplinas da parte escolar do mestrado é de duas.

11º

### **Prazos e calendário**

Os prazos para a candidatura, matrícula e inscrição, bem como o calendário lectivo, serão fixados pelo despacho a que se refere o nº 1 do artº 7º deste Regulamento.

12º

### **Orientador da dissertação**

O orientador da dissertação será nomeado pela comissão coordenadora do mestrado, nos termos previstos no nº 6 do Regulamento de Mestrados da Universidade do Porto.

13º

### **Apresentação e entrega da dissertação**

A dissertação deve ser apresentada, sob forma policopiada, em seis exemplares, e o prazo de entrega não pode ultrapassar o fim do quarto semestre, salvo nos casos especiais referidos no artº 12º do Decreto-Lei nº 216/92, de 13 de Outubro.

14º

### **Constituição do júri de avaliação final**

1 - O júri de avaliação final é constituído nos termos do nº 7 do Regulamento de Mestrados da Universidade do Porto.

2 - Compete à comissão de coordenação do mestrado apresentar a proposta de júri para ratificação pelo conselho científico da Faculdade.

15º

### **Deliberação do júri**

A classificação final é decidida nos termos do nº 8 do Regulamento de Mestrados da Universidade do Porto e é expressa pelas formas de *Recusado* ou *Aprovado*, esta última com as menções de *Bom*, *Bom com distinção*, ou *Muito Bom*.

16º

### **Propinas**

O montante das propinas será fixado pelo Senado, com base em propostas do conselho científico da Faculdade.

27 de Julho de 1998

## **ANEXO I**

### **Estrutura curricular**

1 - O curso tem a duração máxima de dois semestres lectivos.

2 - O curso é organizado de acordo com o regime de unidades de crédito previsto no Decreto-Lei nº 173/80, de 29 de Maio.

3 - É necessária a aprovação em 12 unidades de crédito, assim distribuídas por áreas científicas:

- Área de Metodologia da Investigação em História da Arte - 6 unidades de crédito;
- Área de História da Arte em Portugal (séculos XVI-XX) - 6 unidades de crédito.

## Plano de estudos

Disciplinas	Horas	Unidades de crédito	Área científica
<b>1.º ano</b> 1º semestre			
Metodologia da Investigação em História da Arte I	45 T	3	Metodologia da Investigação em História da Arte
Arquitectura das Ordens Religiosas (séculos XVI-XVIII) I ou Arte da Talha (séculos XVII-XIX) I	45 T	3	História da Arte em Portugal (séculos XVI-XX)
ou Pintura (séculos XVIII-XIX) I	45 T	3	História da Arte em Portugal (séculos XVI-XX)
ou Escultura (século XX) I	45 T	3	História da Arte em Portugal (séculos XVI-XX)
ou Património e Restauro I	45 T	3	História da Arte em Portugal (séculos XVI-XX)
<b>2º semestre</b>			
Metodologia da Investigação em História da Arte II	45 T	3	Metodologia da Investigação em História da Arte
Arquitectura das Ordens Religiosas (séculos XVI-XVIII) II ou Arte da Talha (séculos XVII-XIX) II	45 T	3	História da Arte em Portugal (séculos XVI-XX)
ou Pintura (séculos XVIII-XIX) II	45 T	3	História da Arte em Portugal (séculos XVI-XX)
Escultura (século XX) II	45 T	3	História da Arte em Portugal (séculos XVI-XX)
ou Património e Restauro II	45 T	3	História da Arte em Portugal (séculos XVI-XX)

27 de Julho de 1998

**Dissertações defendidas no âmbito do Mestrado em  
História da Arte em Portugal**

**1995**

<b>Nome:</b>	Manuel Joaquim Moreira da Rocha
<b>Título:</b>	<i>Manuel Fernandes da Silva, mestre e arquitecto de Braga (1693-1751)</i>
<b>Data:</b>	24 de Julho de 1995
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

**1996**

<b>Nome:</b>	Luís Alexandre Rodrigues
<b>Título:</b>	<i>Bragança no século XVIII : urbanismo, arquitectura</i>
<b>Data:</b>	4 de Junho de 1996
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Joaquim Alves Vinhas
<b>Título:</b>	<i>A Igreja e o Convento de Vilar de Frades : das origens da Congregação dos Cônegos Seculares de São João Evangelista (Lóios) à extinção do convento : 1425-1834</i>
<b>Data:</b>	15 de Julho de 1996
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Luísa Gonçalves Reis Lima
<b>Título:</b>	<i>A Renovação estética da Igreja do Bom Jesus do Monte na época contemporânea</i>
<b>Data:</b>	25 de Julho de 1996
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Alexandra Trevisan da Silveira Pacheco
<b>Título:</b>	<i>A Arquitectura arts déco no Porto</i>
<b>Data:</b>	13 de Novembro de 1996
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Manuela Martins Soares
<b>Título:</b>	<i>Jardins do Porto de Oitocentos : percursos, tipologias e persistências</i>
<b>Data:</b>	27 de Novembro de 1996
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Cristina Trindade Guerreiro Osswald
<b>Título:</b>	<i>O Bom Pastor na imaginária indo-portuguesa em marfim</i>
<b>Data:</b>	13 de Janeiro de 1997
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Bom

<b>Nome:</b>	Miguel Filipe Ferreira Figueira de Faria
<b>Título:</b>	<i>José Joaquim Freire, desenhador militar e de História Natural : arte, ciência e razão de Estado no final do Antigo Regime</i>
<b>Data:</b>	3 de Fevereiro de 1997
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria de Lurdes de Sousa Álvares Ribeiro
<b>Título:</b>	<i>A Música nos presépios setecentistas</i>
<b>Data:</b>	5 de Fevereiro de 1997
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Bom

<b>Nome:</b>	Gonçalo Mesquita da Silveira de Vasconcelos e Sousa
<b>Título:</b>	<i>A Joalheria no Porto nos finais do séc. XVIII : aspectos sócio-artísticos</i>
<b>Data:</b>	12 de Fevereiro de 1997
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Joana Barbedo Marques Ferreira da Silva Vieira de Castro
<b>Título:</b>	<i>Retábulos neo-clássicos do Porto : uma proposta tipológica</i>
<b>Data:</b>	27 de Fevereiro de 1997
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Teresa Maria Mesquita Simões Alves de Araújo
<b>Título:</b>	<i>A Tipologia do órgão na obra de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça</i>
<b>Data:</b>	27 de Fevereiro de 1997
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Paula Cristina Machado Cardona
<b>Título:</b>	<i>O Perfil artístico das confrarias em Ponte de Lima na época moderna</i>
<b>Data:</b>	7 de Abril de 1997
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	José Carlos Meneses Rodrigues
<b>Título:</b>	<i>A Talha nacional e joanina em Marco de Canaveses</i>
<b>Data:</b>	9 de Abril de 1997
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Leonor Barbosa Soares
<b>Título:</b>	<i>Eduardo Luiz : uma obra-síntese de lições e de tempos</i>
<b>Data:</b>	21 de Maio de 1997
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Ana Maria Magalhães de Sousa Pereira
<b>Título:</b>	<i>Da Casa Grande da rua dos Pelames à Casa Nova da rua de Dom Gualdim</i>
<b>Data:</b>	18 de Junho de 1997
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Ana Margarida Gonçalves Carvalheira
<b>Título:</b>	<i>A Igreja e o Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar : o conjunto arquitectónico medieval e as campanhas de restauro da D.G.E.M.N. (1936/1962)</i>
<b>Data:</b>	23 de Junho de 1997
<b>Orientador:</b>	Carlos Alberto Ferreira de Almeida
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria da Luz Pinto de Mesquita Vasconcelos e Sousa Paula Marques
<b>Título:</b>	<i>Mobiliário português de aparato do século XVIII : credências, consolas e tremós</i>
<b>Data:</b>	2 de Julho de 1997
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria do Carmo Marques Pires
<b>Título:</b>	<i>A Rua Álvares Cabral (1895-1940) : formas de habitar</i>
<b>Data:</b>	3 de Julho de 1997
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Filomena Barros de Carvalhos
<b>Título:</b>	<i>Arquitectura e vilegiatura na Foz do Douro (1850-1910)</i>
<b>Data:</b>	3 de Julho de 1997
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Ana Cristina Correia de Sousa
<b>Título:</b>	<i>Ourivesaria estampada e lavrada : uma técnica milenar numa oficina de Gondomar</i>
<b>Data:</b>	15 de Julho de 1997
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	José Francisco Ferreira Queirós
<b>Título:</b>	<i>O Ferro na arte funerária do Porto oitocentista : o cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa 1833-1900</i>
<b>Data:</b>	13 de Novembro de 1997
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

### 1998

<b>Nome:</b>	João Carlos de Vilhena e César Mesquita
<b>Título:</b>	<i>A Ilustração nas publicações periódicas portuguesas (1820-1850)</i>
<b>Data:</b>	4 de Fevereiro de 1998
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Lucinda de Jesus Barros Pinto
<b>Título:</b>	<i>O Santuário de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego : contributo para o estudo da sua construção 1750-1905/69</i>
<b>Data:</b>	4 de Fevereiro de 1998
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Bom com Distinção

<b>Nome:</b>	Álvaro Samuel Guimarães da Mota
<b>Título:</b>	<i>Gravuras de chinoiserie de Jean-Baptiste Pillement</i>
<b>Data:</b>	23 de Fevereiro de 1998
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Sandra Maria Araújo de Amorim
<b>Título:</b>	<i>A Póvoa de Varzim : obras públicas e crescimento urbano (1871-1936)</i>
<b>Data:</b>	20 de Abril de 1998
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

### 1999

<b>Nome:</b>	Maria de Fátima dos Prazeres Eusébio
<b>Título:</b>	<i>Retábulos joaninos no concelho de Viseu</i>
<b>Data:</b>	26 de Janeiro de 1999
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Célia Ramos Ferreira Silva
<b>Título:</b>	<i>Os Órgãos de tubos da cidade do Porto (sécs. XVI-XIX)</i>
<b>Data:</b>	18 de Fevereiro de 1999
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Manuel Augusto Lima Engrácia Antunes
<b>Título:</b>	<i>Móveis de assento civil na Casa-Museu Guerra Junqueiro</i>
<b>Data:</b>	11 de Março de 1999
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Miguel Jorge Biscaia Ferreira Tomé
<b>Título:</b>	<i>Património e restauro em Portugal</i>
<b>Data:</b>	22 de Março de 1999
<b>Orientador:</b>	Lúcia Maria Cardoso Rosas
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	José Ferrão Afonso
<b>Título:</b>	<i>Rua das Flores no século XVI : elementos para a história urbana do Porto quinhentista</i>
<b>Data:</b>	15 de Abril de 1999
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	José Sidónio Meneses da Silva
<b>Título:</b>	<i>Mosteiro das Chagas de Lamego : vivências, espaços e espólio litúrgico (1588-1906)</i>
<b>Data:</b>	3 de Maio de 1999
<b>Orientador:</b>	Fausto Sanches Martins
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Natália de Magalhães Moreira Lobo
<b>Título:</b>	<i>O Ensino das artes aplicadas (ourivesaria e talha) na Escola Faria de Guimarães de 1884 a 1948 : reflexos no desenvolvimento artístico da cidade do Porto</i>
<b>Data:</b>	13 de Maio de 1999
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Susana Maria Loureiro Restier Grijó Poças
<b>Título:</b>	<i>Amadeo Modigliani : o preciosismo do desenho e as cumplicidades lusas : 1884-1920</i>
<b>Data:</b>	13 de Maio de 1999
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Luísa Fernanda Ferreira Rodrigues
<b>Título:</b>	<i>O Mosteiro de Corpus Christi de Vila Nova de Gaia : arquitectura, pintura e escultura num espaço dominicano feminino (1675-1873)</i>
<b>Data:</b>	24 de Maio de 1999
<b>Orientador:</b>	Fausto Sanches Martins
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Ilídio Jorge Silva
<b>Título:</b>	<i>Significação dos espaços privados nas comunidades cenobíticas</i>
<b>Data:</b>	22 de Junho de 1999
<b>Orientador:</b>	Fausto Sanches Martins
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Susana Matos Abreu
<b>Título:</b>	<i>A "Docta Pietas" ou a arquitectura do Mosteiro de S. Salvador, também Santo Agostinho da Serra (1573/1682)</i>
<b>Data:</b>	7 de Julho de 1999
<b>Orientador:</b>	Fausto Sanches Martins
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	José Guilherme Ribeiro Pinto de Abreu
<b>Título:</b>	<i>A Escultura no espaço público do Porto no séc. XX : inventário, história, perspectivas de interpretação</i>
<b>Data:</b>	15 de Julho de 1999
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Raquel Nunes de Almeida e Casal Pelayo
<b>Título:</b>	<i>Artes plásticas e vanguarda em Portugal : 1968-Abril 1974</i>
<b>Data:</b>	15 de Julho de 1999
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Bom com Distinção

<b>Nome:</b>	Luís Filipe Ferreira Marques
<b>Título:</b>	<i>A Praça da Batalha : um valor patrimonial (1798-1907)</i>
<b>Data:</b>	5 de Novembro de 1999
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

## 2000

<b>Nome:</b>	Natália Maria Fauvrelle da Costa Ferreira
<b>Título:</b>	<i>As Quintas do Douro : as arquitecturas do vinho do Porto</i>
<b>Data:</b>	11 de Fevereiro de 2000
<b>Orientador:</b>	Lúcia Maria Cardoso Rosas
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria José Coelho de Azevedo
<b>Título:</b>	<i>A Igreja Matriz de Valongo : arquitectura (1794-1836)</i>
<b>Data:</b>	25 de Fevereiro de 2000
<b>Orientador:</b>	Joaquim Jaime Ferreira-Alves; Fausto Sanches Martins
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria João Rocha Simões Fernandes
<b>Título:</b>	<i>Francisco da Silva Rocha (1864-1957) : arquitectura arte nova - uma Primavera eterna</i>
<b>Data:</b>	29 de Fevereiro de 2000
<b>Orientador:</b>	Lúcia Maria Cardoso Rosas; Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Prudência Maria Fernandes Antão Coimbra
<b>Título:</b>	<i>Jorge Vieira : ofício - escultor</i>
<b>Data:</b>	1 de Março de 2000
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho; Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Anacleto Pereira Dias
<b>Título:</b>	<i>O Mosteiro de São Bento da Vitória : espaço e música : 1597-1800</i>
<b>Data:</b>	31 de Março de 2000
<b>Orientador:</b>	Fausto Sanches Martins
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Bom com distinção

## 2001

<b>Nome:</b>	Isabel Maria Ribeiro Tavares de Pinho
<b>Título:</b>	<i>O Mosteiro de São Bento da Avé-Maria do Porto, 1518-1899 : uma arquitectura no século XVIII</i>
<b>Data:</b>	9 de Março de 2001
<b>Orientador:</b>	Fausto Sanches Martins
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Lúcia Maria de Moura Rodrigues da Silva
<b>Título:</b>	<i>A Construção do novo Mosteiro de Santa Clara de Coimbra : 1647 a 1769 : da decisão à conclusão : obras e arquitectos</i>
<b>Data:</b>	9 de Março de 2001
<b>Orientador:</b>	Fausto Sanches Martins
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Bom

<b>Nome:</b>	António Manuel Vilarinho Mourato
<b>Título:</b>	<i>Cor e melancolia : uma biografia do pintor Francisco José Resende</i>
<b>Data:</b>	16 de Março de 2001
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Teresa Sofia Alves Miranda Bandeira Duarte
<b>Título:</b>	<i>Os Retábulos em Óbidos : do Maneirismo ao Neoclássico</i>
<b>Data:</b>	11 de Maio de 2001
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Elvira Maria Almeida Rebelo
<b>Título:</b>	<i>Da Clausura ao século : o destino de dois espaços conventuais do Porto : materialidades, memórias e património</i>
<b>Data:</b>	4 de Junho de 2001
<b>Orientador:</b>	Lúcia Maria Cardoso Rosas
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Carla Sofia Ferreira Queirós
<b>Título:</b>	<i>Os Retábulos da cidade de Lamego e o seu contributo para a formação de uma escola regional : 1680-1780</i>
<b>Data:</b>	5 de Junho de 2001
<b>Orientador:</b>	Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Maria Antonieta Lopes Vilão Vaz de Moraes
<b>Título:</b>	<i>Pintura nos séculos XVIII e XIX na galeria de retratos de benfeitores da Santa Casa da Misericórdia do Porto</i>
<b>Data:</b>	7 de Junho de 2001
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

## 2002

<b>Nome:</b>	José António Nobre
<b>Título:</b>	<i>Património rural na terra de Miranda a artes plásticas em Portugal no século XX</i>
<b>Data:</b>	21 de Fevereiro de 2002
<b>Orientador:</b>	Lúcia Maria Cardoso Rosas
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	António Fernando Monteiro Pereira da Silva
<b>Título:</b>	<i>A Metáfora da morte na escultura contemporânea em Portugal, na 2ª metade do séc. XX</i>
<b>Data:</b>	1 de Março de 2002
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Mariana Viterbo Brandão
<b>Título:</b>	<i>Pousadas de Portugal : três estudos de caso : pousadas de D. Dinis, Santa Marinha da Costa e Santa Maria de Bouro</i>
<b>Data:</b>	11 de Abril de 2002
<b>Orientador:</b>	Lúcia Maria Cardoso Rosas
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Anabela Rocha Paiva
<b>Título:</b>	<i>Abel Salazar : onde nasce o erro?</i>
<b>Data:</b>	12 de Abril de 2002
<b>Orientador:</b>	António Cardoso Pinheiro de Carvalho
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

<b>Nome:</b>	Carlos Telo Rodrigues
<b>Título:</b>	<i>Maurício José Sendim : professor e litógrafo (1790-1870)</i>
<b>Data:</b>	17 de Maio de 2002
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo
<b>Classificação:</b>	Aprovado; Muito Bom

2003

<b>Nome:</b>	Maria Clara Loureiro Borges Paulino Kulmacz
<b>Título:</b>	<i>Arte e Património em Portugal : olhares norte-europeus (da segunda metade do século XVIII a meados do século XIX)</i>
<b>Data:</b>	23 de Janeiro de 2003
<b>Orientador:</b>	Agostinho Rui Marques de Araújo
<b>Classificação:</b>	Aprovada; Muito Bom

# **Regulamento do Curso de Pós-Graduação em Museologia**

(Regulamento nº 23/2002. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 113 (16 Maio 2002) 9.105-9.105)

Por despacho de 17 de Abril de 2002 da comissão coordenadora do conselho científico da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi aprovado o seguinte Regulamento do Curso de Pós-Graduação em Museologia:

## **Preâmbulo**

O curso de pós-graduação em Museologia, criado pela Reitoria da Universidade do Porto através da Faculdade de Letras, tem como objectivo especializar licenciados ou equiparados, nos vários ramos de ciências, artes e letras, na teoria e na prática museológicas. Será um curso polivalente e interdisciplinar, de modo a abranger todas as vertentes da actividade museológica, interessando a defesa do património cultural, e votado nomeadamente para a formação de conservadores de museus e a investigação em museologia.

1º

## **Criação**

É criado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto o curso de pós-graduação em Museologia, adiante designado por curso.

2º

## **Plano de estudos**

1 - O curso terá a duração de dois anos, durante os quais serão ministradas as disciplinas constantes no anexo I ao presente Regulamento, acompanhadas de estágio em museus ou palácios nacionais, museus municipais, museus da Universidade, fundações de carácter museológico e centros culturais, com as condições requeridas.

2 - Cada aluno deverá apresentar um relatório para cada disciplina estudada.

3 - O estágio de cada aluno deverá ser acompanhado por um orientador, a quem deverá apresentar, no final do curso, um relatório dactilografado.

3º

## **Normas de avaliação**

1 - As disciplinas serão avaliadas de acordo com o sistema de normas de avaliação vigentes na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

2 - Os relatórios serão avaliados pelos respectivos orientadores.

3 - A classificação final do curso resultará da média aritmética obtida pela soma das avaliações expressas numericamente.

4 - Não é permitido o recurso das classificações das disciplinas e estágio.

4º

### Habilitações de acesso

Podem candidatar-se à matrícula e inscrição no curso os cidadãos nacionais e estrangeiros que sejam titulares de uma licenciatura pelas universidades portuguesas ou de habilitação legalmente equivalente.

5º

### Seleção de candidatos

1 - A seleção dos candidatos à matrícula será realizada pelo conselho científico da Faculdade que, para o efeito, constituirá um júri e terá como base o seguinte conjunto de critérios:

- a) Classificação de licenciatura;
- b) Outros diplomas ou graus académicos de que sejam titulares;
- c) Experiência profissional no domínio da museologia;
- d) Currículo científico;
- e) Motivação expressa, nomeadamente, para o exercício da profissão de conservador de museus.

2 - A apresentação dos aspectos referidos nas alíneas c) e e) do número anterior será feita através de uma entrevista individual.

3 - Das decisões do conselho científico da Faculdade quanto à seleção de candidatos à matrícula não cabe recurso, salvo se arguidas de vício de forma.

6º

### *Numerus clausus*

1 - A inscrição no curso está sujeita a *numerus clausus*, fixado bianualmente pela Reitoria da Universidade, sob proposta do conselho científico da Faculdade, acompanhada de um relatório comprovativo da existência de recursos humanos e materiais adequados à sua completa concretização.

2 - Poderá ser reservada uma percentagem de *numerus clausus*, a fixar igualmente pela Reitoria da Universidade, aos candidatos com experiência no domínio da museologia, sendo 25% das vagas destinadas aos funcionários do Instituto Português de Museus.

7º

### Regime de frequência

1 - O número de presenças em cada disciplina não pode ser inferior a 85% do número total de horas da mesma.

2 - Em casos excepcionais, devidamente justificados, poderá ser autorizado um número de presenças inferior ao fixado no número anterior, sem prejuízo do cumprimento, pelos alunos, das normas referentes à avaliação de conhecimentos.

8º

### Regime geral

As regras de matrícula e inscrição, bem como o regime de avaliação de conhecimentos e de classificação para as disciplinas que integram o curso, serão os previstos para os cursos de licenciatura, naquilo em que não forem contrariados pelo disposto no presente Regulamento e pela natureza do curso.

**Propinas e outros encargos**

1 - A inscrição anual no curso está sujeita a uma propina anual, a estabelecer oportunamente de acordo com as modalidades em vigor na Universidade e a aprovar pelo Senado.

2 - Os alunos deverão, igualmente, satisfazer antecipadamente o encargo de deslocações a realizar no âmbito de visitas de estudo que venham a ser programadas.

3 - O não aproveitamento do curso, ou em parte dele, ou a desistência do mesmo não confere o direito a recuperar os pagamentos feitos, nem liberta da obrigação de satisfazer os pagamentos devidos.

**Certificados**

Aos alunos será passado um certificado final, nos termos do modelo constante do anexo II ao presente Regulamento.

23 de Abril de 2002

**ANEXO I****Curso de pós-graduação em Museologia**

Disciplinas	Unidades de Crédito
<b>1º ano</b>	
Introdução à Museologia .....	2
Gestão de Colecções .....	4
Conservação Preventiva .....	4
Arquitectura de Museus .....	2
Tecnologias da Informação .....	2
<b>2º ano</b>	
Organização e Gestão de Museus .....	2
Museus e Comunicação .....	4
Estágio .....	10
<i>Total</i> .....	30

**ANEXO II****Certificado Final**

República (a) Portuguesa

F... (b), reitor da Universidade do Porto:

Faz saber que ... (c), filho de ... (d), natural de ... (e), terminou em ... (f) o curso de pós-graduação em Museologia, ministrado na Faculdade de Letras desta Universidade.

Reitoria da Universidade do Porto, em ... (g).

O Reitor, .  
O Administrador, ...

- (a) Selo da Universidade do Porto.
- (b) Nome do reitor da Universidade do Porto.
- (c) Nome do titular do certificado final.
- (d) Nome do pai e da mãe do titular do certificado final.
- (e) Naturalidade do titular do certificado final.
- (f) Data da conclusão do curso.
- (g) Data.



**PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS  
DO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA  
(2002-2003)**

## 1º Ano

### ARQUITECTURA DE MUSEUS

**Docente:** Arqº Pedro José Freitas Borges de Araújo

Módulo 1 - Arquitectura, Arquitectura de Museus e Museologia

0.1 A estrutura do curso. Introdução

0.2 A estrutura do curso. Os Módulos

0.3 Sobre a Bibliografia

0.4 A estrutura do curso. Teoria

0.4.1. Arquitectura. Teoria

0.4.2. Arquitectura. História

0.4.3. Arquitectura. Sistemas de Representação

1.1 Precisão terminológica

1.2 Arquitectura. Determinação dos limites operacionais do conceito

1.3 Arquitectura. Ideia e realização

1.4 Arquitectura. Conservação

1.5 Arquitectura. Função

2.1 Arquitectura. Espaço

2.2 Arquitectura. Lugar

2.3 Arquitectura. Escala

3.1 Arquitectura. Estrutura oculta

3.2 Arquitectura. Comunicação

3.3 Arquitectura. Forma e Símbolo

3.4 Arquitectura. Construção

4.1 O Desenho

4.2 Organigramas funcionais e Estrutura Topológica

4.3 Estrutura da criação e sistemas de representação

5.1 Arquitectura, Desenho e Projecto

5.2 Programas e Projectos

5.3 O Programa Preliminar

5.4 Sobre o Projecto

Módulo II – Museologia e Realizações Arquitectónicas

6.1 O Solomon R. Guggenheim Museum, New York

6.2 A Arquitectura de Frank Lloyd Wright

7.1 A Arquitectura de Mies van der Rohe, Arquitecto

7.2 O Pavilhão da Alemanha na Exposição Universal de Barcelona

8.1 A Arquitectura de Le Corbusier

8.2 A Teoria e a Prática na Arquitectura Moderna

9.1 O Museu do Século XIX na Gare d'Orsay, Paris

- 9.2 Gae Autenti, Architecta
- 9.3 A intervenção da Architectura na Architectura

- 10.1 O CEAC, Fundación Joan Miró, Barcelona
- 10.2 Josep Lluís Sert, Architecto
- 10.3 O cliente, o architecto e o lugar

- 11.1 Tendências e Direcções da Architectura
- 11.2 Os novos edificios
- 11.3 A intervenção no património construído
- 11.4 Architectura, neutralidade e actividade
- 11.5 O Museu Nacional de Arte Romana de Mérida
- 11.6 Rafael Moneo, Architecto

### Módulo III – Architectura e Museologia. Estruturação de Programas, Projectos e Equipas

- 12.1 Architectura e Museologia
- 12.2 Programa e Projecto
- 12.3 Solução de Problemas
- 12.4 A Estruturação do Programa Preliminar. O Programa Base
- 12.5 A lógica interna da formação de uma equipa
- 12.6 O desenvolvimento do Programa Preliminar. O Programa Base
- 13.1 O Projecto. O desenvolvimento do Programa Base
- 13.2 Definições
- 13.3 Classificação de Projectos
- 13.4 Fases de Projecto

- 14.1 Classificação dos Projectos. Projectos de Especialidade
- 14.2 Estabilidade, Fundações e Estruturas
- 14.3 Alimentação e Distribuição de Energia Eléctrica
- 14.4 Abastecimento e Drenagem de Águas e Esgotos
- 14.5 Isolamento Térmico
- 14.6 Instalações Telefónicas
- 14.7 Outros Projectos de Especialidade

- 15.1 Projecto. Projectos de Especialidades
- 15.2 Aquecimento, Ventilação e Ar Condicionado
- 15.3 Iluminação
  - 15.3.1 Iluminação Natural
  - 15.3.2 Iluminação Artificial

- 16.1 Projecto. Vários níveis de intervenção
- 16.2 Projecto. Equipamento e Mobiliário
- 16.3 Projecto. Imagem Global e Discurso Gráfico

- 17.1 Projecto. Coordenação e Gestão do Projecto
- 17.2 Projecto. Coordenação e Fiscalização de Obra

- 18.1 Projectos. Obra. Exploração e Manutenção
- 18.2 A Architectura e o Museu
- 18.3 Architectura. Museologia
- 18.4 Considerações finais

## CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

**Docente:** Dr<sup>a</sup> Paula Cristina Menino Duarte Homem

### I. Introdução

1. Conceitos: perspectiva histórica
2. Ética: filosofias de actuação

### II. Materiais

1. Natureza, estrutura e comportamento
2. Deterioração: agentes e sintomatologias
  - 2.1. Tecnologias de fabrico
  - 2.2. Factores ambientais
    - 2.2.1. Atmosféricos
    - 2.2.2. De enterramento
  - 2.3. Micro-organismos e organismos
    - 2.3.1. Vegetais
    - 2.3.2. Animais

### III. Conservação Preventiva

Elaboração de projecto normativo de intervenção

#### 1. Diagnóstico

- 1.1. Edifício/ Museu
  - 1.1.1. Materiais e tipos de construção
  - 1.1.2. Espaços: soluções de organização e rentabilização
  - 1.1.3. Características e comportamentos: estado de conservação

#### 1.2. Colecções

- 1.2.1. Identificação das naturezas e dos sinais de patologias específicas: estado de conservação

#### 2. Recursos: gestão e estabelecimento de prioridades de intervenção

##### 2.1. Edifício/ Espaços

- 2.1.1. Rotinas de manutenção
- 2.1.2. Tratamento ambiental
  - 2.1.2.1. Meios de medição e de controlo: atitudes e equipamento

##### 2.2. Colecções/ Materiais

- 2.2.1. Sistemas de manuseamento, acomodação, transporte, reserva e exposição: critérios e produtos
- 2.2.2. As réplicas: funções e tipos

## GESTÃO DE COLECCÇÕES

**Docente:** Dr<sup>a</sup> Alice Lucas Semedo

### I - As Colecções Museológicas

1. Perspectiva histórica
2. Natureza e interpretação das colecções
3. Modelos de estudo
4. A gestão das colecções museológicas
5. Planos de gestão de colecções
6. Organização de reservas em museus – a perspectiva da gestão de colecções

**Docente:** Mestre Manuel Augusto Lima Engrácia Antunes

#### Coleccionismo e Colecções - sécs. XV a XX

##### 1 - Coleccionismo (Europa- séc. XV a XX)

Séc. XV

- Margarida de York – Borgonha

Séc. XVI

- D. Manuel I – Portugal
- Lourenço de Médicis – Florença
- D. Catarina de Áustria – Portugal
- Rudolfo II – Praga

Séc. XVII

- Mazarino - Roma e Paris

Séc. XVIII

- Augusto o Forte - Saxónia e Polónia

Séc. XIX

- D. Fernando II – Portugal

Séc. XX

- Calouste Gulbenkian - Paris/Lisboa

##### 2 - Museus e colecções (Europa e Estados Unidos da América, séc. XIX/XX)

- Isabella Stewart Gardner – Boston
- Sir Richard Wallace – Londres
- Frederick Stibbert – Florença
- Henry Clay Frick - Nova York
- Fausto e Giuseppe Bagatti-Valsecchi – Milão
- Nélie Jacquemart-André – Paris
- Museu Nacional de Arte Antiga – Lisboa
- Casa-Museu Guerra Junqueiro – Porto

##### 3 - Colecções (Europa; Extremo Oriente)

- Gravura europeia
- Esmalte de Limoges
- Cerâmica Europeia da Renascença
- Porcelana da China
- Laca Namban
- Joalharia europeia
- Prata europeia
- Traje europeu
- Mobiliário civil e institucional

## INTRODUÇÃO À MUSEOLOGIA

**Docente:** Dr<sup>a</sup> Alice Lucas Semedo

### I - Introdução

1. O conceito de museologia
2. O museu
  - 2.1. Estatuto e funções
  - 2.2. Missão e objectivos
  - 2.3. O conceito de museu
3. O contexto profissional
  - 3.1. O 'projecto' profissional
  - 3.2. Os códigos deontológicos

### II - O Museu e o seu Público

1. A audiência
2. Os serviços educativos
3. As exposições
4. A investigação nos museus

### III - Problemas e desafios da actualidade

1. Novas práticas museológicas

## TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO

**Docente:** Dr. Mário Armando Nogueira Pereira de Brito

### I. Introdução: Tecnologias da Informação e das Comunicações aplicadas ao Património Cultural

1. A sociedade da Informação
2. As Indústrias de conteúdos culturais
3. Os museus no contexto da sociedade da informação

### II. O desenvolvimento tecnológico e a prática das instituições

1. O Hardware
2. O Software
3. O desafio do audiovisual

### III. Internet

1. Introdução
2. Organização e funcionamento
3. O acesso
4. Aplicação e serviços
5. Desenvolvimento de páginas html
6. Publicação de informação na Internet
7. Recursos no domínio da Museologia
  - a) ICOM - Cidoc
  - b) Medici Framework
  - c) Canadian Heritage Information Network
8. Projectos em desenvolvimento em Portugal
9. Projectos em desenvolvimento no estrangeiro

#### IV. Os Sistemas de Gestão de Bases de Dados

1. Definição e caracterização
2. Áreas de aplicação
3. As redes
4. Especificação
5. Desenvolvimento
6. Pesquisa e difusão
7. Projectos em desenvolvimento
8. Produtos comerciais
9. Normalização

#### V. Multimedia e Interactividade

1. Definição e caracterização
2. Áreas de Aplicação
3. Os suportes
4. A produção
5. A avaliação

# **Regulamento dos Cursos de Pós-Graduação em Recursos Patrimoniais e em Dinâmicas de Bens Culturais**

(Regulamento nº 40/2003. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 187 (14 Ago. 2003) 12.589-12.590)

Por despacho de 18 de Junho de 2003 da comissão coordenadora do conselho científico da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi aprovado o Regulamento dos Cursos de Pós-Graduação em Recursos Patrimoniais e em Dinâmicas de Bens Culturais:

## **Preâmbulo**

Os cursos de pós-graduação em Recursos Patrimoniais e em Dinâmicas dos Bens Culturais têm como objectivo fornecer uma preparação qualificada para o exercício das actividades profissionais relacionadas com a potenciação dos recursos do património artístico-cultural português, bem como conferir a preparação adequada na dinâmica do mercado artístico.

## **CAPÍTULO I**

### **Artigo 1.º**

#### **Criação**

A Universidade do Porto, através da Faculdade de Letras, confere as pós-graduações em Recursos Patrimoniais e em Dinâmicas de Bens Culturais.

### **Artigo 2.º**

#### **Objectivos dos cursos**

Os cursos de pós-graduação em Recursos Patrimoniais e em Dinâmicas de Bens Culturais, adiante designados por cursos, têm por objectivo fornecer uma formação especializada e transdisciplinar, vocacionada para a rendibilização do património artístico e cultural.

### **Artigo 3.º**

#### **Comissão coordenadora dos cursos**

1 - A comissão coordenadora do curso é composta pelo coordenador, que preside, e por dois vogais.

2 - A comissão coordenadora será nomeada, pelo período de um ano, pelo Conselho Científico da FLUP, sob proposta da secção de História da Arte do DCTP.

### **Artigo 4.º**

#### **Organização dos cursos**

1 - Os cursos têm a duração de um ano e organizam-se pelo sistema de unidades de crédito.

2 - Serão estruturados da seguinte forma:

2.1 - Os alunos podem optar por duas vias, embora a organização curricular do 1.º semestre seja comum às duas variantes.

3 - Todos os alunos deverão frequentar cinco seminários e uma disciplina obrigatória. A frequência e aprovação dará direito ao diploma de pós-graduação em Recursos Patrimoniais ou ao diploma de pós-graduação em Dinâmicas de Bens Culturais.

#### Artigo 5.º

##### **Estrutura curricular**

A estrutura curricular dos cursos e a explicitação das correspondentes unidades de crédito são descritas no anexo I.

#### Artigo 6.º

##### **Habilitações de acesso**

1 - São admitidos à candidatura à matrícula nos cursos os licenciados em História da Arte, Arquitectura, Escultura, Pintura, História e Arqueologia.

2 - Poderão ainda ser admitidos à candidatura titulares de licenciatura em História da Arte por universidades estrangeiras, e de outra licenciatura pelas universidades portuguesas ou estrangeiras ou de habilitação legalmente equivalente, cujo currículo demonstre uma adequada preparação científica de base. Tal apreciação é da responsabilidade da comissão coordenadora dos cursos.

#### Artigo 7.º

##### **Número de vagas**

1 - A matrícula nos cursos está sujeita a limitações quantitativas a fixar anualmente por despacho do reitor da Universidade do Porto, sob proposta do conselho científico da Faculdade, ouvida a comissão coordenadora dos cursos.

2 - O despacho a que se refere o número anterior poderá, ainda, estabelecer o número de vagas que será reservado, prioritariamente, a docentes de estabelecimentos do ensino superior ou a candidatos de outros países.

3 - Deverá ainda ser fixado, no mesmo despacho, o número mínimo de inscrições indispensável ao funcionamento dos cursos.

#### Artigo 8.º

##### **CrITÉRIOS de selecção**

1 - Os candidatos à matrícula nos cursos serão seleccionados pela respectiva comissão coordenadora, tendo em consideração os seguintes critérios:

- 1.1) O currículo académico;
- 1.2) O currículo científico;
- 1.3) O currículo profissional;
- 1.4) A entrevista.

2 - Das decisões da comissão coordenadora sobre a selecção dos candidatos não cabe recurso, salvo quando baseado em vício de forma.

#### Artigo 9.º

##### **Regime de frequência e avaliação**

O número de presenças, para efeitos de aprovação final, é obrigatoriamente de, pelo menos 75% do número total de horas lectivas previstas.

Artigo 10.º  
**Prazos e calendário**

Os prazos para a candidatura, matrícula e inscrição, bem como o calendário lectivo, serão fixados pelo despacho a que se refere o nº 1 do artigo 7º deste Regulamento.

Artigo 11.º  
**Propinas**

A inscrição anual dos cursos está sujeita ao pagamento de uma propina fixada pelo senado da UP, com base numa proposta do DCTP e do conselho científico da FLUP.

21 de Julho de 2003

ANEXO I

Anualmente, mediante prévia aprovação do órgão competente, no mesmo documento em que solicita a renovação da abertura do funcionamento dos cursos, a comissão coordenadora dos cursos de pós-graduação em recursos Patrimoniais e em Dinâmicos dos Bens Culturais definirá o elenco de seminários e disciplinas, bem como os respectivos responsáveis, que vigorarão no ano lectivo seguinte.

O elenco das disciplinas e respectivas unidades de crédito que integrarão os cursos a vigorar, no ano lectivo de 2003-2004, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é o seguinte:

**Estrutura curricular**

1 – Uma disciplina obrigatória (1.º semestre):

Número de horas lectivas – sessenta horas;

Créditos – 4;

Requisitos da aprovação – frequência e apresentação de trabalho final.

2 – Seminário I, II, III, IV e V (opcionais, de acordo com a via escolhida, dois no 1.º semestre e três no 2.º semestre):

Número de horas lectivas – sessenta horas em cada seminário;

Créditos – 2 em cada seminário;

Requisitos da aprovação – frequência e apresentação de trabalho final.

Total do curso de estudos pós-graduados – trezentas e sessenta horas lectivas e 14 créditos.

Em casos devidamente justificados, os alunos poderão substituir dois seminários por duas disciplinas semestrais pertinentes para a formação na área, disciplinas oferecidas pelo DCTP ou por outro Departamento da FLUP:

**Elenco dos seminários e disciplinas  
Curso de pós-graduação em Recursos Patrimoniais**

1.º semestre

Disciplina obrigatória – Metodologia e Técnicas de Valorização do Património e dos Bens Culturais

Seminário I – Gestão de Documentos: Arquivos e Bibliotecas

Seminário II – Território, Património e Cultura

2.º semestre

Seminário III – Catalogação, Inventariação e Estudo do Património Móvel e Imóvel  
Seminário IV – O Porto e o Espaço Peri-Urbano: Âmbitos e Escalas de Patrimonialidade  
Seminário V – Projecto de Requalificação de Núcleos Urbanos e Rurais

**Curso de pós-graduação em Dinâmicas de Bens Culturais**

1.º semestre

Disciplina obrigatória – Metodologia e Técnicas de Valorização do Património e dos Bens Culturais

Seminário I – Gestão de Documentos: Arquivos e Bibliotecas

Seminário II – Território, Património e Cultura

2.º semestre

Seminário III – Indústrias Culturais

Seminário IV – Mercado e Públicos: Feiras, Leilões e Turismo Cultural

Seminário V – Projecto de Dinâmicas Culturais

# NORMAS DE AVALIAÇÃO CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

## A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

### Artº 1º - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:
  - a) Avaliação contínua;
  - b) Avaliação periódica;
  - c) Avaliação final.
2. Em todos os cursos, nos termos do artº 17º, é permitida a combinação, numa mesma disciplina, da modalidade de avaliação contínua com uma das outras modalidades de avaliação, prevalecendo, dentro de cada uma destas formas de avaliação, as normas respectivas.
3. Poderão existir, em alternativa ou em combinação com outras modalidades, trabalhos de pesquisa ou de campo obrigatórios, definidos nos termos dos artºs 17º e 18º.

### Artº 2º - Definição inicial da avaliação e sua apresentação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, o docente deve comunicar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos diferentes aspectos, explicitando:
  - a) Objectivos pedagógico-didáticos;
  - b) Modalidades de avaliação, com referência à existência ou não de avaliação contínua e à forma como, dentro dos limites impostos nestas normas, esta poderá ser combinada com outras modalidades;
  - c) Existência ou não de trabalhos de investigação obrigatórios e ou facultativos;
  - d) Índices e critérios de ponderação de cada uma das componentes de avaliação (testes, trabalhos de investigação, trabalhos práticos, participação nas aulas teóricas e práticas);
  - e) Número e tipo de testes mínimo para as disciplinas em modalidade de avaliação contínua.
2. O estipulado no ponto 1 deve obrigatoriamente ser registado pelo docente no livro de sumários, até ao fim do primeiro mês de aulas. O livro de sumários deve estar actualizado e à disposição dos alunos.
3. O plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:
  - a) Número de alunos;
  - b) Número de docentes;
  - c) Natureza da disciplina e conteúdos a leccionar.
4. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.
5. Independentemente da modalidade de avaliação escolhida, os alunos têm de cumprir as disposições constantes dos diplomas legislativos que regulamentam os Cursos, sem o que não poderão ter aprovação.

## B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

### Artº 3º - Elementos de avaliação

1. A modalidade de avaliação contínua terá um número de provas mínimo a definir pelo docente no início do ano lectivo e em correlação directa com as matérias a leccionar. Estas devem ser

- distribuídas regularmente, consistindo na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos ou orais, etc.
2. Os alunos devem ser informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação nas aulas, e sobre os critérios de ponderação adoptados, critérios esses que não poderão ser alterados *a posteriori* sem o prévio acordo dos alunos.
  3. Uma das provas tem de ser obrigatoriamente um teste escrito.

#### **Artº 4º - Inscrição e desistência**

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.
2. Os alunos só podem desistir da avaliação contínua até um mês antes do início do calendário de avaliação periódica. Os alunos que desistirem da avaliação contínua podem submeter-se ao regime de avaliação periódica se o comunicarem ao docente aquando da desistência. Caso contrário, só poderão submeter-se ao regime de avaliação final.
3. Uma informação quantitativa e/ou qualitativa sobre a avaliação contínua deve ser afixada necessariamente até uma semana antes do prazo limite da desistência da avaliação contínua.
4. A desistência da avaliação contínua efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada. No período de aulas deve ser entregue pessoalmente ao docente.

#### **Artº 5º - Funcionamento das aulas**

1. A avaliação contínua apenas pode ser realizada em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos.
2. O quantitativo referido no ponto anterior poderá, eventualmente, ser alterado, após autorização do Conselho Pedagógico, e mediante justificação do docente.
3. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

#### **Artº 6º - Exigência de presença às aulas**

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno, no mínimo, em 75% das aulas.
2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.
3. O docente é o responsável pelas folhas de presença assinadas pelos alunos, que as podem consultar, de modo a controlarem as suas faltas.

#### **Artº 7º - Prazo de afixação das classificações**

1. As classificações da avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas aos alunos, e devem ser publicadas até uma semana antes do prazo limite de desistência da avaliação contínua.
2. O docente deverá comunicar aos alunos a classificação de cada prova escrita no prazo máximo de 30 dias após a realização da mesma. Este prazo só poderá ser alterado mediante acordo prévio entre docente e discentes.
3. Caso haja impossibilidade justificável por parte do docente em cumprir o disposto nos números 1 e 2 deste artigo, este deverá informar os discentes da sua situação. Ao não cumprir o nº 1, o docente deverá ainda alargar o prazo de desistência de avaliação contínua. Em caso algum um aluno poderá ficar privado de desistir da avaliação contínua e optar pela avaliação periódica ou final por falta de informação sobre as suas classificações.
4. A classificação das provas orais deve ser afixada no dia de realização das mesmas.

5. A classificação final dos alunos deve ser afixada, com as ponderações de cada tipo de prova claramente explícitas, até 21 dias úteis após o último dia de aulas.

#### **Artº 8º - Aprovação em avaliação contínua**

1. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação contínua, a média final deve ser igual ou superior a 9,5 valores.

#### **Artº 9º - Reprovação e direito à época de recurso**

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo, no entanto, direito a realizar exame final na época de recurso e nas condições fixadas pelo artº 14º.

### **C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA**

#### **Artº 10º - Tipos de provas**

1. Nas disciplinas anuais, o número mínimo de provas a realizar é de duas, sendo uma obrigatoriamente um teste escrito efectuado na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho elaborado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno, nos termos do artº 2º.
2. Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes deverão obrigatoriamente regular-se pelo disposto no artº 17º.
3. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até uma semana antes da sua realização.

#### **Artº 11º - Inscrição e desistência**

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira ou na segunda prova de avaliação periódica.
2. O direito à prova de repescagem ocorre automaticamente no caso de existir uma nota positiva numa das provas e desde que sejam observadas as disposições do artº 12º.
3. Um aluno que compareça a duas provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal.
4. Os alunos que tendo faltado à primeira prova de avaliação se apresentem à segunda, estão definitivamente inscritos na modalidade de avaliação periódica. Caso obtenham classificação positiva, na segunda prova aplica-se a alínea b) do nº 2 do artº 12º; caso obtenham classificação negativa consideram-se reprovados.

#### **Artº 12º - Aprovação e repescagem**

1. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final das provas realizadas tem de ser igual ou superior a 9,5 valores, não podendo qualquer das provas ter uma classificação igual ou inferior a 7 valores.
2. Têm o direito de realizar uma prova de repescagem os alunos que se encontrem numa das seguintes situações:
  - a) Os alunos que não estejam na situação referida no ponto 1 deste artigo, ou seja, os alunos que tenham classificação igual ou superior a 9,5 valores numa das provas de avaliação periódica e classificação igual ou inferior a 9 valores na outra, desde que a média das duas provas seja inferior a 9,5 valores.

- b) O alunos que tenham faltado a uma das provas, desde que tenham classificação igual ou superior a 9,5 valores na prova que realizaram e que cumpram o disposto no ponto dois do artº 11º.
3. A prova de repescagem é realizada em simultaneidade com o exame final da época normal e substitui integralmente a prova realizada anteriormente à qual se refere.

#### **Artº 13º - Reprovação e direito à época de recurso**

1. O aluno que obtenha classificação média inferior a 9,5 valores em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme os artºs 14º e 15º destas normas.
2. Para os alunos reprovados em cadeiras do primeiro semestre, a época de exames finais de Julho, e só essa, funciona como época de recurso.

### **D. AVALIAÇÃO FINAL**

#### **Artº 14º - Tipos de provas**

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requerido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.
2. Nos exames finais, nas épocas de recurso e especial, há apenas uma chamada por cada disciplina.
3. Nas disciplinas com prova prática obrigatória no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo, realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno, nos termos do artº 2 e do artº 17º.
4. Os alunos podem realizar exames na época de Setembro a todas as disciplinas a cujas provas faltaram ou de que desistiram em regime de avaliação contínua ou periódica, excepto às disciplinas semestrais do 1º semestre, cuja época de recurso é a de Julho.
5. Para os alunos que realizem recurso de qualquer modalidade de avaliação em Setembro, existe um limite de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais, para além das referidas no ponto anterior.
6. Na época especial (Dezembro), os alunos podem fazer exame final a um máximo de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais, desde que estas sejam suficientes para a obtenção de grau ou diploma.
7. Uma vez que os edições dos cursos têm início de dois em dois anos, os alunos que em algum dos anos, por qualquer motivo, não tenham obtido aprovação em alguma(s) disciplina(s), tendo cumprido as exigências da frequência presencial, poderão apresentar-se a exame no ano imediato, segundo o programa leccionado no ano anterior.

#### **Artº 15º - Provas orais em avaliação final**

1. As provas orais devem realizar-se em salas abertas ao público, perante um júri constituído por um mínimo de dois docentes da área em questão.
2. Um dos elementos do júri deve ser o docente da turma em que o aluno está inscrito.
3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de dois dias úteis após a afixação das classificações da prova escrita correspondente, conforme estipulado no artº 20º, ponto 3.
4. A nota mínima de admissão à prova oral é de 7,5 valores.
5. Os alunos que obtenham na prova escrita classificação igual ou superior a 9,5 valores ficam dispensados da prova oral sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de dois dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita.
6. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a classificação da prova escrita e a classificação da prova oral, devendo esta ser também afixada.

## **E. MELHORIAS DE NOTA**

### **Artº 16º - Exames para melhoria de classificação**

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação a qualquer disciplina, sem restrição numérica, mas uma só vez.
2. A melhoria pode ser feita nas épocas normal e de recurso de avaliação final, até à época de recurso (inclusive) do ano lectivo seguinte ao da aprovação na disciplina. Não se pode realizar melhoria na época normal de avaliação final do ano de aprovação da disciplina.
3. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram aprovação nas disciplinas respectivas têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que tem lugar o novo exame e de prestar provas com o docente (ou docentes) que ministra(m) os referidos programas.
4. Na melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

## **F. COMBINAÇÃO DE MODALIDADES DE AVALIAÇÃO**

### **Artº 17º - Avaliação periódica, final e contínua**

1. Uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente aos conteúdos teóricos; avaliação contínua relativamente aos conteúdos práticos.
2. Para que os alunos se considerem aprovados a média final tem de ser igual ou superior a 9,5 valores e em nenhum dos tipos de avaliação a classificação pode ser igual ou inferior a 7 valores.
3. No caso de classificação igual ou inferior a 7 valores num dos tipos de avaliação em vigor da disciplina, a classificação positiva do outro tipo poderá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.
4. A ponderação da parte prática e da parte teórica da disciplina deve ser claramente explicitada nos termos do artº 2º, sendo responsabilidade do docente indicar o índice de ponderação efectivo de cada uma delas na média final da disciplina.
5. Nas disciplinas em que esse índice não tenha sido efectivamente fixado, vigora uma ponderação de 50% para cada uma das componentes, teórica e prática.
6. Os alunos que optem pela combinação de modalidades de avaliação ficam obrigados ao regime de presenças próprio da avaliação contínua apenas em relação às aulas práticas.

## **G. TRABALHOS DE PESQUISA**

### **Artº 18º - Definição de trabalho de pesquisa**

1. Considera-se um trabalho de pesquisa aquele em que haja recolha bibliográfica, documental ou de campo, original e individualizada, cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos, previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.
2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da elaboração do trabalho; o docente deve acompanhar de perto essa elaboração, através de entrevistas e/ou sessões de trabalho.
3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual.

## **H. ESTÁGIO**

### **Artº 19º - Actividades práticas ou estágio**

1. Durante o 2º ano, os alunos terão de realizar actividades práticas ou estágio, que serão devidamente acompanhados pelos docentes das áreas ou disciplinas em que o trabalho se insere.
2. Os relatórios das actividades práticas ou estágio serão avaliados pelos respectivos orientadores.
3. Cada curso de pós-graduação possuirá um Regulamento de Estágio.

## **I. APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO**

### **Artº 20º - Forma de apresentação das classificações**

1. Todas as classificações devem ser afixadas em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.
2. Todas as classificações relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final têm de ser publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20), até às décimas.
3. As classificações finais são apresentadas em números inteiros (escala de 0 a 20), sendo as décimas arredondadas à unidade, por defeito até ao meio valor, e por excesso a partir do meio valor.
4. As classificações finais resultarão da média aritmética obtida pela soma das avaliações expressas numericamente.

### **Artº 21º - Prazos de afixação das classificações**

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias úteis após a realização da mesma, salvo por deferimento por parte do Conselho Pedagógico de pedido de alargamento deste prazo feito pelo docente. O alargamento só poderá ser deferido quando devidamente justificado. O prazo nunca pode ser alargado para mais de 45 dias úteis após a realização da referida prova.
2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados até 2 dias úteis antes da realização da prova de repescagem respectiva.
3. Os resultados dos exames devem ser afixados até 2 dias úteis antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.
4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizam.
5. Os resultados dos exames da segunda época (Setembro) devem ser afixados até 2 dias úteis do início das inscrições no ano lectivo seguinte.
6. Relativamente à afixação das classificações das provas realizadas em regime de avaliação contínua, consultar o disposto no artº 7º.
7. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

### **Artº 22º - Recurso das classificações**

1. Não é permitido o recurso das classificações depois de afixadas.

## **J. CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS**

### **Artº 23º - Consulta das provas**

1. Os alunos têm o direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificados, desde que na presença do docente.
2. Em caso de prestação de prova oral, os alunos têm o direito de conhecer previamente a classificação da prova escrita correspondente.

### **Artº 24º - Condições de prestação de provas e casos de fraude**

1. No início de cada prova o docente, se solicitado, deve informar claramente os alunos acerca das condições de prestação da prova, incluindo a cotação das perguntas.
2. Os alunos que desistam durante a realização da prova devem fazer uma declaração de desistência assinada na folha de prova e entregá-la ao docente.
3. Em caso de fraude comprovada, o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.
4. Caso haja apenas suspeita de fraude, deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas as partes envolvidas.
5. No caso de fraude grave comprovada, o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado da Universidade.

### **Artº 25º - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas**

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas devem exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.
2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças, devidamente datada e rubricada pelo docente que recolher as assinaturas dos alunos.

## **L. DISPOSIÇÕES FINAIS**

1. As situações omissas nestas normas deverão ser submetidas à apreciação das Comissões Científicas dos respectivos cursos.
2. O Conselho Pedagógico reserva-se o direito de tomar as providências que entenda necessárias a fim de resolver eventuais irregularidades no processo de avaliação.

### **ANEXO:**

#### **Regulamento de Estágio do Curso de Pós-graduação em Museologia**

## ANEXO

### **Regulamento de Estágio do Curso de Pós-Graduação em Museologia**

#### **Artº 1º – Objectivo**

1. É objectivo do estágio promover a integração do aluno num ambiente de trabalho em Museus, de modo a aplicar teorias e desenvolver práticas nas diferentes áreas técnico-científicas da Museologia.

#### **Artº 2º – Local de estágio**

1. O estágio poderá ter lugar em Museus, públicos ou privados, nacionais ou estrangeiros, ou em instituições que desenvolvam actividades museológicas, desde que disponham de um quadro superior que possa assumir a responsabilidade da orientação e acompanhamento do aluno.
2. O local de estágio poderá ser proposto pelo aluno, mas sancionado pela Secção de Museologia.

#### **Artº 3º – Programa**

1. O programa será ponderado pela Secção de Museologia, de acordo com os interesses do Curso, do aluno e da entidade de acolhimento.

#### **Artº 4º – Duração**

1. O estágio terá a duração de 300 horas.

#### **Artº 5º – Avaliação**

1. Os relatórios do estágio serão avaliados pelos orientadores.
2. A avaliação do estágio terá em consideração o relatório do aluno, a sua assiduidade (no local de estágio e durante as sessões de orientação definidas no calendário do Curso) e o relatório de apreciação do orientador na entidade de acolhimento, quanto ao seu desempenho.

# **Regulamento do Curso de Licenciatura em Arqueologia**

(Resolução nº 20/99. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 38 (15 Fev. 1999) 2.312-2.313<sup>1</sup>;

Aviso nº 3.386/99. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 40 (17 Fev. 1999) 2.392-2.393)

## **1º Criação**

A Universidade do Porto, através da Faculdade de Letras, confere o grau de licenciado em Arqueologia.

## **2º Organização do curso**

O curso conducente à obtenção da licenciatura em Arqueologia organiza-se em disciplinas curriculares e de opção, trabalhos práticos de arqueologia e seminário de projecto.

## **3º Área científica do curso**

A área científica do curso é a de Arqueologia.

## **4º Estrutura curricular**

A estrutura curricular é a constante no anexo I.

## **5º Plano de estudos**

O plano de estudos do curso será fixado por despacho reitoral, a publicar no *Diário da República*.

## **6º Classificação final**

A classificação final do curso é a média ponderada, arredondada às unidades (considerando como unidades a fracção não inferior a cinco décimas), das disciplinas, trabalhos práticos e seminário de projecto constantes da estrutura do plano de estudos.

---

<sup>1</sup> Esta resolução foi, posteriormente, rectificada por ter sido publicada com inexactidão - ver: Rectificação nº 898/99. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 84 (10 Abr. 1999) 5.307.

**Entrada em funcionamento**

O curso entrará em funcionamento progressivamente, um ano curricular em cada ano lectivo, a partir do ano lectivo fixado por despacho do reitor da Universidade do Porto, verificada a existência de recursos humanos e materiais adequados à sua concretização.

26 de Janeiro de 1999

**ANEXO I**

A área científica do curso e o número de unidades de crédito do plano de estudos da licenciatura em Arqueologia são os seguintes:

- 1 - Área científica do curso - Arqueologia.
- 2 - Duração normal do curso - oito semestres lectivos.
- 3 - Número total de unidades de crédito necessárias à concessão do grau - 120 UC.
- 4 - Áreas científicas e distribuição das unidades de crédito:
  - 4.1 - Área científica obrigatória - 55 UC.
  - 4.2 - Área científica optativa - 20 UC.
  - 4.3 - Área optativa- 20 UC.
  - 4.4 - Trabalhos práticos de Arqueologia - 15 UC.
  - 4.5 - Seminário de projecto - 10 UC.

**Curso de Licenciatura em Arqueologia**

1 - Elenco das disciplinas do curso de licenciatura em Arqueologia:

1.1 - Área científica obrigatória:

1º semestre	UC	2º semestre	UC
-------------	----	-------------	----

**1º ano**

Origens do Homem e da Civilização I	2,5	Origens do Homem e da Civilização II	2,5
Arqueologia Pré-Histórica Peninsular I	2,5	Arqueologia Pré-Histórica Peninsular II	2,5
História e Teoria da Arqueologia I	2,5	História e Teoria da Arqueologia II	2,5
Metodologia de Campo I	2,5	Metodologia de Campo II	2,5

**2º ano**

Civilizações Clássicas I	2,5	Civilizações Clássicas II	2,5
Proto-História Europeia	2,5	Arqueologia Proto-Histórica Peninsular	2,5
Arqueologia Clássica I	2,5	Arqueologia Clássica II	2,5

**3º ano**

História Medieval e do Renascimento I	2,5	História Medieval e do Renascimento II	2,5
Arqueologia Medieval I	2,5	Arqueologia Medieval II	2,5

#### 4º ano

História Moderna	2,5	História Contemporânea	2,5
Arqueologia Moderna e Contemporânea I	2,5	Arqueologia Moderna e Contemporânea II	2,5

#### 1.2 - Área científica optativa em Arqueologia:

1º semestre	UC	2º semestre	UC
-------------	----	-------------	----

#### 2º ano

Opção em Arqueologia	2,5	Opção em Arqueologia	2,5
----------------------	-----	----------------------	-----

#### 3º ano

Opção em Arqueologia	2,5	Opção em Arqueologia	2,5
Opção em Arqueologia	2,5	Opção em Arqueologia	2,5

#### 4º ano

Opção em Arqueologia	2,5	Opção em Arqueologia	2,5
----------------------	-----	----------------------	-----

#### 1.2.1 - Opções em Arqueologia:

Disciplinas	UC
Análise de Materiais I	2,5
Análise de Materiais II	2,5
Arqueologia Industrial	2,5
Arqueologia Militar Portuguesa	2,5
Arqueologia e Património	2,5
Cartografia e Topografia	2,5
Conservação Preventiva	2,5
Epigrafia Romana	2,5
Epigrafia Portuguesa	2,5
Tecnologia dos Materiais II	2,5
Informática Aplicada	2,5
Museologia Arqueológica	2,5
Numismática Antiga I	2,5
Numismática Antiga II	2,5
Numismática Portuguesa	2,5
Registo Arquitectónico I	2,5
Registo Arquitectónico II	2,5
Sistemas de Representação Gráfica	2,5
Tecnologia dos Materiais I	2,5

1.3 - Área científica optativa:

1º semestre	UC		2º semestre	UC
-------------	----	--	-------------	----

1º ano

Opção	2,5		Opção	2,5
-------	-----	--	-------	-----

2º ano

Opção	2,5		Opção	2,5
-------	-----	--	-------	-----

3º ano

Opção	2,5		Opção	2,5
-------	-----	--	-------	-----

4º ano

Opção	2,5		Opção	2,5
-------	-----	--	-------	-----

1.3.1 - Opções - será publicitada anualmente a lista das opções disponíveis.

1.4 - Trabalhos práticos de Arqueologia:

	UC
1º ano: Trabalhos Práticos de Arqueologia	5
2º ano: Trabalhos Práticos de Arqueologia	5
3º ano: Trabalhos Práticos de Arqueologia	5

1.5 - Seminário de Projecto

4º ano: Seminário de Projecto	10
----------------------------------	----

26 de Janeiro de 1999



**PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS DO  
CURSO DE LICENCIATURA EM ARQUEOLOGIA  
(2002-2003)**

# 1º ANO

## 1º semestre

### ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA PENINSULAR I

Docente: Profª Doutora Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge

0. Introdução à Geografia da Península Ibérica

1. Os caçadores-recoletores do Pleistoceno (Paleolítico)

2. Os últimos caçadores-recoletores do Holoceno (Mesolítico-Neolítico Antigo)

### HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUEOLOGIA I

Docente: Prof. Doutor Vítor Oliveira Jorge

0. Introdução: Arqueologia como saber, Arqueologia como actividade profissional, Arqueologia como património - alguns conceitos básicos

1. Os primórdios da Arqueologia como saber: do séc. XVI ao séc. XIX. O evolucionismo

2. A Arqueologia histórico-cultural. O difusionismo

3. A Arqueologia processual ou "Nova Arqueologia" - a "perda da inocência"

### METODOLOGIA DE CAMPO I

Docente: Profª Doutora Maria de Jesus Sanches

Prospecção Arqueológica

I. Objectivos da prospecção arqueológica

II. Como elaborar e desenvolver um projecto de prospecção arqueológica

1. Apresentação de exemplos relativos a "situações-tipo" em que se desenvolvem aqueles projectos: Cartas Arqueológicas concelhias e/ou regionais que pretendem abarcar todos os períodos cronológicos e culturais (normalmente destinadas ao planeamento do ordenamento do território); Cartas de Ocupação Humana relativas a um período cronológico e cultural específico; Prospecção arqueológica em áreas previamente definidas no âmbito de grandes obras (estradas, barragens, etc.) e avaliação quantitativa e qualitativa da informação recolhida; prospecção de áreas actualmente submersas, etc.

2. Em função de cada "situação-tipo" de que se dá alguns exemplos em II.1, será indicada:

2.1. A estratégia e a metodologia da avaliação da documentação pré-existente - colecções de artefactos e/ou de amostras; registos de variados tipos, ainda que alguns tenham sido realizados com finalidades distintas das da Arqueologia (como documentos

- históricos e/ou jurídicos relativos a eventos do passado, recolhas toponímicas, lendas, relatórios de florestação), etc.
- 2.2. A metodologia de avaliação da informação cartográfica (manipulação de cartografia de variada índole em diversas escalas) e da fotografia aérea
  - 2.3. Os critérios de elaboração de uma ou mais fichas-tipo que respondam aos objectivos pretendidos: definição dos *itens*, da terminologia, do tipo de documentação gráfica, etc.
  - 2.4. A definição das estratégias de prospecção no terreno - "prospecção total", sistemática ou não sistemática; prospecção sistemática por amostragem probabilística; outras variantes
  - 2.5. A definição dos métodos de prospecção - prospecção directa, no terreno; fotografia aérea realizada com esta finalidade; prospecção magnética e electromagnética; prospecção geoquímica; prospecção radioactiva e prospecção térmica -, e tratamento do registo obtido
3. As formas de sistematização da informação recolhida e da avaliação quantitativa e qualitativa dos resultados
  4. A elaboração de um relatório

**Nota:** Incentivar-se-ão os alunos a elaborar e a desenvolver pequenos projectos de prospecção, cujo resultado será apresentado sob a forma de um relatório.

## ORIGENS DO HOMEM E DA CIVILIZAÇÃO I

Docente: Prof. Doutor Vítor Manuel de Oliveira Jorge

0. Para que serve a Pré-história? Como interpretar as histórias da Humanidade anteriores à utilização da escrita e à existência dos Estados? Necessidade de ultrapassar a ideia etnocêntrica de uma "pré-história geral" da Humanidade, linear, e servindo como preâmbulo de uma "história" da civilização ocidental e sua irradiação para todos os continentes. Por uma visão plural da história humana
1. Dos primatas aos homens - uma história de corpos, de comportamentos, mas sobretudo de intenções (sistemas cognitivos)
2. Modos de vida: caça, recolheção, agricultura, domesticação de animais, e suas múltiplas combinatórias nos diversos continentes e épocas - alguns exemplos
3. A complexificação das sociedades: o desenvolvimento das assimetrias sociais e da diversidade horizontal e vertical - os gérmens do Estado - e as resistências a esse processo. Alguns exemplos

2º semestre

## ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA PENINSULAR II

Docente: Profª Doutora Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge

1. Os agricultores-pastores do Vº / IVº milénio a. C. (Neolítico Médio e Final)
2. Os agricultores-pastores do IVº / IIIº milénio a. C. (Calcolítico)
3. As comunidades hierarquizadas dos finais do IIIº milénio e primeira metade do IIº milénio a. C. (Idade do Bronze)
4. As comunidades hierarquizadas dos finais do IIª / inícios do Iº milénio a. C. (Bronze Final)

## HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUEOLOGIA II

Docente: Prof. Doutor Vítor Manuel de Oliveira Jorge

0. As arqueologias pós-processuais e cognitivas. Os grandes problemas actuais da interpretação arqueológica
1. A arqueologia em Portugal: os primórdios; o arranque da arqueologia como ciência (fim do séc. XIX); os anacronismos do período autoritário; a tentativa de superação do atraso - dos anos 80 até ao presente
2. Arqueologia e cidadania: a arqueologia e o público; a arqueologia e a administração do património; a arqueologia e o ordenamento do território; legislação e práticas

## METODOLOGIA DE CAMPO II

Docente: Profª Doutora Maria de Jesus Sanches

### Escavação e Registo de Arte Rupestre

- I. Objectivos imediatos e objectivos "últimos" duma escavação arqueológica (Porquê e para quê escavar?)
- II. Apresentação de exemplos relativos a "situações-tipo" em que se realizam escavações arqueológicas. Exemplos: 1 - Escavações de salvamento em: a) área urbana; b) zonas sujeitas a destruição imediata fora das áreas urbanas; 2 - em estações romanas (vilas, termas, etc.), medievais ou outras arquitectonicamente circunscritas; 3 - em estações fisicamente não circunscritas e com estruturas habitacionais total ou predominantemente percíveis; 4 - em necrópoles, etc.
  1. Em função de cada "situação-tipo" de que se dá alguns exemplos em II., será indicada a metodologia de intervenção, a metodologia de registo e o faseamentoSeguem-se algumas indicações gerais
- III. Seguem-se algumas indicações gerais:

1. Registo prévio: levantamento topográfico e desenho à escala das estruturas visíveis
2. Metodologia e estratégia de escavação:
  - 2.1. Escavação por sondagens prospectivas; escavação em área; escavação parcial e escavação total
  - 2.2. Escolha das dimensões do quadriculado e sua orientação
3. Registo (durante a escavação)
  - 3.1. O que é o "registo arqueológico"
  - 3.2. Processos de formação do registo arqueológico
  - 3.3. Alguns conceitos operatórios: estratigrafia, plano, secção, camada estrato, unidade estratigráfica, estrutura, complexo, artefacto, amostra, etc.
  - 3.4. O registo da estratigrafia e das estruturas (vertical e horizontal)
  - 3.5. O registo dos artefactos e das amostras
  - 3.6. Metodologia e estratégia de recolha de amostras (sedimentos, carvão, ossos, etc.) e sua finalidade.
  - 3.7. Métodos de datação relativa e de datação absoluta
- IV. A elaboração de um Relatório de Escavação  
Registo de Arte Rupestre e de Arte Megalítica
- V. Metodologia e técnicas de registo da Arte rupestre (pintura e gravura)
  1. Registos prévios do "suporte" (fotografia, desenho, etc.)
  2. Preparação da superfície para registo dos motivos
  3. Os diversos tipos de registo (desenho com ou sem decalque, fotografia, anotações várias, etc.)
- VI. A elaboração de um relatório

## **ORIGENS DO HOMEM E DA CIVILIZAÇÃO II**

Docente: Prof. Doutor Vítor Manuel de Oliveira Jorge

0. Conceitos básicos: Civilização, Estado, sociedades complexas, etc.
1. Modelos propostos para a origem dos Estados: mono-causais, multi-causais, perspectivas que assumem uma visão mais contextual (plurais): cada caso é um caso, embora se possam sempre estabelecer comparações a determinados níveis entre "casos" transregionais
2. A emergência da "civilização" no Próximo Oriente, no Egipto e suas "periferias": Mediterrâneo oriental e vale do Indo
3. A emergência da "civilização" no Extremo Oriente: a China
4. A emergência da "civilização" no continente americano (sobretudo América Central e do Sul)
5. Os primeiros Estados africanos

## **TRABALHOS PRÁTICOS DE ARQUEOLOGIA** (anual)

Docente: Prof<sup>a</sup> Doutora Maria de Jesus Sanches

Nesta disciplina os alunos terão de realizar com aproveitamento as seguintes Unidades de Crédito (UC) dentro das áreas temáticas que abaixo se indicam:

- Prospecção Arqueológica — 1 UC (40 horas)
- Escavação Arqueológica — 2 UC (80 horas)
- Análise de Dados — 2 UC (80 horas)

**Nota:** As Acções creditadas para 2002-2003 são periodicamente publicitadas no DCTP.

## **2º ANO**

**1º semestre**

### **ARQUEOLOGIA CLÁSSICA I**

Docente: Prof. Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida

1. A construção romana
  - 1.1. Materiais usados na construção
  - 1.2. Ordens arquitectónicas
  - 1.3. Motivos ornamentais
2. Edifícios típicos de uma cidade romana
  - 2.1. "Fórum" e edifícios cívicos
  - 2.2. Templos
  - 2.3. Edifícios de espectáculos e de cultura
  - 2.4. Sistemas de abastecimento de água
  - 2.5. Arquitectura doméstica e comercial
  - 2.6. Murallas
  - 2.7. Monumentos comemorativos e funerários

### **CIVILIZAÇÕES CLÁSSICAS I**

Docente: Prof. Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida

1. Os gregos micénicos
2. O mundo Homérico
3. A formação das "Polis"
4. Transformações económicas e sociais
5. Alargamento da Hélade: colonização
6. A "revolução" hoplítica
7. Legisladores e tiranos
8. As reformas de Clístenes
9. As instituições políticas das "polis" gregas
10. O século de Péricles
11. As "polis" gregas e os problemas económicos
12. Atenas "escola da Grécia"
13. Imperialismo e tributos
14. Federações de cidades
15. O mundo helenístico
16. A religião grega

## **PROTO-HISTÓRIA EUROPEIA**

Docente: Mestre António Manuel dos Santos Pinto da Silva

1. Introdução
2. Problemática geral e historiografia
3. A Europa na 2ª metade do II milénio a.C. – aspectos ambientais e culturais
4. O Bronze Final: periodização e áreas culturais; O Bronze Atlântico
5. Habitat, mundo funerário, arte e ritual durante o Bronze Final
6. Sociedade e economia durante o Bronze Final
7. A Europa na 1ª metade do I milénio a.C. – ambiente e paisagem cultural
8. Sistemas regionais e interacção durante a Idade do Ferro: do Mediterrâneo ao Norte Europeu
9. De Hallstatt a La Tène: sociedade, habitat, mundo funerário, arte e ritual
10. O mundo celta: historiografia, história e problemática
11. Perspectiva de conjunto sobre as raízes da Europa histórica; o papel da Península Ibérica

### **2º semestre**

## **ARQUEOLOGIA CLÁSSICA II**

Docente: Prof. Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida

1. Viação romana
  - 1.1. Os textos literários
  - 1.2. Os itinerários
  - 1.3. Fontes medievais e modernas
  - 1.4. Fontes toponímicas
  - 1.5. Características das vias romanas
  - 1.6. A hierarquia das vias
  - 1.7. Obras de arte: as pontes
  - 1.8. Viação romana na Península Ibérica
  - 1.9. A viação romana em Portugal
2. Cerâmica romana: as lucernas
  - 2.1. História da investigação
  - 2.2. Características tecnológicas
  - 2.3. Tipologias
  - 2.4. Iconografia
  - 2.5. Cronologia
  - 2.6. Função da lucerna
  - 2.7. Marcas de oficina
  - 2.8. Comercialização/ difusão

# ARQUEOLOGIA PROTO-HISTÓRICA PENINSULAR

Docente: Mestre António Baptista Lopes

1. Proto-história peninsular: Paleontologia da Península Ibérica
  - 1.1. A problemática geral e as fontes
  - 1.2. A formação das etnias e culturas pré-romanas
    - 1.2.1. O Bronze Final na Península Ibérica
    - 1.2.2. O período orientalizante: A cultura tartéssica
    - 1.2.3. A(s) cultura(s) ibérica(s)
    - 1.2.4. As culturas pré-romanas da Meseta e Ocidente peninsular
      - 1.2.4.1. A(s) cultura(s) celtibérica(s)
2. Proto-história de Portugal
  - 2.1. Problemática geral, fontes e historiografia
  - 2.2. Norte e Centro de Portugal
    - 2.2.1. A cultura castreja e a comunidade lusitano-galaica
  - 2.3. Sul de Portugal
    - 2.3.1. Indígenas e colonizadores
3. Conclusão

## CIVILIZAÇÕES CLÁSSICAS II

Docente: Prof. Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida

1. Gregos e etruscos na Itália
2. As origens de Roma
3. A realeza romana
4. A instituição da República
5. O estado patricio-plebeu
6. Alargamento territorial: mediterrâneo ocidental e oriental
7. Transformações sociais e económicas
8. A crise agrária do séc. II a C.
9. Guerras civis e ambições pessoais
10. Roma no século I a C.
11. Triunviratos: guerra civil e "monarquia" de Júlio César
12. Roma imperial
13. Os poderes de Octávio César Augusto
14. A administração imperial
15. A importância e o poder do exército
16. Cultura e ideologia política
17. A dinastia julio-claudiana
18. A dinastia dos Flávios, Antoninos e Severos
19. As crises do séc. III
20. Diocleciano e as reformas do Império
21. Constantino: a concepção do poder imperial
22. Baixo Império: economia, sociedade e cultura
23. Conquista e romanização da Península Ibérica

# TRABALHOS PRÁTICOS DE ARQUEOLOGIA

(anual)

Docente: Mestre António Baptista Lopes

## Trabalho de laboratório

### 1. Pesquisa bibliográfica e documental

#### 1.1. Inventariação de estações arqueológicas

1.1.1. Levantamento de matrizes prediais rústicas e estudo da microtoponímia

1.1.2. Cartografia das estações conhecidas por bibliografia especializada e monografias

#### 1.2. Estudo de materiais arqueológicos de escavação da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira

1.2.1. Tipologias e descritores

1.2.2. Prática de inventariação, interpretação, descrição, desenho e classificação de materiais arqueológicos

### 2. Constituição de banco de dados

2.1. Elaboração de fichas normalizadas

2.2. Informatização de dados de estações e materiais arqueológicos (de Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, e dos castros de Romariz e Fiães, Vila da Feira, e de outras estações)

## Trabalho de Campo

### 3. Prospecção arqueológica sistemática em áreas a seleccionar, segundo projectos em curso

3.1. Observação cartográfica de acidentes geográficos sensíveis a presenças arqueológicas

3.2. Cartografia de sítios arqueológicos

3.3. Representação topográfica de sítios

3.4. Representação gráfica de plantas, alçados e perspectivas de estruturas arqueológicas de estações proto-históricas intervencionadas e a intervencionar

### 4. Elaboração de relatórios arqueológicos

4.1. Relatório de escavação da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira e de outras estações

## 3º ANO

### 1º semestre

#### ARQUEOLOGIA MEDIEVAL I

Docente: Prof. Doutor Mário Jorge Lopes Neto Barroca

1. Armamento medieval. Armamento defensivo e armamento ofensivo. Aspectos da sua evolução. Os grandes momentos de inovação. Reflexos na poliorcética e na arquitetura militar
2. Castelologia Medieval. Origens do castelo. Reconquista e ritmos de encastelamento. Castelos e organização do território. Evolução arquitectónica dos castelos
3. Arqueologia das cidades e vilas medievais. Suas defesas: muralhas, portas e postigos. Urbanismo medieval. A organização do espaço urbano entre as comunidades muçulmanas e cristãs. Alguns equipamentos urbanos: paços municipais, banhos, poços, cisternas, fontes e outras estruturas
4. Caminhos e pontes medievais. Características do sistema viário medieval. Aspectos técnicos das vias e das pontes medievais. Estruturas polarizadas em torno dos itinerários medievais: albergarias, pousadas, vendas, hospitais e gafarias

#### HISTÓRIA MEDIEVAL E DO RENASCIMENTO I

Docente: Drª Maria Fernanda Mendes Ferreira Santos (Departamento de História)

##### I. Introdução:

- A Península Ibérica nos séculos VIII-XI

##### II. Portugal nos séculos XII-XIII:

- A formação política de Portugal
- A reconquista e o povoamento
- A demografia. A sociedade. A economia
- O poder central e o poder local

### 2º semestre

#### ARQUEOLOGIA MEDIEVAL II

Docente: Prof. Doutor Mário Jorge Lopes Neto Barroca

1. Arqueologia dos paços e da *domus fortis*. A evolução das casas senhoriais: das necessidades de afirmação e de defesa aos requisitos de conforto

2. Arqueologia dos espaços religiosos. Do espaço de culto paleocristão aos templos tardo-medievos. Templos paroquiais e monásticos, colegiadas e catedrais. Opções espaciais e adequação litúrgica
3. Arqueologia da morte. Sepulturas medievais. As mentalidades. A liturgia. Atitudes colectivas perante a Morte. Evolução tipológica e cronológica das modas de enterramento
4. Arqueologia agrária. A paisagem como testemunho de civilização. Eco-sistemas. Explorações agrárias e seus testemunhos arqueológicos. Equipamentos construídos e utensilagem agrícola
5. Cerâmica medieval. Evolução cronológica, tipológica e tecnológica. Outros espólios

## **HISTÓRIA MEDIEVAL E DO RENASCIMENTO II**

Docente: Dr<sup>a</sup> Maria Fernanda Mendes Ferreira Santos (Departamento de História)

Portugal nos séculos XIV-XVI:

- A crise do século XIV
- O reinado de D. João I e o início da Expansão
- A regência do Infante D. Pedro e a batalha de Alfarrobeira
- A política africana de D. Afonso V
- Os reinados de D. João II e de D. Manuel

## **TRABALHOS PRÁTICOS DE ARQUEOLOGIA**

(anual)

Docente: Mestre António Baptista Lopes

1. Elaboração de banco de dados informatizado de sítios e materiais arqueológicos da Proto-história e romanização
  - 1.1. Cartografia de sítios arqueológicos
    - 1.1.1. Noções básicas de Topografia e Cartografia
    - 1.1.2. Sistemas de referenciação
    - 1.1.3. Normalização da informação
    - 1.1.4. Implementação de carta arqueológica dos povoados castrejos do Norte de Portugal e de sítios referentes à romanização
    - 1.1.5. Elaboração de ficheiro informatizado de Proto-história e Romanização segundo dados disponíveis de investigadores, teses de Doutoramento e Mestrado, e de monografias regionais
2. Estudo de materiais arqueológicos
  - 2.1. Estudo de materiais arqueológicos disponíveis e do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, classificação e colaboração na elaboração de catálogo
3. Escavação Arqueológica
  - 3.1. Metodologia e prática
  - 3.2. Registo arqueológico
    - 3.2.1. Desenho de plantas de escavação
    - 3.2.2. Desenho de perfis
    - 3.2.3. Registo e classificação e tratamento de materiais exumados

4. Legislação sobre património arqueológico
5. Relatórios de intervenção arqueológica

## **4º ANO**

### **1º semestre**

#### **ARQUEOLOGIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA I**

Docente: Prof. Doutor Mário Jorge Lopes Neto Barroca

1. Arquitectura Militar. O período de transição. A afirmação das plantas abaluartadas. Evolução das fortificações (séc. XV a XVIII)
2. Armamento na Época Moderna. Sua evolução (séc. XV a XVIII). Armamento defensivo e ofensivo. Armamento individual. Armas de fogo
3. Arquitectura civil. Evolução da casa nobre na Época Moderna: do Paço ao Solar
4. Urbanismo e vida urbana. Organização do espaço público. Equipamentos colectivos (séc. XV a XVIII)

#### **HISTÓRIA MODERNA**

Docente: Prof. Doutor Ivo Carneiro de Sousa (Departamento de História)

- População e demografia: crescimento demográfico; distribuição da população; movimentos demográficos; o problema do modelo demográfico de Antigo Regime
- Estruturas e actividades económicas: problemas, tendências e ciclos gerais, actividades agrícolas; actividades piscatórias e salicultura; actividade industrial e artesanal; actividade comercial; preços, finanças e fiscalidade, doutrinas económicas
- A Sociedade Estamental: problemas da organização social; escravos; camponeses; mesteres; funcionários; burguesias; nobrezas e clero
- Formas de dominação e organização sociais: dominação patrimonial-estamental; relações de poder social; patrimónios senhoriais e eclesiásticos; a sociedade de corte, a família pré-industrial
- Movimentos, revoltas e problemas sociais: os problemas sociais de Antigo Regime; revoltas e motins; movimentos anti-senhoriais; resistências nobiliárias; ideologias e culturas sociais; uma sociedade bloqueada?

### **2º semestre**

#### **ARQUEOLOGIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA II**

Docente: Mestre António Manuel dos Santos Pinto da Silva

1. A arqueologia moderna e contemporânea: aspectos teóricos, os testemunhos do quotidiano, a arqueologia da paisagem, a arqueologia industrial

2. Cerâmica moderna e contemporânea: aspectos tecnológicos e tipológicos
3. Ofícios e indústrias
4. A geografia do sagrado, os ritos, a vivência da morte
5. Paisagens, arquiteturas e ofícios tradicionais: do mundo rural ao litoral
6. Arqueologia industrial: conceitos e métodos

## **HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA**

Docente: Prof<sup>a</sup> Doutora Maria José Moutinho dos Santos (Departamento de História)

1. Revoluções, ordem liberal e modernidade – o séc. XIX
  - 1.1. Revoluções e parlamentarismo
  - 1.2. As transformações sociais
2. Guerras totais e confronto ideológico na 1ª metade do séc. XX
  - 2.1. A 1ª Guerra – guerra de massas e mobilização total
  - 2.2. A revolução soviética
  - 2.3. Ascensão dos fascismos, polarização política e totalitarismos
  - 2.4. A 2ª Guerra – “guerra total” e genocídios
3. Da 2ª Guerra à construção europeia
  - 3.1. O mundo bipolar e a “guerra fria”
  - 3.2. Uma década paradoxal – os anos sessenta
  - 3.3. A cooperação europeia

## **Disciplinas de opção**

**1º semestre**

### **ANÁLISE DE MATERIAIS I**

Docente: Profª Doutora Susana Maria Soares Rodrigues Lopes de Oliveira Jorge

Cerâmicas pré-históricas do Norte de Portugal, em três pontos:

1. Breve introdução à Pré-História recente do Norte de Portugal
2. Metodologias de análise de cerâmicas pré-históricas: traços gerais
3. As cerâmicas pré-históricas do Norte de Portugal: introdução às tipologias morfológicas e decorativas

### **ANÁLISE DE MATERIAIS II**

Docente: Mestre António Manuel dos Santos Pinto da Silva

1. Introdução: aspectos gerais e contexto cultural dos materiais a analisar
2. A cerâmica arqueológica
  - 2.1. Matérias-primas, tecnologia, bibliografia de referência e elementos gerais de análise
  - 2.2. Metodologias de estudo: da peça ao conjunto; análises arqueométricas; o protocolo Beuvray (1998)
  - 2.3. Cerâmicas castrejas e romanas do Norte de Portugal: panorâmica geral e ensaios práticos de estudo
3. Os espólios metálicos
  - 3.1. Matérias-primas, tecnologia, bibliografia de referência e elementos gerais de análise
  - 3.2. Metodologias de estudo; análises arqueométricas
  - 3.3. Metalurgia e ourivesaria castrejas e romanas: uma panorâmica geral
4. Outros espólios castrejo-romanos: utensílios líticos, vidros, etc.

### **INFORMÁTICA APLICADA**

Docente: Dr. Mário Armando Nogueira Pereira de Brito

- I - Introdução: Tecnologias da Informação e Comunicação/ Património Cultural
- II - O desenvolvimento tecnológico e a prática das instituições
  1. O hardware
  2. O software
  3. O desafio do audiovisual
- III - Aplicações de “Office”:

1. Processador de texto
  2. Folha de calculo
  3. Base de dados
  4. Multimedia
- IV - Internet
1. Introdução
  2. Organização e funcionamento
  3. O acesso
  4. Aplicação e serviços
  5. Avaliação
  6. Recursos no domínio do Património Cultural
- V - Os Sistemas de Gestão de Bases de Dados
1. Definição e caracterização
  2. Áreas de aplicação
  3. As redes
  4. Especificação
  5. Desenvolvimento
  6. Pesquisa e difusão
  7. Projectos em desenvolvimento
  8. Produtos comerciais
- VI - Multimedia e Interactividade
1. Definição e caracterização
  2. Áreas de aplicação
  3. Os suportes
  4. Os produtos
  5. A avaliação

## REGISTO ARQUITECTÓNICO I

Docente: Arqº Pedro José Freitas Borges de Araújo

- 0.1. A estrutura da disciplina. Introdução
  - 0.2. A estrutura da disciplina. Os módulos
  - 0.3. Sobre a Bibliografia
  - 0.4. A estrutura da disciplina. A bibliografia
    - 0.4.1. Arquitectura. Teoria
    - 0.4.2. Arquitectura. História
    - 0.4.3. Arquitectura. Sistemas de Representação
- 
- 1.1. Precisão Terminológica
  - 1.2. Arquitectura. Determinação dos limites operacionais do conceito
  - 1.3. Arquitectura. Ideia e Realização
  - 1.4. Arquitectura. Conservação
  - 1.5. Arquitectura. Função
- 
- 2.1. Arquitectura. Espaço
  - 2.2. Arquitectura. Lugar
  - 2.3. Arquitectura. Escala

- 3.1. Arquitectura. Estrutura oculta
- 3.2. Arquitectura. Comunicação
- 3.3. Arquitectura. Forma e Símbolo
- 3.4. Arquitectura. Construção

## 2º semestre

### ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO

Docente: Prof. Doutor Vítor Manuel de Oliveira Jorge

- 0. Património, génese e vicissitudes de um conceito. A realidade arqueológica como património; o património arqueológico e os outros patrimónios. Os bens arqueológicos são relíquias herdadas, são recursos para o futuro, são dados em si, ou são construções sociais, colectivamente negociadas? Património, realidade a proteger ou a promover? Mas, promover para quê, para quem, e por quem?
- 1. Identificar, estudar, conservar e restaurar - que prioridades, que métodos, que técnicas, que objectivos?
- 2. Administrar os suportes de uma "memória" colectiva: princípios mínimos de gestão, e de enquadramento jurídico, de bens arqueológicos
- 3. O património arqueológico e os seus agentes, actores e receptores. Qual o papel da arqueologia numa sociedade como a portuguesa, que quase passou de pré-moderna a pós-moderna, sem consolidar as estruturas da modernidade?
- 4. Os "lugares" da "memória" - museus, monumentos, sítios, parques, arquivos, bibliotecas - e o "resto". Quem precisa desses lugares e para quê? Para percorrermos este tempo, precisamos de dispor de cápsulas onde o tempo parou?

### CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

Docente: Dr<sup>a</sup> Paula Cristina Menino Duarte Homem

- 1. Introdução
  - 1.1. Conceitos: Génese e evolução
  - 1.2. Cartas e convenções
- 2. Materiais arqueológicos
  - 2.1. Suportes orgânicos e inorgânicos: composições, estruturas e comportamentos
  - 2.2. Patologias
    - 2.2.1. Agentes
    - 2.2.2. Mecanismos de reacção
    - 2.2.3. Sintomatologia
  - 2.3. Meios de identificação e diagnóstico
- 3. Conservação preventiva
  - 3.1. Condições ambientais
    - 3.1.1. Factores e respectivos efeitos

- 3.1.2. Medição e controlo
  - 3.1.2.1. Recursos e métodos
- 3.1.3. Parâmetros e atitudes de bom senso
- 3.2. Acondicionamento/ Suportes
  - 3.2.1. Recursos e métodos
- 3.3. Âmbito de intervenção
  - 3.3.1. *In situ*
  - 3.3.2. Manuseamento
  - 3.3.3. Transporte
  - 3.3.4. Reserva
  - 3.3.5. Exposição

## MUSEOLOGIA ARQUEOLÓGICA

Docente: Dr<sup>a</sup> Alice Lucas Semedo

- I - Introdução
  - 1. O conceito de museologia
  - 2. O museu
    - 2.1. Estatuto e funções
    - 2.2. Missão e objectivos
    - 2.3. O conceito de museu
- II - As Colecções Museológicas
  - 1. Natureza e interpretação das colecções
  - 2. A gestão das colecções museológicas
- III - O Museu e o seu Público
  - 1. A audiência
  - 2. Os serviços educativos
  - 3. As exposições
- IV - Problemas e desafios da actualidade
  - 1. Novas práticas museológicas

## NUMISMÁTICA PORTUGUESA

Docente: Prof. Doutor Mário Jorge Lopes Neto Barroca

- 1. Introdução aos estudos numismáticos
- 2. Elementos técnicos. Nomenclatura numismática. Sistemas ponderais. Evolução das técnicas de amoeção
- 3. Evolução histórica da moeda no espaço português
  - 3.1. Antecedentes: cunhagens suévica e visigótica
  - 3.2. A moeda muçulmana
  - 3.3. A moeda portuguesa na Idade Média
  - 3.4. A moeda portuguesa na Época Moderna
- 4. Descrição e classificação de moedas

## REGISTO ARQUITECTÓNICO II

Docente: Arqº Pedro José Freitas Borges de Araújo

- 1.1. O Desenho
- 1.2. Organigramas Funcionais e Estrutura Topológica
- 1.3. Estrutura da criação e sistemas de representação
  
- 2.1. Arquitectura, Desenho e Projecto
- 2.2. Programas e Projectos
- 2.3. Sobre o Projecto
  
- 3.1. Os Tratados de Arquitectura
- 3.2. O Registo Arquitectónico e os Tratados de Arquitectura
- 3.3. O Registo Arquitectónico e o Projecto de Arquitectura
- 3.4. Arquitectura, Registo e Projecto
- 3.5. Arquitectura e Geometria
  
- 4.1. Técnicas de Registo Arquitectónico
- 4.2. Desenho
- 4.3. Projecto
- 4.4. Fotografia
- 4.5. Aerofotogrametria
- 4.6. Registo Arquitectónico e Novas Tecnologias
- 4.7. Tecnologias de Digitalização
- 4.8. Levantamento
- 4.9. Projecto, Obra e Registo
- 4.10. Registo Gráfico e Discursivo
- 4.11. Memória Descritiva
- 4.12. Forma e Tecnologia

# **Regulamento do Curso de Licenciatura em Ciência da Informação**

(Resolução nº 85/2001. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 131 (6 Jun. 2001) 9.576)  
Aviso nº 8.645/2001 (2ª série). *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 153 (4 Jul. 2001) 11.147)

1º

## **Criação**

A Universidade do Porto, através da Faculdade de Letras (FLUP) e da Faculdade de Engenharia (FEUP), confere o grau de licenciado em Ciência da Informação.

2º

## **Organização do curso**

O curso conducente à obtenção da licenciatura em Ciência da Informação organiza-se em disciplinas curriculares, disciplinas de opção e estágio, pelo sistema de unidades de crédito.

3º

## **Coordenação do curso**

1 – O curso será coordenado por uma comissão de coordenação da licenciatura, a designar pelos conselhos científicos das duas faculdades referidas no artigo 1º.

2 – A comissão de coordenação da licenciatura será composta por dois professores de cada uma das faculdades (FLUP e FEUP).

3 – Um dos membros da comissão coordenadora da licenciatura será nomeado director do curso, por decisão conjunta dos conselhos científicos da FLUP e da FEUP.

4º

## **Áreas científicas do curso**

A área científica nuclear do curso é a de Ciência da Informação.

As áreas científicas complementares são: Ciências da Administração, Ciências Sociais e Humanas, Direito e Informática.

5º

## **Estrutura curricular**

A estrutura curricular é a constante do Anexo I ao presente regulamento.

6º

## **Plano de estudos**

O plano de estudos do curso será fixado por despacho reitoral, a publicar no *Diário da República*.

7º

### *Numerus clausus*

O *numerus clausus* será fixado anualmente por despacho reitoral, sob proposta dos conselhos científicos das Faculdades enumeradas no artigo 1º.

8º

### **Classificação final**

A classificação final do curso é a média ponderada pelas unidades de crédito, arredondada às unidades (considerando como unidade a fracção não inferior a cinco décimas), das disciplinas e do estágio, constantes da estrutura do plano de estudos.

9º

### **Recursos**

1 – A responsabilidade da leccionação das disciplinas do curso será repartida entre a FLUP e a FEUP, por decisão do director do curso, uma vez obtida a aprovação dos conselhos directivos das duas Faculdades.

2 – A FLUP e a FEUP comprometem-se a assegurar os meios requeridos para o adequado funcionamento das disciplinas sob a sua responsabilidade.

3 – Para efeito de cálculo de ETI, atribui-se a cada Faculdade a fracção do número total de alunos correspondente à percentagem de créditos das disciplinas que assegura.

10º

### **Entrada em funcionamento**

O curso entrará em funcionamento, progressivamente, um ano curricular em cada ano lectivo, a partir do ano lectivo fixado por despacho do reitor da Universidade do Porto, verificada a existência de recursos humanos e materiais adequados à sua concretização.

## **ANEXO I**

### **Estrutura curricular**

- 1 – As áreas científicas do curso de licenciatura em Ciência da Informação são as seguintes:
  - Áreas científicas nucleares – Sistemas de Informação, Organização e Processamento de Informação, Serviços de Informação
  - Áreas científicas complementares – Ciências da Administração e da Gestão, Ciências Sociais e Humanas e Informática.
- 2 – Duração normal do curso – oito semestres lectivos.
- 3 – Unidades de crédito do plano de estudos:
  - Número total de unidades de crédito necessárias à concessão do grau – 120 UC
  - Componente obrigatória das áreas científicas nucleares (disciplinas + estágio) – 54 UC
  - Componente obrigatória das áreas científicas complementares – 57 UC
  - Componente optativa – mínimo 9 UC.

21 de Maio de 2001

## Plano de estudos

### Áreas científicas nucleares:

- Sistemas de Informação (SIST);
- Organização e Processamento de Informação (OPI);
- Serviços de Informação (SERV);

### Áreas científicas complementares:

- Ciências da Administração e da Gestão (CAG);
- Ciências Sociais e Humanas (CSH);
- Informática (I).

### 1º ano

1º semestre	Área científica	Unidades de crédito	2º semestre	Área científica	Unidades de crédito
Informática Básica	I	3	Sistemas Computacionais e de Comunicação	I	3
Lógica	CSH	2,5	Técnicas de Expressão e Comunicação	CSH	3
História da Cultura I	CSH	4	História da Cultura II	CSH	4
Metodologia da Investigação	CSH	2,5	Linguística	CSH	2,5
Fundamentos de Gestão	CAG	3	Sociologia das Organizações	CSH	2,5

### 2º ano

1º semestre	Área científica	Unidades de crédito	2º semestre	Área científica	Unidades de crédito
Teoria e Metodologia da Ciência da Informação	SIST	4	Organização e Representação da Informação I	OPI	3
Gestão da Informação	SERV	3	Comportamento Informacional	SERV	2,5
Sistemas de Arquivo e de Biblioteca	SIST	2,5	Paleografia	CSH	3
História da Administração Pública I	CSH	2,5	História da Administração Pública II	CSH	2,5
Informação para a Internet	I	3	Direito Administrativo	CAG	4

### 3º ano

1º semestre	Área científica	Unidades de crédito	2º semestre	Área científica	Unidades de crédito
Armazenamento e Recuperação da Informação I	OPI	3	Armazenamento e Recuperação da Informação II	OPI	3
Análise de Sistemas de Informação	SIST	3	Análise de Sistemas de Informação II	SIST	3
Organização e Representação da Informação II	OPI	3	Gestão de Serviços de Informação	SERV	3
Fontes de Informação e Serviços de Referência	SERV	3	Sistemas de Apoio à Decisão	CAG	3
Opção		3	Opção		3

4º ano

1º semestre	Área científica	Unidades de crédito	2º semestre	Área científica	Unidades de crédito
Direito da Informação	CAG	4	Estágio		14
Sociedade da Informação	CSH	2,5	Seminário		1
Arquivos e Bibliotecas	SERV	3			
Digitais	SERV	3			
Ação Cultural e Educativa	CSH	2,5			
Opção		3			

Disciplinas de opção recomendadas:

Bases de Dados (I);  
 Bibliotecas Escolares (SERV);  
 Bibliotecas Públicas (SERV);  
 Catalogação do Livro Antigo (OPI);  
 Codicologia (CSH);  
 História das Instituições Eclesiásticas (CSH);  
 História do Livro (CSH);  
 Inglês Técnico (CSH);  
 Latim (CSH);  
 Noções de Contabilidade (CAG);  
 Preservação e Conservação (SERV);  
 Tecnologia Multimédia (I).

19 de Junho de 2001

**PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS DO  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO  
(2002-2003)**

# 1º ANO

## 1º semestre

### FUNDAMENTOS DE GESTÃO (FEUP)

Docente: Dr<sup>a</sup> Lia Patrício (Departamento de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial)

- Gestão das Organizações: A gestão e o papel do gestor. O processo de gestão: planeamento, organização, liderança e controlo. Níveis de gestão: gestão estratégica e políticas funcionais. As políticas funcionais e a sua integração na gestão global da organização
- Marketing: Conceito de Marketing e orientação de mercado. Análise do mercado: estudo do mercado, segmentação, identificação do mercado alvo e posicionamento. Identificação de estratégias de marketing. O marketing mix: gestão e desenvolvimento de produtos, política de preços, estratégias de comunicação e promoção, política de distribuição
- Conceitos básicos de Gestão Financeira: O objectivo da Gestão financeira e sua integração na Gestão global da empresa. A Contabilidade como sistema de informação sobre o património da empresa. Principais peças contabilísticas e sua interpretação. Noções de rentabilidade e equilíbrio financeiro
- Planeamento Estratégico: Missão e objectivos: a missão da organização e a oferta de valor proposta aos clientes. Análise do meio ambiente externo: identificação dos factores críticos de sucesso. Análise do meio ambiente interno: capacidades e competências centrais; análise da cadeia de valor. Desenvolvimento de vantagens competitivas

### HISTÓRIA DA CULTURA I (FLUP)

Docente: Prof. Doutor António Barros Cardoso (Departamento de História)

1. Cultura e civilização
2. Cristianismo e pensamento clássico
3. Monaquismo Cristão e cultura
4. Cultura popular e erudita em finais da Idade Média
5. O Humanismo Renascentista
6. Humanismo e Reforma
7. As “luzes”
8. Portugal e a cultura europeia na Época Moderna

### INFORMÁTICA BÁSICA (FEUP)

Docente: Eng<sup>o</sup> Luís Paulo Reis (Departamento de Engenharia Electrotécnica e de Computadores)

0. Apresentação
  - 0.1. Descrição dos Objectivos e Conteúdo da Disciplina

- 0.2. Descrição da Metodologia e do Método de Avaliação
- 0.3. Apresentação da Bibliografia Adoptada
- 1. Introdução aos Computadores e à Informática
  - 1.1. Definição de Informática
  - 1.2. Distinção entre Dados e Informação
  - 1.3. Breve História dos Computadores
  - 1.4. Funções Básicas do Computador
  - 1.5. Conceitos de Hardware, Software
  - 1.6. Componentes do Computador
    - 1.6.1. Dispositivos de Entrada
    - 1.6.2. Unidade de Processamento
    - 1.6.3. Dispositivos de Armazenamento
    - 1.6.4. Dispositivos de Saída
  - 1.7. Tipos de Computadores
  - 1.8. O Impacto Social dos Computadores
  - 1.9. Representação de Dados e Sistemas de Numeração
    - 1.9.1. Bits e Bytes
    - 1.9.2. Bases de Numeração: Representação Decimal, Binária, Octal e Hexadecimal
    - 1.9.3. Conversões de Números entre Bases
    - 1.9.4. Aritmética Binária
    - 1.9.5. Tipos de Dados e Suas Representações
  - 1.10. Introdução aos Sistemas Operativos
    - 1.10.1. Funções Básicas de um Sistema Operativo
    - 1.10.2. Conceitos de Directório e Ficheiro
    - 1.10.3. Comandos Básicos e Execução de Processos
    - 1.10.3. Sistemas Operativos MsDos, Windows e Linux
    - 1.10.5. Utilização do Sistema Operativo Windows
  - 1.11. Conceitos Básicos de Redes de Computadores e Internet
- 2. Processamento de Texto
  - 2.1. Aspectos Básicos sobre Processamento de Texto
  - 2.2. Processadores de Texto Disponíveis no Mercado
  - 2.3. Sistemas de Edição Electrónica
  - 2.4. Tipos de Documentos e Modelos
  - 2.5. O Processador de Texto Word
    - 2.5.1. Potencialidades do Word
    - 2.5.2. Instalação e Configuração do Word
    - 2.5.3. A Área de Trabalho do Word
    - 2.5.4. Criação, Gravação e Abertura de Documentos
    - 2.5.5. Edição e Tratamento do Texto
      - 2.5.5.1. Selecção, Cópia e Movimentação de Texto
      - 2.5.5.2. Pesquisa e Substituição de Texto
      - 2.5.5.3. Verificação Ortográfica e Gramatical
      - 2.5.5.4. Formatação de Texto
    - 2.5.6. Modos de Visualização
    - 2.5.7. Utilização de Listas, Tabelas, Colunas, Bordas, Sombras e Cores
    - 2.5.8. Inserção de Objectos: Office Art, Figuras e Gráficos
    - 2.5.9. Configuração de Páginas e Impressão de Documentos
  - 2.6. Introdução ao Processamento de Texto Utilizando o Latex
- 3. Folhas de Cálculo
  - 3.1. Aspectos Básicos sobre Folhas de Cálculo
  - 3.2. Folhas de Cálculo Disponíveis no Mercado

- 3.3. A Folha de Cálculo Excel
  - 3.3.1. Potencialidades do Excel
  - 3.3.2. Instalação e Configuração do Excel
  - 3.3.3. A Área de Trabalho do Excel
  - 3.3.4. Criação de uma Folha de Cálculo
    - 3.3.4.1. Conceitos de Livro (“Book”), Folha e Célula
    - 3.3.4.2. Operações com Ficheiros
    - 3.3.4.3. Criação e Formatação de Linhas e Colunas
    - 3.3.4.4. Edição, Seleção e Cópia de Células
    - 3.3.4.5. Criação de Fórmulas
    - 3.3.4.6. Referências Relativas e Absolutas
    - 3.3.4.7. Utilização de Funções
  - 3.3.5. Formatação da Folha de Cálculo
    - 3.3.5.1. Alinhamentos
    - 3.3.5.2. Tipos de Letra e Atributos
    - 3.3.5.3. Formatação Numérica
    - 3.3.5.4. Bordas, Sombras e Cores
  - 3.3.6. Criação de Listas, Ordenação de Dados e Utilização de Filtros
  - 3.3.7. Elaboração de Gráficos
  - 3.3.8. Transferência de Informação entre o Excel e o Word
  - 3.3.9. Configuração de Páginas e Impressão
- 4. Programas de Apresentações
  - 4.1. Definição de Apresentação e Tipos de Apresentações
  - 4.2. Estrutura de uma Apresentação
  - 4.3. Os Elementos de uma Apresentação com Sucesso: Objectivos, Análise da Audiência, Planeamento, Organização dos Materiais, Apoio Visual, Estilo de Apresentação e Ensaio
  - 4.4. Programas de Apresentações Disponíveis no Mercado
  - 4.5. Utilização do Microsoft PowerPoint
    - 4.5.1. Potencialidades do PowerPoint
    - 4.5.2. Instalação e Configuração do PowerPoint
    - 4.5.3. A Área de Trabalho do PowerPoint
    - 4.5.4. Tipos de Apresentações
    - 4.5.5. Estruturação da Apresentação e Utilização de Modelos
    - 4.5.6. Construção da Apresentação
      - 4.5.6.1. Utilização de Fundos
      - 4.5.6.2. Tipos de Slides
      - 4.5.6.3. Inserção e Formatação de texto
    - 4.5.7. Modos de Visualização
    - 4.5.8. Potencialidades Multimedia
    - 4.5.9. Gráficos, Tabelas e Organigramas
    - 4.5.10. Construção e Manipulação de Slide Shows
    - 4.5.11. Impressão de Apresentações e Material de Apoio

## **LÓGICA (FLUP)**

Docente: Dr. João Alberto Pinto (Departamento de Filosofia)

### 1. Introdução ao estudo da Lógica

- 1.1. Argumentos, validade e correcção de um argumento, proposições, condições de verdade, valores lógicos e forma lógica
- 1.2. Lógica clássica e lógica moderna (simbólica ou matemática)
2. Lógica Proposicional
  - 2.1. As operações de negação, conjunção, disjunção, condicionalização (material) e bicondionalização (material)
  - 2.2. A análise lógica de nível proposicional
  - 2.3. Testes de validade: inspectores de circunstâncias, implicações lógicas e interpretações invalidantes
  - 2.4. Aspectos dedutivos e metalógicos da Lógica Proposicional
3. Lógica de Predicados
  - 3.1. Referência e predicção: constantes, variáveis, aridade de um predicado, condições e substituição
  - 3.2. As operações de quantificação existencial e quantificação universal
  - 3.3. O nível intraproposicional de análise lógica: semântica lógica e interpretações
  - 3.4. Lógica das classes
  - 3.5. A identidade em teorias lógicas de 1ª ordem e as propriedades das relações
  - 3.6. Aspectos dedutivos da Lógica de Predicados

## **METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO (FLUP)**

Docente: Prof. Doutor Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva (DCTP)

Módulo A - A Problemática da produção sócio-histórico-epistemológica das condições de existência das práticas científicas

- 1 - A produção sócio-histórica da Ciência Moderna
- 2 - Condições sócio-históricas e epistemológicas do desenvolvimento da Ciência Moderna
- 3 - A quadripolaridade do espaço metodológico da investigação

Módulo B - A Problemática da produção teórico-metodológica da investigação no campo das Ciências Sociais

- 1 - A vigilância epistemológica como condição de objectivação dos procedimentos científicos
- 2 - A produção da linguagem empírica na sua articulação com a linguagem teórica
- 3 - A arquitectura da investigação e os procedimentos de objectivação

Módulo C - A formalização do trabalho científico

- 1 - Tipologias de trabalhos científicos
- 2 - Modelos de redacção e apresentação dos trabalhos científicos
- 3 - Elaboração de referências bibliográficas e fontes de informação

## HISTÓRIA DA CULTURA II (FLUP)

Docente: Dr. Manuel Vicente S. Lima Loff (Departamento de História)

1. Introdução: teste de diagnóstico e reflexão propedéutica sobre o significado histórico da contemporaneidade
2. A Cultura burguesa do séc. XIX:
  - 2.1. As Revoluções Liberais e o triunfo político burguês
  - 2.2. As elites: cultura e sociabilidade burguesas; as explicações conservadoras e liberais do mundo; laicização e cientismo
  - 2.3. A pulsão democratizadora:
    - 2.3.1. O paradigma nacionalista: «nacionalização» da sociedade e «construção nacional» através das instituições socializadoras do Estado
    - 2.3.2. Movimento operário e massificação social
  - 2.4. Colonialismo e imperialismo contemporâneos; a supremacia da cultura europeia
3. O Século XX, século da cultura de massas:
  - 3.1. O papel dos conflitos mundiais na massificação social
  - 3.2. A crise do padrão cultural burguês:
    - 3.2.1. As alternativas comunista e fascista
    - 3.2.2. A democratização forçosa da formação e dos consumos e práticas culturais
  - 3.3. Uma década paradoxal (anos '60): a revolução do consumo, a ruptura do modelo social ocidental, a reivindicação identitária cultural, o «tempo dos jovens»
  - 3.4. «Era da Informação» e um novo elitismo

## LINGUÍSTICA (FLUP)

Docente: Prof. Doutor Sérgio Matos (Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos)

### Linguagem e Linguística

- Especificidades da linguagem verbal face a outros sistemas semióticos
- O estudo da linguagem: as perspectivas normativa e descritiva
- O conhecimento linguístico. Níveis de descrição linguística

### Som e grafema

- Breve apresentação de alguns conceitos de fonética e fonologia
- A Escrita. Fonema vs grafema. Oralidade vs escrita

### A palavra

- Estrutura da palavra. O morfema. Morfemas livres e presos
- A derivação. A composição e outros processos de formação de palavras
- O significado da palavra. Relações semânticas
- Dicionários: tipos e estrutura
- Palavra e termo. Terminologia e terminografia
- Análise de 'corpora': elaboração de concordâncias e outras operações de análise lexical

A frase

- Estrutura de Constituintes. Organização funcional. Relações temáticas
- O significado da frase

Para além da frase

- Dimensões pragmáticas do significado
- O texto como unidade linguística. Mecanismos de coesão e coerência textuais

## **SISTEMAS COMPUTACIONAIS E DE COMUNICAÇÃO (FEUP)**

Docente: Prof. Doutor José Manuel Magalhães Cruz (Departamento de Engenharia Electro-técnica e de Computadores)

- Eng<sup>o</sup> Luís Paulo Reis (Departamento de Engenharia Electrotécnica e de Computadores)

### 0. Apresentação

- 0.1. Descrição dos Objectivos e Conteúdo da Disciplina
- 0.2. Descrição da Metodologia e do Método de Avaliação
- 0.3. Apresentação da Bibliografia Adoptada

### 1. Sistemas Operativos

- 1.1. Funções Básicas de um Sistema Operativo
- 1.2. Conceitos de Directório e Ficheiro
- 1.3. Utilizadores e Permissões
- 1.4. Processos e Execução de Processos
- 1.5. Gestão de Periféricos
- 1.6. Comandos Básicos
- 1.7. Comparação entre os Sistemas Operativos mais Utilizados: MsDos, Windows e Linux
- 1.8. Sistema Operativo Windows
  - 1.8.1. História do Sistema Operativo Windows
  - 1.8.2. Configuração das Características do Computador
  - 1.8.3. Criação de Pastas e Cópia de Ficheiros
  - 1.8.4. Instalação e Utilização de Aplicações
  - 1.8.5. Utilização do “Clipboard” e dos Acessórios Básicos
  - 1.8.6. Vírus, Antivírus e Cópias de Segurança
  - 1.8.7. Conceito de Rede e Configuração do Acesso à Rede
  - 1.8.8. Software Mais Útil para Windows e sua Utilização
- 1.9. Sistema Operativo Linux
  - 1.9.1. História do Sistema Operativo Unix e do Linux
  - 1.9.2. Distribuições de Linux
  - 1.9.3. Instalação e Configuração do Linux
  - 1.9.4. A Árvore de Directórios Linux
  - 1.9.5. Comandos Básicos em Linux
  - 1.9.6. Execução de Processos
  - 1.9.7. Vantagens e Desvantagens do Linux
  - 1.9.8. Software Mais Útil para Linux e sua Utilização

### 2. Redes de Computadores e Internet

- 2.1. Conceitos Básicos de Redes de Computadores
  - 2.1.1. Estrutura Física
  - 2.1.2. Topologias de Rede

- 2.1.3. Tipos de Rede
- 2.1.4. Modelo de Referência OSI
- 2.1.5. Estrutura Lógica
- 2.1.6. Protocolo TCP/IP
  - 2.1.6.1. Endereços
  - 2.1.6.2. Resolução de Nomes
  - 2.1.6.3. Protocolos de Routing
- 2.1.7. Arquitectura Cliente-Servidor
- 2.1.8. Vantagens e Riscos das Redes
- 2.1.9. Utilização Prática de Redes em Ambientes Windows e Linux
- 2.2. Internet
  - 2.2.1. História das Redes de Computadores e da Internet
  - 2.2.2. Serviços em Redes IP e na Internet
    - 2.2.2.1. World Wide Web
    - 2.2.2.2. Correio Electrónico
    - 2.2.2.3. Transferência de Ficheiros: FTP – File Transfer Protocol
    - 2.2.2.4. Terminal Virtual: Telnet
    - 2.2.2.5. Comunicação em Tempo Real: IRC – Internet Relay Chat
    - 2.2.2.6. Comércio Electrónico
  - 2.2.3. Pesquisa de Informação na Internet: Pesquisadores Automáticos e Temáticos
- 3. Algoritmia e Programação de Computadores
  - 3.1. Algoritmia
    - 3.1.1. Noção de Algoritmo
    - 3.1.2. Representação de Algoritmos em Pseudocódigo e Fluxogramas
    - 3.1.3. Prova e Teste de Algoritmos
  - 3.2. Introdução à Programação
    - 3.2.1. Conceitos de programa e software
    - 3.2.2. Programação em linguagens de alto nível: Programa fonte, Compilador, Interpretador, Programa objecto, Bibliotecas e Programa executável
    - 3.2.3. Principais linguagens de Programação e suas aplicações.
  - 3.3. Estruturas de Controlo: Instruções simples, estruturadas, condicionais, repetitivas e de salto
  - 3.4. Tipos e Declarações de Dados e Expressões
    - 3.4.1. Tipos de dados ordinais, reais, strings e outros
    - 3.4.2. Operadores Aritméticos, Lógicos, Booleanos e Relacionais
    - 3.4.3. Construção de Expressões
  - 3.5. Variáveis indexadas e cadeias de caracteres
    - 3.5.1. Vectores, Matrizes e sua Utilização
    - 3.5.2. Pesquisa e ordenação de vectores
    - 3.5.3. Operação com Matrizes
    - 3.5.4. Cadeias de Caracteres
  - 3.6. Sub-Programas
    - 3.6.1. Conceito de Sub-Programa
    - 3.6.2. Variáveis locais vs globais
    - 3.6.3. Parâmetros e Métodos de Passagem de Parâmetros
  - 3.7. Utilização de Registos e Ficheiros
- 4. Sistemas de Informação e Bases de Dados
  - 4.1. Sistemas de Informação (SI)
    - 4.1.1. Resolução de Problemas
    - 4.1.2. Sistemas de Informação e sua inserção no Ambiente
    - 4.1.3. Funções de um SI: Recolha, Armazenamento, Processamento, Representação e Distribuição de Informação

- 4.1.4. Componentes de um Sistema de Informação
- 4.2. Sistema de Gestão de Base de Dados (SGBDs)
  - 4.2.1. SGBDs vs Sistemas de Gestão de Ficheiros
  - 4.2.2. A Arquitectura ANSI/SPARC
  - 4.2.3. Conceito de Transacção
  - 4.2.4. Requisitos Fundamentais de um SGBD: Segurança, Integridade, Controlo de Concorrência e Tolerância a Falhas
  - 4.2.5. Utilizadores de SGBDs
  - 4.2.6. Linguagens de Bases de Dados
  - 4.2.7. Organização e Armazenamento de Dados
- 4.3. Modelização de Dados
  - 4.3.1. Modelo Hierárquico, Modelo Rede e Modelo Relacional
  - 4.3.2. Normalização de Bases de Dados
  - 4.3.3. Modelo Entidade-Relação
  - 4.3.4. Bases de Dados Relacionais
  - 4.3.5. Ficheiros, Registos e Campos
  - 4.3.6. Linguagem SQL
- 4.4. O SGBD Microsoft Access
  - 4.4.1. Potencialidades do Access
  - 4.4.2. Instalação e Configuração do Access
  - 4.4.3. Criação das Tabelas
  - 4.4.4. Edição e Formatação de Tabelas
  - 4.4.5. Criação de Formulários (Forms)
  - 4.4.6. Consultas (Queries)
  - 4.4.7. Relatórios (Reports)
- 4.5. Utilização Prática de Bases de Dados
  - 4.5.1. Projecto de uma Base de Dados
  - 4.5.2. Implementação da Base de Dados utilizando o Microsoft Access

## **SOCIOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES (FEUP)**

Docente: Dr<sup>a</sup> Lia Patrício (Departamento de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial)

- 1. Introdução
  - 1.1. Organização e Sociologia das Organizações.
  - 1.2. Os elementos das Organizações.
  - 1.3. Níveis de análise: indivíduo, grupo e organização.
- 2. Evolução da Teoria das Organizações
  - 2.1. Abordagem clássica: As organizações como sistemas racionais
    - 2.1.1. A organização científica do trabalho.
    - 2.1.2. Teoria administrativa
    - 2.1.3. O modelo burocrático de Weber
  - 2.2. O factor humano nas organizações: as organizações como sistemas naturais
    - 2.2.1. A escola das relações humanas
    - 2.2.2. As teorias psico-sociológicas da organização
  - 2.3. As organizações como sistemas abertos
    - 2.3.1. Abordagem sistémica
    - 2.3.2. Abordagem contingencial
    - 2.3.3. Abordagem socio-técnica

3. Configurações organizacionais
  - 3.1. Elementos da estrutura organizacional
  - 3.2. Modelos hierárquicos, intermédios e não hierárquicos
  - 3.3. Estrutura e dinâmica das organizações de Mintzberg
4. Os grupos nas organizações
  - 4.1. Natureza dos grupos
  - 4.2. Dinâmica de grupos
  - 4.3. Gestão de grupos de trabalho
5. Liderança
  - 5.1. Teorias da liderança
  - 5.2. Estilos e capacidades de liderança
  - 5.3. Mudança organizacional

## **TÉCNICAS DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO (FLUP)**

Docente: Dr<sup>a</sup> Helena Rangel (Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos)

- Comunicação e enunciação
  - frase, enunciado, enunciação
- A situação de enunciação
  - enunciação na língua – directa, diferida, relatada
- Discurso relatado – directo, directo livre, indirecto, indirecto livre, discurso evocado e formas híbridas
- Modalização do discurso
  - modalidades de enunciação, de enunciado e pragmáticas
- Registos de língua
  - cuidado, popular, corrente, familiar
- Lexicologia
- enriquecimento do léxico:
  - neologismos, empréstimos, estrangeirismos, onomatopeias, nominalização, adjectivalização, adverbialização
- relações lexicais
  - antonímia, hiperonímia, hiponímia, homonímia, polissemia, sinonímia
- Morfologia
- formação de palavras
  - morfemas gramaticais e lexicais
  - composição e derivação (sufixação e prefixação)
- Sintaxe
- frase simples e frase complexa
  - termos integrantes da oração
  - verbos (tempos e modos verbais – seus valores)
  - pontuação
- Texto e discurso
- Os conectores como marcadores textuais
- as marcas do “eu” e do “outro” no discurso
  - a coerência
  - a coesão (processos de retoma textual), anaforização
  - tempos verbais – suas condições de emprego
- tipologias textuais (texto narrativo, descritivo, argumentativo, expositivo, explicativo...)

- Recurso de valorização estilística e de modalização do discurso (figuras de estilo, frases idiomáticas, provérbios, recurso a advérbios, adjectivação...)

## **2º ANO**

**1º semestre**

### **GESTÃO DA INFORMAÇÃO (FEUP)**

Docente: Mestre Ana Maria Gonçalves Azevedo (Biblioteca Central da FEUP)

- Estratégias de informação; estratégias de sistemas de informação; gestão da mudança.
- Gestão de informação e trabalho de informação: o ciclo de vida da informação; informação como recurso e valor da informação.
- Auditorias de informação, auditorias de comunicação e mapeamento da informação.
- Cultura organizacional; política da informação organizacional.

### **HISTÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA I (FLUP)**

Docente: Profª Doutora Maria Inês Amorim (Departamento de História)

1. Território e Territórios – da formação do Reino à construção do Estado Moderno
2. A organização do poder central:
  - 2.1. Os suportes: a legislação, a organização militar e a organização fiscal
  - 2.2. As instituições (da administração pública, da fazenda, da justiça, da cultura e assistência)
  - 2.3. Os instrumentos: os funcionários
3. O ordenamento do espaço
  - 3.1. A administração periférica do Reino
  - 3.2. A pulverização dos poderes: concelhos e senhorios
  - 3.3. Os corpos administrativos: competências e actuações
4. A produção da informação para uma “História da Administração Pública em Portugal até ao século XVIII” - tutela e gestão institucional dos fundos documentais
  - 4.1. Arquivos Centrais
  - 4.2. Arquivos Distritais
  - 4.3. Arquivos Municipais
  - 4.4. Arquivos Particulares

### **INFORMAÇÃO PARA A INTERNET (FEUP)**

Docente: Prof. Doutor Rui Camacho Ferreira da Silva (Departamento de Engenharia Electrotécnica e de Computadores)

- A Internet: breve história; utilização; crescimento; regulamentação; standards.
- A World Wide Web: origem; modelo cliente/servidor; produtos servidores; navegadores.

- Criação de documentos Web: Hypertext Markup Language (HTML); folhas de estilos.
- Criação de conteúdos dinâmicos; acesso a bases de dados.
- Novas linguagem de anotação: XML e XSL.
- Metodologias de design; técnicas e motores de pesquisa; estatísticas de acesso; segurança.
- O futuro da WWW: novos serviços; comércio electrónico; Internet versus Intranet; soluções Intranet.

## **SISTEMAS DE ARQUIVO E DE BIBLIOTECA (FLUP)**

Docente: Prof<sup>a</sup> Doutora Cândida Fernanda Antunes Ribeiro (DCTP)

- I. Retrospectiva epistemológica da evolução dos sistemas de informação (S. I.) arquivo e biblioteca
  1. Das origens ao Renascimento: a formação dos S. I.
    - 1.1. A organização dos sistemas de arquivo e biblioteca nas civilizações pré-clássicas e clássicas, na Grécia e em Roma
    - 1.2. O desenvolvimento dos sistemas de arquivo e biblioteca no período medieval, com particular relevo para os das instituições monásticas
  2. Do Renascimento à Revolução Francesa: evolução "natural" dos S. I.
    - 2.1. O Humanismo e o Renascimento e sua influência na abertura e culturalização dos sistemas de informação
    - 2.2. O papel dos arquivos ao serviço dos Estados Modernos e da centralização do poder real
    - 2.3. As bibliotecas particulares e eruditas, o desenvolvimento da bibliografia e da cultura livresca
  3. Da Revolução Francesa aos anos 60 do século XX: a consolidação do paradigma histórico-  
-tecnicista
    - 3.1. A ideologia liberal e seus reflexos
    - 3.2. O desenvolvimento da História e o Positivismo
    - 3.3. O desenvolvimento tecnológico e o acentuar da vertente técnica
  4. A modernidade e a mudança de paradigma: a transição para a era pós-custodial
- II. Caracterização dos sistemas de informação arquivo e biblioteca à luz da teoria sistémica
  1. Tipologia dos sistemas de informação arquivo
  2. Tipologia dos sistemas de informação biblioteca
- III. A aplicação do método de investigação quadripolar aos sistemas de informação arquivo e biblioteca - abordagem geral
  1. As operações do pólo técnico (em particular a análise/avaliação)
  2. As operações do pólo morfológico

## **TEORIA E METODOLOGIA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (FLUP)**

Docente: Prof. Doutor Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva (DCTP)

1. Do Documento à Informação

- 1.1. Evolução de um conceito ou percepção mais aguda e abrangente de um fenómeno/processo concreto e assaz complexo?
- 1.2. Informação, linguagem e discurso: esboço de uma definição geral
- 1.3. Informação social ou informação registada
- 1.4. As propriedades intrínsecas da Informação
2. Do Objecto de estudo à Ciência criada para o estudar
  - 2.1. Retrospectiva de uma trajectória secular: da biblioteconomia e da arquivística à C. I.
  - 2.2. A Impossibilidade epistemológica das "Ciências" Documentais
  - 2.3. Pluri, inter e transdisciplinaridade no estudo da Informação
  - 2.4. Reconfiguração do Objecto e Método
    - 2.4.1. O Objecto: a informação como fenómeno/processo
    - 2.4.2. O Método quadripolar da investigação qualitativa
3. A Sociedade da Informação ou a Revolução Informacional: um novo paradigma no pólo epistemológico?
4. Teorias e modelos no pólo teórico
  - 4.1. Estruturalismo
  - 4.2. Teoria e pensamento sistémico segundo Piero Mella
  - 4.3. Teoria das Situações e Info-Senso por Keith Devlin
  - 4.4. Teoria da Informação Psicológica de Bruno Lussato
  - 4.5. Teorias da Comunicação
  - 4.6. Diferentes aplicações teórico-práticas (modelos)
5. Um programa aberto de I&D

## 2º semestre

### COMPORTAMENTO INFORMACIONAL (FLUP)

Docente: Prof. Doutor Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva (DCTP)

1. Questões prévias
  - 1.1. Definições operatórias de Informação
  - 1.2. Mente e acção / Sujeito e meio
  - 1.3. Pólos Teórico e Técnico
    - 1.3.1. Teorias aplicáveis ao estudo comportamental
    - 1.3.2. Técnicas metodológicas de estudo
2. Questões comportamentais
  - 2.1. Da cienciometria aos estudos de utilizadores
  - 2.2. O Uso da Informação em Bibliotecas, Centros de Documentação e Arquivos
    - 2.2.1. Planeamento e Avaliação de Serviços e Sistemas Tecnológicos de Informação
  - 2.3. Alguns textos básicos sobre Comportamento Informacional
  - 2.4. Agenda programática de pesquisa
3. Trabalho teórico-prático
 

Escolha de uma das seguintes situações para estudo:

  - A – Comparação de uma amostra de utilizadores de uma Biblioteca Pública com uma amostra de utilizadores de Sites Bibliográficos (Comerciais ou Gratuitos)
  - B – Estudo de uma amostra de leitores de jornais (noticiosos e/ou desportivos) – como procedem à leitura dos artigos e como buscam os “assuntos”

C – Acompanhamento por observação directa durante um ou dois meses de um funcionário administrativo no seu trabalho de criador e utilizador de informação

(NOTA: O tema C pode ser substituído por outro equivalente, ou seja, pelo acompanhamento de um ou mais profissionais das mais diferentes áreas de actividade)

## **DIREITO ADMINISTRATIVO (FLUP)**

Docente: Prof. Doutor António Francisco de Sousa (Faculdade de Direito da Universidade do Porto)

### Introdução

- Noção de administração pública; sua evolução; nascimento do direito administrativo; conceito de direito administrativo.

### Parte I

- A Administração e o Direito:  
vinculação da Administração ao direito público; discricionariedade administrativa e conceitos legais indeterminados

### Parte II

- Organização Administrativa:  
sistemas de organização administrativa; relações interorgânicas; princípios de organização administrativa

### Parte III

- Actividade administrativa:  
regulamento administrativo; acto administrativo; plano administrativo; contrato administrativo

### Parte IV

- Organização e funcionamento da justiça administrativa em Portugal

## **HISTÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA II (FLUP)**

Docente: Prof. Doutor José Maciel Honrado Santos (Departamento de História)

1. As revoluções burguesas e a ordem liberal - conceitos gerais
2. Os regimes políticos portugueses: periodização e características administrativas comuns
  - 2.1. O Estado Central
    - 2.1.1. A Monarquia Constitucional
    - 2.1.2. A 1ª República
    - 2.1.3. O Estado Novo
    - 2.1.4. A ordem constitucional depois de 1976
  - 2.2. A Administração descentralizada e local
3. Os arquivos públicos portugueses
  - 3.1. Os arquivos centrais
  - 3.2. Os arquivos da administração pública descentralizada

## ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO I (FLUP)

Docentes: Prof<sup>a</sup> Doutora Cândida Fernanda Antunes Ribeiro (DCTP)  
Dr<sup>a</sup> Maria Elisa Ramos de Moraes Cerveira (DCTP)

1. O que significa organizar e representar informação: contextualização nos pólos técnico e morfológico do método quadripolar
2. O fluxo informacional e suas fases: produção/reunião - tratamento - uso/difusão
3. Os instrumentos de acesso à informação: conceito, tipologias e elementos constituintes
4. A representação da informação: a descrição
  - 4.1. Princípios e normas de catalogação. Normas internacionais para a descrição bibliográfica: a ISBD
  - 4.2. A estrutura da ISBD
    - 4.2.1. Os elementos necessários à identificação dos documentos / da informação
    - 4.2.2. Fontes de informação para a recolha dos elementos de identificação
    - 4.2.3. As zonas, a pontuação e a ordem de apresentação dos elementos
  - 4.3. A descrição bibliográfica dos diferentes tipos de documentos
    - 4.3.1. A descrição bibliográfica de monografias: análise da ISBD(M)
    - 4.3.2. A descrição bibliográfica de publicações em série: análise da ISBD(S)
    - 4.3.3. A descrição bibliográfica de material cartográfico: análise da ISBD(CM)
    - 4.3.4. A descrição bibliográfica de material não livro: análise da ISBD(NBM)
    - 4.3.5. A descrição bibliográfica de parte de documentos: análise dos Princípios para Aplicação das ISBDs à Descrição de Partes Componentes
  - 4.4. A descrição bibliográfica em sistemas informáticos
    - 4.4.1. O formato Unimarc:
      - Normalização
      - Estrutura do formato
      - Análise e preenchimento de folhas de recolha de dados
  - 4.5. As normas de descrição arquivística: a ISAD(G)

## PALEOGRAFIA (FLUP)

Docente: Prof. Doutor José Marques (DCTP)

1. Conceito e objecto tradicionais da Paleografia. A proposta de Jean Mallon: virtualidades e limitações
2. Origem e evolução do alfabeto latino. A escrita romana. Da minúscula arcaica à constituição das escritas nacionais insulares e continentais
3. Matéria e instrumentos da escrita. Forma dos manuscritos
4. Sistemas braquigráficos
5. Escritas: visigótica (librária e cursiva), carolina, minúscula diplomática, gótica (librária e cursiva), humanística (librária e cursiva), cortesã, processada e encadeada
6. Normas de transcrição de documentos. Elaboração de sumários  
**Algumas noções de Diplomática**
7. Conceito de Diplomática. Actos jurídicos e actos escritos. Sua classificação. Génese e transmissão dos documentos
8. Estrutura dos documentos, formas de datação e validação, transmissão dos documentos

# **Regulamento do Curso de Licenciatura em História da Arte**

(Resolução nº 19/99. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 38 (15 Fev. 1999) 2.312<sup>1</sup>;  
Aviso nº 3.385/99. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 40 (17 Fev. 1999) 2.390-2.392)

## **1º Criação**

A Universidade do Porto, através da Faculdade de Letras, confere o grau de licenciado em História da Arte.

## **2º Organização do curso**

O curso conducente à obtenção da licenciatura em História da Arte organiza-se em disciplinas curriculares e de opção, e seminário de projecto.

## **3º Área científica do curso**

A área científica do curso é a de História da Arte.

## **4º Estrutura curricular**

A estrutura curricular é a constante no anexo I.

## **5º Plano de estudos**

O plano de estudos do curso será fixado por despacho reitoral, a publicar no *Diário da República*.

## **6º Classificação final**

A classificação final do curso é a média ponderada, arredondada às unidades (considerando como unidades a fracção não inferior a cinco décimas), das disciplinas e seminário de projecto constantes da estrutura do plano de estudos.

---

<sup>1</sup> Esta resolução foi, posteriormente, rectificada por ter sido publicada com inexactidão - ver: Rectificação nº 897/99. *Diário da República*. 2ª série. Lisboa. 84 (10 Abr. 1999) 5.307.

### Entrada em funcionamento

O curso entrará em funcionamento progressivamente, um ano curricular em cada ano lectivo, a partir do ano lectivo fixado por despacho do reitor da Universidade do Porto, verificada a existência de recursos humanos e materiais adequados à sua concretização.

### ANEXO I

A área científica do curso e o número de unidades de crédito do plano de estudos da licenciatura em História da Arte são os seguintes:

- 1 - Área científica do curso - História da Arte.
- 2 - Duração normal do curso - oito semestres lectivos.
- 3 - Número total de unidades de crédito necessárias à concessão do grau - 125 UC.
- 4 - Áreas científicas e distribuição das unidades de crédito:
  - 4.1 - Área científica obrigatória - 100 UC.
  - 4.2 - Área científica optativa em História da Arte:

Mínimo, 10 UC;

Máximo, 20 UC.

- 4.3 - Área optativa recomendada:

Mínimo, 0 UC;

Máximo, 10 UC.

- 4.4 - Seminário de projecto - 5 UC.

### Curso de Licenciatura em História da Arte

1. Elenco das disciplinas do curso de licenciatura em História da Arte:

1.1. Área científica obrigatória:

1º semestre	UC	2º semestre	UC
-------------	----	-------------	----

#### 1.º ano

História da Grécia Antiga	2,5	História de Roma	2,5
Cultura Clássica I	2,5	Cultura Clássica II	2,5
Introdução à História da Arte I	2,5	Introdução à História da Arte II	2,5
Arte da Pré-História	2,5	Arte Romana	2,5
Arte do Oriente Antigo	2,5		
Arte Grega	2,5		

**2º ano**

História Medieval I	2,5	História Medieval II	2,5
Cultura Medieval I	2,5	Cultura Medieval II	2,5
Arte Medieval I	2,5	Arte Medieval II	2,5
Arquitetura Medieval I	2,5	Arquitetura Medieval II	2,5
Arte dos Séculos XV-XVI (I)	2,5	Arte dos Séculos XV-XVI (II)	2,5
Arquitetura dos Séculos XV-XVI (I)	2,5	Arquitetura dos Séculos XV-XVI (II)	2,5

**3º ano**

História Moderna I	2,5	História Moderna II	2,5
Cultura Moderna I	2,5	Cultura Moderna II	2,5
Arte dos Séculos XVII-XVIII (I)	2,5	Arte dos Séculos XVII-XVIII (II)	2,5
Arquitetura dos Séculos XVII-XVIII (I)	2,5	Arquitetura dos Séculos XVII-XVIII (II)	2,5

**4º ano**

História Contemporânea I	2,5	História Contemporânea II	2,5
Cultura Contemporânea I	2,5	Cultura Contemporânea II	2,5
Arte do Século XIX (I)	2,5	Arte do Século XIX (II)	2,5
Arte do Século XX (I)	2,5	Arte do Século XX (II)	2,5
Arquitetura dos Séculos XIX-XX (I)	2,5	Arquitetura dos Séculos XIX-XX (II)	2,5

1.2 - Área científica optativa em História da Arte (mínimo 10 UC e máximo 20 UC):

1º semestre	UC	2º semestre	UC
-------------	----	-------------	----

**1º ano**

-	-	Opção	2,5
-	-	Opção	2,5

**2º ano**

Opção	2,5	Opção	2,5
-------	-----	-------	-----

**3º ano**

Opção	2,5	Opção	2,5
Opção	2,5	Opção	2,5

1.2.1 - Disciplinas optativas em História da Arte:

Disciplinas	UC
Artes Decorativas I	2,5
História Urbana I	2,5
Sociologia da Arte	2,5
Iconografia	2,5

Epigrafia Portuguesa	2,5
Numismática Portuguesa	2,5
Estética II	2,5
História das Religiões	2,5
Registo Arquitectónico I	2,5
Artes Decorativas II	2,5
História Urbana II	2,5
Teorias e Crítica da Arte	2,5
Introdução à Epigrafia	2,5
Introdução à Numismática	2,5
Estética I	2,5
Genealogia e Heráldica	2,5
História da Igreja em Portugal	2,5
Registo Arquitectónico II	2,5

1.3 - Disciplinas optativas recomendadas (mínimo 0 UC e máximo 10 UC):

1º semestre	UC	2º semestre	UC
-------------	----	-------------	----

**1º ano**

-	-	Opção	2,5
-	-	Opção	2,5

**2º ano**

Opção	2,5	Opção	2,5
-------	-----	-------	-----

**3º ano**

Opção	2,5	Opção	2,5
Opção	2,5	Opção	2,5

1.3.1 - Disciplinas optativas recomendadas:

Disciplinas	UC
História:	
Paleografia e Diplomática I	2,5
Paleografia e Diplomática II	2,5
História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa	2,5
Problemática e Metodologia das Fontes em História	2,5
História do Brasil I	2,5
História do Brasil II	2,5
Filosofia:	
Filosofia Antiga	2,5
Filosofia Medieval	2,5
Filosofia Moderna	2,5
Filosofia Contemporânea	2,5

<b>Línguas e Literaturas Modernas:</b>		
Língua Viva (Inglês/Francês/Italiano/Espanhol)		2,5
Latim		2,5
História do Renascimento e do Humanismo		2,5
Cultura Portuguesa I		2,5
Cultura Portuguesa II		2,5
Cultura Portuguesa III		2,5
Teoria da Tradução		2,5
Processamento de Texto		2,5
<b>Geografia:</b>		
Antropologia Social e Cultural		2,5
Geografia do Turismo		2,5
Geografia Urbana		2,5
<b>Sociologia:</b>		
Sociologia Rural e Urbana		2,5
Direito do Trabalho e Gestão de Pessoal		2,5
Ordenamento do Território e Planeamento Social		2,5

1.4 - Seminário de Projecto:

1º semestre	UC		2º semestre	UC
-------------	----	--	-------------	----

**4º ano**

Seminário de Projecto I	2,5		Seminário de Projecto II	2,5
-------------------------	-----	--	--------------------------	-----



**PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS DO  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA ARTE  
(2002-2003)**

# 1º ANO

## 1º semestre

### ARTE GREGA

Docente: Mestre Celso Francisco dos Santos

0. A geografia e as *cronologias* da Arte Grega
1. Grécia: a terra, os homens, os deuses e os heróis
2. Artes e Civilizações creto-micénicas
  - 2.1. A Arte minóica
    - 2.1.1. Urbanismo e arquitectura: o palácio e a casa
    - 2.1.2. A pintura mural e a pintura sobre cerâmica: técnicas e temas
    - 2.1.3. A plástica
  - 2.2. A Arte micénica
    - 2.2.1. A arquitectura: a cidadela e o túmulo
    - 2.2.2. A pintura
    - 2.2.3. A escultura e o relevo monumental
  - 2.3. A síntese creto-micénica: tradição e inovação nas formas na segunda metade do segundo milénio a. C.
3. A Arte e Civilização gregas
  - 3.1. A paisagem e a arquitectura – diversidade do espaço e formulação das ordens; as formas dóricas e jónicas
  - 3.2. Edifícios e tipologias
    - 3.2.1. A arquitectura religiosa – génese e evolução; o templo e o santuário
    - 3.2.2. A arquitectura civil
  - 3.3. O urbanismo. O *plano hipodâmico*
4. A escultura e o relevo
  - 4.1. Temas
  - 4.2. Técnicas: marmoristas e bronzistas. A técnica criselefantina
  - 4.3. Período Arcaico: estatuária monumental e decoração do templo; estilos e centros artísticos
  - 4.4. Período de Transição e estilo severo
  - 4.5. O *Século de Péricles*: as obras e os artistas. O cânone
  - 4.6. O Naturalismo do século IV a. C.
  - 4.7. A escultura do período helenístico; correntes artísticas e virtuosismo técnico
5. A Pintura
  - 5.1. Temas e técnicas da pintura sobre cerâmica
  - 5.2. Estilos e artistas
6. A Koiné artística helénica
  - 6.1. Importação de obras, de artistas e mercado de cópias
7. *Significados* do classicismo helénico

## ARTE DO ORIENTE ANTIGO

Docente: Mestre Celso Francisco dos Santos

0. A geografia e as *cronologias* de arte egípcia
1. Egipto: a terra, os deuses e os homens
  - 1.1. O Sagrado e os deuses: A ordem e o caos
2. Arquitectura
  - 2.1. As arquitecturas e os espaços funerários
    - 2.1.1. Tipologias
  - 2.2. A arquitectura religiosa
    - 2.2.1. Tipologias
  - 2.3. As arquitecturas militar, civil e doméstica
    - 2.3.1. Tipologias
  - 2.4. Concepção de espaço e significados das arquitecturas do Egipto Antigo
3. Pintura e Relevo
  - 3.1. Formas, técnicas e temas
  - 3.2. *Estilos* e a evolução
4. Escultura
  - 4.1. Formas, técnicas e temas
  - 4.2. Tipos escultóricos – funções – representações sociais
5. Cânones de representação no Egipto Antigo
6. As Artes da Mesopotâmia
  - 6.1. A geografia e as *cronologias* da arte da Mesopotâmia
  - 6.2. Urbanismo e arquitectura
  - 6.3. Materiais, técnicas e formas
    - 6.3.1. O Templo e o Palácio
7. Escultura e Relevo
  - 7.1. Formas, técnicas e temas
  - 7.2. O relevo monumental

## ARTE DA PRÉ-HISTÓRIA

Docente: Prof<sup>a</sup> Doutora Maria de Jesus Sanches

- I. Sobre o conceito de arte pré-histórica
- II. O Pleistoceno
  1. Grandes linhas da evolução biológica e cultural do Homem até ao Paleolítico Superior
  2. A arte dos caçadores-recolectores do período glacial
- III. A arte das sociedades pré-históricas do pós-glacial

## CULTURA CLÁSSICA I

Docente: Prof<sup>a</sup> Doutora Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves

1. Introdução. A importância da cultura clássica para a História da Arte
2. A mitologia grega: deuses e heróis
3. As divindades urânicas e as ctono-telúricas: patriarcado *versus* matriarcado
4. Os poemas homéricos -- a realidade e a ficção: contributos para a sua leitura
5. Hesíodo: Os Trabalhos e os Dias; a Teogonia
6. A tragédia e a sua origem: Ésquilo, Sófocles e Eurípedes e a sua visão do Homem
7. O espírito apolíneo e o espírito dionisiaco: sua expressão na arte
8. A comédia e Aristófanes: a mudança dos tempos
9. A polis em Platão e Aristóteles
10. A Ática e Atenas segundo Pansânias
11. Os Santuários: o sagrado e arte

## HISTÓRIA DA GRÉCIA ANTIGA

Docente: Prof. Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida

1. Os gregos micênicos
2. O mundo Homérico
3. A formação das "Polis"
4. Transformações económicas e sociais
5. Alargamento da Hélade: colonização
6. A "revolução" hoplítica
7. Legisladores e tiranos
8. As reformas de Clístenes
9. As instituições políticas das "polis" gregas
10. O século de Péricles
11. As "polis" gregas e os problemas económicos
12. Atenas "escola da Grécia"
13. Imperialismo e tributos
14. Federações de cidades
15. O mundo helenístico
16. A religião grega

## INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ARTE I

Docente: Prof. Doutor Fausto Sanches Martins

1. História da Arte: Aspectos teóricos e metodológicos
  - 1.1. Conceito de História da Arte como ciência

- 1.2. Objectivo da História da Arte: natureza do objecto artístico
- 1.3. Objectivos da História da Arte
  - 1.3.1. Principais correntes historiográficas artísticas
  - 1.3.2. Historiografia da Arte Portuguesa
2. Análise da obra artística
  - 2.1. Matéria, técnica e função
  - 2.2. Forma: percepção visual
  - 2.3. Conteúdo: atributos, símbolos, iconografia, iconologia
3. Linguagem artística
  - 3.1. Arquitectura: conceito e aspectos sociais
    - 3.1.1. Instrumentos da obra arquitectónica
    - 3.1.2. Materiais: pedra, mármore, tijolo, madeira, ferro, betão, vidro, alumínio, aço, plástico
    - 3.1.3. Organização dos espaços
    - 3.1.4. Elementos formais: aparelhos, muros, vãos, suportes, coberturas, decoração

## 2º semestre

### ARTE ROMANA

Docente: Mestre Celso Francisco dos Santos

0. A geografia e a *cronologia* da Arte Romana
  1. Roma: A terra, os homens, os deuses e os heróis
  2. A Arte e Civilização etruscas
    - 2.1. Trocas de experiências entre artes itálica, etrusca e grega
    - 2.2. Arte etrusca do *período helenístico*
    - 2.3. Arquitectura religiosa: tipos e decoração
    - 2.4. Túmulos: mobiliário e decoração
  3. A Arte Romana da República e do Império
    - 3.1. Paisagem e arquitectura: ordenação do espaço
    - 3.2. As ordens arquitectónicas romanas
    - 3.3. Urbanismo e arquitectura: materiais, técnicas e formas. Construir em Roma
  4. Os Edifícios
    - 4.1. Tipologias da arquitectura romana: via, ponte, aqueduto, arco de triunfo e coluna comemorativa, porta da cidade, rua e galeria porticadas, mercados, praças, basílica, termas, teatros e anfiteatros, templos e santuários
    - 4.2. Obras públicas e obras privadas: o engenheiro, o arquitecto, o artesão; a encomenda
    - 4.3. O oriente e o ocidente romanos: *periodizações*
  5. A arquitectura romana e a materialização da *ideia* de Roma
  6. A arquitectura cristã primitiva: formas e significados, *liturgias* e funções
  7. A escultura e o relevo em Roma
    - 7.1. A questão dos modelos italo-etruscos, helenísticos e orientais
    - 7.2. A arte do retrato: tipos e técnicas. O retrato na república e no império
    - 7.3. O relevo histórico
    - 7.4. O relevo funerário: sarcófagos orientais e ocidentais. As oficinas peninsulares
    - 7.5. A plástica cristã primitiva: formas e funções
  8. A pintura em Roma

- 8.1. Técnicas, temas, correntes artísticas e periodização
- 8.2. O *estilo pompeiano*
- 9. A arte romana em Portugal
- 10. Classicismo e Barroquismo, arte erudita e arte popular, oriente e ocidente nas artes de Roma
- 11. Tratadística e teoria artística
- 12. O legado das artes de Roma: transmissão, sobrevivência e sedimentação dos modelos desde a antiguidade tardia aos nossos dias

## CULTURA CLÁSSICA II

Docente: Mestre Celso Francisco dos Santos

- 0. Introdução geral à Cultura Clássica romana
- 1. Eneida de Virgílio
  - 1.1. Dados biográficos
  - 1.2. Obra de Virgílio
  - 1.3. Fontes
  - 1.4. Conteúdo da Eneida
  - 1.5. Heróis e Mitos
- 2. Metamorfoses de Ovídio
  - 2.1. Dados biográficos
  - 2.2. Obra de Ovídio
  - 2.3. Fontes das Metamorfoses
  - 2.4. Género literário
  - 2.5. Conteúdo do Livro I ao Livro XV
  - 2.6. Significado dos mitos
- 3. Calendário romano
  - 3.1. Calendário romano. Significado e origem
  - 3.2. Festas e jogos do Calendário romano
- 4. Mitologia romana
  - 4.1. Deuses e heróis
  - 4.2. Deuses: Alma Mater, Aurora, Baco, Belona, Ceres, Cupido, Diana, Esculápio, Fama, Jano, Júpiter, Juno, Lares, Marte, Mercúrio, Minerva, Neptuno, Parcas, Penates, Plutão, Proserpina, Saturno, Venus, Vesta, Vulcano
  - 4.3. Mitos e heróis: Rómulo e Remo; Rapto das Sabinas; Juramento dos Horácios; Lucrecia; Juízo e morte de Bruto; Aníbal e Asdrúbal; os Cipiões; os Gracos; César; Juízo de Catão; Cleópatra; Nero

## HISTÓRIA DE ROMA

Docente: Prof. Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida

- 1. Gregos e etruscos na Itália
- 2. As origens de Roma

3. A realeza romana
4. A instituição da República
5. O estado patricio-plebeu
6. Alargamento territorial: mediterrâneo ocidental e oriental
7. Transformações sociais e económicas
8. A crise agrária do séc. II a. C.
9. Guerras civis e ambições pessoais
10. Roma no século I a. C.
11. Triunviratos: guerra civil e "monarquia" de Júlio César
12. Roma imperial
13. Os poderes de Octávio César Augusto
14. A Administração imperial
15. A importância e o poder do exército
16. Cultura e ideologia política
17. A dinastia julio-claudiana
18. A dinastia dos Flávios, Antoninos e Severos
17. As crises do séc. III
18. Diocleciano e as reformas do Império
19. Constantino: a concepção do poder imperial
20. Baixo Império: economia, sociedade e cultura
21. Conquista e romanização da Península Ibérica

## INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ARTE II

Docente: Prof. Doutor Agostinho Rui Marques de Araújo

1. A História da Arte. Objectivos. Delimitação do seu domínio
2. Relações com as outras Ciências da Arte e do Património
3. Articulação com várias áreas das Ciências Históricas. Ciências auxiliares
4. O ofício do Historiador de Arte. Fontes. Instrumentos e técnicas. Instituições
5. Periodização. Territórios
6. Princípios teóricos e opções metodológicas. Iniciação à História da História da Arte
  - 6.1. Os antecessores. De Vasari a Winckelmann. O legado dos métodos filológico e arqueológico
  - 6.2. O idealismo e a historiografia romântica
  - 6.3. O positivismo. A especialização dos peritos. O formalismo
  - 6.4. O determinismo. O materialismo marxista e sua evolução
  - 6.5. A Escola da Viena e a visualidade pura
  - 6.6. O Culturalismo. O Instituto Warburg. Iconografia e iconologia
  - 6.7. Contribuições da Psicologia e da Psicanálise
  - 6.8. O Estruturalismo. A Semiótica
  - 6.9. A Sociologia da Arte francasteliana
7. Aspectos da Historiografia da Arte em Portugal
  - 7.1. De Cyrillo ao início das reformas universitárias pós 1974. Principais tendências
  - 7.2. Balanço de práticas e resultados numa disciplina: a Pintura – estudos de estilos e movimentos, épocas, bibliografias, condição social do artista, temas e programas iconográficos, ideias estéticas, coleccionismo

## 2º ANO

### 1º semestre

#### ARQUITECTURA MEDIEVAL I

Docente: Profª Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas

1. O legado romano
2. Arquitectura paleo-cristã: formas e funções
3. Arquitectura religiosa bizantina: encomenda imperial e encomenda monástica
4. Arquitectura da época carolíngia: arquitectura palatina e monástica
5. Arquitectura românica
  - 5.1. Arquitectura religiosa
  - 5.2. Arquitectura militar
  - 5.3. Arquitectura civil
6. Arquitecturas gótica e tardo-gótica
  - 6.1. Arquitectura episcopal
  - 6.2. Arquitectura Cisterciense
  - 6.3. Arquitectura das Ordens mendicantes
  - 6.4. Arquitectura militar
  - 6.5. Arquitectura civil

#### ARQUITECTURA DOS SÉCULOS XV-XVI (I)

Docente: Prof. Doutor Fausto Sanches Martins

1. Teoria Arquitectónica

Inspiração no modelo da Antiguidade Clássica. Novas formulações: a ordem, a coluna, o arco, a abóbada, elementos decorativos
2. Arquitectos

*Filippo Brunelleschi*: cúpula da catedral de Florença, igrejas de S. Lourenço e do Espírito Santo, Capela dos Pazzi

*Leon Battista Alberti*: importância do tratado “De Re Aedificatoria”. Novas propostas. Intervenções na fachada da igreja de Santa Maria Novella, na igreja de Rimini, no sepulcro de Rucellai e em S. Sebastião e Santo André de Mantova

*Donato Bramante*: alterações na arquitectura do séc. XVI. Importância do Papado em Roma e na construção da Basílica de S. Pedro. Intervenções de Bramante em Milão e em Roma. Programa de S. Pedro: Triunfo da planta centralizada

*Peruzzi, Sangallo, Rafael*: continuadores e reformuladores do projecto inicial

*Miguel Ângelo*: retorno ao plano inicial de Bramante. Construção da cúpula de S. Pedro. Ordenação da praça do Capitólio. Biblioteca Laurenciana, abertura para o maneirismo arquitectónico

## ARTE MEDIEVAL I

Docente: Prof<sup>a</sup> Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas

1. Opções diacrónicas e diatópicas para o curso
  - 1.1. Metodologias
2. Artes Paleo-cristã e Bizantina
  - 2.1. Pintura, iluminura e mosaico
3. Arte Carolíngia
  - 3.1. Iluminura e torêutica
4. Arte Românica
  - 4.1. Escultura arquitectónica
  - 4.2. Escultura devocional
  - 4.3. Escultura tumular
  - 4.4. Pintura mural e pintura retabular
  - 4.5. Iluminura
  - 4.6. Ourivesaria e torêutica
5. Arte Gótica
  - 5.1. Escultura arquitectónica
  - 5.2. Escultura devocional
  - 5.3. Escultura tumular
  - 5.4. Pintura mural e pintura retabular
  - 5.5. Iluminura
  - 5.6. Ourivesaria e torêutica
6. Arte Tardo-Gótica
  - 6.1. Escultura arquitectónica
  - 6.2. Escultura devocional
  - 6.3. Escultura tumular
  - 6.2. Pintura, iluminura e ourivesaria

## ARTE DOS SÉCULOS XV-XVI (I)

Docente: Prof<sup>a</sup> Doutora Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves

1. Introdução
  - 1.1. Enquadramento geográfico e cronológico
  - 1.2. Metodologia(s) a utilizar de acordo com os temas escolhidos para desenvolvimento durante o ano lectivo
2. O «Trecento»: sua importância para a renovação pictórica italiana
  - 2.1. A figura carismática de Giotto: aspectos inovadores da sua pintura e concepção moderna da sua obra
  - 2.2. Giotto visto pelos artistas da Renascença italiana
3. O século de Van Eyck e o desenvolvimento da pintura a óleo
  - 3.1. Características principais da pintura flamenga do século XV
  - 3.2. Vultos mais representativos desta escola
  - 3.3. As relações artísticas entre a Flandres e a Itália
4. O «Quattrocento» e as grandes conquistas no campo artístico

- 4.1. O primado de Florença e os Médicis. A Academia Neoplatónica e a definição dos novos cânones estéticos
- 4.2. As leis da perspectiva e o domínio do espaço: o papel dos artistas e dos teóricos
- 4.3. O desenvolvimento dos estudos anatómicos, a importância crescente da representação da fisionomia e a evolução da paisagem
- 4.4. A escultura florentina: influência clássica; concepção inovadora e avanço técnico. As figuras de Lorenzo Ghiberti, Donatello, Verrochio e os Della Robbia
- 4.5. A pintura italiana no século XV e o «De Pictura» de Leão Battista Alberti. Os grandes mestres do «Quattrocento» e suas obras mais significativas
5. O «Cinquecento»: a herança do «Quattrocento» e os novos parâmetros estéticos
  - 5.1. A escultura italiana do século XVI
    - 5.1.1. Miguel Ângelo Buonarroti: ponto de referência para a escultura da época e o artista intemporal
    - 5.1.2. A escultura maneirista florentina e as figuras de Benvenuto Cellini, Bartolomeo Ammanati e Giambologna
  - 5.2. A pintura italiana do século XVI
    - 5.2.1. Os três grandes pilares: Miguel Ângelo; Leonardo da Vinci e Rafael Sanzio
    - 5.2.2. Veneza e a supremacia da côr: Tiziano; Veronese e Tintoretto
    - 5.2.3. Os maneiristas e as novas concepções estéticas

## CULTURA MEDIEVAL I

Docente: Prof. Doutor Luís Miguel Ribeiro de Oliveira Duarte (Departamento de História)

1. A herança da Antiguidade Tardia. Cristianismo e paganismo: do confronto à síntese
  - 1.1. Factos e datas essenciais do cristianismo nascente
  - 1.2. As dificuldades do cristianismo no tempo e na escala social. Factores de estranheza ou repulsa e factores de atracção
  - 1.3. A Patrística grega: Clemente e Orígenes. As Escolas de Catequese de Alexandria e de Antioquia
  - 1.4. A Patrística Latina: quando o cristianismo começa a falar latim. Tertuliano, Minúcio Félix, Ambrósio de Milão
  - 1.5. Santo Agostinho
2. A Alta Idade Média (séculos V-X)
  - 2.1. A síntese dos três grandes vectores constitutivos da cultura europeia: a herança clássica, o cristianismo e a cultura dos povos germânicos
  - 2.2. O Monaquismo
  - 2.3. Atitudes mentais no período bárbaro
  - 2.4. As relações entre a cultura eclesiástica e a cultura popular: Cesário de Arles e Martinho de Dume
  - 2.5. Dos ‘últimos romanos’ aos letrados dos novos reinos europeus
  - 2.6. A educação na Alta Idade Média
  - 2.7. O Renascimento Carolíngio
  - 2.8. A fragmentação linguística do Ocidente: o surgimento de literaturas em línguas vernáculas
  - 2.9. A reforma da Igreja nos tempos carolíngios; a unificação litúrgica; de Bento de Aniane a Cluny
3. A Idade Média Central (séculos XI-XIII)
  - 3.1. O Ano Mil

- 3.2. O “Renascimento do século XII”
- 3.3. As Universidades
- 4. A Idade Média Tardia (séculos XIV-XV)
  - 4.1. A crise do século XIV e a nova sensibilidade
  - 4.2. Uma nova religiosidade: a *devotio moderna*
  - 4.3. O declínio das universidades
  - 4.4. O primeiro humanismo. A diversificação cultural da sociedade
  - 4.5. Conclusão

## **HISTÓRIA MEDIEVAL I**

Docente: Dr<sup>a</sup> Maria Fernanda Mendes Ferreira Santos (Departamento de História)

### I. Introdução

- 1. O conceito de Idade Média
- 2. A periodização da História Medieval
- 3. A passagem do Mundo Antigo ao Mundo Medieval: a crise do século III no Império Romano; as reformas de Diocleciano e de Constantino
- 4. As invasões bárbaras

### II. A 1<sup>a</sup> Idade Média (séculos V-X)

- 1. A estrutura social
- 2. A economia
- 3. O poder político

### III. A 2<sup>a</sup> Idade Média (séculos XI-XIII)

- 1. O mundo rural
- 2. O mundo urbano
- 3. A revolução comercial
- 4. A estrutura política

### IV. Os séculos XIV e XV

- 1. As crises
- 2. Os movimentos sociais
- 3. O prenúncio da Modernidade

**2º semestre**

## **ARQUITECTURA MEDIEVAL II**

Docente: Prof<sup>a</sup> Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas

- 1. Opções temáticas e diacrónicas para o curso
  - 1.1 Metodologias
- 2. Arquitecturas Pré-Românicas
  - 2.1. Arquitectura Paleo-cristã das épocas sueva e visigótica

- 2.1.1. Basílica e *ecclesia*
- 2.2. Arquitectura Islâmica
  - 2.2.1. Mesquita, cercas e casa de habitação
- 2.3. Arte Moçárabe e da Reconquista
  - 2.3.1. A Igreja: espacialidade e função
- 3. Arquitectura românica em Portugal
  - 3.1. Arquitectura episcopal
  - 3.2. Arquitectura monástica
  - 3.3. Arquitectura paroquial
  - 3.4. Arquitectura militar
- 4. Arquitectura gótica em Portugal
  - 4.1. Arquitectura cisterciense
  - 4.2. Arquitectura *mendicante*
  - 4.3. Arquitectura religiosa das Ordens Militares
  - 4.4. Arquitectura episcopal e paroquial
  - 4.5. Arquitectura do Mosteiro da Batalha
  - 4.6. Arquitectura militar
  - 4.7. Arquitectura civil

## **ARQUITECTURA DOS SÉCULOS XV-XVI (II)**

Docente: Prof. Doutor Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves

Introdução ao programa

- Arquitectura dos reinados de D. João II e D. Manuel I (1481-1521)
- A herança da Batalha
- O manuelino
- Os grandes arquitectos do primeiro quartel do século XVI e as suas obras
- A arquitectura de D. João III a D. Filipe I (1521-1598)

Introdução à linguagem clássica na arquitectura portuguesa

- Francisco de Cremona e a sua actividade em Portugal
- As novas Sés: Leiria; Miranda do Douro e Portalegre
- Os grandes arquitectos e as suas obras
- Os Colégios da Companhia de Jesus
- A casa nobre nos séculos XV-XVI

## **ARTE MEDIEVAL II**

Docente: Prof<sup>a</sup> Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas

- 1. Opções temáticas e diacrónicas para o curso
  - 1.1 Metodologias
- 2. Artes Pré-Românicas
  - 2.1. Artes decorativas das épocas sueva e visigótica

- 2.2. Arte Muçulmana
  - 2.2.1. Cerâmica
  - 2.2.2. Marfim
  - 2.2.3. Arte dos tecidos
- 2.3. Arte Moçárabe
  - 2.3.1. Iluminura e artes decorativas
- 3. Arte Românica em Portugal
  - 3.1. Escultura arquitectónica
  - 3.2. Escultura devocional
  - 3.3. Escultura tumular
  - 3.4. Pintura e iluminura
  - 3.5. Ourivesaria e torêutica
- 4. Arte Gótica em Portugal
  - 4.1. Escultura arquitectónica
  - 4.2. Escultura devocional
  - 4.3. Escultura tumular
  - 4.4. Pintura mural e retabular
  - 4.5. Iluminura
  - 4.6. Ourivesaria e torêutica

## ARTE DOS SÉCULOS XV-XVI (II)

Docente: Prof. Doutor Fausto Sanches Martins

- 1. Introdução
  - 1.1. Abordagem metodológica dos temas a desenvolver durante o ano lectivo
  - 1.2. Âmbito cronológico da disciplina
- 2. Pintura: Os Primitivos Portugueses
 

Importância deste período. Afinidades estilísticas, técnicas iconográficas entre a pintura quinhentista e a pintura flamenga da mesma época. Mecenas e clientela. Iconografia: temática tradicional e nacional. Oficinas e artistas: Nuno Gonçalves; Jorge Afonso; Francisco Henriques; Vasco Fernandes e Gaspar Vaz; Frei Carlos; Mestre da Lourinhã; Mestres de Ferreirim; Gregório Lopes; Cristóvão de Figueiredo; Garcia Fernandes. Conclusões sobre a pintura quinhentista portuguesa
- 3. Pintura Maneirista Portuguesa
 

Origens e características da pintura maneirista portuguesa. Gaspar Dias, Francisco Venegas, Diogo Teixeira, Francisco João, Amaro do Vale, Domingos Vieira Serrão
- 4. Escultura dos séculos XVI e XVII
  - 4.1. A importância dos portais manuelinos na escultura portuguesa do primeiro quartel do século XVI
  - 4.2. Os escultores franceses Nicolau Chanterenne, Filipe Hodarte e João de Ruão e a adopção do vocabulário renascentista
  - 4.3. A imaginária no século XVII

## CULTURA MEDIEVAL II

Docente: Dr<sup>a</sup> Maria Fernanda Mendes Ferreira Santos (Departamento de História)

### 1. Introdução

Breve panorama da cultura peninsular nos séculos V-XII

### 2. A cultura no Portugal Medieval

2.1. A língua e a escrita (características gerais)

2.2. O ensino (as escolas-catedrais; as escolas-monacais; a Universidade)

2.3. A corte e a cultura cortesã. O livro. As bibliotecas. As traduções. A produção original

2.4. A música. O teatro. A dança

2.5. Aspectos da vida quotidiana

2.6. Atitudes e práticas devocionais

## HISTÓRIA MEDIEVAL II

Docente: Dr. Luís Carlos Amaral (Departamento de História)

Introdução: Portugal e a sua História

### 1. Formação política de Portugal (sécs. IX-XIII)

1.1. Da presúria de Portucale (868) à chegada do conde D. Henrique de Borgonha (c. de 1096)

1.2. O condado portucalense

1.3. D. Afonso Henriques: de príncipe a rei

1.4. Desenvolvimento e conclusão da *Reconquista* portuguesa

### 2. Estruturas sociais e económicas (sécs. XII-XV)

2.1. A base demográfica

2.2. Os grupos sociais (clero, nobreza, povo, comunidades minoritárias étnico-religiosas e estrangeiros)

2.3. A produção da terra e do mar

2.4. A comercialização dos produtos e as actividades artesanais

### 3. Crises e reajustamentos (sécs. XIV-XV)

3.1. A caminho da centralização régia

3.2. A conjuntura peninsular

3.3. A crise generalizada do séc. XIV e a complexa situação política dos finais da centúria

3.4. Reestruturação política, económica e social na primeira metade de Quatrocentos

## 3º ANO

### 1º semestre

#### ARQUITECTURA DOS SÉCULOS XVII-XVIII (I)

Docente: Prof. Doutor Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves

1. Introdução histórica e artística à arquitectura dos séculos XVII e XVIII
2. Os tratados
3. A arquitectura religiosa na Europa nos séculos XVII e XVIII
4. Arquitectura civil:
  - 4.1. A casa nobre
  - 4.2. O palácio de Versalhes e a sua influência nas residências régias setecentistas
  - 4.3. As novas realizações: do quartel ao hospital
  - 4.5. O teatro

#### ARTE DOS SÉCULOS XVII-XVIII (I)

Docente: Profª Doutora Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira-Alves

1. Introdução
  - 1.1. Enquadramento geográfico e cronológico
  - 1.2. Metodologia(s) a utilizar de acordo com os temas escolhidos para desenvolvimento durante o ano lectivo
2. O Barroco: arte da Europa católica / arte da Europa protestante – duas facetas de uma corrente artística
  - 2.1. O fenómeno artístico barroco e a sua complexidade. O gosto pelo artifício. O movimento. A luz e a sombra
  - 2.2. A Itália e a génese da arte barroca. A difusão do barroco: o gosto italiano e as expressões regionais
  - 2.3. A escultura barroca italiana
    - 2.3.1. A escultura barroca e a relação com a escultura helenística. A herança de Miguel Ângelo
    - 2.3.2. A nova visão escultórica: principais vectores (movimento, misticismo, agitação anímica, majestade)
    - 2.3.3. Alessandro Algardi e Gian Lorenzo Bernini: duas linguagens escultóricas
  - 2.4. A pintura barroca
    - 2.4.1. A pintura ilusionista e o seu papel em relação à arquitectura. O espaço real e o espaço ilusório: a legitimidade do irreal
    - 2.4.2. As duas vertentes da pintura barroca italiana. Os Carracci e Caravaggio
    - 2.4.3. A pintura espanhola do “Siglo de Oro”: Ribera, Zurbáran, Murillo e Velázquez. Velázquez e o apogeu da pintura espanhola do século XVII
    - 2.4.4. A pintura flamenga do século XVII. A clientela e as suas preferências. Temática e técnica. Rubens, o seu representante mais famoso

- 2.4.5. A pintura holandesa do século XVII. A relação entre cliente e temática. O expoente máximo da escola: Rembrandt, o artista intemporal
- 2.4.6. A pintura francesa do século XVII: duas perspectivas. Philippe de Champaigne e a sua ligação ao pensamento jansenista. Nicolas Poussin e o classicismo pictórico francês
- 3. O Rococó e o primado do ornato
  - 3.1. A polémica Barroco / Rococó. O diálogo e o confronto entre as duas estéticas
  - 3.2. A génese do estilo e sua internacionalização. A importância das gravuras para a sua difusão
  - 3.3. As linhas-mestras do Rococó. A visão francesa e a linguagem alemã
  - 3.4. Os interiores e as estruturas decorativas fluidas: a assimetria e os motivos de inspiração naturalista
  - 3.5. O novo entendimento da pintura. Análise de três propostas distintas: França (Watteau, Boucher e Fragonard); Itália (Tiepolo, Canaletto, Guardi); e Alemanha (Cosmas Damian Asam)

## CULTURA MODERNA I

Docente: Profª Doutora Elvira Azevedo Mea (Departamento de História)

### Introdução

- O despontar da Modernidade
- Novas concepções de Estado e de poder político. Novas perspectivas de vida
- A expansão europeia e suas repercussões culturais
- 1. Humanismo e Renascimento
  - O conflito entre antigos e modernos
  - Novas concepções de "Homem"
  - Pico della Mirandola e Erasmo de Roterdão
  - Pessimismo e utopia
- 2. Vias de salvação - Religião e Crença
  - Religião tradicional
  - Reforma e Contra-Reforma
  - O indivíduo e a liberdade
  - O pecado e o medo
  - A religião natural
- 3. Revolução científica
  - Da concepção mágica do mundo à revolução astronómica
  - Galileu e a nova ideia de natureza
  - Do cartesianismo à síntese newtoniana
- 4. Educação e Instrução
  - A preocupação da educação
  - As reformas do ensino
  - A educação da mulher
  - Alfabetização e sociedade
- 5. A crise de seiscentos e a génese duma nova consciência europeia

# HISTÓRIA MODERNA I

Docente: Prof. Doutor António Barros Cardoso (Departamento de História)

1. A arquitectura do poder na Europa Moderna
  - 1.1. Os sistemas absolutos
    - 1.1.1. Condições que favoreceram o seu aparecimento
    - 1.1.2. As várias acepções do poder absoluto
    - 1.1.3. Arquitectura administrativa do poder
    - 1.1.4. A venalidade
  - 1.2. O parlamentarismo britânico
    - 1.2.1. Circunstâncias particulares que determinaram o seu aparecimento
    - 1.2.2. Constituição e atribuições do Parlamento inglês
    - 1.2.3. A representatividade parlamentar
  - 1.3. O Despotismo Esclarecido
    - 1.3.1. Fundamentação teórica
    - 1.3.2. A realidade prussiana
    - 1.3.3. O caso da Rússia
    - 1.3.4. Na Áustria
    - 1.3.5. O particularismo português – de D. João V ao Pombalismo
2. Relação governantes e governados na Europa Moderna
  - 2.1. Revoluções, rebeliões e revoltas
  - 2.2. Elementos que favoreceram a estruturação dos movimentos sociais
3. O Iluminismo e as suas implicações no plano político-institucional
4. Linhas de rumo da sociedade e economia europeias (séc. XV a XVIII)
  - 4.1. Os Impérios económicos marítimos e a sua evolução

## 2º semestre

### ARQUITECTURA DOS SÉCULOS XVII-XVIII (II)

Docente: Prof. Doutor Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves

#### 1. Século XVII

- A arquitectura em Portugal de 1598 a 1640
- Continuidade e modernidade na arquitectura da segunda metade de seiscentos
- Os grandes arquitectos do século XVII
- A arquitectura no Porto

#### 2. Século XVIII

- A arquitectura no reinado de D. João V
- A importância dos arquitectos italianos em Portugal
- A arquitectura no Porto na primeira metade do século XVIII
- A arquitectura pombalina
- A arquitectura no Porto na segunda metade do século XVIII
- A arquitectura setecentista no arcebispado de Braga

- A arquitectura de peregrinação A expressão ultramarina da arquitectura portuguesa: Índia e Brasil

## **ARTE DOS SÉCULOS XVII-XVIII (II)**

Docente: Mestre Manuel Joaquim Moreira da Rocha

1. Introdução
  - 1.1. Linhas programáticas da arte portuguesa nos séculos XVII e XVIII
  - 1.2. A encomenda
2. Escultura portuguesa
  - 2.1. A imaginária no contexto tridentino
  - 2.2. A escola do Mosteiro de Alcobaça e a importância do barro cozido
  - 2.3. Frei Cipriano da Cruz
  - 2.4. A escola de Mafra
3. A arte da talha portuguesa
  - 3.1. A talha e a renovação dos espaços sacros
  - 3.2. Materiais e técnicas
  - 3.3. Clientela, artistas e organização dos ofícios
  - 3.4. Análise cronológica e tipológica
  - 3.5. O retábulo: análise iconográfica e iconológica
  - 3.6. A integração da obra Agostinho Marques nos espaços. Efeitos cromáticos
4. Pintura portuguesa
  - 4.1. A pintura e os poderes: proximidades e periferias
  - 4.2. A obra de Josefa de Óbidos
  - 4.3. A obra de André Gonçalves
  - 4.4. A pintura ilusionista entre Vincenzo Baccarelli e Nicolau Nasoni
5. Azulejaria
  - 5.1. A azulejaria no contexto arquitectónico sacro e profano
  - 5.2. Técnicas e soluções decorativas
  - 5.3. Evolução cronológica e tipológica
  - 5.4. Artistas
  - 5.5. Interpretações iconográficas e iconológicas

## **CULTURA MODERNA II**

Docente: Prof<sup>ª</sup> Doutora Elvira Azevedo Mea (Departamento de História)

### **Introdução**

- O despontar da Modernidade
- A expansão ibérica: novas concepções de geografia física e humana
- A problemática da mobilidade social

### **Humanismo e Renascimento**

- Experimentalismo e Experiencialismo

- Duarte Pacheco Pereira, Pedro Nunes, D. João de Castro, João de Barros
  - A política cultural da Corte
  - Referências humanistas portuguesas: de Gil Vicente a Damião de Góis
- Vias de salvação - Religião e Crença
- A crise religiosa e a renovação tridentina
  - A Contra Reforma Portuguesa - vigilância e repressão
  - O Santo Ofício modelador da crença, da cultura e das mentalidades
  - As concepções de pecado e medo "à portuguesa" e a intercepção cultural africana e índia
  - A missionação e a formação cultural
- Educação e Instrução
- Educação e família
  - Os jesuítas e a educação
  - Universidade e Colégios
  - Alfabetização e sociedade
  - A educação da mulher portuguesa

## **HISTÓRIA MODERNA II**

Docente: Dr<sup>a</sup> Helena Osswald (Departamento de História)

1. Os descobrimentos e a expansão
  - 1.1. Expansão portuguesa e expansão europeia
  - 1.2. Os rumos da expansão
  - 1.3. Impacto da expansão no espaço metropolitano
2. A estrutura da sociedade portuguesa no período moderno
  - 2.1. Estratificação social
  - 2.2. Mobilidade social
  - 2.3. Formas de representação social
3. As estruturas económicas
  - 3.1. A produção agrícola e as formas de propriedade da terra
  - 3.2. A indústria: organização tradicional e problemas
  - 3.3. O comércio: prosperidade ultramarina e pólos dinamizadores
4. O mundo rural
  - 4.1. A organização paroquial
  - 4.2. As estruturas materiais
5. O mundo urbano
  - 5.1. Cidades e privilégios
  - 5.2. Funções
  - 5.3. Debilidades do tecido urbano

## 4º ANO

1º semestre

### ARQUITECTURA DOS SÉCULOS XIX-XX (I)

Docente: Mestre Maria Leonor Barbosa Soares

1. Ideais clássicos e poéticas românticas
  - 1.1. Do Palladianismo à redescoberta da antiguidade grega e romana
  - 1.2. O *Picturesque*
  - 1.3. Os arquitectos visionários na época da Revolução Francesa
  - 1.4. A arquitectura do período napoleónico
  - 1.5. Revivalismos. O “gothic revival” em Inglaterra e o estruturalismo gótico em França. Eclectismo historicista. Inspirações exóticas
2. Engenharia e Arquitectura
  - 2.1. Os novos materiais e técnicas. A Arquitectura do Ferro. O vidro, o cimento armado e o betão armado. As exposições universais
3. Da Art Nouveau ao proto-racionalismo
4. Nascimento e afirmação da arquitectura moderna
  - 4.1. A vanguarda nos Estados Unidos: a Escola de Chicago
  - 4.2. A arquitectura orgânica
  - 4.3. Expressionismo, Cubismo e Futurismo na arquitectura
  - 4.4. Racionalismo e Funcionalismo. O Estilo Internacional. De Stijl. O Construtivismo. A Bauhaus
  - 4.5. A Arquitectura americana entre as duas guerras
  - 4.6. A Arquitectura na Europa das ditaduras
  - 4.7. O “New Brutalism”
  - 4.8. O neo-empirismo
5. Novas construções teóricas nos anos sessenta e setenta
  - 5.1. A crítica ao Movimento Moderno. A arquitectura como linguagem. A arquitectura pós-moderna. Tendências historicistas e eclécticas
6. A arquitectura nas últimas décadas do século XX
  - 6.1. Arquitectura High-Tech
  - 6.2. Minimalismo
  - 6.3. Desconstrutivismo
  - 6.4. Novo Expressionismo
  - 6.5. Tendências Ecológicas
  - 6.6. Nova Abstracção

### ARTE DO SÉCULO XIX (I)

Docente: Prof. Doutor Agostinho Rui Marques de Araújo

Apresentação do programa

1. Questões de âmbito. Cronologia. Periodização
  2. Síntese panorâmica
  3. Discussão metodológica
  4. Orientação bibliográfica
- I. O Neoclassicismo
1. Arqueologia. Iluminismo. Revolução
  2. Fontes. Formação e centros. Internacionalismo e situações nacionais
  3. Pintura
  4. Escultura
  5. Artes decorativas
- II. A Época Romântica
1. Origens do movimento. Mentalidade e sensibilidade
  2. O Academismo e a rebelião
  3. Escolas e personalidades. Temas e géneros
  4. Pintura
  5. Ilustração gráfica
  6. Escultura
- III. Realismo, Naturalismo, Impressionismo
1. Matéria e Ideologia: Realismo
    - 1.1. Pintura
    - 1.2. Escultura
  2. Ciências e Filosofia: Naturalismo
    - 2.1. Pintura. Barbizon e sua influência
    - 2.2. Escultura
  3. Triunfo da “vida moderna”: Impressionismo
    - 3.1. Precursores
    - 3.2. O impacto da Fotografia
    - 3.3. Exposições. Percursos individuais
    - 3.4. Neo-Impressionismo
- IV. O Fim do Século e o Anúncio da Modernidade
1. Pintura
    - 1.1. Pós-Impressionismo
    - 1.2. Simbolismo
  2. Escultura

## ARTE DO SÉCULO XX (I)

Docente: Mestre Maria Leonor Barbosa Soares

1. Tendências Simbolistas e o Movimento Simbolista
2. Fauvismo e Expressionismo
3. Cubismo e Futurismo
4. Primeiro Abstraccionismo - as vanguardas russas: Raionismo, Suprematismo, Construtivismo
  - O Neoplasticismo. De Stijl e a Bauhaus
5. A Pintura Metafísica
6. Dadaísmo e Surrealismo

7. Tendências Informalistas e Abstraccionistas. A Escola de Paris e a Escola de New York.  
*Art Informel*, Expressionismo Abstracto, Nova Abstracção
8. Cinetismos virtuais e estruturais. A Optical Art e experiências tridimensionais
9. Figuração em meados do século
  - Variantes existencialistas, hiperrealistas e objectualistas
  - Reconsiderando a percepção da realidade e a sua representação: Pop Art, Art Nouveau
  - Réalisme, Junk Sculpture
10. Happenings, Performances e Body Art. O Movimento Fluxus. Joseph Beuys
11. Repensando a obra de arte e o papel do artista. Do Minimalismo ao Conceptualismo  
Repensando a experiência criativa e a prática artística. Arte Povera e Land Art
12. Revalorização da pintura. Neo-expressionismos. Novos selvagens. Transvanguarda
13. Poéticas do objecto. Commodity Sculpture
  - Escultores britânicos nos anos 80
  - Poéticas do humano. Figurações, presenças e representações
14. Cruzamentos de expressões e de campos culturais no final do século XX

## CULTURA CONTEMPORÂNEA I

Docente: Prof. Doutor Eugénio dos Santos (Departamento de História)

1. O Iluminismo e a tentativa de emancipação da razão
2. A afirmação do Estado e o catolicismo nos países mediterrânicos
3. As grandes mutações intelectuais da 1ª metade do século XX: sua repercussão na sensibilidade e comportamentos
4. O tempo dos intelectuais

## HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA I

Docente: Profª Doutora Maria Antonieta Cruz (Departamento de História)

### I - DAS REVOLUÇÕES AOS IMPERIALISMOS

1. Vida Política
2. Economia
3. População
4. Sociedade
5. Relações Internacionais

### II - O SÉCULO XX

#### A - Entre duas guerras

1. Primeira Guerra Mundial
2. Da Guerra à Crise de 1929
3. Comunismo e a Revolução Soviética
4. Os Fascismos
5. A Segunda Guerra Mundial

#### B - O Pós-Guerra

1. Sociedades Ocidentais

2. Mundo Comunista
3. Países Subdesenvolvidos
4. Relações Internacionais

## **SEMINÁRIO DE PROJECTO I**

Docente: Mestre Manuel Joaquim Moreira da Rocha

1. Objectivos
2. Fontes: bibliotecas e arquivos
3. Metodologias
  - 3.1. Ficheiros: ideográfico, bibliográfico
  - 3.2. Normas de citação
  - 3.3. Positivismo, formalismo, fenomenologia e espaço vivenciado
4. Elaboração de um plano de trabalho

### **2º semestre**

## **ARQUITECTURA DOS SÉCULOS XIX E XX (II)**

Docente: Mestre Maria Leonor Barbosa Soares

1. Neoclassicismo
  - 1.1. Inspiração britânica e italiana no Norte  
Permanências do Neopalladianismo  
Carlos Amarante
  - 1.2. Neoclassicismo em Lisboa  
Costa e Silva
2. O período Romântico
  - 2.1. O palácio da Pena. A arquitectura pública
  - 2.2. Os revivalismos. O eclectismo historicista
3. Génese do modernismo
  - 3.1. A arquitectura do ferro
  - 3.2. As cidades e os equipamentos. José Luís Monteiro, Adães Bermudes, Marques da Silva, Ventura Terra
  - 3.3. Raul Lino e “A Casa Portuguesa”
  - 3.4. Arte Nova e Art Déco
4. Racionalismo e funcionalismo
  - 4.1. Renovação plástica. Carlos Ramos, Cristino da Silva, Cassiano Branco, Pardal Monteiro, Jorge Segurado, Rogério de Azevedo...
  - 4.2. Duarte Pacheco e os grandes trabalhos públicos
  - 4.3. A Exposição do Mundo Português

5. Interpretações do Movimento Moderno. Arménio Losa, Celestino de Castro, Keil do Amaral, Fernando Távora, Nuno Teotónio Pereira, Viana de Lima...
  - 5.1. O 1º Congresso Nacional de Arquitectura: novas tendências e entendimentos
  - 5.2. Arquitectura para a comunidade. As propostas espaciais. A Fundação Calouste Gulbenkian. A Igreja do Sagrado Coração de Jesus. O Movimento para a Renovação da Arte Religiosa
  - 5.3. A “Escola do Porto”. Álvaro Siza Vieira
6. Os anos 80 e 90
  - 6.1. Pós-modernismos. Tomás Taveira
  - 6.2. A recuperação de centros históricos
  - 6.3. Práticas arquitectónicas nos anos 80 e 90. Saberes diversos, percursos individuais. Estudo de casos
 

Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Álvaro Siza Vieira, Alves Costa, Domingos Tavares, Eduardo Souto Moura, Gonçalo Byrne, João Carrilho da Graça, João Charters Monteiro, Nuno Teotónio Pereira, Pedro Ramalho, Raul Hestnes Ferreira, Sérgio Fernandez, Tasso de Sousa, Vítor Figueiredo... e outros

A nova geração de arquitectos. Modos de pensar a arquitectura

## ARTE DO SÉCULO XIX (II)

Docente: Prof. Doutor Agostinho Rui Marques de Araújo

Apresentação do programa

Breve historial do estudo da Arte Portuguesa do séc. XIX

I O Neoclassicismo, entre tardo-barrocos e académicos

1. A teorização. J. Machado de Castro. Cirilo Volkmar Machado

2. Pintura

2.1. Domingos Sequeira. Vieira Portuense

2.2. Battoni. Pellegrini

2.3. Os Pintores da Ajuda

2.4. A “escola do Porto”. Domingos Francisco Vieira, J. Teixeira Barreto, J. Baptista Ribeiro

3. Escultura

3.1. Joaquim Machado de Castro e a oficina da Ajuda

3.2. João José de Aguiar

4. Artes decorativas. Talha, mobiliário, azulejaria, ourivesaria

II. O tempo dos Românticos

1. Pintura

1.1. As origens. Interesse dos estrangeiros pela terra e pela gente. Pillement, Noël, Delerive, Doumet, Tony de Bergue, Peléreau, Roquemont

1.2. A geração romântica. Tomás da Anunciação, Cristino da Silva, M. M. Bordoal Pinheiro, Leonel Marques Pereira, António José Patrício, João António Correia, Francisco J. Resende, António Alves Teixeira, José Rodrigues, Francisco Metrass, Visconde de Meneses

1.3. O romantismo tardio. Isaiás Newton, Alfredo de Andrade, Alfredo Keil, J. Ferreira Chaves

2. Escultura

2.1. Vítor Bastos

- 2.2. Alberto Nunes. Duquesa de Palmela. Aspectos românticos em Soares dos Reis e Simões de Almeida
- III. O Realismo à Portuguesa
  - 1. Pintura. Miguel Ângelo Lupi
  - 2. Arte gráfica. A caricatura e Rafael Bordalo Pinheiro
  - 3. Escultura. Soares do Reis e o retrato
- IV. Começo do “reinado” do Naturalismo
  - 1. Pintura
    - 1.1. Silva Porto. Marques de Oliveira
    - 1.2. O “Grupo do Leão”
    - 1.3. Pousam
    - 1.4. Columbano
  - 2. Escultura
    - 2.1. Simões de Almeida
    - 2.2. Teixeira Lopes
    - 2.3. Moreira Rato, Tomás Costa, Costa Mota, Augusto Santo

## ARTE DO SÉCULO XX (II)

Docente: Mestre Maria Leonor Barbosa Soares

- 1. Na viragem do século
  - 1.1. Permanências do Naturalismo
    - Contextualização da estética naturalista
  - 1.2. Valores Simbolistas e Expressionistas
    - António Carneiro e Aurélia de Sousa
- 2. O Modernismo inicial
  - 2.1. A introdução dos valores modernistas. A Exposição Livre de 1911
  - 2.2. Humorismo: renovação estética e plástica
    - As facetas de caricaturistas de Amadeo de Souza-Cardoso e Almada Negreiros
    - Emmérico Nunes, Cristiano Cruz, Stuart Carvalhais...
  - 2.3. O Futurismo em Portugal. A geração de *Orpheu* e *Portugal Futurista*
  - 2.4. Amadeo de Souza-Cardoso e Eduardo Viana
  - 2.5. O Modernismo no desenho e na ilustração
  - 2.6. O Modernismo da escultura: os exemplos de Francisco Franco e Canto da Maya
  - 2.7. O Grupo “Mais Além”
- 3. Críticas ao Modernismo e inspirações europeias
  - 3.1. O Salão dos Independentes. António Pedro
  - 3.2. Interpretações de valores cézannianos, impressionistas e expressionistas
  - 3.3. António Ferro e a “Política do Espírito”. O Secretariado de Propaganda Nacional
  - 3.4. A Exposição do Mundo Português
  - 3.5. O Grupo dos Independentes. A 3ª geração dos modernistas. Percursos individuais
  - 3.6. Neo-realismo, Surrealismo e Abstraccionismo
  - 3.7. A estatutária pública nos anos 50
  - 3.8. A Galeria de Março e a Fundação Calouste Gulbenkian
  - 3.9. O Grupo KWY
- 4. Novas tendências dos anos sessenta e setenta
  - 4.1. Diversidade de linguagens na pintura (neofiguração, pintura sígnica, objectualismo, op-art, pop-art, nova abstracção...) e na escultura (opções figurativas, opções

geometrizantes, as opções objectuais, as opções minimalistas, as opções conceptuais e ecológicas...)

- 4.2. O Grupo “Os Quatro Vintes”
- 4.3. A demolição das fronteiras entre os géneros artísticos. Performances. Acções Colectivas. Os Encontros Internacionais de Arte. Os grupos: Acre e Puzzle. As Bienais de Arte
- 4.4. Experiências conceptuais. As exposições inquérito. A “Alternativa Zero”
- 4.5. Pós-conceptualismo. Novos suportes e conjugação de várias técnicas
5. Dos formalismos aos “Existencialismos”
  - 5.1. Os anos oitenta: análises formalistas e estruturais na pintura. Neo-expressionismos. Na escultura: a lumino-art, “a Geração de Oitenta”, as esculturas-instalações
  - 5.2. Os Grupos: Grupo Espaço Lusitano, Grupo Missionário, Grupo Acção de Graças, Grupo VideOporto
  - 5.3. Questões e “versões” nos anos Noventa
    - A informação e a representação da realidade como temas
    - Cruzando linguagens e inventando suportes. O fascínio dos materiais
    - Preocupações conceptuais
    - Olhando o ser humano

## CULTURA CONTEMPORÂNEA II

Docente: Prof<sup>a</sup> Doutora Maria da Conceição Meireles Pereira (Departamento de História)

1. A Cultura Portuguesa – considerações em torno de um conceito
  - 1.1. A cultura portuguesa numa perspectiva histórico-sociológica
  - 1.2. Nacionalismo cultural e contemporaneidade pós-romântica
2. Regeneração/Decadência na cultura portuguesa oitocentista
  - 2.1. Fundadores e símbolos da cultura liberal
  - 2.2. Romantismo: a grande revolução cultural
  - 2.3. Realismo/Cientismo. Simbolismo/Decadentismo
  - 2.4. Anticlericalismo, Positivismo e Republicanismo
  - 2.5. Ensino, Leitura, Opinião Pública e Imprensa. Cultura e lazer
  - 2.6. Reflexões sobre a Nação
  - 2.7. A Etnografia: os povos e os lugares
3. A viragem do século e as aspirações da República
  - 3.1. A cultura republicana. Sacralização da sociedade e construção da pátria republicana
  - 3.2. Diversidade e pluralidade da cultura e da ideologia no período da 1<sup>a</sup> República
  - 3.3. Os intelectuais e a nação: movimentos e grupos culturais renovadores
4. Estado-Novo e Propaganda Nacional
  - 4.1. A Política do Espírito. Autoridade e conservadorismo: a trilogia “Deus, Pátria, Família”
  - 4.2. Entre a norma e a ruptura: controlo ideológico e resistência cultural
  - 4.3. Declínio do Estado-Novo e mudanças na vida cultural (1958-1974)
  - 4.4. Artes, Literatura, Teatro e Cinema

## HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA II

Docente: Prof<sup>a</sup> Doutora Maria Antonieta Cruz (Departamento de História)

### A. PORTUGAL NO SÉCULO XIX

#### I. EVOLUÇÃO POLÍTICA

0. A afirmação das ideias liberais
1. O processo da instauração do Liberalismo:
  - 1.1. A revolução de 1820. Condicionantes internos e externos. A Constituição de 1822
  - 1.2. O golpe de Estado da Vilafrancada e o retorno ao Absolutismo
  - 1.3. A Carta Constitucional de 1826
  - 1.4. Miguelistas e liberais. A guerra civil de 1832-34
  - 1.5. Cartistas e Setembristas (1834-1851): a Revolução de Setembro de 1836; o Cabralismo; a Maria da Fonte e a Patuleia; a conjuntura revolucionária europeia de 1848 e a sociedade portuguesa
2. A Regeneração
  - 2.1. O movimento da Regeneração, a política de "melhoramentos materiais" e a consolidação do regime liberal
  - 2.2. O Acto Adicional e o rotativismo
  - 2.3. Emergência e ascensão de novas correntes políticas: o socialismo e o republicanismo
  - 2.4. A questão colonial e o "ultimatum" inglês de 1890. A revolta republicana de 31 de Janeiro de 1891 no Porto
  - 2.5. A crise política no final da monarquia. O cesarismo e as correntes autoritárias. A desagregação do modelo rotativista

#### II. ECONOMIA

1. A crise da economia do "Antigo Regime" e a reestruturação liberal
  - 1.1. A crise de inícios do século XIX e a ruptura no império atlântico
  - 1.2. A revolução liberal e os grandes problemas económicos nacionais
  - 1.3. A lenta implantação dos instrumentos de reestruturação socioeconómica; sua importância na formação do espaço económico nacional
2. As actividades produtivas
  - 2.1. A agricultura
  - 2.2. A indústria
3. O agravar do atraso económico português no século XIX. Factores de crescimento e bloqueios

#### III. POPULAÇÃO E SOCIEDADE

1. A população
  - 1.1. O crescimento demográfico
  - 1.2. A estrutura da população e a evolução dos comportamentos demográficos
  - 1.3. A geografia da população portuguesa oitocentista
  - 1.4. A emigração: constante estrutural ou resposta a desafios conjunturais?
2. Estratificação e evolução social. Permanências e transformações
  - 2.1. Da sociedade do "Antigo Regime" à sociedade liberal
  - 2.2. Os grupos sociais. A perda de influência do clero e da aristocracia tradicional. As elites liberais, uma nova aristocracia. O "povo": integração e exclusão social
  - 2.3. Sociedade urbana e sociedade rural. Elites urbanas e caciquismo rural. O peso do terciário. O campesinato. As camadas populares urbanas: o lento emergir do operariado

## B. PORTUGAL NO SÉCULO XX

### I. A EVOLUÇÃO POLÍTICA

1. A I República
  - 1.1. Do 5 de Outubro ao fim da I Guerra Mundial
  - 1.2. Do fim da Guerra ao 28 de Maio
2. A Ditadura Militar e o Estado Novo
  - 2.1. O movimento do 28 de Maio e a ditadura militar. As revoltas contra a ditadura
  - 2.2. Os fundamentos ideológicos do Estado Novo
  - 2.3. O modelo político-institucional
3. A II Guerra Mundial e o retomar da agitação política e social
  - 3.1. A política de neutralidade
  - 3.2. A crise do regime e a agitação política e social
4. O novo contexto internacional do pós-guerra e a readaptação do regime
5. O fim do Estado Novo
  - 5.1. A candidatura de Humberto Delgado e a oposição externa e interna
  - 5.2. Os anos sessenta: as lutas estudantis, a guerra colonial e as rupturas no regime
  - 5.3. O fracasso da "primavera marcelista"

### II. A ECONOMIA

1. Da "economia de guerra" à crise de 1929
  - 1.1. A "economia de guerra" e o fracasso das políticas económicas do Partido Democrático
  - 1.2. As esperanças do pós-guerra e a crise financeira
  - 1.3. A estabilização financeira e a queda da I República
  - 1.4. O impacto em Portugal da crise de 1929
2. O dirigismo económico do Estado Novo
  - 2.1. A ditadura financeira de Salazar
  - 2.2. Os conflitos de interesses económicos
  - 2.3. A organização económica corporativa
  - 2.4. A Lei da Reconstituição Económica e as leis do condicionamento industrial
3. O crescimento do pós-guerra (1947-1974)
  - 3.1. A nova ordem económica mundial e a internacionalização da economia portuguesa
  - 3.2. Os Planos de Fomento: orientações e resultados
  - 3.3. A guerra colonial e a emigração

### III. POPULAÇÃO E SOCIEDADE

1. A população
  - 1.1. A transição demográfica. A estrutura da população e a evolução dos comportamentos demográficos
  - 1.2. A geografia da população portuguesa no século XX
  - 1.3. A emigração
2. Estrutura e evolução da sociedade portuguesa no século XX
  - 2.1. Um indicador da mudança lenta e tardia: a estrutura da população activa
  - 2.2. Os movimentos sociais
  - 2.3. As burguesias. Da União dos Interesses Económicos contra a I República à integração corporativa

## SEMINÁRIO DE PROJECTO II

Docente: Mestre Manuel Joaquim Moreira da Rocha

1. Projecto de investigação
2. Pesquisa: fontes impressas, fontes documentais, gráficas e fotográficas
  - 2.1. Trabalho de campo
  - 2.2. Elaboração de ficha
  - 2.3. Levantamento de campo
3. Estudo científico do objecto: análise e cruzamento de dados. Elaboração do texto
4. Proposta de valorização
5. Divulgação

## **Disciplinas de Opção**

**1º semestre**

### **ARTES DECORATIVAS I**

Docente: Mestre Manuel Augusto Lima Engrácia Antunes

#### História do Mobiliário

1. Introdução
2. Matéria-prima – a madeira
3. Ofícios ligados ao fabrico de Mobiliário
4. O Risco
5. O Mobiliário Primitivo
6. A Renascença
7. O Barroco
8. O Rococó
9. O Neoclássico
10. O Eclectismo
11. Arte Nova
12. A Época Contemporânea

### **HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL**

Docente: Prof. Doutor José Marques (\*)

#### Marcos cronológicos: etapas de História

##### I - A difusão do Cristianismo

- 1 - O Concílio de Jerusalém e a dimensão ecuménica da Igreja de Cristo
- 2 - O papel de Paulo e as suas viagens apostólicas
- 3 - O desejo de Paulo em vir à Península Ibérica
- 4 - Os varões apostólicos: S. Tiago e S. Pedro de Rates

##### II - O Cristianismo na Península Ibérica e na Lusitânia

- 1 - O Concílio de Elvira
- 2 - As influências do Cristianismo africano
- 3 - Perseguições e martírios
- 4 - Esboço de organização e literatura cristã

##### III - A invasão dos povos "bárbaros" e o Cristianismo

- 1 - Suevos e Visigodos. Apostolado de S. Martinho de Dume / Braga e conversão dos Visigodos da heresia ariana
- 2 - Os Concílios de Toledo e a união da Igreja e do Estado
- 3 - Intolerância contra os judeus
- 4 - Vida cristã: organização de dioceses, paróquias e monaquismo (S. Frutuoso). Liturgia e Arte

##### IV - Ocupação mulçumana e Reconquista cristã

- 1 - Perseguições/tolerância. Os moçárabes

- 2 - Reconquista e recristianização: dioceses e paróquias
- 3 - Clero e construção de igrejas. As paróquias rurais. Monaquismo frutuosiense. Expressões artístico-literárias
- 4 - A chegada dos Beneditinos (Cluniacenses)
- V - A formação da nacionalidade portuguesa: Estado e Igreja
  - 1 - Das conquistas de D. Afonso Henriques à conquista do Algarve: Portugal
  - 2 - Portugal e a Santa Sé: o censo ao Papa
  - 3 - Presença das ordens religiosas: Beneditinos, Cistercienses, Cónegos Regrantes. Os mosteiros e os coutos monásticos. Ordens Mendicantes. Ordens Militares. Mosteiros e conventos de religiosas. Problemas sociais
  - 4 - Contendas dos reis com o clero e as ordens religiosas. As concordatas. O Beneplácito Régio. O Cisma do Ocidente
  - 5 - As minorias religiosas dos judeus e muçulmanos
- VI - A orgânica da Igreja e sua influência no Estado
  - 1 - A Santa Sé e a restauração das dioceses. A romanização da Liturgia
  - 2 - A Metrópole de Braga, sua primazia e seu rito. O papel dos bispos
  - 3 - As escolas eclesiásticas. Fundação da Universidade. Fundação das misericórdias e obra assistencial. Leprosarias. Pousadas
  - 4 - Arte (construções românicas e góticas). Literatura e escritores. A disciplina eclesiástica (sínodos). O culto da Virgem Maria e dos santos. A religiosidade popular da Idade Média
- VII - Portugal, as Descobertas ultramarinas e a evangelização
  - 1 - O espírito de Cruzada e as Descobertas ultramarinas. O direito de padroado e as missões na Índia (S. Francisco Xavier, Jesuítas, Franciscanos e outras ordens religiosas), na África e no Brasil
  - 2 - Acção diplomática: papel de Núncios e Embaixadores. O Bulário Português
  - 3 - Estabelecimento da Inquisição e funcionamento do Santo Ofício: expulsão dos Judeus e síndrome dos Cristãos-Novos
  - 4 - Benefícios eclesiásticos e decadência religiosa: aposentadoria e comenda. O temporal e o espiritual na Igreja em Portugal
- VIII - A reforma do Concílio de Trento e sua influência em Portugal
  - 1 - Reorganização das dioceses e disciplinização do clero. Reforma do culto e dos livros litúrgicos. Visitas pastorais dos bispos e residência do clero.
  - 2 - Reforma das ordens monásticas e mendicantes (Congregações Religiosas). A dinâmica da Companhia de Jesus e as novas congregações religiosas masculinas e femininas.
  - 3 - Seminários e colégios. Pregação. Literatura e Arte Sacra
  - 4 - A vida cristã, a assistência, a santidade em Portugal e as devoções do povo
- IX - O Cristianismo desde a Restauração ao Liberalismo
  - 1 - A crise diplomática com a Santa Sé e a confirmação dos bispos.
  - 2 - Problemas do Regalismo e do Beneplácito Régio. O Despotismo Iluminado e a expulsão dos Jesuítas
  - 3 - Criação do Patriarcado de Lisboa. Novas dioceses na Metrópole e no Ultramar. Decadência da vida religiosa. Papel da Congregação do Oratório
  - 4 - A Arte e o esplendor do Barroco. Novas sensibilidades religiosas
- X - A Igreja e o Liberalismo
  - 1 - A desconfiança em face do Iluminismo e da Revolução Francesa
  - 2 - A Maçonaria e a reacção da Igreja. A Revolução Liberal e a divisão do clero
  - 3 - A expulsão das ordens religiosas e a espoliação dos seus bens. Corte de relações diplomáticas com a Santa Sé. O Cisma eclesiástico. Crise dos seminários e das missões. A questão das Irmãs da Caridade. Regresso sub-reptício dos religiosos. Acordo com a Santa Sé e nova divisão eclesiástica. Incremento do culto mariano

(dogma da Imaculada Conceição; o Sameiro) e movimentos de recuperação religiosa.  
Arte Sacra

4 - Laicização da vida pública. O matrimónio civil. A imprensa pró e anti-religiosa.

XI - Da Implantação da República até hoje

1 - A República e a perseguição à Igreja. Lei da Separação. O síndrome da suspeita entre o político e o religioso. As aparições de Fátima. Reforma da Liturgia Bracarense

2 - A esperança do Estado Novo. Regresso das ordens e congregações religiosas. O Concílio Plenário Português. A Concordata. Acordo Missionário

3 - A crise da Guerra Colonial. A Universidade Católica. As esperanças e desilusões do Concílio Vaticano

4 - Impacto da reforma litúrgica. A Conferência Episcopal Portuguesa. As visitas papais

5 - O choque do 25 de Abril e a Modernidade. A crise da prática dominical e outros sintomas de recuo do Sagrado

(\*) Dada a mudança de docente, operada no início do ano lectivo, respeitou-se o programa já divulgado pelo Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias, seleccionado-se, no entanto, os pontos mais importantes, susceptíveis de serem leccionados num semestre, para os quais foi indicada e até fornecida bibliografia específica.

## HISTÓRIA URBANA I

Docente: Mestre Celso Francisco dos Santos

Da cidade da Mesopotâmia a Granada

1. Introdução

1.1. Origens e formas

1.2. Equipamentos

1.3. A fragilidade da cidade: do terramoto à guerra

2. A cidade na Mesopotâmia (5.000 a. C.-539 a. C.)

3. A cidade no Egipto Faraónico (3.000 a. C.-30 a. C.)

4. A cidade no Mediterrâneo oriental: o urbanismo cretense e o urbanismo micénico

5. A cidade grega: origem; desenvolvimento e elementos que a caracterizam

6. Atenas: a estrutura urbana do período micénico ao período romano

7. Os santuários pan-helénicos

8. A cidade em Platão e Aristóteles

9. A herança de Alexandre: o urbanismo helenístico

10. A cidade etrusca

11. A cidade romana: origem; desenvolvimento e elementos que a caracterizam

12. Roma: da República ao fim do Império

13. A cidade segundo Vitruvius

14. A cidade medieval: origem; formas; desenvolvimento e elementos que a caracterizam

15. As cidades de peregrinação: o caminho de Santiago

16. Bizâncio

17. Veneza

18. A cidade islâmica

## REGISTO ARQUITECTÓNICO I

Docente: Arqtº Pedro José Freitas Borges de Araújo

- 0.1. A estrutura da disciplina. Introdução
- 0.2. A estrutura da disciplina. Os módulos
- 0.3. Sobre a Bibliografia
- 0.4. A estrutura da disciplina. A bibliografia
  - 0.4.1. Arquitectura. Teoria
  - 0.4.2. Arquitectura. História
  - 0.4.3. Arquitectura. Sistemas de Representação
  
- 1.1. Precisão Terminológica
- 1.2. Arquitectura. Determinação dos limites operacionais do conceito
- 1.3. Arquitectura. Ideia e Realização
- 1.4. Arquitectura. Conservação
- 1.5. Arquitectura. Função
  
- 2.1. Arquitectura. Espaço
- 2.2. Arquitectura. Lugar
- 2.3. Arquitectura. Escala
  
- 3.1. Arquitectura. Estrutura oculta
- 3.2. Arquitectura. Comunicação
- 3.3. Arquitectura. Forma e Símbolo
- 3.4. Arquitectura. Construção

**2º semestre**

## ARTES DECORATIVAS II

Docente: Mestre Manuel Augusto Lima Engrácia Antunes

História das Artes Decorativas

- 1. Introdução
- 2. Esmalte medieval europeu (França, séc. XII/XIII)
- 3. Gravura europeia (Alemanha, séc. XV)
- 4. Cerâmica europeia do Renascimento (Espanha, Itália, Alemanha)
- 5. Porcelana chinesa (séc. XVI)
- 6. Joalheria europeia da Renascença
- 7. Tapeçaria europeia de tear (Flandres, séc. XVI)
- 8. Arte Namban (Japão, séc. XVI/XVII)
- 9. Traje (França, séc. XVIII)
- 10. Ourivesaria (Portugal e França, séc. XVIII)
- 11. Porcelana europeia (Saxónia, séc. XVIII)
- 12. Joalheria Arte Nova (França, séc. XIX/XX)

## GENEALOGIA E HERÁLDICA

Docente: Prof. Doutor José Augusto de Sotto Mayor Pizarro (Departamento de História)

### A - Genealogia

#### I. Conceitos introdutórios

#### II. Origens e desenvolvimento da Genealogia

1. A evolução do género genealógico no Ocidente europeu
2. O caso português

#### III. As fontes genealógicas

1. Época Medieval
2. Época Moderna e Contemporânea
3. Genealogia e outras ciências

#### IV. A utilidade e a aplicação da Genealogia

1. Finalidades e métodos
2. Tabelas e siglas
3. Apresentação de resultados

### B - Heráldica

#### I. Origem e difusão da Heráldica

#### II. O Brasão

1. O Escudo
2. As Cores e as Figuras
3. A Composição Heráldica e a Linguagem do Brasão
4. Ornamentos exteriores

#### III. Os Armoriais

#### IV. A Heráldica na *Arte* (Arquitectura, Pintura, Escultura, Ourivesaria, Tecidos, Cerâmica, Imprensa, Ex-Libris, etc.)

#### V. A Heráldica na *Epigrafia*, *Numismática* e *Sigilografia*

## HISTÓRIA DAS RELIGIÕES

Docente: Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias

### 1. Estruturas das Religiões

- 1.1. Onomástica e Conceito
- 1.2. Problema da origem da religião
- 1.3. Distinções: Religiões Naturais e Reveladas

### 2. Interpretações da Religião

- 2.1. Durkheim e a visão sociológica
- 2.2. Freud e Marx: Psicanálise e Marxismo
- 2.3. Música Eliade: o Sagrado e o Profano

### 3. A Religião Cristã

- 3.1. Pessoa e Mensagem de Jesus Cristo
- 3.2. Instituição e Diacronia da Igreja Cristã
- 3.3. Rupturas na Igreja: Ortodoxos, Evangélicos e Anglicanos

### 4. Hagiografia, Iconografia e Semiótica cristã

## HISTÓRIA URBANA II

Docente: Prof. Doutor Joaquim Jaime Barros Ferreira-Alves

1. Introdução
2. A cidade renascentista
3. A cidade ideal e a cidade utópica
4. A guerra e a cidade: a estrutura defensiva e a sua evolução
5. O sagrado na cidade
6. Peregrinação e espaço urbano
7. O privado e o público: a festa na cidade
8. A cidade barroca: formas e elementos que a caracterizam
9. Roma (séculos XVI-XVIII)
10. Paris (séculos XVII-XVIII)
11. As novas cidades: S. Petersburgo
12. Palácio-cidade: Versalhes e a sua herança
13. Portugal: Lisboa pombalina, Porto almadino e Vila Real de Santo António

## ICONOGRAFIA

Docente: Prof. Doutor Fausto Sanches Martins

1. Definição de conceitos
  - 1.1. Iconografia
  - 1.2. Simbologia
  - 1.3. Emblemática
  - 1.4. Hagiografia
  - 1.5. Mitologia
2. Método Iconográfico
  - 2.1. A iconografia no estudo da História da Arte
  - 2.2. Método iconográfico de Erwin Panofsky
    - 2.2.1. Nível pré-iconográfico
    - 2.2.2. Nível iconográfico
    - 2.2.3. Nível iconológico
3. Iconografia cristã
  - 3.1. A questão das imagens nos primórdios da História da Igreja
  - 3.2. Doutrina do Concílio de Trento sobre as imagens
  - 3.3. Tratados de arte cristã do século XVI até meados do século XVIII
4. Ícones
  - 4.1. Tratados de iconografia bizantina
  - 4.2. Crise iconoclasta
  - 4.3. Teologia dos ícones
  - 4.4. Ícones festivos da Igreja ortodoxa
5. Ciclos iconográficos cristãos
  - 5.1. Iconografia do Mistério Trinitário
  - 5.2. Iconografia dos Mistérios de Cristo
  - 5.3. Iconografia dos Mistérios da Virgem Maria

- 5.4. Iconografia dos Anjos
- 5.6. Iconografia dos Santos
  - 5.6.1. Personagens do Antigo Testamento
  - 5.6.2. Iconografia dos Santos Apóstolos, Evangelistas, Confessores, Virgens, Pro-  
tectores, Doutores, Pastores, Religiosos (selecção dos mais representativos)
- 5.7. Iconografia dos Novíssimos

## **INFORMÁTICA APLICADA À HISTÓRIA DA ARTE**

Docente: Dr. Mário Armando Nogueira Pereira de Brito

- I - Introdução: Tecnologias da Informação e Comunicação / Património Cultural
- II - O desenvolvimento tecnológico e a prática das instituições
  - 1. O hardware
  - 2. O software
  - 3. O desafio do audiovisual
- III - Aplicações de “Office”:
  - 1. Processador de texto
  - 2. Folha de cálculo
  - 3. Base de dados
  - 4. Multimédia
- IV - Internet
  - 1. Introdução
  - 2. Organização e funcionamento
  - 3. O acesso
  - 4. Aplicação e serviços
  - 5. Avaliação
  - 6. Recursos no domínio do Património Cultural
- V - Os Sistemas de Gestão de Bases de Dados
  - 1. Definição e caracterização
  - 2. Áreas de aplicação
  - 3. As redes
  - 4. Especificação
  - 5. Desenvolvimento
  - 6. Pesquisa e difusão
  - 7. Projectos em desenvolvimento
  - 8. Produtos comerciais
- VI - Multimédia e Interactividade
  - 1. Definição e caracterização
  - 2. Áreas de aplicação
  - 3. Os suportes
  - 4. Os produtos
  - 5. A avaliação

## REGISTO ARQUITECTÓNICO II

Docente: Arqtº Pedro José Freitas Borges de Araújo

- 1.1. O Desenho
- 1.2. Organigramas Funcionais e Estrutura Topológica
- 1.3. Estrutura da criação e sistemas de representação
  
- 2.1. Arquitectura, Desenho e Projecto
- 2.2. Programas e Projectos
- 2.3. Sobre o Projecto
  
- 3.1. Os Tratados de Arquitectura
- 3.2. O Registo Arquitectónico e os Tratados de Arquitectura
- 3.3. O Registo Arquitectónico e o Projecto de Arquitectura
- 3.4. Arquitectura, Registo e Projecto
- 3.5. Arquitectura e Geometria
  
- 4.1. Técnicas de Registo Arquitectónico
- 4.2. Desenho
- 4.3. Projecto
- 4.4. Fotografia
- 4.5. Aerofotogrametria
- 4.6. Registo Arquitectónico e Novas Tecnologias
- 4.7. Tecnologias de Digitalização
- 4.8. Levantamento
- 4.9. Projecto, Obra e Registo
- 4.10. Registo Gráfico e Discursivo
- 4.11. Memória Descritiva
- 4.12. Forma e Tecnologia

# NORMAS DE AVALIAÇÃO DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA FLUP

## PREÂMBULO

A avaliação, no quadro da FLUP, que o presente documento regulamenta, tem como objectivos principais certificar a aquisição de aprendizagens realizadas pelos alunos ao longo da sua formação, providenciar informações sobre o processo de ensino-aprendizagem e contribuir para a optimização do funcionamento das actividades educativas.

Os princípios orientadores que subjazem ao processo de avaliação são os seguintes:

- a) Princípio da igualdade – todos os alunos se encontram em plano de igualdade perante as normas de avaliação. Podem constituir excepções a este princípio os alunos com necessidades especiais, susceptíveis de serem avaliados em circunstâncias específicas devidamente regulamentadas em anexo a este documento.
- b) Princípio da transparência – as normas, as metodologias, as modalidades e os processos de avaliação devem ser conhecidos por todos os participantes no processo de avaliação, em especial professores e alunos. Os critérios de correcção de exames, ou trabalhos, devem ser antecipadamente divulgados pelos docentes e os elementos nos quais se baseia a classificação atribuída a uma disciplina, prova ou trabalho, são passíveis de consulta pelos alunos.
- c) Princípio da justiça – os processos e os resultados da avaliação devem pautar-se por critérios de justiça, tendo em conta as especificidades de cada disciplina ou curso, nomeadamente a modalidade e os processos de avaliação vigentes.

## A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

### Art.º 1º - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:
  - a) Avaliação contínua
  - b) Avaliação final
2. Nos termos do artigo 13º é permitida a combinação numa mesma disciplina, da modalidade de avaliação contínua com a modalidade de avaliação final, prevalecendo, dentro de cada uma destas formas de avaliação, as normas respectivas.
3. Poderão existir, em alternativa ou em combinação com outras modalidades, trabalhos de pesquisa ou de campo obrigatórios, definidos nos termos dos artigos 2º, 13º, 15º e 16º.

### Art.º 2º - Definição inicial da avaliação e sua apresentação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, o docente deve comunicar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos diferentes aspectos, explicitando:
  - a) Objectivos pedagógico-didácticos;
  - b) Modalidades de avaliação, com referência à existência ou não de avaliação contínua e à forma como, dentro dos limites impostos nestas normas, esta poderá ser combinada com outras modalidades;

- c) Existência ou não de trabalhos de investigação obrigatórios e/ou facultativos, individuais ou em grupo;
  - d) Índices e critérios de ponderação de cada uma das componentes de avaliação (testes, trabalhos de investigação, trabalhos de campo, participação nas aulas teóricas e práticas);
  - e) Número e tipo de testes mínimo para as disciplinas em modalidade de avaliação contínua.
2. O estipulado no ponto 1 deve obrigatoriamente ser registado pelo docente no livro de sumários, até ao fim do primeiro mês de aulas. O livro de sumários deve estar actualizado e à disposição dos alunos.
  3. O plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:
    - a) Número de alunos;
    - b) Número de docentes;
    - c) Natureza da disciplina e conteúdos a leccionar.
  4. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

## **B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA**

### **Art.º 3º - Elementos de avaliação**

1. A modalidade de avaliação contínua terá um número de provas mínimo a definir pelo docente no início do ano lectivo e em correlação directa com as matérias a leccionar. Estas devem ser distribuídas regularmente, consistindo na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de recensões críticas, testes escritos ou orais, etc.
2. Os alunos devem ser informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação nas aulas, e sobre os critérios de ponderação adoptados, critérios esses que não poderão ser alterados *a posteriori* sem o prévio acordo dos alunos.
3. Uma das provas tem de ser obrigatoriamente um teste escrito.

### **Art.º 4º - Inscrição e desistência**

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.
2. Os alunos só podem desistir da avaliação contínua até um mês antes do início dos respectivos calendários de avaliação final. Os alunos que desistirem da avaliação contínua poderão submeter-se ao regime de avaliação final.
3. Uma informação quantitativa e/ou qualitativa sobre a avaliação contínua deve ser afixada necessariamente até uma semana antes do prazo limite da desistência da avaliação contínua.
4. A desistência da avaliação contínua efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada. No período de aulas deve ser entregue pessoalmente ao docente.

### **Art.º 5º - Funcionamento das aulas**

1. A avaliação contínua apenas pode ser realizada em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos.

2. O quantitativo referido no ponto anterior poderá, eventualmente, ser alterado, após autorização do Conselho Pedagógico, e mediante justificação do docente.
3. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação final, mediante acordo entre professor e alunos.

#### **Art.º 6º - Exigência de presença às aulas**

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno, no mínimo, em 75% das aulas.
2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.
3. O docente é o responsável pelas folhas de presença assinadas pelos alunos, que as podem consultar, de modo a controlarem as suas faltas.

#### **Art.º 7º - Prazo de afixação das classificações**

1. As classificações da avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas aos alunos, e devem ser publicadas até uma semana antes do prazo limite de desistência da avaliação contínua.
2. O docente deverá comunicar aos alunos a classificação de cada prova escrita no prazo máximo de 30 dias após a realização da mesma. Este prazo só poderá ser alterado mediante acordo prévio entre docente e alunos.
3. Caso haja impossibilidade justificável por parte do docente em cumprir o disposto nos números 1 e 2 deste artigo, este deverá informar os alunos da sua situação. Ao não cumprir o nº1, o docente deverá ainda alargar o prazo de desistência de avaliação contínua. Em caso algum um aluno poderá ficar privado de desistir da avaliação contínua e optar pela avaliação final por falta de informação sobre as suas classificações.
4. A classificação das provas orais deve ser afixada no dia de realização das mesmas.
5. A classificação final dos alunos deve ser afixada, com as ponderações de cada tipo de prova claramente explicitadas, até 30 dias úteis após o último dia de aulas.

#### **Art.º 8º - Aprovação em avaliação contínua**

1. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação contínua, a média final deve ser igual ou superior a 10 valores, não podendo, no caso das línguas vivas, a média de uma das componentes (oral ou escrita) ser inferior a 8 valores.
2. As classificações finais serão apresentadas em números inteiros numa escala de 0 a 20 valores.

#### **Art.º 9º - Reprovação e direito à época de recurso**

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo, no entanto, direito a realizar exame final na época de recurso e nas condições fixadas pelo art.º 10º.

## C. AVALIAÇÃO FINAL

### Art.º 10º - Tipos de provas

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requerido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta, sendo que, nas disciplinas de línguas vivas, esta última tem carácter obrigatório.
2. Nos exames finais, de qualquer época, há apenas uma chamada por cada disciplina.
3. Nas disciplinas com prova prática obrigatória no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo, realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno, nos termos do art.º 2º e do art.º 14º.
4. Os alunos podem realizar exames na época de Setembro a todas as disciplinas a cujas provas faltaram ou de que desistiram em regime de avaliação contínua.
5. Para os alunos que realizem recurso de qualquer modalidade de avaliação em Setembro, existe um limite de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais, para além das referidas no ponto anterior.
6. Os alunos inscritos no último ano de licenciatura podem realizar recurso da avaliação contínua na época normal, sem limite do número de disciplinas, caso não tenham obtido aprovação na avaliação contínua.
7. O recurso contemplado no número anterior não pode ser repetido na época de Setembro.
8. Na época especial (Dezembro), os alunos podem fazer exame final a um máximo de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais, desde que estas sejam suficientes para a obtenção de grau ou diploma.

### Art.º 11º - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas abertas ao público, perante um júri constituído por um mínimo de dois docentes da área em questão.
2. Um dos elementos do júri deve ser o docente da turma em que o aluno está inscrito.
3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de dois dias úteis após a afixação das classificações da prova escrita correspondente, conforme estipulado no art.º 17º.
4. A nota mínima de admissão à prova oral é de 8 valores, excepto no caso das disciplinas de línguas vivas, em que a classificação mínima é de 9 valores.
5. Os alunos que obtenham na prova escrita classificação igual ou superior a 10 valores ficam dispensados da prova oral (excepto no caso das línguas vivas) sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la por escrito, junto dos serviços competentes, no prazo de dois dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita.
6. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a classificação da prova escrita e a classificação da prova oral, devendo esta ser também afixada.
7. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser alargado a qualquer outra disciplina que não as línguas vivas, sob proposta do responsável da disciplina, e com parecer favorável do Conselho Pedagógico e do Conselho Científico.

## **D. MELHORIAS DE NOTA**

### **Art.º 12º - Exames para melhoria de classificação**

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação a qualquer disciplina, sem restrição numérica, mas uma só vez.
2. A melhoria pode ser feita nas épocas normal e de recurso de avaliação final, até à época de recurso (inclusive) do ano lectivo seguinte ao da aprovação na disciplina. Não se pode realizar melhoria na época normal de avaliação final do ano de aprovação da disciplina.
3. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram aprovação nas disciplinas respectivas têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que tem lugar o novo exame e de prestar provas com o docente (ou docentes) que ministra(m) os referidos programas.
4. Na melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

## **E. COMBINAÇÃO DE MODALIDADES DE AVALIAÇÃO**

### **Art.º 13º - Avaliação final e contínua**

1. Uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: numa primeira modalidade a avaliação final faz-se relativamente aos conteúdos teóricos e a avaliação contínua aos conteúdos práticos; numa segunda modalidade a avaliação resulta da combinação entre a avaliação final e a avaliação resultante da realização de um trabalho de investigação.
2. Para que os alunos se considerem aprovados a média final tem de ser igual ou superior a 10 valores e em nenhum dos tipos de avaliação a classificação pode ser igual ou inferior a 7 valores.
3. No caso de classificação igual ou inferior a 7 valores num dos tipos de avaliação em vigor na disciplina, a classificação positiva do outro tipo poderá, se o aluno assim o desejar, ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.
4. A ponderação da parte prática e da parte teórica da disciplina deve ser claramente explicitada nos termos do art.º 2, sendo responsabilidade do docente indicar o índice de ponderação efectivo de cada uma delas na média final da disciplina.
5. Nas disciplinas em que esse índice não tenha sido efectivamente fixado, vigora uma ponderação de 50% para cada uma das componentes, das modalidades referidas no ponto 1.
6. Os alunos que optem pela combinação de modalidades de avaliação ficam obrigados ao regime de presenças próprio da avaliação contínua apenas em relação às aulas práticas.

## **F. TRABALHOS DE PESQUISA E SEMINÁRIOS**

### **Art.º 14º - Definição de trabalho de pesquisa**

1. Considera-se um trabalho de pesquisa aquele em que haja recolha bibliográfica, documental ou de campo, original e individualizada, cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos, previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da elaboração do trabalho; o docente deve acompanhar de perto essa elaboração, através de entrevistas e/ou sessões de trabalho.
3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual.

#### **Art.º 15º - Seminários**

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos *curricula* das licenciaturas, nos termos da legislação em vigor.
2. Para efeitos de avaliação, os alunos ficam obrigados a participar num número determinado de reuniões definido no início do seminário.
3. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação, sem prejuízo de outras provas a realizar.
4. Os trabalhos de pesquisa realizados no âmbito do seminário obedecem às normas estipuladas no art.º 14.
5. Todas as decisões quanto às modalidades de avaliação, organização e funcionamento do seminário, deverão ficar registadas no livro de sumários, conforme o estipulado no art.º 2.
6. Os seminários darão origem a um trabalho de síntese, cuja dimensão obedeça a certos requisitos mínimos, fixados por cada Departamento, os quais deverão ser discutidos publicamente, perante um júri de pelo menos dois docentes, sendo um deles o responsável pelo seminário.

### **G. APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO**

#### **Art.º 16º - Forma de apresentação das classificações**

1. Todas as classificações devem ser afixadas em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.
2. As classificações relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final têm de ser publicadas sob a forma de nota quantitativa numa escala de 0 a 20.
3. As classificações finais são apresentadas em números inteiros, numa escala de 0 a 20, sendo as décimas arredondadas à unidade, por defeito até ao meio valor, e por excesso a partir do meio valor.

#### **Art.º 17º - Prazos de afixação das classificações**

1. Os resultados dos exames devem ser afixados até dois dias úteis antes da realização das provas orais respectivas com indicação explícita do dia, hora e local em que estas se realizam.
2. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizam.
3. Os resultados dos exames da época de recurso (Setembro) devem ser afixados até 2 dias úteis do início das inscrições no ano lectivo seguinte.
4. Os resultados dos trabalhos de pesquisa e seminários devem ser afixados até dois dias úteis do início das inscrições no ano lectivo seguinte.
5. Relativamente à afixação das classificações das provas realizadas em regime de avaliação contínua, consultar o disposto no art.º 7.
6. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

## **H. CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS**

### **Art.º 18º - Consulta das provas**

Os alunos têm o direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificados, desde que na presença do docente.

### **Art.º 19º - Condições de prestação de provas e casos de fraude**

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos das condições de prestação da prova, incluindo a cotação das perguntas.
2. Os alunos que desistam durante a realização da prova devem fazer uma declaração de desistência assinada na folha de prova, e entregá-la ao docente.
3. Em caso de fraude comprovada, o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.
4. Caso haja apenas suspeita de fraude, deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas as partes envolvidas.
5. No caso de fraude grave comprovada, o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado da Universidade.

### **Art.º 20º - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas**

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas devem exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade como aluno da Faculdade.
2. Os docentes encarregados de vigiar os exames finais devem fazer circular uma folha de presenças, devidamente datada e rubricada pelo docente que recolher as assinaturas dos alunos.

## **I. CALENDÁRIO DE PROVAS**

### **Art.º 21º - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas**

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo é de cinco dias úteis depois de afixado o calendário das provas.
2. As reclamações devem ser dirigidas à Presidência do Conselho Pedagógico e entregues no secretariado desse órgão. O(a) Presidente do Conselho Pedagógico poderá delegar num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

## **J. DISPOSIÇÕES ESPECÍFICAS PARA A AVALIAÇÃO DE ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**

A presente adenda tem em conta sobretudo os estudantes deficientes visuais e motores, não havendo qualquer disposição especial dirigida, por exemplo, a estudantes deficientes auditivos. No entanto, assim que se verificar a necessidade das referidas disposições existirem, serão introduzidas alterações.

## **I. Apresentação do enunciado das provas**

Este deve ser entregue sob a forma que mais beneficiar o estudante que vai realizar a prova, ou seja, no caso dos deficientes visuais deverá ser apresentado em Braille, em sonoro (gravado) ou ampliado (A3, por exemplo). O pressuposto base é que existem vários tipos de deficiência visual: os invisuais (cegos de nascença ou muito novos), os cegos (aqueles que cegaram já quando adultos ou jovens) e ainda os ambliopes (pessoas que têm ainda um resíduo visual, necessitando, no entanto, de outros meios para os auxiliar nas suas necessidades).

O professor deve solicitar que o formato do enunciado das provas pretendido seja mencionado na ficha que cada estudante lhe entrega.

## **II. Adaptação do conteúdo da prova**

Caso o enunciado contenha elementos impossíveis de serem compreendidos pelos estudantes (por exemplo a utilização de ilustrações, gráficos, etc.) e sempre que esses elementos sejam essenciais para a compreensão do enunciado, deverão professor e SAEDV (Serviço de Apoio ao Estudante Deficiente Visual) estudar qual a forma mais adequada de os apresentar. Caso se prove que é impossível a apresentação desses elementos noutros formatos, eles devem ser retirados, procedendo-se à adaptação do enunciado.

Para as provas de consulta, o estudante, professor e SAEDV deverão estudar qual a forma mais adequada para a prestação deste tipo de provas, não se excluindo a possibilidade de apoio de um *secretário pessoal* (esta pessoa terá o papel de, por exemplo, no caso dos deficientes visuais, ser “os olhos” desses estudantes, fazendo as leituras que sejam necessários no momento da prova), a ser garantido pelo SAEDV.

## **III. Prestação de provas**

Deve ser o estudante a escolher a forma que mais lhe convêm para a realização da prova: pode optar por realizar a prova com o apoio do material disponível no SAEDV (Braille-n-print e computadores), na máquina de escrever normal ou usando outros métodos e meios que não prejudiquem as condições de igualdade em relação aos demais estudantes.

Para o caso dos estudantes ambliopes, por exemplo, devem os estudantes ser autorizados a escrever os seus testes em folhas especiais a fornecer pelo SAEDV (trata-se de folhas com espaços maiores entre linhas).

## **IV. Tempo suplementar para a realização da prova**

Os estudantes com deficiência devem ter um tempo suplementar para a realização da sua prova. Esse tempo não deve exceder, para um teste com a duração de 2 horas, os 30 minutos. Caso a duração normal do teste for superior a duas horas, o tempo suplementar deve ser calculado de uma forma proporcional ao anteriormente apresentado. A este tempo suplementar deve ser adicionado o tempo de tolerância que é atribuído a cada prova e a todos os estudantes.

Se algum aluno estudante que necessita mais tempo suplementar do que aquele que fica aqui definido, deverá dirigir-se ao seu professor e ao Conselho Pedagógico através de uma exposição escrita onde fique demonstrada a pertinência dessa necessidade.

Os prazos de entrega de trabalhos práticos escritos deverão ser alargados, em termos definidos pelos docentes, no caso de estudantes em que os respectivos condicionantes específicos o recomendem.

## **V. Local para a prestação de provas**

Os estudantes com NEE's poderão prestar as suas provas num espaço alternativo sempre que a utilização de equipamentos ou o recurso a um secretário prejudique a prestação da avaliação dos restantes colegas.

#### **VI. Dúvidas na aplicação das disposições**

Qualquer dúvida que surja sobre estas disposições ou de outra qualquer situação relacionada com as dificuldades dos Estudantes com Necessidades Educativas Especiais, deve ser discutida com o SAEDV, que está disponível para esclarecer dúvidas e apoiar na resolução de dificuldades.

#### **K. DISPOSIÇÕES FINAIS**

O Conselho Pedagógico reserva-se o direito de tomar as providências que entenda necessárias a fim de resolver eventuais irregularidades no processo de avaliação.

## **NORMAS DE AVALIAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARQUEOLOGIA**

As normas da avaliação do Curso de Licenciatura em Arqueologia são em todo o articulado iguais às normas gerais da FLUP, exceptuando-se as especificidades previstas no ponto F. - art.º 14<sup>o1</sup>, cuja redacção é a seguinte:

### **F. TRABALHOS PRÁTICOS DE ARQUEOLOGIA, TRABALHOS DE PESQUISA E SEMINÁRIOS**

#### **Art.º 14º - Definição de Trabalhos Práticos de Arqueologia**

1. Consideram-se Trabalhos Práticos de Arqueologia obrigatórios, nos três primeiros anos da licenciatura, aqueles que são desenvolvidos pelo discente enquadrado nas acções propostas e creditadas pela Secção de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património.
2. Esses trabalhos terão lugar em momento a determinar para cada acção, no âmbito de todo o ano lectivo (Outubro a Julho e Setembro) nas instalações da Faculdade de Letras da Universidade do Porto ou fora delas, não implicando neste caso custos acrescidos para o discente.
3. Correspondem aos Trabalhos Práticos de Arqueologia em cada ano 5 UC, obrigatoriamente distribuídas da seguinte forma:
  - Prospeccção arqueológica - 1 UC
  - Escavação arqueológica - 2 UC
  - Análise de Dados - 2 UC
4. O discente deverá completar as respectivas unidades de crédito com aproveitamento, sendo a classificação final a média ponderada das classificações parcelares, nenhuma destas com menos de 7,5 valores.
5. Caso não seja cumprido com sucesso um dos itens fixados, deverá ser repetido, podendo as classificações dos demais ser consideradas até ao final do ano lectivo seguinte.

---

<sup>1</sup> O Art.º 14º é excedentário relativamente às normas de avaliação gerais, pelo que, a partir deste artigo, a numeração do articulado das normas de avaliação da Licenciatura em Arqueologia se apresenta com o adiantamento de um número em relação às normas gerais.

## **NORMAS DE AVALIAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA ARTE**

As normas da avaliação do Curso de Licenciatura em História da Arte são em todo o articulado iguais às normas gerais da FLUP. Contudo, no que respeita às disciplinas de "Seminário de Projecto I" e "Seminário de Projecto II", haverá disposições específicas, a serem aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

## Índice dos programas das disciplinas dos cursos ministrados no DCTP

### Curso de Licenciatura em Arqueologia:

Análise de Materiais I (opção - 1º sem.)	164
Análise de Materiais II (opção - 1º sem.)	164
Arqueologia Clássica I (2º ano - 1º sem.)	155
Arqueologia Clássica II (2º ano - 2º sem.)	156
Arqueologia Medieval I (3º ano - 1º sem.)	159
Arqueologia Medieval II (3º ano - 2º sem.)	159
Arqueologia Moderna e Contemporânea I (4º ano - 1º sem.)	162
Arqueologia Moderna e Contemporânea II (4º ano - 2º sem.)	162
Arqueologia e Património (opção - 2º sem.)	166
Arqueologia Pré-Histórica Peninsular I (1º ano - 1º sem.)	150
Arqueologia Pré-Histórica Peninsular II (1º ano - 2º sem.)	152
Arqueologia Proto-Histórica Peninsular (2º ano - 2º sem.)	157
Civilizações Clássicas I (2º ano - 1º sem.)	155
Civilizações Clássicas II (2º ano - 2º sem.)	157
Conservação Preventiva (opção - 2º sem.)	166
História Contemporânea (4º ano - 2º sem.)	163
História Medieval e do Renascimento I (3º ano - 1º sem.)	159
História Medieval e do Renascimento II (3º ano - 2º sem.)	160
História Moderna (4º ano - 1º sem.)	162
História e Teoria da Arqueologia I (1º ano - 1º sem.)	150
História e Teoria da Arqueologia II (1º ano - 2º sem.)	152
Informática Aplicada (opção - 1º sem.)	164
Metodologia de Campo I (1º ano - 1º sem.)	150
Metodologia de Campo II (1º ano - 2º sem.)	152
Museologia Arqueológica (opção - 2º sem.)	167
Numismática Portuguesa (opção - 2º sem.)	167
Origens do Homem e da Civilização I (1º ano - 1º sem.)	151
Origens do Homem e da Civilização II (1º ano - 2º sem.)	153
Proto-História Europeia (2º ano - 1º sem.)	156
Registo Arquitectónico I (opção - 1º sem.)	165
Registo Arquitectónico II (opção - 2º sem.)	168
Trabalhos Práticos de Arqueologia (1º ano)	153
Trabalhos Práticos de Arqueologia (2º ano)	158
Trabalhos Práticos de Arqueologia (3º ano)	160

### Curso de Licenciatura em Ciência da Informação:

Comportamento Informacional (2º ano - 2º sem.)	186
Direito Administrativo (2º ano - 2º sem.)	187
Fundamentos de Gestão (1º ano - 1º sem.)	174

Gestão da Informação (2º ano - 1º sem.)	184
História da Administração Pública I (2º ano - 1º sem.)	184
História da Administração Pública II (2º ano - 2º sem.)	187
História da Cultura I (1º ano - 1º sem.)	174
História da Cultura II (1º ano - 2º sem.)	178
Informação para a Internet (2º ano - 1º sem.)	184
Informática Básica (1º ano - 1º sem.)	174
Linguística (1º ano - 2º sem.)	178
Lógica (1º ano - 1º sem.)	176
Metodologia da Investigação (1º ano - 1º sem.)	177
Organização e Representação da Informação I (2º ano - 2º sem.)	188
Paleografia (2º ano - 2º sem.)	188
Sistemas de Arquivo e de Biblioteca (2º ano - 1º sem.)	185
Sistemas Computacionais e de Comunicação (1º ano - 2º sem.)	179
Sociologia das Organizações (1º ano - 2º sem.)	181
Técnicas de Expressão e Comunicação (1º ano - 2º sem.)	182
Teoria e Metodologia da Ciência da Informação (2º ano - 1º sem.)	185

### **Curso de Licenciatura em História da Arte:**

Arquitectura Medieval I (2º ano - 1º sem.)	202
Arquitectura Medieval II (2º ano - 2º sem.)	205
Arquitectura dos Séculos XV-XVI (I) (2º ano - 1º sem.)	202
Arquitectura dos Séculos XV-XVI (II) (2º ano - 2º sem.)	206
Arquitectura dos Séculos XVII-XVIII (I) (3º ano - 1º sem.)	209
Arquitectura dos Séculos XVII-XVIII (II) (3º ano - 2º sem.)	211
Arquitectura dos Séculos XIX-XX (I) (4º ano - 1º sem.)	214
Arquitectura dos Séculos XIX-XX (II) (4º ano - 2º sem.)	217
Arte Grega (1º ano - 1º sem.)	196
Arte Medieval I (2º ano - 1º sem.)	203
Arte Medieval II (2º ano - 2º sem.)	206
Arte do Oriente Antigo (1º ano - 1º sem.)	197
Arte da Pré-História (1º ano - 1º sem.)	197
Arte Romana (1º ano - 2º sem.)	199
Arte do Século XIX (I) (4º ano - 1º sem.)	214
Arte do Século XIX (II) (4º ano - 2º sem.)	218
Arte do Século XX (I) (4º ano - 1º sem.)	215
Arte do Século XX (II) (4º ano - 2º sem.)	219
Arte dos Séculos XV-XVI (I) (2º ano - 1º sem.)	203
Arte dos Séculos XV-XVI (II) (2º ano - 2º sem.)	207
Arte dos Séculos XVII-XVIII (I) (3º ano - 1º sem.)	209
Arte dos Séculos XVII-XVIII (II) (3º ano - 2º sem.)	212
Artes Decorativas I (opção - 1º sem.)	224
Artes Decorativas II (opção - 2º sem.)	227
Cultura Clássica I (1º ano - 1º sem.)	198
Cultura Clássica II (1º ano - 2º sem.)	200
Cultura Contemporânea I (4º ano - 1º sem.)	216

Cultura Contemporânea II (4º ano - 2º sem.)	220
Cultura Medieval I (2º ano - 1º sem.)	204
Cultura Medieval II (2º ano - 2º sem.)	208
Cultura Moderna I (3º ano - 1º sem.)	210
Cultura Moderna II (3º ano - 2º sem.)	212
Genealogia e Heráldica (opção - 2º sem.)	228
História Contemporânea I (4º ano - 1º sem.)	216
História Contemporânea II (4º ano - 2º sem.)	221
História da Grécia Antiga (1º ano - 1º sem.)	198
História da Igreja em Portugal (opção - 1º sem.)	224
História Medieval I (2º ano - 1º sem.)	205
História Medieval II (2º ano - 2º sem.)	208
História Moderna I (3º ano - 1º sem.)	211
História Moderna II (3º ano - 2º sem.)	213
História das Religiões (opção - 2º sem.)	228
História de Roma (1º ano - 2º sem.)	200
História Urbana I (opção - 1º sem.)	226
História Urbana II (opção - 2º sem.)	229
Iconografia (opção - 2º sem.)	229
Informática Aplicada à História da Arte (opção - 2º sem.)	230
Introdução à História da Arte I (1º ano - 1º sem.)	198
Introdução à História da Arte II (1º ano - 2º sem.)	201
Registo Arquitectónico I (opção - 1º sem.)	227
Registo Arquitectónico II (opção - 2º sem.)	231
Seminário de Projecto I (4º ano - 1º sem.)	217
Seminário de Projecto II (4º ano - 2º sem.)	223

### **Curso de Pós-Graduação em Museologia (1º ano):**

Arquitectura de Museus	126
Conservação Preventiva	128
Gestão de Colecções	128
Introdução à Museologia	130
Tecnologias de Informação	130

